

Simplesmente
ALDO VANNUCCHI
e sua história de vida

Roberto Samuel Sanches

Reitor: Rogério Augusto Profeta

Pró-Reitoria de Graduação e Assuntos Estudantis – Prograd: Fernando de Sá Del Fiol

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação – Propein: José Martins de Oliveira Jr.

Direção Editorial:

Rafael Ângelo Bunhi Pinto

Editoras Assistentes:

Silmara Pereira da S. Martins

Vilma Franzoni

Conselho Editorial

Adilson Rocha

Alexandre da Silva Simões

Daniel Bertoli Gonçalves

Denise Lemos Gomes

Filipe Moreira Vasconcelos

Guilherme Augusto Caruso Profeta

José Martins de Oliveira Junior

Marcos Vinicius Chaud

Maria Ogécia Drigo

Rafael Angelo Bunhi Pinto

Eduniso – Editora da Universidade de Sorocaba

Biblioteca “Aluísio de Almeida”

Rodovia Raposo Tavares KM 92,5
18023-000 – Jardim Novo Eldorado

Sorocaba | SP | Brasil

Fone: 15 – 21017018

Site: <http://uniso.br/eduniso>

E-mail: eduniso@uniso.br

Roberto Samuel Sanches

SIMPLESMENTE ALDO VANNUCCHI E SUA HISTÓRIA DE VIDA

Sorocaba/SP

Eduniso

2021

Simplemente Aldo Vannucchi e sua história de vida.

©2021 Editora da Universidade de Sorocaba – Eduniso.

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.

Créditos

Capa, Projeto Gráfico e Diagramação: Daniele de Oliveira Garcia

Correção ortográfica: Do autor

Foto da capa: Do autor

Normalização: Vilma Franzoni

Secretaria: Silmara Pereira da Silva Martins

Ficha Catalográfica

S192s Sanches, Roberto Samuel
Simplemente Aldo Vannucchi e sua história de vida /
Roberto Samuel Sanches. – Sorocaba, SP: Eduniso, 2021.
246 p. : il.

ISBN: 978-65-89550-04-4 .

1. Vannucchi, Aldo, 1928- - Vida e obra. 2. Educadores – Sorocaba (SP) - Biografia. 3. Educação – Sorocaba (SP) – História. I. Título.

CDD 21 – 923.7

“LUTEI, SONHEI E AMEI NA VIDA”

(Aldo Vannucchi)

Dedicatória

Aos meus netos Vinícius e Lucas; meus filhos Juliana, Fernando e Cassiano, meus pais Amália e José; meus irmãos Altair, Toninha, Rosa, José Ezequiel, Roseli; principais razões de ser da minha existência. Gratidão eterna a cada um(a) de vocês que me acompanham nesta Caminhada.

Quero dedicar este prazeroso exercício de aprendizado também à Rosália, à Ana Maria e ao João Estêvão, que me deram a oportunidade de aproximar-me um pouco mais do nosso querido Aldo e desse verdadeiro ninho de afeto que é a família de vocês.

Sumário

Introdução	13
1 Infância	19
2 Formação.....	25
3 O Padre	34
4 Prisão	37
5 A segunda viagem a Roma	41
6 A Volta para o Brasil e a triste perda do sobrinho.....	45
7 A crise existencial, eclesial e política	49
8 Pausa para uma História de Amor	53
9 A volta para o Brasil e o sonho de uma universidade para Sorocaba..	59
10 O Educador.....	63
11 Saúde invejável.....	69
12 Aldo Escritor.....	71
13 A história de Aldo Vannucchi por ele mesmo.....	149
14 Depoimentos de pessoas envolvidas nesta história de vida.....	198
Fotos relacionadas ao contexto da narrativa.....	223

Apresentação

Coube a mim a honrosa missão de apresentar esta obra, que teve origem no Projeto denominado Narrativas Compartilhadas, desenvolvido na Universidade de Sorocaba, pelo Prof. Roberto Samuel Sanches. No entanto, a extraordinária história de vida do Prof. Aldo Vannucchi, que também pode ser considerada parte significativa da história da educação em Sorocaba, não coube em uma única entrevista de 60 minutos, como originalmente foi pensado. Foram necessárias muitas delas que, acrescidas de extensa pesquisa documental, resultaram nesta biografia.

No primeiro capítulo, sua infância é contada com detalhes de datas e locais: o nascimento em São João da Boa Vista, a mudança para Sorocaba, a família numerosa, o exemplo de trabalho dos pais, as brincadeiras, os estudos iniciais em tradicional escola estadual, seu crescimento em inteligência e responsabilidades, o ingresso no Seminário Diocesano da cidade.

Desse mesmo modo preciso e detalhado, o autor descreve, no capítulo 2, a continuidade da formação do jovem Aldo, no Seminário Maior do Ipiranga, em São Paulo, e a obtenção de uma bolsa de estudos para concluir seus estudos na Universidade Gregoriana, em Roma. Uma vez na Itália, ele teve oportunidade de conhecer os acervos históricos, culturais e religiosos da Cidade Eterna, de visitar as cidades de seus pais, de se encontrar com parentes e de cumprimentar o Papa Pio XII. Mas apesar disso tudo, preferiu ser ordenado padre em Sorocaba, em agosto de 1952, por Dom José Carlos de Aguirre, em sinal de gratidão.

Dando continuidade, Roberto discorre, no capítulo 3, sobre o trabalho pastoral desse “sacerdote do ecumenismo”, em Sorocaba, com operários/as, com paroquianos/as, com seminaristas, com universitários e universitárias (como professor e diretor da Faculdade de Filosofia), leitores e leitoras da Folha Popular e ouvintes da Rádio Cacique. Multifacetário, incansável e batalhador por questões relativas aos direitos humanos e justiça social, acabou por ser preso em abril de 1964, quando recebeu, uma vez mais, o apoio paternal de Dom Aguirre (capítulo 4).

Abro parênteses para dizer que conheci o Cônego Aldo em setembro desse mesmo ano de 1964, quando decidi efetuar minha inscrição no curso

de extensão cultural denominado A Filosofia na Atualidade, por ele ministrado, na Faculdade de Filosofia, onde era professor e diretor. Estava eu, nessa época, no 1º ano colegial do Colégio Santa Escolástica. Fiquei maravilhada com suas reflexões. Depois passei a participar das missas por ele celebradas na igreja do Mosteiro de São Bento, em Sorocaba, para ouvir suas eloquentes homilias, dignas de um “Vieira sorocabano”, cognome a ele atribuído por inúmeros fiéis. E não parei mais de ser privilegiada com suas aulas e projetos em comum.

Mas continuando esta apresentação, tempos depois, como explica Roberto no capítulo 5, Padre Aldo realiza sua segunda viagem a Roma, para aprofundamento dos estudos e peregrinação por várias cidades europeias, objetivando ampliar seus conhecimentos acadêmicos, religiosos e culturais. De volta ao Brasil (capítulo 6), retoma suas aulas na Faculdade de Filosofia e o trabalho sacerdotal, quando sofre grande perda com a morte de um sobrinho, torturado e assassinado pela ditadura militar.

Essa grande perda, acrescida da decepção crescente com a atuação da Igreja, que ele considerava esquecida das diretrizes do Concílio Vaticano II, explica Roberto, no capítulo 7, desencadeia tríplice crise – existencial, eclesial e política – e Padre Aldo decide deixar o Brasil e ir a Genebra, onde teve oportunidade de trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, com o grande educador brasileiro Paulo Freire. Nessa cidade, depois de muita reflexão, pediu e obteve a dispensa do celibato e decidiu se casar com uma ex-aluna da faculdade, Rosália Cortez – amor da vida inteira – na igreja do Sacré-Coeur, na região central de Genebra. Tempos depois a família foi ampliada com o nascimento de uma filha e de um filho. E mais recentemente, com a vinda de três netos.

Nos capítulos finais, leitores e leitoras poderão encontrar aspectos relativos à criação de uma universidade para Sorocaba – seu grande sonho que se tornou realidade – além de Aldo educador, Aldo escritor, breve autobiografia e alguns depoimentos.

Vejam, então. Os capítulos 9, 10 e 11 versam sobre a criação da Universidade de Sorocaba (UNISO) que, como toda universidade, é uma obra complexa, coletiva e permanentemente inacabada. Deverá completar 27 anos de existência, neste ano, e a Cidade Universitária recebeu o nome do Prof. Aldo Vannucchi, seu criador e educador em tempo integral.

Aldo escritor, em prosa e verso, tratado no capítulo 12, traz cuidadosos comentários de Roberto, sobre cada um de seus 19 livros, que versam sobre enorme gama de assuntos, tais como filosofia, educação, história, universidade, literatura, poesia, biografia, casamento, cultura brasileira, liturgia, crônicas e etimologia.

A transcrição de todas as entrevistas, na íntegra, pode ser encontrada no capítulo 13. Também há indicação de todos os links dessas entrevistas, para quem preferir assisti-las através do Youtube.

No último capítulo, alguns depoimentos, como o de Ana Maria Cortez Vannucchi, coroa esta biografia que, felizmente, está “em aberto”.

Rápidas palavras para parabenizar o Prof. Roberto, meu brilhante ex-aluno nas licenciaturas de Letras e de Pedagogia, pelo modo preciso e minucioso com que escreveu esta biografia, nela incluindo várias fotos históricas e atuais, como complemento. E minha gratidão pelo seu honroso convite.

Enfim, este livro versa sobre o menino que deixou sua cidade natal para engrandecer Sorocaba, com sua sabedoria, seus ensinamentos, seu sacerdócio, suas homilias, sua presença ativa, sua universidade comunitária. Vida longa a ele.

Sonia Chébel Mercado Sparti

(Doutora em Psicologia da Educação (2003) pela PUC-SP e Professora (1973-2006); Aluna (1967-70), Professora (1972-2007), Vice-Diretora (1980-84), Chefe do Departamento de Educação (1985-87) e Diretora (1988-92) da FAFI-UNISO; Membro do Conselho Superior da Fundação Dom Aguirre (2008-14; 2017-19; 2020-23)

Introdução

Para mim, é um prazer enorme e uma grande responsabilidade poder apresentar esta história verdadeira para vocês. Prazer, porque conheço o Prof. Aldo desde que entrei na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba - FAFI, como aluno, em 1970, momento em que estava chegando de volta de Cananeia, onde estava alfabetizando crianças no meio da mata atlântica. Eu estava gostando de ser professor, então entrei no Curso de Letras. Como o Prof. Aldo não dava aulas em nosso curso, sempre que um professor faltava, eu dava um jeito de verificar onde ele estava, para assistir a alguma aula dele. Quando ele dava palestras, também dava um jeito de assisti-las, mesmo que esses momentos fossem raros, para mim, em razão dos horários. Encantava-me a forma com que ele explanava suas aulas ou palestras, claramente apresentadas com início, desenvolvimento e conclusão e conteúdo de excelente qualidade. Anteriormente, conhecia o Prof. Aldo por jornais, algumas citações de amigos e familiares. Nasci em Sorocaba e morei na Rua da Penha, esquina com a Rua Artur Gomes. Quando tinha 7 anos, passei a morar um pouco mais abaixo, numa quitanda de meus pais, vizinha da esquina com a Rua Professor Toledo. Nesta última rua, os pais de Aldo passaram a morar um pouco depois, a partir de 1959. Morando na Rua da Penha, eu com meus amiguinhos, gostávamos de ver os seminaristas descerem para as missas na Igreja Catedral, em fila. Nós nos sentávamos no degrau junto à calçada e contávamos quantos seminaristas haviam descido para a missa e, quando subiam de volta, contávamos novamente, para ver se algum deles não havia “escapado”. Era uma das nossas diversões. É bem possível que, em alguns desses momentos, estivesse o padre e professor Aldo no meio daqueles seminaristas ou então que estivesse no campo de futebol, atrás do seminário, onde jogavam bola e íamos observar de longe. Além disso, verificar a possibilidade de chupar uma daquelas maravilhosas mangas-espada que havia por perto, nas mangueiras, indo pela Rua 7 de setembro ou pela Rua Artur Gomes. Tempo bom em que ainda soltávamos pipa na Rua da Penha ou no campo

de futebol chamado Peladão do Scarpa, onde depois foi construído o Shopping Sorocaba.

Depois do Curso de Letras fui dar aulas na região do ABC onde também fiz um bacharelado e duas especializações. Voltei para Sorocaba, comecei a dar aulas no Instituto de Educação Prof. Júlio Prestes de Albuquerque, conhecido como o “Estadão” e logo em seguida na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas. Fiz um curso de especialização e o curso de Pedagogia na FAFI Sorocaba. Comecei a cursar o Mestrado na USP e um dia liguei para o Prof. Aldo, que era o diretor da FAFI, e perguntei-lhe o que precisaria para começar a dar aulas na Faculdade. Ele me disse que o ideal seria começar a dar aulas no Colégio Dom Aguirre – CDA e aguardar uma oportunidade. Disse-me que eu deveria falar com D. Tita (Maria Aparecida Correa Maia), que era a diretora do Colégio. Ele falaria para ela do meu interesse e eu deveria ligar para ela dali a uma hora. Mal sabia o Prof. Aldo sobre o caminho que ele estava abrindo para mim e a gratidão eterna que eu passaria a ter pela forma de ele abrir novos horizontes. Fiz isso. Ela chamou-me para uma entrevista e logo comecei a dar aulas no Colégio. Posteriormente fui chamado para substituições na Faculdade até ficar com disciplina própria. Em seguida, fui Coordenador do Curso de Letras, Chefe de Departamento e, a convite do Prof. Aldo, Diretor do Centro de Comunicação e Pró-Reitor de Graduação durante 2 mandatos.

Como se percebe, sempre o Prof. Aldo esteve presente, auxiliando, colaborando, orientando. Dessa forma, estive ligado profissionalmente à instituição durante 34 anos, afora os anos em que, como aluno, cursei Letras, Pedagogia e Especialização em Literatura Brasileira, na Faculdade, totalizando, então, quase 40 anos, até o final de 2019, quando decidi aposentar-me (mas continuar presente, na medida do possível, em outras atividades, como voluntário).

É dessa maneira que pude acompanhar um pouco da história do Prof. Aldo Vannucchi, admirar a pessoa e sua trajetória e agora procurar escrever um pouco dessa história, registrando alguns aspectos de uma criança feliz e bem-educada, do seminarista, do padre e do grande educador que passou a ser tão importante para a História da Educação não só de Sorocaba, mas da região, do Estado e do País.

Em agosto de 2019, comecei a desenvolver um Projeto de entrevistas relacionado a Teatro, Arte, Educação, chamado *Narrativas Compartilha-*

das, com a intenção de retomar minha dissertação do mestrado: “Teatro na Escola, a trajetória de um professor de português”, realizado na Universidade de São Paulo - USP e apresentado em 1989, envolvendo principalmente o Festival Interno de Teatro da Escola Municipal de 1º e 2º Graus “Dr. Getúlio Vargas”, de Sorocaba e de atividades teatrais em sala de aula. A proposta era atualizar o conteúdo, ampliá-lo, envolvendo também atividades teatrais realizadas com alunos da Universidade de Sorocaba - UNISO e publicá-lo, sugestão de minha orientadora, Lígia Chiappinni de Moraes Leite, com a qual permaneci mantendo contato, desde a época dos estudos na USP. Durante a realização das entrevistas, eu fui percebendo que havia pessoas muito importantes da Educação de Sorocaba que precisavam ter um registro do que haviam realizado. Decidi, então, ampliar o Projeto, não só envolvendo a atualização do texto sobre Teatro na Escola e Universidade, mas fazer também registros da História da Educação de Sorocaba, atividade que se aproximaria do eixo temático do Mestrado em Educação da UNISO.

Conversando com um amigo, sobre o Projeto, Prof. Luiz Fernando Gomes, ele considerou que outras pessoas gostariam de ver as entrevistas e que eu deveria montar um blog e disponibilizar as entrevistas. Fiz isso com a ajuda da Profa. Daniele de Oliveira Garcia e comecei a compartilhar os vídeos.

Na ocasião, eu era professor na UNISO e recebi apoio do Reitor, Prof. Rogério Augusto Profeta e do Pró-Reitor, Prof. Fernando de Sá Del Fiol, autorizando-me a desenvolver o Projeto de entrevistas também no Laboratório de Comunicação da UNISO - LabCom, em momentos que o Estúdio estivesse livre, o que passou a acontecer com o suporte dos gentis e competentes funcionários e coordenador do LabCom. O formato passou a ser, para cada entrevista, três blocos com duração de 15 a 20 minutos cada bloco.

O Prof. Aldo sempre foi motivador das atividades artísticas na Universidade e sempre auxiliou a existência do Grupo de Teatro Universitário Katharsis, criado em 1989, por iniciativa e suporte inicial da Profa. Sonia Chébel Mercado Sparti, então diretora da Faculdade de Filosofia, Grupo que montei e coordenei durante os 5 anos iniciais, passando depois a ser coordenado pelo Prof. Roberto Gill Camargo. O Prof. Aldo passou a auxiliar e defender para que continuasse existindo até hoje. Portanto, Grupo de Teatro

com 32 anos de existência. Em razão disso, certamente ele seria um dos próximos entrevistados. Porém, víamos no Prof. Aldo, principalmente, a figura do educador, do idealizador da UNISO e uma significativa história de vida. A importância dele transcendia nosso interesse inicial da entrevista sobre Teatro Arte, Educação e alcançava um universo muito mais amplo. Havia ali uma história muito bonita que precisaria ser registrada e seus depoimentos seriam importantes para a história da UNISO, de Sorocaba e para o contexto educacional do País.

Conversei com o Prof. Aldo, explicando-lhe sobre o Projeto e solicitando-lhe uma entrevista. Ele concordou e perguntou-me se 3 blocos seriam suficientes. Eu lhe disse que quem decidia o tempo era principalmente o entrevistado, em razão do que ele tivesse a contar e que talvez ele precisasse ser muito sintético para contar a história de vida dele, provavelmente seria necessário um pouco mais. Acabaram acontecendo 4 dias de entrevista totalizando 12 blocos de 15 a 20 minutos; do dia 17 de setembro a 26 de novembro de 2019. Em razão da beleza do conteúdo, do significado de sua história, eu lhe disse que iria transcrever a entrevista dele e gostaria de publicá-la, e se ele autorizava. Ele concordou. Porém, ao terminar a transcrição, relendo o texto, eu fui sentindo, ainda mais, a beleza daquela história e sua importância para o contexto educacional, sua história de vida como padre, sua história como pensador e realizador, sua história enquanto ser humano sensível e sensato, sua história relacionada à UNISO e percebi que era necessário mais do que aquilo, havia um conteúdo muito rico e as pessoas precisavam saber. A UNISO precisava registrar esse conteúdo. Havia parte da História de Sorocaba e de um ser humano muito especial.

Procurei por ele e sentamos juntos para conversar. Eu lhe disse que o conteúdo da entrevista estava muito bom e bonito e que aquela história envolvia também a história da UNISO, a história da Educação de Sorocaba, se ele concordaria em complementar algumas informações, pois a entrevista me motivara a ir um pouco além. Ele concordou comigo que ali não estava apenas a história dele, realmente estava também parte da história da UNISO e acabou concordando com a importância de registrar determinados fatos, registrar essa história.

Fiz, então, mais algumas gravações, na residência dele, onde tinha também o prazer de, ao final, tomarmos um café com ele e com a Rose, sua carinhosa e receptiva esposa, olhar e sorriso doce, ex-professora do SESI e pessoa muito especial, inteligente e sensível, que faz uma torta de frango e um bolo de milho que deixa muita gente uivando, pedindo mais. O aroma delicioso do café era coroado não só com outros sabores, mas, principalmente pelo sabor da conversa solta que acontecia, com essas duas pessoas que viveram experiências altamente significativas e que sempre mostraram um carinho enorme um pelo outro, uma forma de tratar e olhar entre eles que demonstra o grande amor e respeito que sentem entre si, deixando-nos exemplos a seguir. E isso aconteceu várias vezes, um dia por semana. Momentos inesquecíveis com a boa e repousante energia do afeto, do aroma e do sabor do delicioso café preparado por um dos dois. Sentia-me enlevado e privilegiado.

Para poder escrever algo mais consistente, li praticamente toda a obra publicada pelo Prof. Aldo (exceto as traduções), além de algumas outras publicações e vídeos sobre a UNISO, FDA e Dom Aguirre, para assegurar-me do que estaria falando.

Ao começar a contar sua história, transcrevendo as entrevistas para a 3ª. pessoa gramatical e procurando ficar como narrador, fui percebendo que alguma coisa estava acontecendo, no texto, que não me agradava. Re-lendo, constatei que o fato de passar o texto da 1ª. pessoa para a 3ª. pessoa gramatical, fazia com que a narrativa perdesse parte de sua beleza, perdesse o sabor da linguagem do Prof. Aldo em primeira pessoa. A narrativa dele, ao contar suas histórias, apresentava características que davam um prazer ao texto que era necessário manter. Havia uma riqueza de detalhes e marcas de sensibilidade que se perdiam na transposição. Lendo na 1ª. pessoa, dava a sensação de estarmos sentados, ouvindo um grande contador de histórias contando as histórias vividas e sentidas no mais profundo do seu ser, histórias alegres, felizes e histórias tristes e doloridas que envolveram não só ele, mas pessoas que estiveram por perto e fizeram diferença não só na vida dele, mas na vida de inúmeras pessoas. Percebi que era necessário manter sua fala, sua presença enquanto narrador e não apenas eu apresentar a narrativa.

Então resolvi trilhar este caminho: inicialmente apresento uma síntese da história do Prof. Aldo, em aspectos gerais; a seguir, apresento uma síntese de cada uma de suas obras publicadas, com transcrição de alguns trechos dos

livros e no final incluo a transcrição das entrevistas realizadas, isto é, a transcrição da linguagem falada dos vídeos para textos escritos. Acredito que a magia principal o leitor vai perceber ao ler as entrevistas, pois poderá sentir o prazer fluir “ouvindo” esse grande contador de histórias, com uma riqueza de detalhes, de dados, de memória assustadora e uma sensibilidade indescritível. Acho que nesse momento, será bom você pegar um café e imaginar o prazer de ouvir uma bela e significativa história. Depois, se quiser, poderá assistir aos vídeos, pois coloco os links no final.

Além do mais, esta é a história de alguém que tem 92 anos, ganha, em vitalidade, de muitos jovens e, como ele mesmo disse, em 2007 (portanto há mais de 13 anos): “Viver é estar em trânsito até a última viagem.” (Filosofia aplicada, p. 99).

1 Infância

Na pequena cidade italiana de Grotte di Castro, na região do Lácio, em 24 de setembro de 1886, nasceu o pai de Aldo, José Vannucchi, filho de Nazareno Vannucchi. Ali passou sua infância. A situação na Itália não estava nada boa, sendo assim, buscando melhores condições de vida, o avô de Aldo, em acordo com a esposa, decidiu vir para o Brasil, com a família, chegando no porto de Santos, com seis filhos, em 3 de junho de 1896, no navio “Assiduità”.

Foram morar na cidade de Dourado, perto de Araraquara, interior do Estado de São Paulo. Foi ali que José conheceu Elvira Bettioli, também filha de italianos imigrantes vindos de região próxima a Veneza, em situação parecida com a da família Vannucchi. Conheceram-se, gostaram um do outro e não demorou muito para se casarem. Elvira, que tinha apenas 16 anos, passou a chamar-se Elvira Luísa Bettioli Vannucchi. Tiveram onze filhos: Afra, Helena (tornou-se religiosa), Ivo, Nazareno (mesmo nome do avô), Egle Maria (mãe do Alexandre Vannucchi Leme), Tereza (tornou-se religiosa), Aldo, Edwirges (tornou-se religiosa), João Evangelista, Maria Luiza e José Duarte (fui aluno dele de Literatura Brasileira na FAFI, excelente professor). De Dourado, seus pais passaram a morar em São João da Boa Vista.

Aldo conta que foi nessa cidade que nasceu a famosa pianista Guiomar Novaes e a ativista, jornalista e escritora Patrícia Galvão, Pagu, importante figura do Modernismo Brasileiro.

Aldo ali nasceu no dia 24 de setembro de 1928, de parto normal, na Av. Dona Gertrudes, casa de esquina, com a loja de tecidos do pai na parte da frente, centro da cidade. Portanto, já tinha 6 irmãos e depois dele vieram mais quatro irmãos. Quando criança, tinha os cabelos louros.

Não se lembra muito bem dessa primeira infância, porque saiu de São João apenas com 4 anos de idade. Isso foi logo depois do fim da Revolução Constitucionalista. Em 1929 houve a Quebra da Bolsa de Valores Americana. O Brasil teve uma superprodução de café e o preço despencou. Houve, inclusive, a queima de estoques. Os fazendeiros, cafeicultores, que eram os principais fregueses do pai de Aldo, também despencaram e não

podiam comprar e nem ao menos pagar o que deviam a seu pai. Não havia mais condições de manter a loja.

A esse problema acrescentavam-se problemas da saúde de sua mãe. O médico sugeriu mudarem-se para outra cidade com clima mais quente. Como o irmão de sua mãe, João Doretto, morava em Sorocaba, onde era professor renomado, conversaram com ele e decidiram mudar-se. Chegaram em Sorocaba em 1932 e foram morar na Rua Padre Luís, 141, no centro da cidade. Casa simples, alugada, mas com boa localização. No cômodo da frente, havia um pequeno armazém do pai. Nos fundos, o casal e seus 11 filhos dividiam os pequenos cômodos, motivados com o futuro em uma boa cidade. Não demorou muito e mudaram-se para a Rua da Penha, para uma casa maior, onde o pai montou uma padaria na parte da frente. Além de uma boa copa e cozinha, havia vários quartos e foi possível alugar para dois estudantes que eram pensionistas.

José Vicente e Elvira – pais do Aldo



Acervo da família

Em 1940, mudaram-se para a Rua Padre Luís (onde anos mais tarde passou a funcionar a Livraria Pedagógica). O Sr. José montou uma pequena loja no Mercado Municipal, entre o Armazém da Paca e a barbearia do Guerino. Vendia vários produtos, como queijos, linguiças e, principalmente, um produto que ficou famoso: o ravioli preparado por D. Elvira. Aldo disse que esse ravioli era maravilhoso e inesquecível. Quando sobrava um pouco, eles se maravilhavam saboreando-o.

Aldo considera que teve uma infância muito boa, saliente-se que naquela época, brincar na rua, mesmo sendo centro da cidade, era possível, pois não havia muito movimento de carros. Na Rua da Penha havia o bonde e o barulho dele possibilitava perceber que ele estava chegando e era preciso tomar cuidado. Uma ou outra brincadeira na rua, coisa simples de criança, mas lembra-se do dia em que, brincando com uma pedra, ela ricocheteou no chão e acertou a vitrine de uma loja. O dono pegou-o pela orelha e levou-o para os pais. Certamente recebeu uma repreensão, mas não era criança que aprontasse muita coisa não, ficou morrendo de vergonha.

Ele também se lembra do *footing* que era praticado na Praça Coronel Fernando Prestes: à noite, no final de semana: as moças caminhavam em volta da praça em um sentido e os rapazes no sentido contrário, para poderem olhar-se de frente e flertar. Desse *footing* aconteceram muitos casamentos (há um livro retratando essa época: **Footing Sorocabano**, de Luiz Chiozzotto).

Aldo cresceu percebendo a presença próxima do pai e da mãe, pessoas trabalhadoras que davam o bom exemplo sem precisar falar muita coisa. O pai, sempre demonstrando a importância do trabalho para manter todos os filhos, era tranquilo, autoconfiante, valorizava a leitura e procurava contrabalancear, brincando, usando do bom humor em determinadas situações, ao lado da figura da mulher, também trabalhadora e grande exemplo, porém, muitas vezes tensa pelo fato de não ter boa saúde, provavelmente pelo desgaste de 13 partos até seus 36 anos de idade.

Portanto, o ambiente na casa era de muito trabalho e Aldo, já aos 9 anos, entregava marmitas pela cidade, preparadas por sua mãe. Os irmãos mais velhos trabalhavam na padaria, com o pai.

Aldo conta que seu pai tinha um disco de vinil que ele gostava muito de ouvir e cantarolar, era uma música italiana, “Signora Fortuna”, cantada por

Carlo Butti. Apesar de ter cursado apenas dois anos de escola, era comum ver seu pai lendo, principalmente os jornais, procurando estar informado. Apesar das dificuldades e bastante trabalho, não perdia a serenidade e faleceu com 77 anos de idade, de enfarte.

Em 1936, entrou no Grupo Escolar Antônio Padilha, na Rua Cesário Mota, também centro da cidade. No primeiro ano, sua professora foi D. Elvira Grillo. No segundo ano a Prof^a Ester Piedade e no terceiro e quarto, Prof^a Jordina Amaral, esta última foi a que mais marcou essas séries iniciais e, mesmo depois de adulto, toda vez que a encontrava, beijava-lhe a mão como forma de gratidão. Não chegou a tirar o diploma do primário, porque no segundo semestre fez um curso preparatório para o ginásio, na própria residência, tendo como professora sua irmã Helena.

Morando perto da Igreja Catedral, ali Aldo foi coroinha dos 8 aos 10 anos. Exatamente nessa época é que conheceu o bispo Dom Aguirre, autoridade máxima da Arquidiocese. Foi crismado por ele em 01 de janeiro de 1939. Já começava a perceber o grande ser humano que estava perto dele.

Quando tinha 10 anos, estudava no “Padilha” e das 6 às 7h da manhã entregava Manteiga Dalva, nos bares do centro. Às 8h estava no Grupo e à tarde trabalhava na Farmácia Italiana, na esquina da Rua Padre Luís com a Rua da Penha. Ele lavava vidros e saía para fazer entregas, mas sua vontade maior era aprender a aplicar injeção. Isso não deixavam que ele fizesse por causa da idade. Era comum, naquela época, muitos pais oferecerem os filhos para trabalhar e aprender algum ofício e isso não era considerado exploração infantil.

Ele conta que um dia foi entregar remédios na Chácara da família Trujillo. Um cachorro saiu latindo e lhe deu uma mordida. Não se esqueceu disso, considerando “ironia do destino” pois nesse local em que iria trabalhar anos depois, é exatamente onde, décadas depois, passou a funcionar a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, na qual foi professor, diretor e onde hoje funciona o câmpus Trujillo da Universidade de Sorocaba, seu grande projeto de vida.

Seus pais pagaram aluguel até 1959, quando conseguiram comprar casa própria, na Rua Professor Toledo, 250, onde ficaram residindo até seus últimos dias.

Seminário São Carlos Borromeu em construção



Fonte: Duarte (2009)

2 Formação

2.1 No Seminário Diocesano São Carlos Borromeu de Sorocaba

Como a família de Aldo era profundamente católica, ele virou coroinha na Catedral de Sorocaba e depois, motivado por uma das suas irmãs, entrou no recém-fundado Seminário Diocesano de Sorocaba. Foi no dia 13 de fevereiro de 1940. Tinha onze anos de idade e o Seminário tinha sido inaugurado fazia poucos dias.

Caminhando em São Paulo



Viaduto do Chá. da esq para a direita: Ivo (irmão), Ettore (tio), Nazareno (irmão) e Aldo (1941).
Acervo da família.

Seminário São Carlos Borromeu. Seminaristas em aula em época próxima do período em que Aldo lá estudou



Fonte: Duarte (2009)

No final de 1942, com 14 anos, já estava usando batina, que era obrigatória. No Seminário, continuou saindo-se bem nos estudos, o que fez com que não precisasse cursar o segundo ano, saltando do primeiro para o terceiro ano, em 1941.

Aos onze anos começou a aprender Latim e aos doze anos já estava fazendo algumas traduções, como “De Bello Gallico”, do imperador Júlio César. Um dos livros que mais gostava de ler, durante essas séries ginásias, era Antologia Nacional, de Fausto Barreto e Carlos de Laet, que na verdade era um verdadeiro manual escolar, com vários poetas brasileiros, principalmente românticos. Foi observando esses poemas que aprendeu o que era verso, estrofe, ritmo, rima, métrica e, pesquisando outras teorias e exemplos, começou a exercitar seus próprios poemas. Gostava de ler **Os Lusíadas**, de Luiz Vaz de Camões, mas tinha que ler escondido, porque no Seminário era proibido, havia a censura sobre esse livro, principalmente em relação ao Canto IX, “Ilha dos Amores”, que era considerado erótico.

A Biblioteca do Seminário tinha poucos livros. Durante o período de férias ficava lendo mais à vontade, em casa, quando suas irmãs, que eram sócias do Gabinete de Leitura Sorocabano, emprestavam livros para que ele pudesse ler. Foi quando ele descobriu os livros de Machado de Assis.

O reitor do Seminário, na época, era o Padre Luiz Castanho de Almeida, que se tornou o famoso historiador de Sorocaba, Aluísio de Almeida.

Dentre os outros padres do Seminário, havia um que se destacava pela sua maneira de ser; era um padre novo, especial, acima de sua época, o Padre André Pieroni. Aldo sempre admirou o Padre Pieroni; era professor de Matemática e o Ministro de Disciplina. Nesse cargo, controlava muito bem sua turma, conversava com todos e levava os alunos para passear; estava sempre pronto para ajudar, nem que fosse para pegar pá, enxada, fazer reboco; era “pau para toda obra”. Aldo, anos mais tarde, escreveu um livro, contando aspectos da vida do Padre André, chamado **Um padre diferente** (2017), sobre o qual comentamos nesta narrativa.

Corpo discente do Seminário São Carlos Borromeu, 1942. Aldo é o terceiro da esquerda para a direita, na última fila



Fonte: Duarte (2009)

2.2. No Seminário Maior do Ipiranga em São Paulo e na Universidade Gregoriana em Roma

Assim que terminou os estudos colegiais no Seminário Menor de Sorocaba, Aldo fez vestibular e ingressou no Seminário Maior, no Ipiranga, em São Paulo. Tirou nota 10,0 em Português e 9,0 em Latim e Grego. Frequentou esse Seminário de fevereiro de 1945 a setembro de 1949.

Portanto, a adolescência de Aldo foi, principalmente o tempo em que esteve no Seminário Maior, em São Paulo. Era um internato mais severo que em Sorocaba, bem organizado, com dois cursos fortes: o de Filosofia, com 3 anos e o de Teologia, com 4 anos. Outras disciplinas que estudavam, sob a visão de Santo Tomás de Aquino: Lógica, Cosmologia, Ética, Teodiceia, História da Arte. Esses estudos ajudaram-no muito para organizar-se mentalmente, ter abertura para outros enfoques e aplicou muito disso na sua vida particular e profissional.

Aldo lembra-se, comovido, que ainda no primeiro ano estudando em São Paulo, recebeu uma carta de sua mãe, preocupada porque ele estivera doente, com dor de ouvido.

Nesse Seminário, o costume era que os seminaristas passassem as férias de dezembro e janeiro junto da família e em julho na praia, em Itanhaém. Sendo assim, Aldo conheceu o que era praia com 16 anos. A viagem era feita de trem. Ficavam abrigados em barracões, a 500 metros da praia, onde faziam as refeições e organizavam apresentação de pequenas peças teatrais e declamação de poemas. No período da manhã iam à praia, para banho de mar, de calção, mas com o roupão retirado somente na hora de entrar na água. Aldo relembra a atitude triste e preconceituosa da época, pois quando viam que estava aproximando-se uma mulher, pela praia, um deles gritava: “-Tem boi na linha!”

Eles também podiam ler, jogar xadrez, damas e passear por perto. Ele gostava de ir até o centro da cidade para tomar caldo de cana. Lembra-se que certa vez foi até a igreja matriz e, sozinho, no ambiente silencioso, começou a orar e acabou dormindo. Conheceu a “Cama de Anchieta” e um dos passeios prediletos era subir a colina até o Convento de Nossa Senhora da Conceição, motivo de vários de seus poemas.

O mar era uma grande fonte de inspiração para escrever. À noite, era comum todos caminharem na areia da praia, vagorosamente, rezando o terço.

1946 – Aldo, Nazareno, Edwirges, Teresa, Afra, mãe, pai, Ivo, Maria da Penha (esposa do Ivo), Egle Maria, Helena, João, Maria Luiza, José Duarte (no quintal da Rua Padre Luiz, 229)



Acervo da família

Em 1947, Aldo foi nomeado chefe da Campanha Missionária destinada a levantar fundos em favor das missões católicas no exterior. No Brasil havia a preocupação com as populações indígenas. Então, Aldo e seus colegas fizeram terços e santinhos em papel vegetal e saíram vendendo pelas ruas, para conseguir dinheiro. Finda a campanha, como estava estressado com tanto estudo e trabalho, o reitor disse-lhe para passar uma semana com a família. Já em casa, ao abrir um armário para pegar livros, algo pulou em seu rosto causando-lhe o maior susto: era um gato. Aldo conta, rindo, que isso só fez aumentar o medo que ele tinha de gatos.

Voltando ao Seminário, continuou, com muita dedicação, seus estudos sobre a Sagrada Escritura, Dogmas, Pastoral, Hebraico, do Curso de Teologia.

O curso era de 4 anos. No terceiro ano, ele foi chamado pelo reitor que lhe disse que ele iria terminar os estudos em Roma, pois ganhara uma bolsa de estudos. Ficou feliz, pois seus pais e avós eram de origem italiana. Teria oportunidade de conhecer o lugar de onde eles tinham saído.

Sua viagem foi de navio: de Santos a Salvador, Dakar, Açores, Lisboa, Barcelona, Gênova. Durou 13 dias, sofrendo muito de enjoo. De trem, com mais dois colegas, chegaram em Roma.

Seminaristas paulistas que estudavam em Roma, em visita ao papa. Aldo é o 6º. da esquerda para a direita



Acervo da família

A partir de setembro de 1949, Aldo estava na Universidade Gregoriana, universidade internacional, com alunos e professores de muitos países e aulas sendo ministradas em várias línguas. O curso não era de Graduação, já era de Mestrado em Teologia. Sua dissertação final foi sobre o Sermão do Semeador, do Padre Antônio Vieira: “Saiu o semeador a semear...”

Esse período de vida universitária foi muito gratificante, para Aldo, porque, além de estudar e aprender bastante, nos feriados e férias havia a possibilidade de viajar mais. Procurou conhecer tudo que pôde de Roma e da Itália. Procurava caminhar, andar de ônibus, conversar com o povo, ir à Basílica de São Pedro, ajoelhar-se perante a Pietà, de Michelangelo, ver

inúmeras obras de arte e foi visitar três tias, irmãs de seu pai, que moravam em Roma, Milão e Bolsena.

Dentre as alegrias de Aldo está sua participação efetiva na recepção a D. Aguirre, quando ele esteve em Roma. Em 1950, durante o Ano Santo, Aldo estava morando em Roma, no Colégio Pio Brasileiro. De 30 de setembro a 12 de novembro, D. Aguirre ficou hospedado nesse Colégio, pois fora participar de reuniões no Vaticano, devendo apresentar relatório sobre a sua diocese de Sorocaba. Aldo foi um dos principais acompanhantes de D. Aguirre e fizeram muitas visitas juntos, durante esse período. No último dia de sua estada, mesmo sendo muito difícil, D. Aguirre conseguiu uma entrevista com o Papa Pio XII. No final da reunião, Aldo, com outros seminaristas: Jaime Rodrigues de Almeida e Izaías Branco da Silva, também foram chamados para saudar o Papa.

Aldo estava em Roma para ordenar-se padre e recebeu as ordens menores, depois o subdiaconato e o diaconato. Lá, teve a alegria de batizar o filho de um de seus primos. Faltava apenas a ordenação de presbítero, que muitos de seus colegas almejavam que fosse oficiada por algum Cardeal ou pelo próprio Papa. Para espanto de seus colegas, ele disse que não queria ser ordenado em Roma e sim em Sorocaba, pelo bispo Dom Aguirre, que lhe tinha dado bolsa de estudos desde os 11 anos de idade.

Chegou no Brasil nos primeiros dias de agosto de 1952 e foi ordenado, por D. Aguirre, no Seminário Diocesano, no dia 15 de agosto de 1952. Sua primeira missa solene foi na Catedral, no domingo seguinte.

Alguns dias depois, D. Aguirre designou Aldo como auxiliar do vigário de Tietê.

Aldo e parentes no dia de sua ordenação Sacerdotal, 15/08/1952. Ao seu lado esquerdo está sua irmã Madre Tereza



Fonte: Duarte (2009).

Aldo ordenado Sacerdote



Acervo da família

3 O Padre

Logo que chegou em Tietê, padre novo, ainda inexperiente, notou que na praça da matriz havia muitos meninos que eram engraxates. Pensando neles e nas famílias, para lhes melhorar o Natal, criou alguns versinhos e colou nas caixas de engraxate. Não teve aprovação pelo seu chefe. Alguns dias depois foi atender a um doente, de charrete. Novamente o pároco não aprovou dizendo que padre não andava de charrete. Mas foram apenas alguns meses pois, em 1953, D. Aguirre chamou-o para ser professor no Seminário São Carlos Borromeu, em Sorocaba. Depois passou a ser ministro de disciplina e diretor espiritual.

Em 1955, Aldo foi nomeado membro do Cabido Diocesano, criado pelo Papa Pio XII e instalado na Catedral Metropolitana de Sorocaba.

Como professor, no Seminário, durante anos deu aulas de Latim, Literatura Luso-brasileira, Teoria Literária. Também deu aulas de Português na Organização Sorocabana de Ensino – OSE e no Instituto de Educação Prof. Júlio Prestes de Albuquerque, nesta última lecionou Educação Moral e Cívica, disciplina criada pela Ditadura. Para dar essa disciplina fez um concurso público, no Colégio Sion, em São Paulo, sobre a realidade nacional e foi aprovado. Aldo comenta: “Imagine eu ser aprovado para essas aulas e já diziam que eu era ‘subversivo’!”

Durante esse período, além do ministério sacerdotal, envolvendo missas, sacramentos, sermões, visitas, reuniões, Aldo deu palestras em diversos ambientes, em Sorocaba, Campinas, Tatuí, Porto Feliz, São João da Boa Vista.

Em 1957/58, Aldo foi capelão voluntário na Fazenda Ipanema, em Iperó-SP. Ia e voltava de carona, de jipe, um domingo por mês.

De 1958 a 1963 desenvolveu um trabalho pastoral voltado ao mundo operário de Sorocaba. Continuava professor na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, onde também assumiu a disciplina História das Religiões, e no Seminário. Passou a formar e animar grupos de jovens trabalhadores, nomeado assistente da Juventude Operária Católica – JOC, movimento de estrutura espiritual e política.

Considera que aprendeu muito nessas atividades, nas quais predominava o princípio “faça e tudo se fará”.

Esses grupos eram muito animados com música, reuniões, acampamentos e excursões. Lembra-se que cantavam muitas músicas do folclore brasileiro. Nesse período, além de poemas, escreveu vários hinos. Essas atividades do Aldo, com os jovens, incomodava a censura da época.

Saliente-se que Aldo, nesse contexto todo, desenvolvia atividades jornalísticas, pois além de ter ajudado a criar a “Folha Popular”, que era um jornal da Igreja, daquela época, no qual era um dos articulistas, ele também assumiu um Programa na Rádio Cacique de Sorocaba, a “Hora do Angelus”, sempre às 18h, que era uma reflexão de 5 minutos sobre o Evangelho. Algumas dessas reflexões transformaram-se em uma das obras que comentamos neste livro. Aldo nos contou que por causa dessas atividades no jornal e na rádio, certo dia, na rua, alguém encostou um revólver em seu peito, ameaçando-o.

Além disso, bem mais tarde, publicou crônicas no Jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, durante vários anos. Parte delas se tornou livro, sobre o qual comentamos mais adiante.

Aldo Vannucchi - Abertura de uma Exposição de livros da Sagrada Escritura -1957



Acervo da família

Em 1962, Aldo teve a oportunidade de passar alguns dias de férias no Rio de Janeiro, no Bairro de Santa Teresa, hospedado na Casa das Irmãs Missionárias de Jesus Crucificado, congregação religiosa a que pertenciam as suas três irmãs religiosas: Helena, Teresa e Edwirges. Nessa ocasião ele escreveu vários poemas.

Em 1963 foi nomeado segundo vice-diretor da Faculdade de Filosofia porque o diretor e o vice-diretor moravam em São Paulo e ele poderia estar mais presente.

Certo dia, o presidente do Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino – CASTA, Jayme Pinsky, de origem judaica (atualmente professor aposentado da Unicamp, diretor da Editora Contexto e personalidade de renome nacional) gentilmente doou uma coleção de livros do historiador italiano Cesare Cantù, para a Biblioteca e foi entregá-la ao vice-diretor que não aceitou dizendo que aquela coleção não tinha nenhum valor, estava desatualizada, demonstrando uma visão preconceituosa. Essa deselegância causou uma discussão e diretor e vice-diretor aproveitaram para entregar as chaves e despedir-se da Faculdade.

Aldo foi comunicar D. Aguirre. Este, solicitou que ele assumisse a direção e promovesse uma eleição para escolha do Diretor. Foi feita a eleição e Aldo foi nomeado seu Diretor.

Aldo e a mãe, Elvira, viúva, em 1963



Acervo da família

4 Prisão

Em 1964, cinco dias depois do Golpe, depois de rezar missa na Vila Assis, em Sorocaba, foi jantar com sua mãe, que estava sozinha. Após o jantar, bateram à porta. Foi atender. Eram dois homens que se identificaram como delegados. Disseram que o delegado de polícia de Sorocaba precisava falar com ele. Pediram para acompanhá-los. Ele disse que iria no seu “fusquinha”. Ao chegar, o delegado Severino Duarte disse que havia recebido um telegrama de São Paulo, que era para prendê-lo e que seu nome foi encontrado em atas do Partido Comunista de Sorocaba. Aldo retrucou dizendo que, primeiramente, nunca estivera em nenhuma reunião de partido político nenhum. Em segundo lugar, que provavelmente também encontrariam, nessas atas, o nome do Papa João XXIII porque lá estariam as palavras do Papa a favor dos operários. Ficou preso sob a alegação de “padre comunista”. Em verdade, como ele diz, porque continuava no programa de rádio, no jornal, nas aulas e sermões, manifestando-se pela defesa da democracia.

Ficou uma noite na cadeia da Avenida General Carneiro, em Sorocaba, na mesma cela onde também estavam presos o vereador Santana Guimarães, que Aldo disse ser um vereador inteligente, agnóstico, muito sério e correto; e o médico Agrário Antunes, chamado, na época, o “médico dos pobres”. Dom José Thurler, bispo auxiliar de D. Aguirre, foi a São Paulo e conseguiu transferência do Aldo para cumprir detenção no Seminário Diocesano, sob vigilância policial, durante mais dez dias. Apesar de continuar desenvolvendo atividades no Seminário, não pôde sair para as atividades na Faculdade de Filosofia, onde era professor e diretor.

D. Aguirre foi visitá-lo e não lhe fez nenhuma repreensão, só lhe deu um abraço demorado e Aldo chorou. Na ocasião, foi distribuído um Comunicado impresso, da Cúria Diocesana de Sorocaba, divulgando o fato e a não concordância com a prisão, alegando que “o Cônego Aldo Vannucchi tem sido autêntico ministro de Cristo e Fiel Pregador do Evangelho e da Doutrina de Justiça da Igreja”, assinado pelo Bispo Diocesano D. Aguirre e pelo Bispo Coadjutor Dom José Thurler.

Folheto da Cúria Diocesana de Sorocaba manifestando-se sobre a prisão de Aldo



Acervo da família

Aldo comentou o quanto foi difícil, para sua mãe, visitar o querido filho, que estava preso.

Ao voltar para as aulas, os alunos do Centro Acadêmico, desafiando a vigilância do regime, prestaram-lhe corajosa homenagem.

Nesse período, havia um clima de desafio. Com muita cautela, os alunos faziam reuniões secretas, com mensagens mimeografadas. A música mais cantada por eles era “Pra não dizer que não falei das flores”, de Geraldo Vandré, que passou a ser o hino nacional contra a Ditadura.

Após essa prisão, todos os passos de Aldo passaram a ser seguidos por asseclas do regime. Isso acontecia nas igrejas onde ele celebrava missas, nos locais onde pregava e no Mosteiro de São Bento, onde ele criou e celebrava a missa das onze horas, aos domingos. Essa missa era chamada de Missa dos Universitários, e era frequentada também por aqueles que não eram universitários. Muitos de seus frequentadores eram pessoas que já tinham o nível superior de ensino.

Nas suas aulas, na Faculdade de Filosofia, dois alunos que eram Delegados de Polícia, ficavam observando e tomando nota de tudo o que ele falava contrário ao Governo.

Nas missas da Vila Progresso, onde ele foi o primeiro vigário, de maio de 1965 a julho de 1968 e no Programa da Ave Maria, a “Hora do Angelus”, que ele realizava na Rádio Cacique de Sorocaba, de segunda a sexta-feira, às 18h, era a mesma vigília.

Nesse programa de rádio, Aldo desenvolvia reflexões sobre o cotidiano à luz do Evangelho, pregando aquilo em que ele acreditava, que era a luta pelos pobres, a luta pelos direitos dos operários, pela saúde do povo, pelo direito de água limpa na torneira, pela liberdade em manifestar-se. Além disso, estava apenas defendendo aquilo que já constava no Concílio do Vaticano II, o direito de os operários terem suas associações. Mas, com certeza, nada disso agradava determinadas autoridades.

Na Faculdade, os alunos do Centro Acadêmico, mesmo com dificuldade, continuavam trocando ideias, debatendo temas variados. Dentre eles salientava-se uma excelente aluna, Sonia Chébel, muito inteligente, que passou a ser a presidente do Centro Acadêmico (anos depois, Sonia passou a ser professora, vice-diretora e diretora da Faculdade).

O clima estava cada vez mais insustentável. A Ditadura o constrangia. O governador do Estado de São Paulo, Ademar de Barros, não liberava a verba do convênio que a Faculdade de Filosofia tinha com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, possibilitando que os alunos tivessem ensino gratuito. Ele alegava que não soltaria o dinheiro enquanto a Faculdade fosse dirigida por “aquele padeco comunista”.

Para não prejudicar a instituição, resolveu deixar a direção nas mãos do vice-diretor e fazer o mestrado em Filosofia na Universidade Gregoriana, em Roma. Considerou que seria um autoexílio necessário.

Quando realizavam uma festa de despedida para ele, na Paróquia de Vila Progresso, Aldo recebeu um carinhoso bilhete de sua professora do 1º ano primário, D. Elvira Grillo, que muito o emocionou: “Eu fui a primeira professora do Cônego Aldo, no Grupo Escolar Antônio Padilha. Foi um aluno exemplar. Mereceu e continua merecendo a minha grande admiração pelos dotes de bondade, cultura e inteligência que sempre demonstrou. Desejo muitas felicidades nessa viagem...” A Profª Sonia Chébel, uma das organizadoras dessa emocionante despedida, contou-nos com detalhes sobre o carinho dos membros da comunidade, ocasião em que discursaram, cantaram e tocaram instrumentos. Ela tocou acordeão e gravou o emocionante momento. Seu marido, Alceu, tocou bateria durante a homenagem.

5 A segunda viagem a Roma

Assim, em 10 de julho de 1968, Aldo partiu para Roma, novamente, residindo no Colégio Pio Brasileiro até julho de 1970. Considera que foram dois anos muito bons, porque além de cursar especialização em Gnoseologia na Universidade Urbaniana, cursou Filosofia da História, na Universidade de Roma. Para ingressar nessa universidade estatal ele recebeu orientações do poeta brasileiro Murilo Mendes, que estava morando perto do Vaticano, em um apartamento, onde Aldo o visitou. Ele era um professor de “fino trato”, dava aulas de Literatura Brasileira nessa universidade e lhe deu uma atenção muito especial. Aldo conta que alguns anos antes tinha recebido de presente de um amigo, um dos livros publicados por Murilo e leu esse livro várias vezes. Já tinha grande admiração pelo poeta.

E por que ele considera que esse período foi muito importante? Porque além dos estudos e contatos, ele aproveitou para fazer várias viagens e conhecer um pouco mais da Itália, terra de seus pais e avós. Nos momentos de folga foi para o Vesúvio, Sicília, Capri, Sardenha, Turim, Veneza, Bolonha, Pisa, Assis, Florença, Nápoles e muitas outras cidades e, sem dúvida, na cidade onde seu pai nasceu, Grotte di Castro, na Província de Viterbo.

Infelizmente não encontrou lá nenhum parente, mas conseguiu ir à igreja onde seu pai foi batizado e ali encontrou, inclusive, em um velho livro de batismo, o verdadeiro nome de seu pai, em latim: Josephus Vincentius Vannucchi e confirmou que ele e seu pai nasceram no mesmo dia e mês: 24 de setembro.

Em 1969, na Semana Santa, ele e três colegas foram viver a vigília pascal com monges beneditinos em Monte Cassino. Experiência muito bonita, quando os monges entoam um belíssimo canto gregoriano. Durante esses anos também pôde assistir a óperas, filmes de Godart, Fellini, Glauber Rocha, dentre outros. Assistiu a belas conferências, visitou museus, monumentos históricos. Conseguiu também ir até Israel (Jerusalém, Belém, Nazaré, Lago da Galileia, Mar Morto) passando por Atenas e Istambul. Aproveitou as férias para cursar Sociologia Religiosa na Universidade de Louvain, na Bélgica, com bolsa de estudos. Aproveitou também para exercitar alemão, durante um mês, em Berna.

Aldo Vannucchi e colegas em Jerusalém (6º da esquerda para a direita) (23/12/1968)



Acervo da família

Como se percebe, todo tempo era aproveitado para enriquecimento pessoal de conhecimento, de experiências engrandecedoras, como esta outra boa experiência: em setembro de 1969, ficou substituindo o vigário que entrou em férias, em uma cidadezinha a 36 km de Paris, Maule. Preparava o sermão de domingo e ficava treinando seu francês, com muito capricho.

Em janeiro de 1970 foi para Bossey, arredores de Genebra, na Suíça, pois ganhou uma bolsa de estudos para o curso de um semestre, sobre Ecu-menismo, na Universidade de Genebra, organizado e custeado pelo Conselho Mundial de Igrejas. Nesse curso assistiu a palestras e aulas de conferencistas e teólogos renomados de várias igrejas do mundo. Dentre eles, estava

o Padre Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, que naquele tempo era teólogo avançado. O curso foi em regime de internato, com 40 alunos de vários países.

Sempre que voltava para Roma, Aldo ficava no Colégio Pio Brasileiro, que considerava acolhedor, onde se sentia muito bem. Lá aconteciam campeonatos de futebol, com alunos de colégios de outros países. O próprio Chico Buarque de Hollanda, autoexilado em Roma, também aparecia para participar de alguma pelada.

Aldo e amigos em Genebra - Instituto Bossey (1969)



Acervo da família

6 A Volta para o Brasil e a triste perda do sobrinho

Mesmo preocupado com os perigos criados pelo Ato Institucional nº 5, que aumentara a perseguição aos opositores do regime, Aldo voltou para o Brasil, em julho de 1970.

Para sua decepção, logo que estava saindo do aeroporto de Congonhas, de táxi, viu uma enorme faixa sobre a avenida, advertindo: “Brasil, ame-o ou deixe-o”. Percebeu que realmente era necessário cuidar-se.

Chegando em Sorocaba, retomou suas aulas na Faculdade e o trabalho sacerdotal. Logo foi nomeado coordenador de pastoral diocesana e auxiliar, em São Paulo, do Cardeal Paulo Evaristo Arns, nas atividades regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB.

O clima político continuava difícil. No final do ano de 1970, os licenciandos de Pedagogia pediram-lhe para que adaptasse a letra da música “L’Arca di Noe”, de Sergio Endrigo, para ser cantada na formatura deles, no Cine São José, no centro de Sorocaba. Aldo, em vez de traduzi-la, adaptou-a, pois apesar da sua bela melodia, tinha uma letra pessimista. Aldo passou para letra otimista e cristã. Essa música tinha sido classificada em 3º lugar no Festival Internacional da Canção de Sanremo, na Itália, daquele ano.

Em março de 1971, Aldo se ofereceu e assumiu como vigário da paróquia de Votorantim, que tinha ficado vaga. Lá trabalhou até julho de 1973, dando especial atenção às comunidades dos bairros da cidade, o que não agradava a determinada elite do centro da cidade e ao delegado de polícia local.

Aldo disse que, bem mais tarde, recebeu em suas mãos uma cópia de um ofício escrito por esse delegado à autoridade policial maior, em São Paulo, de que ele era um elemento perigoso porque fazia reuniões, à noite, com pequenos grupos e que tudo indicava que eram células comunistas. Aldo comentou que, em verdade, essas pessoas que ele reunia nos bairros, uma vez por semana, à noite, era para a missa, com reflexões sobre a dignidade da pessoa humana, o valor do batismo, da cidadania, conceitos básicos que não tinham nada de marxismo, nada de comunismo.

Aldo - Posse em Votorantim (19/03/1971)



Foto: Antonio Gavioli (acervo da família)

Aldo e a última missa em Votorantim (07/07/1973)



Foto: Antonio Gavioli (acervo da família)

Em março de 1973, um verdadeiro tsunami interior se desencadeou na vida de Aldo e família: prisão, tortura e morte de Alexandre Vannucchi Leme, seu querido sobrinho que era como um verdadeiro filho que Aldo ainda não tinha. Alexandre crescera perto do Aldo. Ele morava bem perto do Seminário, em uma das ruas próximas e ia constantemente até o seminário. Aldo acompanhou muitos momentos da infância e adolescência do sobrinho. Ele chegou a acompanhar Aldo em algumas viagens e reuniões ou encontros com operários e universitários. Quando Aldo foi preso, Alexandre tinha 14 anos e, com certeza, a prisão mexeu muito com a cabeça do sobrinho. Era um garoto que já lia bastante. Quando adolescente procurava ler sobre tudo que podia. Muito inteligente e observador, observava tudo o que o tio fazia, sabia de suas posições e procurava acompanhá-lo sempre que era possível.

Quando entrou na USP, passou em primeiro lugar no Vestibular para o curso de Geologia. Para se manter, começou a dar aulas particulares. Como era aluno exemplar, um dos melhores da turma, logo se evidenciou, sendo elogiado pelos colegas e professores. Insatisfeito com o contexto político da época, engajou-se no movimento estudantil contra a Ditadura. Como era muito inteligente, ativo, líder e procurava lutar pela liberdade e por melhores condições para os operários, para os pobres e para o povo brasileiro em geral, passou a ser observado pelos agentes policiais, sendo considerado um líder perigoso, pois o consideravam contra o governo.

Aldo cita detalhes, inclusive nomes dos torturadores e muito do que aconteceu com Alexandre na obra que publicou posteriormente: **Alexandre Vannucchi Leme: jovem, estudante, morto pela ditadura**. São Paulo: Contexto, 2014, que apresentamos mais à frente.

Não demorou muito para que prendessem Alexandre, alguns dias depois de ter passado por cirurgia e ainda em recuperação. “Levaram-no para a “sucursal do inferno”, na sede da Operação Bandeirantes, criada em 1969 para engajamento das Forças Armadas na luta antissubversão e transformada no DOI-CODI: Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa, onde os agentes civis e militares da ditadura, sob as ordens do major Carlos Alberto Brilhante Ustra, tinham carta branca para interrogar, torturar e matar, sob pretexto de reprimir a subversão e o terrorismo.

Lá, Alexandre foi seviciado até a noite [...] O suplício recomeçou quando amanheceu. Então entraram em ação outros torturadores, mas não com menor ferocidade [...] todos sob orientação de Ustra [...] Choques elétricos, pau de arara, socos e pontapés levaram-no à morte por hemorragia interna. (VANNUCCHI, 2014, p. 45 - 46).

Foram anos de busca pelo corpo, um sofrimento sem medida para Aldo, para os pais e irmãos de Alexandre, pelas mentiras que tiveram de ouvir, mas não desistiram enquanto seus ossos não foram encontrados em vala comum, junto de inúmeros outros jovens, no Cemitério de Perus, em São Paulo e sepultado novamente em Sorocaba, 10 anos depois, com triste e necessária homenagem.

Mas não descansaram enquanto não viram modificado o motivo da morte de Alexandre: 40 anos depois, em 2013, por sentença da Juíza da 2ª. Vara de Registros Públicos da capital paulista, Dra. Renata Maciel M. Dezem, “ficou reconhecido que Alexandre foi morto por lesões provocadas pela tortura nas dependências do II Exército e não como vítima de atropelamento em via pública”, como tinham feito constar em sua Certidão de óbito.

Nessa obra citada, Aldo conta, também, que a primeira Constituição Nacional, em 1824 já decretava: “Ficam abolidos os açoites, a tortura, a marca dos ferros quentes e todas as penas cruéis.” Mas durante a Ditadura tudo isso foi esquecido e torturar era possível, até ‘patriótico’. Ele cita, além de Ustra, outro cabeça dessa selvageria no Departamento de Ordem Política e Social - DOPS e Operação Bandeirantes: o delegado paulistano Sérgio Paranhos Fleury, que tinha como uma das práticas, arrancar os dentes do torturado. Conta como eram outros tipos de tortura utilizados no período, como pau de arara, choques elétricos nas partes íntimas, coroa de Cristo, espancamentos, afogamento, geladeira, palmatória, uso agressivo com insetos e animais, torturas químicas e psicológicas. Mas salienta que esse livro foi escrito para que houvesse maior conhecimento sobre os verdadeiros fatos e para que essa violência não mais acontecesse, “como testemunho de amor à verdade e como denúncia de um crime nefando”.

Essa perda foi um baque violento para a vida do Aldo, dor que nunca mais o deixou, emocionando-se sempre que se toca no assunto.

7 A crise existencial, eclesial e política

À tragédia da morte do sobrinho, que lhe causou indagações existenciais, somou-se, em seu íntimo, a decepção crescente com a Igreja, que ele considerava acomodada e esquecida das diretrizes do papa João XXIII e do Vaticano II, pelas quais ele vinha lutando. Sua devoção e trabalho voltado aos pobres, o desprendimento do mundo dos poderosos, a renovação evangélica que ele sonhava acontecer, tudo isso, segundo ele, resumiu-se praticamente à liturgia e à missa em português.

Outro aspecto que Aldo considerava que o machucava profundamente era em relação ao celibato. Ele guardava o celibato com muita seriedade, porém via colegas relapsos, em relação a isso, sendo tratados com a mais cínica normalidade pela hierarquia.

Para piorar essas situações, ele continuava sendo perseguido pelas forças da Ditadura e tinha dificuldade para continuar desenvolvendo seu trabalho como professor e como padre.

Essa tríplice crise: existencial, eclesial e política, que o fazia questionar sobre seu papel, sobre o que deveria e queria continuar fazendo, levou-o a pedir, novamente, ao bispo diocesano, Dom José Melhado de Campos, um tempo, ou talvez um basta. Voltou ao exterior.

Além da autorização do bispo, Aldo levou uma declaração de apresentação e apoio da CNBB, assinada pelo seu secretário, Ivo Lorscheiter, que fora seu colega no Colégio Pio Brasileiro, em Roma.

Decidiu ir para Genebra, onde morava um casal amigo. Quem era esse casal? Ela tinha sido sua aluna no Curso de Pedagogia da FAFI. Certo dia, em 1964, procurou pelo então Padre Aldo, dizendo-lhe que pretendia casar-se, mas seu noivo não queria casar-se na igreja, porém aceitava que o Padre Aldo fizesse o casamento deles. Ela pediu, então, se ele poderia fazer o casamento deles no Salão Nobre da Faculdade de Filosofia (atual Salão Vermelho do Câmpus Trujillo da UNISO). Aldo pediu a Dom Aguirre que concordou e o casamento foi ali realizado. Tornaram-se grandes amigos. Como o casal estava morando em Genebra, possibilitaram que Aldo morasse com eles até estabelecer-se por lá.

Mas sair do Brasil provavelmente não seria muito fácil, pois ele continuava sendo constantemente observado. Aldo teve então toda a ajuda de um grande amigo, empresário de Sorocaba, Alexandre Beldi, que era muito respeitado pelas altas patentes militares. Considerando ser mais seguro, Beldi pediu a um sobrinho dele que levasse Aldo até o Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Lá, havia até um oficial de alta patente para garantir seu ‘check-in’.

Aldo embarcou no dia 10 de julho de 1973. Em Genebra, seus amigos o acolheram durante uma semana, até que encontrasse um trabalho para se manter.

Inicialmente procurou algum emprego eclesiástico, indo até a delegação do Vaticano, na representação da Organização das Nações Unidas - ONU, naquela cidade. Não conseguindo, contatou vários organismos internacionais, sem sucesso. Acabou sendo admitido no Conselho Mundial de Igrejas, uma espécie de Vaticano dos protestantes, onde trabalhavam também muitos católicos, num clima ecumênico de muito respeito.

Começou trabalhando no setor de Direitos Humanos e depois no de Educação, onde teve o privilégio de trabalhar na companhia amiga de Paulo Freire, que viajava bastante, solicitado por muitos países. A convite dele, passou a trabalhar com os padres espanhóis, capelães da colônia hispânica na Suíça. Para Aldo, era um trabalho muito agradável, à base das linhas mestras da “Pedagogia do Oprimido”, de Paulo Freire.

Como ficou registrado e com salário, teve condições financeiras para alugar um pequeno apartamento, mas suficiente para ele, localizado perto do local de trabalho.

Três meses se passaram, nos quais pôde orar bastante e refletir sobre o caminho a seguir em sua vida. Foi quando decidiu deixar o clero. Decisão muito corajosa, sofrida. Comunicou aos seus irmãos e todos eles, sabedores que era uma decisão difícil e verdadeira, baseada em longa e séria reflexão, aprovaram.

Com dor no coração, mas sabendo que essa seria a atitude correta, escreveu ao bispo, comunicando-lhe sobre a decisão de deixar o clero, solicitando-lhe encaminhar a Roma o pedido de dispensa do celibato.

No primeiro domingo de maio de 1974, Dia das Mães, ele celebrou sua última missa para a colônia espanhola de Genebra, no subsolo da igreja do Sacré-Coeur, no centro da cidade.

A resposta do Vaticano, liberando-o do celibato, foi rápida, considerando-se o tempo que normalmente demorava, formalizando-se nos últimos dias de abril de 1974.

Paralelamente a isso tudo, algo havia acontecido de muito importante que iria mudar totalmente a vida de Aldo Vannucchi.

8 Pausa para uma História de Amor

Pouco antes de deixar a Paróquia de Votorantim, triste com a morte do sobrinho e com toda a situação que estava enfrentando, sentindo-se muito sozinho, uma sua ex-aluna do curso de Pedagogia, Rosália Cortez, foi visitá-lo, acompanhada da irmã. Ela foi simplesmente mostrar-lhe apoio em relação àqueles fatos tão tristes que estava enfrentando. Aquilo o comoveu muito e chamou-lhe a atenção. Até aquele momento, Rosália era apenas uma aluna como todas as outras, apesar de ele perceber que ela mostrava-se muito interessada pelos assuntos debatidos durante as aulas. Sentava-se em uma das carteiras da frente, participava bastante e demonstrava ser muito inteligente. Porém, para ele, era uma aluna como todas as outras.

Acontece que Aldo estava fragilizado. Aquela atitude de Rosália fez com que ele ficasse agradecido e, naturalmente, continuaram conversando nos dias seguintes. Como ele já estava decidido à viagem para a Europa, decidiram continuar conversando, mesmo a distância. Pois bem, essa visita aconteceu apenas 30 dias antes de sua viagem, porém, a conversa durante esses dias foi adquirindo um tom mais profundo e, aos poucos, os dois perceberam que algo diferente e bom estava acontecendo. Rosália, conforme conversava e conhecia um pouco mais do Aldo, dizia que não acreditava que houvesse pessoas como ele. Vinte dias depois que Aldo já estava em Genebra é que acabaram se confessando que “estavam interessados um pelo outro”. Estavam declarando-se. Em verdade estavam gostando um do outro. Estava nascendo um amor puro e verdadeiro.

Tudo isso coincidia com o momento em que Aldo estava pedindo para deixar o clero e pedindo dispensa do celibato.

Telefonar, nessa época, era muito caro para eles. Telefonemas internacionais era algo quase impossível de realizar. Fizeram isso algumas vezes, mas era pouco. A conversa aconteceu principalmente por meio de cartas. Uma belíssima história de amor estava acontecendo. Revelação recíproca. Dois corações aquecidos por um amor que desconheciam anteriormente. Duas almas puras, angustiadas pois queriam estar juntas,

precisavam estar juntas pois já tinham certeza: queriam trilhar o mesmo caminho. Mas os corpos estavam distantes.

Os momentos livres de Aldo, em Genebra, eram para boas leituras. Leu e releu o livro **Todo el Amor**, de Pablo Neruda. Eram também para olhar para a foto da amada que ela mesma, Rosália, havia enviado (essa foto está em sua carteira até hoje); para pensar e escrever à amada que estava do outro lado do oceano. E pensando nela escreveu alguns poemas lírico-amorosos. Do outro lado, a amada também escrevendo e não vendo a hora de chegar perto, frente a frente, para declararem-se e abraçarem-se.

Foi um ano de namoro-noivado a distância. Decidiram casar-se. E mesmo parecendo um conto de fadas, assim aconteceu. Rosália chegou em Genebra nos primeiros dias de julho de 1974, acompanhada da irmã dela e do cunhado. Uniram-se, em casamento, no dia 20 de julho, no civil; sendo seus padrinhos seu maior amigo do Conselho, Dwain Epps e esposa, e Carlos De Angeli e Edna (casal com quem ele morou na primeira semana em Genebra, sendo ela sua ex-aluna da FAFI). A cerimônia religiosa foi na Igreja de Sacré-Coeur, celebrada pelo seu amigo catalão, Padre Julian, sendo padrinhos os irmãos de Aldo, Afra e João e os seus cunhados, Teresa e Zezé.

Como viagem de núpcias ganharam de seus amigos alguns dias na Costa do Sol, tudo pago por eles. Belíssimo presente pois conheceram uma região muito bonita e começaram a se conhecer melhor, a aprender e a crescer na vida de casados.

Aldo conta que Paulo Freire não pôde estar no casamento, pois teria compromisso no exterior, mas saiu com ele, pela cidade, para comprar um presente. Ele fazia questão.

O primeiro trabalho do Aldo, no Conselho, foi na área de Direitos Humanos, quando participou de reuniões internas e externas. Várias delas ocorreram em Paris, na UNESCO e uma vez na Áustria. Analisava e redigia relatórios, contatava vítimas das ditaduras sul-americanas, especialmente do Brasil e Chile. Quando foi transferido para a área de Educação, com Paulo Freire, participava de reuniões com padres espanhóis que atuavam na pastoral dos trabalhadores, seus compatriotas, na Suíça. Observando isso tudo, seu pensamento voltava à situação do Brasil, agravada com a repressão violenta do governo Médici e se entristecia pensando no sobrinho Alexandre, principalmente quando chegavam cartas de sua irmã, Egle,

“mãe amputada de seu filho estremecido”, sua irmã querida. Até hoje, quando surge conversa sobre Alexandre ou sobre Egle, Aldo se emociona e se entristece. Certa vez ele me disse que Egle era a irmã mais alegre, com espírito mais positivo de todos os irmãos. Com a morte tão violenta do filho, “ela apagou-se, ela sucumbiu.”

A presença da Rose deixou tudo melhor. Porém, como ele precisava ficar fora quase o dia todo, trabalhando, a sorte é que a esposa de Paulo Freire e ela tornaram-se grandes amigas e faziam companhia uma à outra e saíam juntas, às vezes, para visitar algum museu e procuravam auxiliar no que podiam.

Quando voltaram para o Brasil, o sonho era ter filhos. Mas Rose teve um aborto e precisou fazer várias cirurgias. Felizmente, em 02 de abril de 1977, nasceu Ana Maria Cortez Vannucchi e em 24 de março de 1979, João Estêvão Cortez Vannucchi. Os dois partos foram cesariana, realizados pelo Dr. Luís Ferraz de Sampaio Júnior que, surpreendentemente, nada cobrou. Sem dúvida, uma demonstração do carinho que sentia por Aldo e Rose.

Em 1980, passaram a morar em casa própria, financiada por vinte anos pelo Banco Nacional da Habitação, construída no Bairro de Santa Rosália, em terreno que ele e sua irmã Afra haviam comprado. Afra cedeu sua parte para eles.

Ana e João, crianças, adolescentes e jovens, nunca deram trabalho aos pais. Alunos exemplares durante toda a formação escolar e universitária, tornaram-se profissionais envolvidos, respeitados, competentes e felizes com os papéis que desempenham na comunidade.

Na entrevista que fizemos com ele, Aldo disse:

"Hoje nós somos um casal super feliz, com 45 anos de vida matrimonial. Com dois filhos maravilhosos: Ana Maria Cortez Vannucchi, médica psiquiatra, professora universitária em São Paulo e com consultório de psiquiatria em São Paulo também; ele, João Estêvão Cortez Vannucchi, advogado, em Sorocaba, com escritório no centro da cidade. Ele, com um casal de gêmeos e ela com um filho. Nós, então, com 3 netinhos, ficamos avós em 2017. Com esta idade, nossa vida matrimonial está culminando com as maiores alegrias, na maior felicidade".

Quando vemos Aldo e Rose juntos, a maneira de um olhar para o outro já demonstra que ali estão duas pessoas que se amam. Rose carinhosamente se aproxima dele, pega sua mão, aconchega sua cabeça no ombro dele, com olhos entreabertos e sorriso nos lábios; Aldo, acanhado, mas comprovando recepção e afeto, abre um sorriso leve, tímido e prazeroso. Esse envolvimento, essa forma de ser, denota, sem dúvida alguma, que ali está um casal que deu certo, um casal que se ama, que se respeita, um casal feliz. Um casal que atravessou inúmeras dificuldades e que agora vibra e se emociona quando vê a casa desarrumada pela alegria e brincadeiras dos netos, na casa acolhedora do vovô e da vovó. Na casa onde moram dois corações acolhedores, duas almas que se encontraram e aprenderam juntas a ajudar uma à outra, a transformar esse amor em uma família onde o respeito, o diálogo e a fé sempre estiveram presentes e transformaram esse amor em atos de Fraternidade e de Energia Universal.

Aldo e Rose - Casados na Igreja, em Genebra (20/07/1974)



Acervo da família

Ana Maria, Aldo, Rosália e João Estêvão - no dia do aniversário de 90 anos



Foto: Teófilo Negrão Duarte

9 A volta para o Brasil e o sonho de uma universidade para Sorocaba

Depois de ficarem morando um semestre juntos, em Genebra, ainda preocupados com a Ditadura no Brasil, mas com a mãe da Rose doente, decidiram voltar. Despacharam tudo para o navio e pegaram um trem em direção a Nápoles.

Viajando no navio “Augustus”, chegaram no porto de Santos em 03 de janeiro de 1975. Amigos haviam avisado que a vigilância sobre Aldo continuava. Não houve problemas no desembarque e, antes de voltarem a Sorocaba, passaram uma semana em Mongaguá, para uma readaptação.

Alguns dias para renovação de contatos e, em fevereiro, iniciavam uma nova vida. Rose voltou a dar aulas na escola do Serviço Social da Indústria - SESI e Aldo na Faculdade de Filosofia, com 4 aulas semanais. Moravam sem pagar aluguel, numa casa da Rua Santa Maria, no Além Ponte, em Sorocaba, cedida por parente da Rose. Logo Aldo conseguiu mais um emprego no Instituto Ciências e Letras, de Sorocaba, como diretor.

Em março de 1980, Aldo foi nomeado diretor da Faculdade de Filosofia e depois reeleito até 1988.

Em 1988 começou outra grande batalha, outro grande sonho: Aldo, propôs, organizou e apresentou o Projeto de criação da Universidade de Sorocaba - UNISO que se tornou realidade em 1994. Foi seu primeiro reitor, em 4 mandatos, por 15 anos, de 26 de setembro de 1994 a 31 de janeiro de 2010.

Logo que o Projeto foi lançado, em 1988, foi aplaudido por muitos, porém surgiu na Faculdade de Administração e Ciências Contábeis de Sorocaba - FACCAS, Faculdade também da Fundação Dom Aguirre – FDA, que deveria integrar o Projeto, um grupo de professores contrários ao Projeto. Deram bastante trabalho, pois lutaram contra, provavelmente por interesses próprios e envolveram alunos, Centro Acadêmico, e alguns políticos, principalmente ligados ao Partido dos Trabalhadores, que chegaram a ir até Brasília, para tentar impedir a instalação da UNISO.

Em contrapartida, havia o apoio total da Fundação Dom Aguirre, da Prefeitura Municipal de Sorocaba, da Comissão do Conselho Federal da Educação, grupos e pessoas favoráveis que, felizmente, era a maioria. Dentre eles, Aldo cita o bispo diocesano Dom José Lambert; o Monsenhor Mauro Vallini, o Prefeito Municipal Paulo Francisco Mendes, a Comissão Municipal de Apoio à Universidade (que ao longo do processo constituiu-se em 32 membros; todos os nomes completos aparecem no livro **A Caminho da UNISO**. Vannucchi, 2012). Além disso, houve o Fundo de Apoio à Universidade de Sorocaba, criado pelo prefeito do governo seguinte: Antônio Carlos Pannunzio. Foram muitas idas a Brasília para dar desenvolvimento ao processo e muito “chá de cadeira”.

Mas, como muitas vezes acontece, um anjo bom, iluminado, percebeu a boa intenção de Aldo e dos envolvidos e decidiu trabalhar para que o Projeto fosse à frente e, com muita seriedade, profissionalismo e exigências, mas com intenção de fazer acontecer, não mediu esforços para auxiliar em todas as ações, até a instalação da UNISO: era a Conselheira Margarida Maria do Rego Pires Leal.

Dentre algumas das outras pessoas que estiveram envolvidas, de alguma forma, naquele momento, em algumas dessas ações realizadas há mais de 30 anos, e que continuam na UNISO até hoje, podemos citar a Profa. Ana Maria Gurgel de Oliveira Gonzalez – Chefe de Gabinete do Reitor, Vilma Franzoni – bibliotecária chefe, a Profa. Sonia Chébel Mercado Sparti, que foi Diretora da FAFI, ocupou vários cargos e participou ativamente em vários momentos importantes da instituição, atualmente membro do Conselho Superior da FDA.

O número de pessoas que auxiliaram no processo foi grande, desde funcionários, professores, autoridades e outras. Aldo cita isso e agradece em seu livro **A caminho da Uniso** (EdUniso, 2012), também presente um pouco mais à frente, nesta narrativa, onde apresento mais alguns detalhes do desenvolvimento do principal sonho educacional do Prof. Aldo.

Depois da apresentação e aprovação do Projeto, houve a integração: Faculdades Integradas Dom Aguirre – FIDA. Após a aprovação, houve a expansão, com o câmpus Seminário. Depois, houve a compra da área, construção e instalação da Cidade Universitária. Outros detalhes sobre dificuldades e alegrias que viveu, durante esse período, ele contou no seu livro.

Esse período, para Aldo, foi de muito trabalho desenvolvido com suor, mas com o sabor do trabalho prazeroso, com dedicação, com o envolvimento e apoio de muitos, principalmente de sua esposa, Rose, e de seus filhos, que em muitos momentos percebiam que era necessário o marido e pai viajar, deixando da companhia da família, mas era necessário, pois uma grande e importante obra estava sendo construída.

Durante mais de 30 anos trabalhando perto do Prof. Aldo, nunca o vi reclamando ou falando mal de alguém. Em raríssimas vezes apenas percebíamos um olhar em nossa direção, ou apenas um pequeno sorriso como se estivesse dizendo: “Fazer o quê? Vamos em frente, vai dar certo!” Sempre vi muita serenidade, muita paciência e esperança. Acredito que parte disso ele herdou de sua mãe, mulher de fé inabalável, e de seu pai, que era muito sereno, mesmo vendo seus 11 filhos crescendo a seu lado e a necessidade de trabalhar e ter condições financeiras necessárias para mantê-los.

10 O Educador

Difícilmente eu separaria o Aldo educador de qualquer um dos outros contextos desta narrativa. Aldo é educador o tempo todo, desde o momento em que estava em sua formação, pois a maneira como ouvia ou tratava os colegas, nos dois Seminários que frequentou e nos cursos que realizou, já era a presença de alguém que despontava como educador, respeitando as normas, dando o exemplo, ouvindo e opinando sempre com conteúdo de quem lia e estudava. Já sentia que podia colaborar para uma vida melhor para todos. Durante as reuniões com seus colegas do Seminário, tinha um poder de liderança evidente.

Depois, como professor no Seminário São Carlos Borromeu, ao ministrar suas aulas aos seminaristas, não passava somente informações, mas em todas as ações desenvolvidas com os seminaristas estava seu exemplo, ouvindo, trocando ideias, orientando não somente para exercer as orientações da Igreja, mas ser um cristão verdadeiro. Na Faculdade, como professor, a maneira como preparava e ministrava suas aulas era exemplo de pesquisa, de organização, de apresentação, de estudo, de reflexão sobre o pensamento de muitos filósofos e religiosos para escolha dos melhores caminhos e não apenas de partilha de conhecimentos, mas de demonstração de espírito cristão, de participação, de ação e questionamento para melhorar a realidade, principalmente dos pobres.

Aldo tornou-se um educador participativo, presente, atuando não só dentro da Faculdade e das Paróquias, mas junto do povo, demonstrando a necessidade de transformar o que estava estabelecido. Sua insatisfação com determinados fatos da realidade sempre foi no sentido de buscar, não só a sua liberdade, mas a liberdade de todos. A liberdade de ação, a liberdade de movimentar-se, a liberdade de exprimir-se sem receios e exercer o direito de todo cidadão na busca do bem, de poder educar-se, ter seu emprego digno, sua casa própria, seu alimento físico e espiritual, seu direito de lazer.

Isso também ficava muito claro no Aldo, diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, trabalhando com seriedade, assumindo não só as necessidades básicas administrativas, procurando resolver as dificuldades que surgiam no contexto de interferências políticas, mas nunca deixando de perder a motivação, o motivo de sua luta para um bem

maior, ampliando outros horizontes de expectativa, propondo e auxiliando na criação da Fundação Dom Aguirre e do Colégio Dom Aguirre.

Era também assim o Aldo que escrevia e publicava, era assim o Aldo que pregava suas homilias nas igrejas e em todos os espaços que o chamavam e que ele procurava atender com carinho e dedicação.

Era assim o Aldo que fazia sua reflexão com os ouvintes da Rádio, todos os dias às 18h, durante um bom tempo.

Era assim o Aldo acreditando e buscando uma universidade para Sorocaba, saindo atrás desse sonho, buscando parceiros, apresentando um Projeto, correndo para todos os lugares possíveis para fazer caminhar, levar para frente a proposta, resolver todos os empecilhos, sem reclamar. Mesmo quando havia aqueles que, de forma clara, procuravam fechar a estrada, dava-nos a impressão que Aldo entendia que as dificuldades eram naturais em qualquer contexto do ser humano e que eram provas a vencer. Essa compreensão é que muitas vezes nos assustava, porque ele apenas contava para nós sobre os impedimentos, sobre as pessoas causadoras do problema, mas não reclamava, não as culpava, somente prosseguia.

Assim é o Aldo educador feliz pelo nascimento de seus filhos;

Assim é o Aldo educador agradecendo à querida Conselheira Margarida Maria e a todos que contribuíram para a aprovação da UNISO.

É assim o Aldo, calmo, tranquilo e grato, lançando a pedra fundamental para a construção da Cidade Universitária;

É assim o Aldo sorridente e grato, inaugurando a Cidade Universitária, diante de muitas autoridades, com sua maneira simples, pura e verdadeira de ser, na fala e nos atos;

É assim o Aldo educador, presidindo inúmeras reuniões com a Reitoria, Diretores, Coordenadores, Professores, Funcionários, Alunos, sempre imprimindo a palavra de Fé, de Crença, de Trabalho, de Amor, Dedicação, Confiança, ao cumprir cada ação em benefício de toda a Comunidade interna e externa;

É assim o Aldo, administrador educador, sem nunca levantar a voz, fazendo cumprir com seriedade, competência, integridade e firmeza mesmo as mais difíceis tomadas de decisão;

É assim o Aldo, Reitor educador durante 15 anos, chegando pontualmente em todos os encontros;

É assim o Aldo, Reitor educador buscando o aperfeiçoamento da instituição nos auxiliando na implementação da Educação a Distância da UNISO, para colocá-la dentre as melhores e mais atualizadas da região e do País.

É assim o Aldo motivando e auxiliando na Revisão e Reformulação do Projeto Pedagógico Institucional, do Plano de Desenvolvimento Institucional, dos Projetos Pedagógicos de todos os cursos, do Estatuto e do Regimento da UNISO, com sua sabedoria e sua visão contemporânea e integradora;

É assim o Aldo, em todas as reuniões, em todas as ações, tanto no Ministério da Educação e Cultura - MEC, como membro do Conselho Nacional da Educação - CNE, onde desenvolveu mais de 80 pareceres enquanto Conselheiro, muito respeitado pelo Ministro da Educação, em Brasília, como nas reuniões com os trabalhadores coletores de material reciclável, em Sorocaba;

É assim o Aldo, observador, sensível, coerente, contribuindo como Presidente da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC, ampliando o espaço para as universidades comunitárias dentre as universidades brasileiras.

Possuidor de uma excelente memória, nunca vi tal condição em outra pessoa com 92 anos de idade. Lembro-me dele, em uma de nossas reuniões do Fórum de Graduação - ForGrad UNISO, sentado à mesa, ao lado dele, à frente de quase 400 professores; ele olhou em direção a um determinado professor e perguntou-me: “Quem é aquele professor sentado ao lado de fulano de tal?”. Eu respondi-lhe que era o professor novo para tal disciplina, em tal curso, que tinha chegado de tal lugar, e seu Mestrado era sobre tal assunto. Ele perguntou-me, novamente: “E qual é o nome dele?” Eu respondi-lhe que não me lembrava. Ele disse: “Como não se lembra do nome dele?”. Rindo, respondi-lhe: “Acha que qualquer um tem o privilégio de ter sua memória?” Rindo ele respondeu: “Estou brincando, estou brincando.”

É assim o Aldo, feliz, presidindo inúmeras colações de grau, concedendo o grau acadêmico, levando a palavra de Fé, Ética, Esperança e Espírito Cristão a inúmeros profissionais que passaram a cumprir sua missão não só em Sorocaba e região, mas espalharam-se pelo país e muitos outros países;

É assim o Aldo, Assessor Especial da Reitoria, com seu trabalho, sempre necessário e orientador, de suporte a muitas ações;

É assim o Aldo que entrou, como professor, na Faculdade de Filosofia em 1958, portanto há quase 63 anos, agora Ouvidor da UNISO, procurando atender os anseios da comunidade e buscar as melhores soluções para harmonizar todo o contexto e equilibrar as ações para o desenvolvimento pleno do processo educacional realizado na UNISO;

É e sempre foi assim o Aldo, durante todo esse tempo, auxiliando a todos nas suas buscas, nas suas tomadas de decisão, criando e indicando caminhos para a felicidade na profissão e na vida de inúmeras pessoas, buscando cumprir a missão da UNISO e da Educação do ser universal, numa visão cristã que aceita a todos, sem distinção.

Sei que algumas pessoas insistiram para que Aldo entrasse na política como vereador, pois diziam que poderia chegar a deputado e depois até a senador. Nada disso lhe interessou, seu foco era e é outro.

As coisas não se confundem no Aldo padre, no Aldo professor, no Aldo escritor, no Aldo educador, no Aldo marido, no Aldo pai, no Aldo avô, porque elas são uma só, estão inseridas em um só ser e se realizam muito bem, separadas ou juntas, porque sempre cada uma cumprindo o seu papel harmonicamente, de forma plena, intensa, única.

Aldo Vannucchi - Colação de Grau na UNISO



Acervo Assecoms - UNISO

Posse no Conselho Nacional de Educação (10/05/2006)



Acervo Assecoms – Uniso

11 Saúde invejável

Aldo, há mais de 30 anos, caminha todos os dias pela manhã, perto de sua residência, antes de começar suas atividades diárias e procurando nunca chegar atrasado em seus compromissos. Disso, provavelmente, uma das razões de sua boa saúde. Rose caminhava junto, agora nem sempre faz isso, mas continua cuidando da alimentação saudável de ambos. Ele sempre procurou fazer as refeições principais em casa, procurando cumprir horários determinados, mas sem exageros, na companhia da Rose e, sempre que foi possível, também com os filhos. Além disso, subir e descer escadas, na UNISO, sem segurar no corrimão, sempre foi uma de suas características; andando por todos os espaços, nos campi, saudando e parando para conversar rapidamente com os funcionários, sem distinção, professores, alunos, visitantes. Sente um prazer enorme em circular pelos três campi, cada um com sua história, das quais ele tanto participou, entrando nos laboratórios, entrando nos espaços administrativos e nas bibliotecas. E quando ele vê a circulação de muitos alunos, entrando e saindo de todos esses espaços, outros sentados, juntos, nos pátios ou praças, feliz, com sorriso nos lábios e nos olhos, ele repete: “Isso é Vida! Isso é Vida Universitária! Que beleza!”

Estamos em tempo da triste pandemia COVID19 que mudou a vida das pessoas no mundo inteiro e que ficará para a história como um momento de grandes alterações sociais e individuais. A maioria das ações estão acontecendo pela internet. A UNISO, assim como as instituições educacionais, precisou adequar-se a essas condições e felizmente estava, de certa forma, em condições suficientes para alterar os procedimentos educacionais adequando-os à nova situação, pois já tinha um setor de Educação a Distância - EaD. Os professores e alunos passaram a interagir virtualmente e, apesar das dificuldades, os conteúdos continuaram sendo desenvolvidos.

Aldo também continuou desenvolvendo suas ações diárias como Ouvidor, normalmente, pois já eram virtuais, junto ao site institucional. Continua escrevendo, continua caminhando, mesmo dentro de casa, exercitando-se, adaptando-se aos espaços. Mas deixa claro, em sua fala, mesmo confiando muito na Reitoria e administração atual, estar bastante preocu-

pado, sim, com o momento atual em relação à UNISO e sua comunidade, em relação à Educação, à Saúde, à Ciência, ao bem-estar da população, como sempre foi sua maneira de ser. Porém, a Fé continua presente, a esperança, a crença de que logo tudo estará melhor. Esse continua sendo seu traço fundamental.

12 Aldo Escritor

“A nossa pequenez e a nossa grandeza está em sermos bons viajantes na terra, viajantes de uma viagem que não escolhemos ao nascer e não sabemos como vai terminar.”

(VANNUCCHI, 2002, p. 148)

Aldo escreveu poesia e prosa. A poesia surgiu, principalmente, durante o período em que era seminarista e depois morando em Genebra, quando estava mais solitário. Outras vieram, mais esparsas. Escreveu artigos e muitas crônicas em jornais, parte destas últimas recolhidas depois em um dos livros que publicou. Além disso, escreveu biografias, reflexões, análises, história das palavras, estudos sobre Filosofia, sobre História, teve participação em livros didáticos e sobre temas filosóficos; além de traduções.

Em muitos dos seus livros, acaba apresentando muitos fatos diretamente ligados à sua história de vida. Ele apresenta, principalmente, as pessoas com quem ele conviveu e convive, os locais onde estudou, onde trabalhou e trabalha, os contextos afetivos, e não só isso, ele conta histórias reais, vividas alegre e tristemente, desde sua infância até hoje. Sendo assim, procurei mostrar uma síntese a respeito do conteúdo de suas principais obras, apresentar algum pequeno comentário, vez ou outra, e transcrever alguns trechos referendando o que citei. Algumas vezes, senti-me angustiado em estar alongando a narrativa, mas percebi a necessidade de estar mostrando os fatos com a linguagem do próprio autor, Aldo, dando mais sentido ao que pretendia. Mostrar uma síntese de cada livro e apresentar alguns trechos provavelmente dê mais percepção, ao leitor, sobre a trajetória do autor, sobre suas ações, seus pensamentos, suas propostas. Acredito que isso seja melhor do que eu apenas contar sobre determinadas situações que, na verdade, ele mesmo estaria contando.

Aldo tem 19 livros publicados, sobre os quais aqui tratamos; participou também de um livro didático de Educação Moral e Cívica, com outros autores; tem um dos seus artigos publicados em um livro sobre Educação e Saúde e fez várias traduções para as Edições Loyola, do latim (partes da Sagrada Escritura e da Suma Teológica), do francês, italiano e espanhol.

Como escritor, Aldo também desempenhou alguns papéis jornalísticos, isto é, foi um dos envolvidos na criação da “Folha Popular”, criada em 1954 por 2 empresários e 3 sacerdotes (Aldo era um deles). Conforme Aldo diz, “um dos objetivos do jornal era marcar a posição da Igreja, na cidade, principalmente em contraposição à Maçonaria, que na época era muito agressiva aos princípios católicos”. Ele escrevia com o pseudônimo PAV (Pe. Aldo Vannucchi) sobre assuntos ligados à cidade e ao país e fazia comentários sobre atividades culturais e sobre autores em evidência, na época. Foi nesse jornal que publicou um artigo sobre o livro **Ciranda de Pedra**, da escritora Lígia Fagundes Telles. Ele enviou o texto para ela, que leu, gostou e enviou-lhe um agradecimento. Aldo acredita que esse jornal parou de funcionar em 1968.

Teve uma participação rápida no jornal “Diário de Sorocaba” e escreveu crônicas, para o jornal “Cruzeiro do Sul” de Sorocaba, durante anos, sobre assuntos variados, ligados a fatos do dia a dia, à fraternidade, à família, à educação, atingindo uma população regional significativa, leitores que esperavam o dia de sua crônica semanal para ler e comentar. Era simpaticamente abordado em muitos locais por pessoas que se identificavam como leitores de suas crônicas do “Cruzeiro”.

Apesar da grande aceitação de seus textos pela comunidade, infelizmente parou de publicar em 2019, segundo ele, por decisão do próprio jornal. Algumas de suas crônicas estão no seu livro **Minhas Crônicas**, sobre o qual comentamos abaixo.

Antes, porém, temos a dizer que para tornar-se escritor, Aldo passou pela experiência de bom leitor, saliente-se a formação séria e exigente, recebida durante toda sua formação religiosa, não só no Brasil, mas fora dela. Aqui, principalmente no Seminário Menor de Sorocaba e no Seminário Maior de São Paulo, mas também fora do Brasil, principalmente em Roma, onde Aldo teve professores de vários países. Aldo lembra-se de alguns que teve, principalmente no Seminário, dentre eles, salienta o Cônego Castanho, conhecido como Padre Aluísio de Almeida. Outro professor que cita, é o Padre Armando Guerrazzi, professor de Língua Portuguesa, que o estimulou para a literatura. O poema **Enéida**, de Virgílio, que Aldo sempre gostou, foi-lhe apresentado por Dom Aluísio Kilgus, que era alemão, seu professor de grego e latim, excelente professor.

Mas ainda assim, para o Aldo, isso era pouco, ele queria ler mais e a Biblioteca do Seminário Diocesano São Carlos Borromeu não tinha muitos livros, além disso, havia o preconceito dos professores que não facilitavam determinados tipos de leitura que consideravam inadequada para os alunos ainda adolescentes. Mas havia naquela biblioteca obras com os discursos dos “imortais” da Academia Brasileira de Letras, que ele adorava.

No período das férias, lia o máximo que podia, com muito prazer. Dentre as leituras desse período, lembra-se de **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, de Machado de Assis, quando ele tinha 15 anos. Um livro e autor que Aldo sempre citou e cita constantemente, demonstrando por ele um carinho especial, é **Grande Sertão: Veredas**, de Guimarães Rosa. Ele ganhou esse livro de um médico, quando estava dando-lhe aulas particulares de Português, em 1956. De início, não ligou muito para a obra. Porém, muitos anos depois, ao reler a obra, passou a vê-la com outros olhos, e passou a aproveitar muitos trechos do texto para dar suas aulas de Filosofia. Tornou-se fã do autor, principalmente dessa obra. Dentre outras obras que leu ainda nesse início de formação, quando leu muito sobre a vida de santos e histórias sacras, cita o livro **Confissões**, de Santo Agostinho. Depois, dentre outras paixões que se vão formando pela leitura, ele cita Lygia Fagundes Teles, a quem enviou uma carta comentando sobre uma de suas obras. Ele me disse que queria que ela lesse o que pensava um padre sobre uma de suas obras. Recebeu resposta e dela tornou-se amigo, trazendo-a, depois de casado, para Sorocaba, para palestra na FAFI. Após a palestra ele levou-a para jantar, na casa dele, com Rosália, sua esposa. Ambas conversaram bastante, alegremente. Foi um belo momento.

Outra paixão clara de Aldo é pela obra de Clarice Lispector, que passou a utilizar também em suas aulas de Filosofia, publicando, em 2014, o livro **Filosofando com A hora da estrela**.

Muitas leituras vieram depois, por conta própria. O aprendizado sobre Oratória, tanto na formação religiosa como de forma espontânea, tão necessária para um pregador do Evangelho, deu muito bom resultado: percebe-se, em sua obra, textos muito bem construídos, parecendo uma arquitetura: começo, meio e fim, ou ainda: introdução, desenvolvimento, conclusão. Linguagem simples, clara, concisa, certa; pensando sempre no público a que se dirige.

Ouvindo o Prof. Aldo, em muitos momentos, tanto em suas falas em reuniões, como em inúmeros discursos em refeições de grau, em inaugurações, abertura de eventos, pude perceber a habilidade que ele tem, adquirida na prática da palavra falada e escrita, no dia a dia. Porém, para toda e qualquer fala, a preocupação em saber anteriormente do que deveria tratar naquele momento e preparar-se para tal. No mínimo pesquisar alguma coisa a respeito e mesmo parecendo que estava falando de forma improvisada, devido à fluência e naturalidade, às vezes algumas tiradas com humor, por trás havia não só a verificação sobre o assunto do evento, sobre os envolvidos, mas também uma construção mental invejável.

Veza ou outra, o que se tornava (e se torna) uma característica notável, é quando está falando de forma bastante motivada e repentinamente ele para, dá um sorriso e diz: “Deixe-me ver aqui a minha ‘colinha’ para ver o que mais tenho a dizer!” Pega uma folha, ou até parte de uma folha, olha e tranquilamente dá continuidade na sua fala.

Porém, uma das coisas que me causa admiração é Aldo citar fatos, datas, nomes de pessoas, situações, apenas de memória, sem olhar em nenhuma anotação. Isso é uma característica invejável e incomum que ele sempre teve e tem, em razão de sua memória admirável, como já citei anteriormente.

Portanto, toda a sua formação, aliada à prática do evangelho (que nunca deixou de existir), as aulas que ministrava, sua atuação dentro do contexto universitário e educacional Brasil afora, as experiências profissionais e de vida, como professor e diretor da Faculdade, com a prisão, com a morte do sobrinho torturado, com o desligamento dos votos sacerdotais, com um casamento celebrado na coragem e no amor, nascimento de filhos, de netos, a realização e concretização do sonho da criação da UNISO, tudo isso fez com que ele se tornasse, constantemente, um observador crítico da existência, da realidade observada enquanto ser humano que busca ser completo (se é que isso existe) participante digno, ético, semeador. Esse semear se frutificou em muitas crônicas publicadas.

Isso resultou em obras escritas que mostram um pouco do que fez e do que pensa. Portanto, como um todo, é uma obra que traz muito do sensível, do verdadeiro, do significativo. Sua obra traz um conteúdo que marca a história de um garoto como qualquer outro que joga futebol, corre na rua, diverte-se atrás dos passarinhos, chora, ri, observa e sente o carinho e a educação que seus pais e irmãos lhe dão para que seja a melhor pos-

sível. Sente-se recebido e bem amparado por essa família. Estuda, sente a distância da família, quase isolado dentro do seminário, observa e analisa a sociedade, percebe a ação de determinadas pessoas que cerceiam a liberdade e melhores condições a que tem direito o ser humano; assume com fé no sangue e na alma o cristianismo como uma das suas bandeiras para o homem tornar-se melhor e feliz.

Portanto, mostra o menino, o adolescente, o jovem, o homem que se torna padre, professor, filósofo, tem uma tríplice crise: psicológica, política e clerical, é preso, deixa os votos clericais, casa-se, realiza grandes sonhos e prova que é possível sim ser feliz, conseguir chegar perto dos 100 anos com saúde, sorriso nos lábios, brilho nos olhos, considerando-se uma pessoa realizada, feliz, grata e continuando a semear as melhores sementes que produzem os melhores frutos.

Aldo nos diz que a maioria de seus livros foram escritos “nas horas vagas” e em finais de semana.

A seguir, cito a maioria da sua obra escrita, focando principalmente os livros que ele escreveu, sobre os quais apresento pequeno comentário e procuro apresentar alguns trechos, citações, para se ter uma ideia de cada livro. Também incluo algumas fotos, para ilustrar alguns desses momentos.

Porém, há necessidade de se deixar claro que isso é para se ter a noção do conteúdo e estilo do autor Aldo Vannucchi e saber um pouco mais de sua história de vida, mas não basta. Caso se queira perceber melhor isso, é necessário ler cada livro por inteiro.

O que se evidencia, na obra do Aldo é, não só sua qualidade literária, mas a grandeza de um homem que sempre acreditou no homem, no ser humano, e lutou por ele, procurando defender sua principal causa: defender os direitos humanos tendo como baluarte a fé em um Deus no qual ele crê e com o auxílio de uma Educação voltada para todos.

Obras de Aldo Vannucchi

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia e ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 1977.

VANNUCCHI, Aldo; ALMEIDA FILHO, Jayme Rodrigues de; NAVARRO, José Mota *et al.* **Fundamentos da educação moral e cívica**. São Paulo: Loyola, 1982.

VANNUCCHI, Aldo. **Liturgia e libertação**. São Paulo: Loyola, 1982.

VANNUCCHI, Aldo (org.). **Paulo Freire ao vivo**. São Paulo: Loyola, 1983.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**. São Paulo: Loyola, 1987.

VANNUCCHI, Aldo. **Caso você case**. São Paulo: Loyola, 1990.

VANNUCCHI, Aldo. **Recônditas lembranças**. Sorocaba: UNISO, 2001.

VANNUCCHI, Aldo. **Meus caríssimos**. Sorocaba: UNISO, 2002.

VANNUCCHI, Aldo. A morte no saber popular. *In*: UNISO. PUCSP - CCM (orgs). **Diálogos interuniversitários: vida e morte, educação e saúde**. Sorocaba: Arte & Ciência, 2002. p. 145-148.

VANNUCCHI, Aldo. **A Hora do Angelus**. Sorocaba: UNISO, 2003.

VANNUCCHI, Aldo. **A universidade comunitária: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Deus e o diabo por trás das palavras**. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia aplicada**. Sorocaba: Eduniso, 2007.

VANNUCCHI, Aldo. **A caminho da UNISO: história: casos e causas**. Sorocaba: Eduniso, 2012.

VANNUCCHI, Aldo. **Dom Aguirre: vida e obra**. Sorocaba: Eduniso, 2013.

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofando com A Hora da Estrela**. São Paulo: Loyola, 2014.

VANNUCCHI, Aldo. **Alexandre Vannucchi Leme: jovem, estudante, morto pela ditadura**. São Paulo: Contexto, 2014.

VANNUCCHI, Aldo. **Autobiografia poética**. Itu: Ottoni, 2015.

VANNUCCHI, Aldo. **Minhas crônicas**. Sorocaba: Eduniso, 2015.

VANNUCCHI, Aldo. **Um padre diferente**. Sorocaba: Eduniso, 2017.

VANNUCCHI, Aldo. **Universidade de Sorocaba, 25 anos**. Sorocaba: Eduniso, 2019.

Algumas de suas traduções

ROSSI, Roberto. **Introdução à filosofia: história e sistemas**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1996.

VOLPI, Franco. **O Nihilismo**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.

BABUT, Étienne. **O Deus poderosamente fraco da Bíblia**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2002.

Síntese e trechos das obras

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia e ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 1977.

Apesar de a primeira edição ter sido lançada em 1977, fizemos leitura da 4ª. edição, publicada pela mesma Editora em 2004, o que já indica que a obra teve um público leitor significativo para passar por quatro edições. O livro é resultado, em grande parte, pela docência do autor, durante muitos anos, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, hoje Universidade de Sorocaba, quando ministrava aulas de Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas. Acrescente-se a isso a vivência do autor no contexto da sua proximidade de ações junto ao povo, ao operariado, ao universitário, tanto no Brasil, como no exterior. A intenção do autor foi oferecer conhecimentos básicos sobre Filosofia e Ciências Humanas, em uma linguagem simples, acessível, motivando para a leitura de outras obras, principalmente dos clássicos dessas áreas. Aldo trata, inicialmente,

de alguns conceitos sobre Filosofia e sobre Ciências Humanas, depois passa para os Planos do Saber Humano envolvendo o saber comum, o científico e o filosófico e algumas reflexões sobre Religião, Arte e Técnica; os Grandes Problemas Filosóficos: o problema do ser, do conhecimento e do valor; A Gênese e a Estruturação da Ciência; a Gênese das Ciências Humanas, envolvendo o mito, a religião, a filosofia e a ciência; ao tratar sobre as Ciências Humanas e Filosofia Contemporânea, apresenta aspectos básicos sobre Marxismo, Existencialismo e Personalismo. É realmente interessante que, ao terminarmos a leitura, estamos muito motivados a continuar lendo mais sobre esses temas e autores e a intenção é aprofundar conhecimentos, isso significa que o autor conseguiu o seu intento principalmente para aqueles que são iniciantes no assunto.

Percebemos que Aldo demonstra aqui uma de suas características que vai aparecer em outras de suas obras e em suas falas, que é a etimologia. Sua preocupação em explicar o sentido das palavras, suas origens, acaba ajudando na compreensão do assunto sobre o qual está tratando.

Considerando que existem muitas pessoas, mesmo intelectuais, que encaram a reflexão filosófica como uma preocupação paralisante, inútil, senão absurda, em contrapartida “O contexto cultural dos últimos anos não parece mais tão hostil à Filosofia no Brasil e no mundo. Superada a nossa Ditadura Militar e extinta a Guerra Fria, cresceu de ponto a demanda por ela. Deixou de ser proscrita pelos ditadores e ridicularizada pelos tecnocratas. Como disciplina, voltou às escolas, desde o nível infantil até o superior. Cresce, dia a dia, a sua produção bibliográfica e a consequente percepção de que ela transforma seus estudiosos em pessoas de alta capacidade crítica.” (p. 9).

Partindo principalmente de indagações, procura não só questionar, mas fazer reflexões a respeito, por exemplo, de Filosofia e Universidade: “Não é possível definir e vivenciar o sentido e a missão de uma Universidade sem recurso à Filosofia. [...]”. Ao apresentar o que é Universidade, um pouco de sua história e de muitos dos filósofos que nelas estiveram, questiona “por que e para que as nossas universidades brasileiras? Qual a missão da Universidade?” Mais adiante: “A rigor, todas as ciências são humanas, porque não há ciência sem o homem. Reserva-se, porém, o título de Ciências Humanas às que focalizam aspectos capitais da pessoa, como

a história, a política, a economia, a antropologia, a etnologia, a linguística, a demografia, a sociologia, a psicologia.” (p. 16).

“Em verdade, Ciências Humanas e Filosofia interpenetram-se, vivem intrinsecamente unidas, completando-se não apenas em tese, pois a maioria dos conceitos reflexivos em uso na ciência são, em última análise, conceitos filosóficos, mas também nas situações concretas da vida de cada um. São os problemas do destino humano, do comportamento social, da liberdade, da cultura, da subjetividade que se tocam aí, entre muitos outros. Por outro lado, em tudo isso se delineia uma concepção de vida, uma visão do homem, um sentido da história. E vêm as questões: que caminho tomar? Que fazer hoje, como indivíduo, como nação, como sociedade? Quais as respostas dadas à problemática atual ou a perseguir ainda?” (p. 19).

“Não se fundamenta nenhuma Ciência Humana sem usar a reflexão filosófica. Nem interessa, cedendo à miragem do enciclopedismo, coletar simplesmente dados incontáveis sobre o homem, dados desarrumados, sem rigor de método e objetividade. No âmago de toda Ciência Humana há sempre um enfoque crítico inevitável sobre pontos essenciais à vida humana, como, por exemplo: Qual a origem e o destino do homem? Em que medida o homem é produto de sua ambiência sociocultural? O que é o saber humano? Quais os problemas maiores a desafiar a Ciência hoje e por quê? O que afirmam as correntes da Filosofia Contemporânea sobre o mundo, a ciência, o homem? [...] Seria irracional pretender abarcar os fatos humanos eliminando os dados da Filosofia, como cairia no absurdo uma ciência do universo presa tão-somente a reflexões sobre o sujeito pensante, mesmo porque, sendo o homem parte da natureza, não é possível determinar-lhe o ser sem atender para o seu lugar no todo.” (p. 92).

“Filosofia e Ciências Humanas não se confinam num jardim fechado, como árvores proibidas, inatingíveis ao homem não iniciado. Pelo contrário, ninguém mais que o homem comum está tão perto do saber. É nas situações mais simples e normais do dia a dia que se descobre o ser humano. Aí Filosofia e Ciências Humanas poderão surpreendê-lo nu, verdadeiro, total. Esquadrinhando-lhe as palavras e os conceitos, os gestos e os cacoetes, o trabalho e o sonho, o silêncio e a voz, as contrações e os sorrisos, as dores e as esperanças, filósofos e cientistas poderão, conjuntamente, aproximar-se do cerne vivo do mistério humano.” (p. 148).

VANNUCCHI, Aldo. **Liturgia e libertação**. São Paulo: Loyola, 1982.

É um ensaio onde o autor apresenta seu ponto de vista para uma renovação da Liturgia. Inicialmente o autor publicou um artigo na Revista Eclesiástica Brasileira, em 1975. Retomou-o ampliando-o em estudos desenvolvidos no 2º Encontro Nacional de Professores de Liturgia, promovido pela CNBB, em 1981. Posteriormente, ele escreveu o livro onde amplia suas reflexões, trazendo conceitos de vários autores sobre os assuntos abordados, procurando reavaliar a Liturgia em termos de libertação do povo, principalmente na realidade brasileira e latino-americana, procurando analisar qual a contribuição da Liturgia numa Pastoral de Libertação.

Apresenta conceitos relacionados ao Concílio Vaticano II, ao Conselho Episcopal Latino-americano reunido em 1968 em Medelin, a Reunião de Puebla, em 1979 (indicando a opção preferencial da Igreja, pelos pobres), dentre outros.

Questiona se não seria a hora de se passar a explorar o dinamismo da libertação pela Liturgia, de educar o homem pela liberdade interior pela Liturgia. A Liturgia como um momento de comunhão e participação para uma evangelização que conduz à libertação cristã integral, como conversão e purificação constante em todos os cristãos e com ótica preferencial pelos pobres. Considera que o ritual, o movimento simbólico, pode ter efeito libertador. A Liturgia deve ser comunitária, encarnada, cristocêntrica.

Apresenta pressupostos bíblicos, teológicos, antropológicos, políticos. Considera a grande importância de fazer com que os fiéis participem indagando, respondendo, dialogando. Ao comentar sobre a celebração, analisa a mística, a emoção, o canto, a música, o calor humano, a linguagem.

“Longe de buscar na Liturgia, em certos lugares e horas, a evasão da realidade (liberdade de), os cristãos coerentes unem vitalmente todas as suas lutas pela justiça às lutas do próprio Cristo, vivo na Liturgia (liberdade para). Não aceitam, pois, nem o ritualismo -- predominância vazia de gestos e fórmulas sobre a disposição radical da pessoa – nem o angelismo – alienação paralisante dos que supervalorizam um falso mundo espiritual desligado da vida corrente. A verdadeira Liturgia insere-se, então, por completo, na realidade do mundo.” (p. 19).

Apresenta a frase do Papa João Paulo II, citada no discurso na abertura da Reunião de Puebla, em 1979: A Igreja “não necessita... recorrer a sistemas e ideologias para amar, defender e colaborar na libertação do homem: no centro da mensagem da qual é depositária e anunciadora, colaborar na libertação do homem: no centro da mensagem da qual é depositária e anunciadora, ela encontra inspiração para agir em favor da fraternidade, da justiça, da paz, contra as dominações, escravidões, discriminações, violências, atentados à liberdade religiosa, agressões contra o homem e tudo o que atenta contra a vida.” (p. 21).

“Se o povo brasileiro ‘adora’ ritos, como missões, romarias, procissões, novenas, rezas, bênçãos, promessas [...] Impossível falar da Liturgia e Libertação no Brasil e realizar algo de válido no setor, sem visualizar a catolicidade da Igreja de Jesus dentro de nossos condicionamentos culturais. Não será apesar deles, mas com eles e neles que o Salvador de toda a humanidade polarizará aqui, nas diferentes regiões de nossa Pátria, o anseio de realização plena, intratemporal e eterna, de nossa gente.” (p. 42).

“Encarecer o sentido de festa intrínseco à Liturgia nem de longe equivale a aprovar e promover cerimônias espetaculosas, missas-concertos, matrimônios-shows e outras coisas tais. [...] Ingênuo pensar que agora o povo participa, que agora vivemos uma Igreja mais ativa, porque se canta mais, porque os jovens tocam guitarra nas igrejas, porque as leituras são feitas até (?) por mulheres...” (p. 71).

“A Igreja em ação, isto é, no seu agir pastoral, catequético, litúrgico, não pode se desvincular das realidades econômicas, políticas e culturais. Se pretendemos, por conseguinte, que a Igreja, através da Liturgia, promova a libertação integral, isso não será viável com uma Liturgia alheia à realidade de opressão (basicamente econômica e política) em que vive (ou morre) o povo brasileiro.” (p. 79).

“Os símbolos da celebração são extraídos da vida da comunidade [...] Nas comunidades rurais, é comum ver celebrações em que os vasos litúrgicos são simples cuias; a toalha do altar, uma rede ou manta sobre toca mesa de uma casa; o ofertório à base da oferenda de produtos plantados e colhidos pelos participantes. Quantas vezes não participei de celebrações em que o pão eucarístico era este mesmo pão que compramos na padaria e comemos diariamente” (p. 107).

“O canto gera comunhão, ligando fé e emotividade, reflexão e sentimento, teologia e mística, rito e palavra, ideia e ideal, contemplação e ação, fiel e assembleia. [...] A linguagem da música faz entrar em solidariedade até os mais estranhos e distantes. Ultrapassa barreiras linguísticas e engole diferenças de raça“ (p. 111).

“Sem o calor humano, sem o sabor de festa, sem o envolvimento corpóreo, a Liturgia pouco significará para a gente e, o que é pior, nem será verdadeiramente ‘liturgia’, isto é, ‘ação do povo’” (p. 129).

VANNUCCHI, Aldo et al. **Fundamentos da Educação Moral e Cívica**. São Paulo: Loyola, 1982.

Após um Curso de Treinamento de Educação Moral e Cívica, realizado na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, em 1980, ministrado por professores da Faculdade, a direção da mesma achou oportuno oferecer a outros professores de Educação Moral e Cívica um pouco do conteúdo que foi oferecido no curso: Fundamentos Antropológicos da EMC - Aldo Vannucchi; Aspectos Psicológicos da EMC – Sonia Chébel Mercado Sparti; Pressupostos Ético-Religiosos da EMC – Jayme Rodrigues de Almeida Filho; A Educação Sexual dentro da EMC – José Mota Navarro. Incluiu-se também, nesse livro, um Apêndice do II Simpósio de Educação Moral e Cívica da Divisão Regional de Ensino de Sorocaba (17/11/1980).

Algumas citações de Aldo Vannucchi nessa obra: “Não se pode tratar de Educação e especialmente da EMC, sem focalizar os fundamentos antropológicos dessa disciplina ou atividade, isto é, sem penetrar e captar um pouco do mistério riquíssimo da existência humana, que se concretiza em cada ser humano. Seria válido tratar de EMC sem saber o que é o ser humano? Vale notar que essa fundamentação antropológica que expomos e defendemos não ocorre aqui por esnobismo intelectual nem por inclusão forçada de preferências pessoais. O próprio texto do Decreto-lei 869/69, que incluiu EMC como matéria obrigatória em todas as escolas do País, é que salienta isso, mencionando as ‘bases filosóficas’ [...] Bem sabemos que esse decreto-lei surgiu no contexto histórico do autoritarismo militar, trazendo no seu bojo a inevitável conotação do primado da ‘Segurança Nacional’. No entanto, é sempre verdade que a ‘obrigatoriedade da EMC é

menos uma imposição ao estudante – mesmo porque educação não se impõe – e mais uma convocação aos educadores’, pois destes últimos requer ‘uma filosofia de vida, uma cultura humanística satisfatória e uma visão clara do mundo e da hierarquia de seus valores culturais’. “ (p. 10).

“A maior reflexão do ser humano é a que ele faz sobre si mesmo, equilibrando-se entre a própria grandeza e as próprias limitações. [...] No campo prático da EMC, cumpre enfatizar ao máximo e sempre esse dado fundamental: o ser humano não é coisa. Ele não é. Ele existe. Coisas manipulam-se. Seres humanos comunicam-se, amam-se...” (p. 11).

“Ninguém só educa. Ninguém só é educado. Todos seremos sempre educadores e educandos. Porque cada pessoa tem seu acervo de experiência e seus níveis de conhecimento. Ninguém (nem mesmo a criança na pré-escola ou o caboclo analfabeto) é recipiente vazio a ser preenchido com palavras e imposições dos outros. [...] Cada um de nós tem sempre a sua palavra, o seu ser pessoal, a sua originalidade intransferível a ser respeitada e desenvolvida.” (p. 12).

“Os seres humanos, na mesma medida em que existem como pessoas livres e encarnadas, dialogam, intercambiando grandezas e limitações, num processo constante, porque diálogo é muitíssimo mais que conversa e convivência. Representa comunicação autêntica e entrega mútua, nos mais variados graus e níveis. Em se tratando de EMC [...] vale a pena levar os alunos a refletirem e debaterem juntos sobre as bases e os canais de diálogo, em nível de escola, de família, de país etc.” (p. 13-14).

“Parece-nos de suma importância ressaltar sempre o herói como expressão privilegiada, mas conatural ao povo. Se no Brasil de ontem e de hoje figuram personalidades excepcionais, não merece menor apreço o povo brasileiro como tal, com sua vocação histórica peculiar. E isso é capital em termos de civismo autêntico” (p. 16).

“Teria sentido ou seria possível verdadeira EMC sem a crença no Absoluto? [...] tarefa quase missionária do professor de EMC. Sem uma antropologia assumida com clareza e coerência, temos por vazio e inglório lecionar essa matéria.” (p. 17).

VANNUCCHI, Aldo (org.). **Paulo Freire ao Vivo**. São Paulo: Loyola, 1983.

No final do ano de 1980, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba realizou o “Projeto Vivendo e Aprendendo” com alunos, professores, interessados da comunidade e várias autoridades e líderes dos bairros. Dentre as principais propostas estava a revisão do processo educacional à luz do pensamento pedagógico de Paulo Freire. Na primeira fase houve duas palestras introdutórias sobre a educação como prática da liberdade e conscientização, à luz da experiência de Paulo Freire, dadas por dois professores da Faculdade, no primeiro dia o Prof. Wladimir dos Santos e no segundo dia o Prof. Aldo Vannucchi. Na segunda fase aconteceram 3 seminários coordenados pelo próprio Paulo Freire, em três semanas consecutivas. Posteriormente, em 7 de novembro de 1981, Paulo Freire voltou a Sorocaba retomando alguns temas da sua pedagogia libertadora, ampliando as ideias dos seminários de 1980. O livro, ora apresentado, é uma reprodução fiel das conferências com debates, tanto de 1980 como de 1981. A proposta de Paulo Freire é que se fizessem perguntas, que seriam respondidas por ele, e, a partir disso, surgissem debates. (Realizadas em: 24/10/1980; 31/10/1980; 07/11/1980; 07/11/1981)

Aldo considerou esse Projeto importante porque, “de modo geral, os sistemas educativos baseiam-se numa estrutura elitista, em que cada passo dentro do processo escolar visa a preparar os alunos para o passo seguinte, até a Universidade. Durante esse percurso, os menos privilegiados vão sendo excluídos, porque a escola é toda estruturada para os que chegam a ela aptos a compreender a sua linguagem. As crianças das camadas mais baixas são alfabetizadas com cartilhas que falam de uma realidade que não é a sua, pois foram feitas para as crianças das classes média e alta. Assim, as crianças são incentivadas a comer carne nas refeições, quando em sua casa a alimentação diária é, quando muito, arroz e feijão.” (p. 6).

Além disso, considera que o conteúdo, durante o processo escolar, está desvinculado da realidade porque a maioria da clientela é de classe desprivilegiada. Assim, os excluídos acabam achando que são inferiores e os que “chegam lá” são considerados superiores. Tudo isso mantém e pereniza divisões e privilégios.

Na segunda noite, Aldo, com sua característica pertinente de utilizar vocabulário o mais simples possível e comparações com o cotidiano, abordou as bases filosóficas da Pedagogia de Paulo Freire, considerando que a Pedagogia Libertadora não se realiza por simples reformas nem por meras denúncias verbais; realiza-se pela ruptura com a situação vigente e pela criação de algo novo. Como? Pela práxis de Comunicação e Participação, ou seja, por um processo dialético, constante e endógeno, de Emergência, através do Diálogo que é colaboração, união, organização e síntese. E Aldo procurou explicar cada um desses aspectos. Dentre eles, falou sobre a Práxis considerando-a não uma palavra nova, mas que já apareceu no Novo Testamento, em grego e foi utilizada também por Aristóteles: “Mas o que é práxis? Práxis não é a mesma coisa que teoria e não é a mesma coisa que prática. É uma palavra riquíssima que supõe o quê? Que é o quê? Ação e reflexão sobre o mundo. Ação e reflexão sobre a realidade, sobre tudo, então. Mundo e Filosofia, tem um sentido assim muito rico, é a realidade global. Não é só teoria, só ideias, não é também só ativismo, só movimentação, mas é ação e reflexão. As duas concomitantes. Pode haver momentos fortes, mais de ação que de reflexão, pode haver momentos mais fortes em reflexão do que em ação, mas o ideal humano é sempre de ação e reflexão sobre o mundo.” (p. 25).

“Ação e reflexão. Por isso o melhor trabalho da escola não é a prova, mas é o trabalho que o aluno fez, que cada um pesquisou, que cada um construiu a partir de uma sugestão, a partir de um livro, de uma leitura, mas que ele construiu.” (p. 26).

“Nós queremos uma práxis de comunicação e participação. [...] Práxis de comunicação e participação por quê? Por causa da vocação ontológica e histórica do ser humano. Vocação ontológica é aquilo que define o nosso ser. Ontológico quer dizer, referente ao ser. [...] O que é vocação ontológica humana? É o chamamento que cada um de nós tem a ser. Ser o quê? Aí é que a gente precisa parar um pouquinho. A ser. Primeiro: ser existência. Nós não somos chamados apenas a ser, mas somos chamados também a existir. As pedras são pedras, os sapos são, as paredes são, as montanhas são. As pessoas humanas não apenas são, mas existem. É um tipo de ser superior. A própria palavra existir mostra bem isso. Eu sempre insisto isso nas aulas. Existir. Pensem em um verbo parecido. Desistir, por exemplo. Desistir o que é? É tirar o corpo fora. De-sistir, tirar o corpo fora.

O prefixo ‘de’ aí é saltar de lado, de-sistir. [...] Existir, em latim ‘Exsistere’ quer dizer, estar firme, sustentar-se. Desistir é deixar de estar firme, sustentar-se. Existir é não só estar firme, é tomar uma certa distância para refletir sobre o próprio ser. [...] Eu não só existo, mas eu sei que existo. Eu não só existo, mas eu posso refletir sobre o meu existir.

A vocação ontológica do ser humano, pois, é existência. É existir e não apenas ser. E existir para o ser humano é o existir cultural. O ser humano não apenas existe no sentido de ele ser capaz de refletir, mas ele é capaz também de fazer cultura, quer dizer, ele transforma a natureza. Eu sempre digo nas aulas: leite é natureza e queijo é cultura. [...] O que a natureza dá, isso é natureza. O que é cultura? Aquilo que já supõe o trabalho, a inteligência, a mão, a perspicácia, o esforço humano. Água é natureza, monjolo é cultura. Árvore é natureza, livro já é cultura. Terra é natureza, tijolo já é cultura. [...] O pessoal acha que cultura é ter diplomas, é ter cursos, é ter livros em casa, é ter estudos, saber várias línguas. Isso não é cultura no sentido exato. Isso é erudição ou, quem sabe, um tipo de cultura. Cultura é a transformação da natureza, que é viável a qualquer ser humano” (p. 27-28).

“A vocação de toda pessoa humana é existência, é cultura e é história. Então, é vocação ontológica e histórica.” Então, a prática que a gente defende, que Paulo Freire defende, na qual eu acredito, pela qual eu venho lutando também, é que a nossa práxis deve ser comunicação e participação. Vejam: de comunicação e participação. Porque nós não existimos sozinhos, porque o nosso ser gente, ser pessoa humana é existir, existir com outros, transformando a natureza, fazendo cultura, participando e fazendo História. Participando ativamente e não apenas como brinquedo, como pedra na enxurrada” (p. 30).

“No pensamento de Paulo Freire o que é dialética? É a contradição positiva.

Tudo tem o seu lado positivo, o seu lado negativo e a sua síntese. Existe a tese, a anti-tese e a sin-tese, síntese. [...] a práxis que a gente defende, na qual a gente acredita, é um processo dialético, mas um processo dialético que tem que ser conhecido e explicado e percebido, assimilado. [...] O importante é ir ao povo, para com ele discutir o problema. É ver, então, a partir dali, da realidade, da dialética, do dia a dia, a realidade qual é, e como ela pode ser mudada. [...] esse é um processo endógeno. [...] Endógeno, que

veio de dentro. Não só está dentro, mas veio de dentro. [...] que a gente não apenas tem consciência [...] mas tem a consciência de [...] a consciência humana não é apenas consciência, mas é consciência de.” (p. 32-35).

“O ‘diálogo’, para Paulo Freire, é ‘colaboração’, antes de mais nada, co-laboração. Diálogo é, antes de mais nada, trabalhar junto, co-laboração, é dar duro junto, com os outros.” (p. 39).

“O antidiálogo fala na divisão, o diálogo fala na união. [...] O diálogo não tem nada de poético em Paulo Freire. É união, é trabalhar junto, pela união, na união, com organização. É preciso organização.” (p. 41).

Após comentar mais sobre síntese, invasão cultural e sobre a sala de aula, Aldo finaliza dizendo “A gente vem de fora, mas para ‘conhecer com’ e não para transmitir ou simplesmente despejar nos outros a própria bagagem.” (p. 43).

A seguir, o livro apresenta a transcrição das conferências de Paulo Freire, em verdade, uma síntese de sua proposta pedagógica, que vale a pena conhecer.

Realmente foi um privilégio para os professores que puderam assisti-las. Só estive presente em uma delas, mas a marca da calma, da tranquilidade, da naturalidade, espontaneidade de Paulo falando sobre aquilo em que acreditava, como um grande contador de histórias, ficou gravada para sempre.

Aldo contou-me que, quando fez convite a Paulo Freire para vir a Sorocaba, ele aceitou prontamente. “E hoje, pensando, fico até com vergonha, pois convidei e nunca lhe paguei nada, nenhum tostão, ele nunca cobrou nada para vir, vinha com o maior prazer.”

Antonio Carlos Bramante, Paulo Freire, Aldo Vannucchi. Palestra em Sorocaba



Acervo da família

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**. São Paulo: Loyola, 1987.

Esta análise foi realizada de acordo com a edição publicada em 1999. O livro é dividido em 5 partes: Inicialmente o autor fala sobre: Um pouco de Filosofia da Cultura Brasileira; a seguir sobre A Cultura Brasileira como Problema Político; Cultura Popular Brasileira; Cultura de Massa no Brasil e conclui com a Cultura Brasileira do Amanhã.

Na Apresentação ele considera que “O objetivo deste livro é muito simples e, ao mesmo tempo, importante: oferecer noções e informações claras e seguras a quem pretende iniciar uma reflexão orgânica sobre as questões básicas da cultura brasileira, a saber, o que ela é e quais suas manifestações específicas. [...] Daí o propósito deste livro: a análise do ser cultural no contexto determinadamente brasileiro, com todos os seus ingredientes estáticos e dinâmicos, positivos e negativos.” (p. 9).

Elaborado a partir de aulas e debates num curso de Filosofia, este livro fundamenta-se na convicção de que a cultura brasileira não nasce

nem se desenvolve ilhada dentro de muros universitários e de espaços acadêmicos, senão na vida cotidiana de todos os brasileiros, como fenômeno histórico enraizado em nossa realidade econômica e social.” (p. 10-11).

Quando está apresentando conceitos sobre cultura, considera que “o ser humano não se caracteriza, exclusivamente, como conhecedor de dados e informações culturais. Ele é também e principalmente um agente de cultura, ainda que, muitas vezes, não tenha consciência disso. E agente cultural de atividade incessante, seja caçando, para matar a fome, seja recorrendo a divindades, em oração, seja ordenando vacas, seja operando computadores. [...] São agentes da cultura tanto um lavrador quanto um diplomata.” (p. 21-22).

“Podemos dizer que cultura é tudo aquilo que não é natureza. Por sua vez, toda ação humana, na natureza e com a natureza é cultura. A terra é natureza, mas o plantio é cultura. O mar é natureza, mas a navegação é cultura. As árvores são natureza, mas o papel que delas provém é cultura. Em resumo: tudo o que é produzido pelo ser humano é cultura. [...] o existir humano é essencialmente cultural. [...] os homens são seres culturais por natureza.” (p. 23-24).

E quando comenta sobre cultura e desenvolvimento, ele considera que “Se cultura é produção específica do ser humano em sua encarnação histórica, somente no desenvolvimento é que ela florescerá plenamente, graças à capacidade tanto de multiplicar um sem-número de obras, como de acrescentar e questionar o sentido dessas obras, redefinindo-as ou rearticulando-as, segundo novos padrões e em função de novos projetos, num processo sem fim.” (p. 68-69).

Apresentando como um dos conceitos “política cultural é o conjunto das grandes linhas pelas quais o Estado regula sua ação no campo da cultura.” (p. 77), faz um levantamento da política cultural no Brasil, considerando que no Brasil-Colônia ela era política de desprezo, do desrespeito, da dizimação da cultura nativa, num processo de aculturação predatória que até hoje não se estancou por completo. Foi uma política repressiva que mandou queimar e colocar por terra a primeira gráfica aqui instalada. A imprensa era proibida e instrução superior só indo para Portugal. E isso continuou acontecendo e somente em 1808, com a família real chegando no Brasil, fugindo de Napoleão, é que teremos o primeiro jornal, a im-

pressão dos primeiros livros, a primeira biblioteca pública e os primeiros cursos superiores.

Havia uma cultura da imitação, da alienação, a cultura das elites para as elites, numa sociedade escravista em que as vozes populares não tinham vez. Mas acaba citando que, no final do século XIX, isso não impediu que surgisse uma figura feminina tão admirável como Chiquinha Gonzaga rompendo todas as barreiras da época, compondo setenta e sete partituras para peças teatrais e duas mil composições populares.

“Política cultural é tema obrigatório para debate em todos os níveis, com a participação a mais larga e diferenciada possível dos cidadãos, num processo aberto e permanente, porquanto a democracia não se realiza nem se esgota pela simples escolha dos nossos representantes no poder executivo e legislativo, como se estivessemos entregando às mãos deles os nossos direitos e aspirações. Esse debate democrático envolve valorização das manifestações do povo, melhor explicitação dos legítimos interesses culturais dos explorados, mobilização por mais caminhos de acesso aos bens culturais e mais liberdade de criação. E isso deve valer também para os milhões de brasileiros afundados na miséria, porque cultura é, acima de tudo, a produção consciente e digna da própria existência pessoal.” (p. 91).

Aldo continua apresentando dados históricos bastante significativos para quem quer ou precisa saber sobre a Cultura Brasileira e, nesses casos, há necessidade de ler a obra que, apesar de ter sido escrita em 1987 e esta edição ser de 1999, tem muito a ver com a atualidade.

VANNUCCHI, Aldo. **Caso você case**. São Paulo: Loyola, 1990.

Em verdade, este é um manual que Aldo elaborou a pedido de várias pessoas amigas e do Movimento Familiar Cristão – MFC de Sorocaba, objetivando a preparação para o casamento, para ser usado não só para leitura, mas principalmente como um roteiro organizador de reflexão orientada, para ser utilizado nos cursos de preparação de casais. Envolve temas como aspectos jurídicos, paternidade responsável, planejamento familiar e outros tão necessários àqueles que têm como meta um casamento feliz, bem realizado, com suporte material, psicológico e sob bases cristãs. Com linguagem simples, sempre relacionan-

do os temas com experiências vivenciais do dia a dia, Aldo demonstra a importância de conscientizar-se de dificuldades e prazeres da convivência de um casal que aspira a felicidade a dois, no matrimônio. Sempre insistindo para que cada casal, juntos, verifiquem quem são, como estão e o que querem, na sua forma de explanar com simplicidade e realidade, não deixa de colocar sempre um pouco de humor, no texto, como na citação do provérbio russo: ‘Antes de partir para a guerra, reze uma vez; antes de viajar por mar, reze duas vezes; antes de se casar, reze três vezes.’

VANNUCCHI, Aldo. **Recônditas lembranças**. Sorocaba: UNISO, 2001.

Alguns amigos de Aldo Vannucchi, tendo em mãos os poemas escritos por ele, resolveram fazer-lhe uma surpresa, publicando, pela UNISO, 36 poemas escritos por ele, apresentando-lhe a obra quando estava comemorando seus 73 anos de idade. Um dos amigos, Jorge Narciso de Matos, que faz a apresentação da publicação, escreve o seguinte: ‘Para todos aqueles que bem conhecem e admiram a cultura, a verve, a eloquência e o dinamismo do autor, vê-lo utilizando a poesia como forma de expressão é algo um pouco inusitado, porém, se formos um pouco mais a fundo, distanciando-o das instâncias em que ao longo dos anos o envolveram e envolvem na vida religiosa, na educação e na defesa de suas claras convicções, encontram sempre no Prof. Aldo um humanista em sua mais completa tradução.’ (p. 3).

Anos depois, ao escrever sua Autobiografia Poética, Aldo retoma esses textos nessa nova publicação, acrescida de outros poemas e comentários sobre sua biografia, conforme citamos, neste livro.

VANNUCCHI, Aldo. **Meus caríssimos**. Sorocaba: Uniso, 2002

Esse pequeno livro, reúne 12 homilias (termo preferido pelo autor, em vez de sermões) que foram realizadas durante as missas na Igreja São José Operário, em Sorocaba, durante o ano de 1968, quando era sacerdote

nessa Igreja. Nessa época, uma de suas alunas do Curso de Pedagogia, na FAFI, Sonia Chébel, tocava órgão nas missas e, sem Aldo saber ou permitir, colocava um gravador perto do órgão e gravava as homilias, que preservou durante muito tempo. Portanto, anos depois, essa publicação denominada **Meus Caríssimos** (O sacerdote iniciava toda homilia dizendo: “Meus caríssimos irmãos”) foi realizada por um grupo de professores e funcionários da UNISO, como uma dupla homenagem ao autor (na época da publicação, reitor da UNISO): pelo seu aniversário de 74 anos e pela concessão do Título de Cidadão Sorocabano, recebido pela Câmara Municipal de Sorocaba. Percebe-se que, até hoje, muitas dessas homilias não perderam sua vitalidade, pois as mensagens que passam continuam sendo muito atuais, sobre a realidade do país, nos dias de hoje.

Continuamos vendo um pregador semeando as palavras do Evangelho, com muita simplicidade e clareza nos textos com linguagem simples e próxima daqueles receptores, tornando-se prédicas facilmente compreensíveis.

Em uma de nossas conversas Aldo disse ser mais interessante, em vez de Sermões considerar os textos como homilias, porque sermão tem um significado mais pesado, de cobrança, podendo ser considerado moralizador e até enfadonho; enquanto homilia seria uma preleção de um sacerdote após a leitura de trecho do evangelho explicitando, aos presentes, o significado daquela passagem bíblica, procurando adequá-la ao contexto daquele momento e dos ouvintes, procurando aproximação a Deus, como se fosse uma conversa familiar.

Para demonstrar a atualidade de certas passagens, ou citações, transcrevo, aqui, alguns trechos dessas homilias, e observe-se que foram apresentadas em 1968:

“Deus gosta de nós, não porque nós somos bons, mas para nós sermos bons, para nós melhorarmos.” (p. 6).

“Ninguém resiste ao amor, à bondade, à paciência. É por isso que eu estou contra o governo atual. Ouviu bem? É por isso que este padre aqui está contra o governo atual. Por quê? Porque este governo atual está querendo resolver tudo na bala. Será que está tudo certo no país? Será que ninguém tem direito de reclamar, será que a escola está aberta para todos, para os pobres também? Todas as escolas? Será que remédio está barato? Será que todo mundo já sabe escrever e sabe ler? Está cheio de coisas

erradas. E é pecado falar das coisas erradas? Ao contrário, é obrigação nossa. E como é que se resolvem as coisas erradas? É fazendo esforço para corrigir, não é dizendo que está tudo certo, não é espancando, não é prendendo quem grita, não é chamando de comunista o padre que fala. Meus irmãos, em ponto pequeno, de família é a mesma coisa. [...] Alguma coisa errada deve estar havendo lá dentro. Como é que se resolve? Não é xingando, não é castigando... Não é assim que se resolve... É se entendendo, é procurando compreender. Isso, no âmbito grande do país, isso no terreno pequenininho do lar, em qualquer situação.“ (p. 7-8).

“É o Espírito Santo que revela para a gente o caminho que a gente deve fazer, quais as atitudes que a gente deve tomar. Ser Cristão é uma atitude básica, é uma graça fundamental, é como nascer para Deus, é como planta que já nasceu; mas para a planta crescer, ela ainda precisa de muito sol, de muita chuva, de esterco, de cuidado e de carinho.” (p. 9).

“Caridade e amor que não é apenas esse amor para os de casa, mas para os de fora também. Caridade e amor que nos leva, inclusive, a lutar contra tudo o que está errado, contra toda injustiça e exploração, seja do Governo, do presidente da República ou do governador, seja a do patrão ou a do colega, porque nós queremos que as pessoas sejam respeitadas, porque todos precisam ser valorizados como pessoas, como filhos de Deus.“ (p. 16).

“A gente deve procurar amar. Quem ama não se impõe, quem ama existe para o outro, dobra-se para o outro, compreende o outro, serve o outro. E então, não é que propriamente se imponha, mas se une ao outro.“ (p. 16).

“Não interessa acabar de pintar esta igreja. Não interessa ficar mais rica esta igreja; não interessa fazer mais altar aqui; não interessa mais imagem de santo. O que é que interessa? O que interessa é a grande obra comum: nós continuarmos nos unindo, nos querendo bem. Isso é o que Deus quer. Isso é que é importante.” (p. 16-17).

VANNUCCHI, Aldo. A Morte no Saber Popular. In: UNISO. PUCSP- CCMB (orgs.). **Diálogos interuniversitários**: vida e morte, educação e saúde. Sorocaba: Arte & Ciência, 2002. p. 145-148.

Aldo Vannucchi foi um dos principais responsáveis pela organização da obra referente. É a compilação de textos dos professores da UNISO e da PUC. Importa salientar seu conteúdo de grande significado e as pessoas com as quais esteve envolvido. Foram sete mesas-redondas realizadas nos auditórios da PUC e da UNISO, em Sorocaba, no ano de 1998, debatendo os temas: Educação e Cidadania; Progresso e Qualidade de Vida: Desenvolvimento Sustentado; Vida depois dos 60 anos; Doação de Órgãos; Doentes Terminais: Cuidados e Aspectos Psicológicos; Eutanásia; Morte: Conhecimento e Significado. Os autores dos textos são: Wilson Sandano; Sonia Chébel Mercado Sparti; Sérgio von Kakauer Hübner; Walter Barella; Marcos Reigota; Manuel A. M. Payés; Luiz Octávio de Lima Camargo; Paulo Renato Canineu; Paulo de Góes; José Carlos Rossini Iglesias; Francisco Carlos de Andrade Neto; Eduardo Martines Jr.; Eni de Jesus Rolim; Eliete Jussara Nogueira; Maura Roberti; José Mauro da Silva Rodrigues; Aldo Vannucchi; Ana Laura Schliemann; Nilton Aquiles von Zuben; José Roberto Pretel P. Job.

Coube ao Aldo Vannucchi o tema: A Morte no Saber Popular, do qual apresentamos algumas breves citações: “Mais que nunca sentimos que viver é estar em trânsito até a última viagem. Pedestres, montados, motorizados, navegantes, aeronautas, astronautas, internautas, estamos em viagem para o além, até o passamento ‘desta para melhor’. É o que sintetizava uma tumba romana: ‘Non obiit, abiit’, isto é, ‘Não morreu, partiu’. De novo, percebe-se a visão otimista: se a morte é a meta, a esperança é a luz na caminhada para ela.” (p. 147).

“Ser e não-ser, aparência e realidade, imanência e transcendência, tudo isso permeia, de modo latente, o matutar de qualquer pessoa. Quem não se pergunta donde veio e para onde vai? Quem não sonha a esperança de domar a morte?

E, na verdade, o máximo que podemos almejar é aprender a viver com ela, evitando o antropologismo dos que se julgam proprietários da vida e do mundo. A nossa pequenez e a nossa grandeza está em sermos

bons viajantes na terra, viajantes de uma viagem que não escolhemos ao nascer e não sabemos como vai terminar.” (p. 148).

VANNUCCHI, Aldo. **A Hora do Angelus**. Sorocaba: UNISO, 2003.

Aldo teve um programa diário, na Rádio Cacique de Sorocaba, durante anos. Esse programa chamava-se “Hora do Angelus”, momento em que Aldo fazia reflexões sobre acontecimentos cotidianos à luz da mensagem evangélica. O livro em questão é a compilação das reflexões feitas por Aldo, nesse programa, durante o primeiro semestre de 1968. Sonia Chébel Mercado Sparti, que era sua aluna no Curso de Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, sabendo que a rádio não mantinha arquivo sonoro de sua programação, resolveu gravar o programa durante 1968, mas só foi possível no primeiro semestre pois a partir de julho Aldo já estava novamente na Europa.

Nessas reflexões, continuamos a ver o padre, o semeador que sai para semear, que prega o Amor, a Paz, a Fraternidade. Mesmo quando há algum tipo de crítica social ela é para a conscientização da luta para o bem comum, luta voltada à Paz, à Justiça, à Fé Cristã, a valorização do trabalho para o desenvolvimento da humanidade; o baixo índice da média de vida dos brasileiros, os problemas de saúde e a falta de médicos; o baixo salário mínimo; a necessidade de o governo ser mais humilde; a necessidade de o jovem conscientizar-se mas não ser baderneiro; o direito de o trabalhador participar de associações, sem represália.; não devemos reduzir a prática da nossa fé a meros atos exteriores como o culto às imagens; hoje não há mais a necessidade de grandes e suntuosas igrejas. Elogia e demonstra a importância da figura de Marthin Luther King, pastor norte-americano, que não era católico, mas era cristão.

Para ilustrar, aqui vão alguns trechos de suas falas:

“A mensagem de Cristo é amor, é justiça, é verdade, de culto sincero e verdadeiro a Deus, é serviço fraternal aos homens, é valorização do homem, da terra, do mundo, numa perspectiva de eternidade. [...] O Pai lançou no terreno fértil do coração de todos os homens as sementes do Verbo, semente de verdade e de amor, que são, por assim dizer, centelhas, fagulhas, raios daquilo que é a própria personalidade divina de Jesus. Ele

não atingiu apenas, mas continua atingindo e atingirá sempre a todas as criaturas de maneiras as mais diversas, os atentos e os distraídos, amigos e inimigos, crentes e incrédulos, todos somos atingidos pelo poder de atração de Cristo Jesus. [...] Cristo continua vivo, e numa vida não apenas abstrata, distante, lá no infinito do céu, mas numa vida concretizada na pessoa de cada um de nós, na realidade de cada fato, no concreto de cada dia de nossa vida de todos os homens. Onde alguém fizer um gesto de bondade, Cristo está presente! Onde houver alguém levantando a voz para combater a injustiça, Cristo está presente! Onde se pregar o amor, a fraternidade, é Cristo que está ali bem vivo. É por isso que nós devemos perguntar a nós próprios: ‘Em mim, em nós, o Cristo está assim bem vivo, bem fascinante, bem Ele, Jesus, o Salvador?’ ” (p. 18-19)

“De vez em quando é preciso pensar na situação da nossa realidade brasileira, nas suas obrigações e esperanças, para que não se pense por aí, especialmente nas altas esferas do governo, que tudo vai bem nessa casa descoberta por Cabral. Se há uma coisa que vai bem, uma das poucas coisas no Brasil, hoje, é o povo, de uma paciência impressionante, aguentando tantas e tantas injustiças, tantas e tantas decepções. Tantas promessas têm sido feitas nestes últimos anos, pouca coisa se vê. Muita gente ainda quer defender a situação atual, dizendo que pelo menos não há mais subversão, não há mais comunismo, não há mais corrupção. Quanta ingenuidade! Tudo isso continua havendo! Pior ainda, continua a haver muito mais violência, corroendo tudo lá por dentro. [...] É preciso de vez em quando, lembrar essas coisas, para que não pensem, nas altas autoridades, que o povo está muito satisfeito, manda lembranças e vai bem. [...] Como cristãos, como brasileiros, nós podemos mudar e transformar essa situação, com colaboração, com trabalho e todas as bênçãos de uma generosidade impressionante e não com promessas subversivas, com ameaças ou cassações e intervenções, e outras tantas armas antidemocráticas.” (p. 32-33).

“Nada mais bonito do que alguém fiel aos seus compromissos. [...] Dai e vos será dado. Somente quem sabe dar de si, quem sabe abrir mão de alguma coisa que é sua é que pode ser fiel, porque o ambicioso, aquele que quer sempre mais dos outros, este, necessariamente, repele a fidelidade.” (p. 46).

“O homem de hoje não pode aceitar a permanência da guerra sobre a face da Terra! A Inteligência desenvolvida e o coração sensível do homem

de hoje têm que gritar contra a bestialidade da guerra, seja ela defendida, apregoada ou pretendida como defesa desse ou daquele valor.” (p. 52).

“Deus se encontra onde houver a justiça, a verdade e o amor.” (p. 54).

“E que ninguém diga, tentando iludir a realidade, que esse mesmo povo gasta dinheiro à toa, em carnaval. Na realidade, os gastos perdulários, os gastos faraônicos, no carnaval, são dos ultrarricos. O povo gastou um dinheirinho modestíssimo e tinha direito de se divertir.” (p. 58).

A esmola não resolve os grandes problemas nacionais de desemprego, de fome, de analfabetismo, de doença.” (p. 62).

Comentando a respeito da prisão dele, 4 anos antes, em Sorocaba, pela Ditadura:

“O governo brasileiro atual precisaria ter um pouco mais de humildade para lembrar-se deste que é Superior a ele, e é Deus Nosso Senhor. Humildade para lembrar-se daqueles que constituem a massa, o povo brasileiro, o povo que é quem trabalha, que é quem constrói o país, que é quem paga os impostos, esse povo não pode ser tratado como analfabeto, como indigno e incapaz de votar num voto direto, livre, como se fosse feito de uma corja, de uma alcateia de assassinos, de criminosos, esse povo não pode ser tachado de comunista, só porque pede pão e salário melhor!” (p. 96-97).

Comentando sobre a morte de Marthin Luther King:

“Hoje é dia de luto pela morte do grande pastor Marthin Luther King, o grande negro norte-americano que foi assassinado ontem à noite, nos Estados Unidos, assassinado barbaramente por alguém que não aceitava, como muitos outros ainda não aceitam, que branco e preto somos todos iguais, todos filhos de Deus, todos com direitos iguais. [...] Como mataram o Dr. King ontem, como matarão amanhã, depois de amanhã e sempre aquele que, como Cristo, vem para pregar a igualdade fundamental de todos os homens, o destino eterno de todos os homens a uma felicidade verdadeira.” (p. 98).

Demonstrando que um dos motivos do trabalho constante dele pelos pobres e operários simplesmente fazia parte do Concílio Vaticano II, que muitos desconheciam (aliás, muitos ainda desconhecem) ele inclui o trecho que aqui vai: “Entre os direitos fundamentais da pessoa humana, deve-se enumerar o direito dos trabalhadores de fundarem livremente associações que possam representá-los de modo eficiente e contribuir para

organizar a vida econômica na reta ordem, assim como o direito de participarem com liberdade nas atividades dessas associações, sem o perigo de represálias.” (p. 116).

E mesmo lutando por aquilo que era direito de todos, a conscientização, o direito à liberdade dentro da ordem, da justiça, da Paz, o programa de rádio foi interrompido, pois Aldo, preocupado, precisou retirar-se do país.

“Não é a velhice que é triste, mas é sim o coração envelhecido pelo desprazer, pelo desânimo, pela falta de fé.” (p. 127).

VANNUCCHI. Aldo. **A Universidade Comunitária:** o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.

Envolvido significativamente com a UNISO e com a Educação Superior, não só de Sorocaba e região, mas do Brasil, o Prof. Aldo Vannucchi foi um dos principais apoiadores para que a UNISO fosse uma universidade comunitária e participou da criação da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC, tendo sido seu presidente. Dando palestras Brasil a fora, sentia a necessidade de esclarecer ainda mais as dúvidas de muitos que não sabiam o que era uma universidade comunitária e decidiu escrever o livro explicitando sobre o assunto. Esse livro passou a ser uma das maiores referências para essa compreensão, pela clareza da linguagem e conteúdo. Nele, apresenta dados sobre o surgimento das universidades comunitárias; o que é; a missão; o ensino a pesquisa e a extensão em uma universidade comunitária; como se realiza a gestão, a avaliação e a ética nessas instituições. Além disso, conta sobre a criação da ABRUC e apresenta seu estatuto. Lembro-me dos anos em que eu estava como pró-reitor de Graduação e participava de muitas reuniões do Fórum de Graduação das Universidades Brasileiras - FORGRAD, em vários pontos do Brasil. Havia momentos em que nos reuníamos em grupos separados por categoria jurídica e as instituições comunitárias ficavam no grupo das universidades particulares. Isso me incomodava e a muitos pró-reitores das comunitárias, pois os assuntos que eram debatidos nem sempre condiziam com nossa condição. Aos poucos, as comunitárias foram agrupando-se, nos fóruns, e solicitando que fossem separadas em grupo específico. Muitos

pró-reitores das públicas e privadas ainda não entendiam o que era uma universidade comunitária. O livro do Prof. Aldo colaborou muito para esclarecer o assunto e passou a ser solicitado nos encontros, quando então eu levava alguns exemplares para presentear os participantes. Aos poucos, o grupo das comunitárias passou a ter uma participação efetiva, mostrando suas características e qualidades, encontrando um espaço cada vez mais respeitado no FORGRAD.

Temos a salientar, inclusive, a presença do Prof. Aldo Vannucchi, como convidado, nesses fóruns, como palestrante, explicitando sobre as universidades comunitárias e abrindo alguns desses Fóruns ou apresentando palestras sobre o assunto, fazendo com que a UNISO e as universidades comunitárias mostrassem, cada vez mais, seu trabalho no Ensino Superior Brasileiro. Abaixo, cito apenas alguns trechos, para ilustrar um pouco das suas reflexões:

“O melhor retrato de uma universidade comunitária deverá ser contemplado no seu Projeto Político-Pedagógico Global ou Plano de Desenvolvimento Institucional. Aí se apontam sua missão, seus princípios fundamentais, suas diretrizes pedagógicas, seus objetivos, suas metas. Explícita como realiza no dia a dia suas funções de ensino, pesquisa e extensão e como se desenvolve sua administração. [...] o caráter comunitário não é nem pode ser jamais fator limitante, como se a diminuísse perante as instituições irmãs, estatais ou privadas. Pelo contrário, constitui um impulso a mais para a qualidade e para a busca de resultados sociais, porque tem o compromisso específico de trabalhar como comunidade e com a comunidade, tanto a interna quanto a externa, ‘dentro de uma visão ética de formação e construção de cidadania’, conforme o Artigo 8º do Estatuto da ABRUC.

A universidade comunitária distingue-se, assim, pela participação institucional efetiva de todos os seus segmentos na concretização dos seus objetivos e funções, sem os liames da burocracia governamental e sem o império do lucro de uma empresa. Razão por que envolve sempre professores, funcionários, alunos e representantes da sociedade tanto na elaboração de seu planejamento estratégico e na tomada de suas decisões maiores como na corresponsabilidade vivenciada no cotidiano por todos os seus segmentos. [...] A universidade comunitária não é uma universidade comum; é uma universidade diferente da estatal e da empresarial; é uma universidade da comunidade, ou seja, pertence a uma comunidade; é uma universidade para

a comunidade, ou seja, a sua missão somente se realiza de fato na interação com a comunidade; é uma universidade dirigida por representantes internos e externos dessa comunidade; é uma universidade mantida por uma pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos; é uma universidade que executa um serviço público, embora não estatal.” (p. 31, 32).

Acaba propondo o seguinte conceito: “Universidade comunitária é uma universidade sem fins lucrativos, pertencente a uma comunidade e dirigida por representantes dessa comunidade, comprometidos com o desenvolvimento dela.” (p. 32).

Aldo continua explicitando como acontecem ou devem acontecer os vários temas pertinentes às comunitárias. Vale a pena verificar.

Posse do Prof. Aldo Vannucchi para Presidência da ABRUC (23/09/2003)



Acervo Assecoms

VANNUCCHI, Aldo. **Deus e o Diabo por trás das palavras**. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

Aldo Vannucchi sempre foi um apaixonado pela etimologia. Em suas aulas, palestras, livros e mesmo em muitos contatos do dia a dia, sempre demonstrou isso dando explicações sobre palavras relacionadas aos assuntos tratados. Com a maior naturalidade, de repente, está explicando a origem, a formação de palavras e, com isso, auxiliando no entendimento. Esse interesse pelas palavras levou-o a escrever o livro ora em questão. Não há a preocupação em ser um dicionário, mas do contexto de seu universo vivencial, acabou selecionando muitas palavras e apresentando sua origem e evolução, principalmente muitas daquelas que utilizamos quase que diariamente e que têm formação relacionada ao universo religioso e ou da mitologia.

Normalmente muitas pessoas não acham agradável pegar um dicionário e ler o sentido ou formação das palavras, em sequência, a não ser aqueles que são profissionais da área, pesquisadores ou interessados. No caso desse livro, da forma como o autor apresenta, fica muito mais interessante, mais atraente, pois sentimos que estamos aprendendo, às vezes achamos graça e rimos, não só pela escolha das palavras, mas pelo sentido que nos passam, até tomando certo caminho do humor. Muitas são de origem religiosa ou que adquiriram, através do tempo, conotação religiosa. Outras são do mundo da superstição, ou envolvem a presença de Deus ou deuses, figuras mitológicas, do mistério, do sagrado, do desconhecido. Enfim, como o próprio autor diz: “Não existe língua que não tenha absorvido mitos. Linguagem e mito constituem um binômio comprovado pela filosofia e pela história. E a razão é simples: os conceitos gerais que embasam a comunicação interpessoal vêm dos primórdios da humanidade, quando ainda não havia ciência. E hoje mesmo, como todo o nosso extraordinário e incoercível desenvolvimento científico e tecnológico, quem poderá dizer-se dono de um vocabulário sem mitos, sem tabus, sem nenhum resquício de religiosidade?” (p. 6).

E, para ilustrar, aqui vão apenas algumas das palavras apresentadas:

Adeus: Palavra, gesto, sinal de despedida. Vem da expressão ‘confio (entrego) você a Deus’.

Avatar: Nome genérico das encarnações tradicionalmente atribuídas ao deus Vixnu. Krishna e Rama são avatares daquela divindade. Hoje, por extensão, avatar significa também transformação, mutação. Do sânscrito avatara = descida de um ser divino à Terra.

Babel: Nome original hebraico de Babilônia; confusão, balbúrdia, grande desentendimento. Segundo o Gênesis, os descendentes de Noé construíram, em Babel, uma cidade e uma torre. Esta, com a pretensão de ser tão alta que atingisse o céu. Mas o Senhor confundiu seus construtores de tal forma que se tornaram incomunicáveis entre si.

Benzer: v. Bênção: Invocar a proteção divina sobre pessoas ou coisas. Entre nós, é bastante comum a exclamação ‘benza Deus!’, às vezes religiosa, outras vezes nem tanto.’

Bispo: Peça que se move só em diagonal, no jogo de xadrez. Os bispos, junto das rainhas e reis (três peças do jogo) eram as autoridades máximas, no mundo medieval, totalmente permeado de cristianismo. O mundo europeu cristão batizou essa peça do jogo com o nome de ‘bispo’, em lugar do nome original árabe alfil (elefante).

Cemitério: Da palavra grega koimeterion = lugar para dormir. Termo do vocabulário especificamente religioso, porque insinua que os defuntos gozam ali do último sono, à espera da ressurreição.

Croissant: Palavra francesa = crescente. Esse pãozinho tem a forma da lua crescente e deve esse nome à vitória dos cristãos sobre os muçulmanos em Viena, no final do século XVI. Para comemorar essa vitória, um padeiro inventou esse tipo de pão, com a forma do emblema islâmico, que encimava os estandartes e as barracas dos invasores turcos.

Dia: Dia e Deus têm o mesmo étimo. Vêm de uma raiz indo-europeia dei = brilhar. Dia é luz e Deus é quem dá a luz.

Dó: Primeira nota musical. Substituiu ut, a partir do século XVI, porque de pronúncia mais fácil. Ut era a primeira sílaba do hino (em latim) a São João Batista. Ut queant laxis/Resonare fibris/Mira gestorum/Famuli tuorum/Solve polluti/Labii reatum/Sancte Ionnes (Para que possam teus servos exaltar, com voz clara, os teus feitos admiráveis, retira-lhes dos lábios toda impureza, ó São João!). Veio daí o nome das sete notas musicais.

Domíngo: Dia do Senhor. É o que diz o original latino dominica (dies). Para os pagãos, era o dia do Sol, algo que o inglês (sunday) e ou-

tras línguas conservam. Em português, os dias da semana têm nomes de origem eclesiástica latina pura, enquanto outras línguas usam nomes planetários.

Hermético: Muito bem fechado ou difícil de entender. Vem de Hermes, chamado Trismegisto, ou seja, três vezes grandíssimo, figura sincrética de Mercúrio com o deus egípcio Toth. Era a divindade detentora dos segredos do ocultismo e da alquimia. Atribuía-se a esse deus um modo de fechar os tubos de vidro com selos que impediam totalmente a entrada do ar. Daí o ‘hermeticamente fechado’.

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia aplicada**. Sorocaba: Eduniso, 2007.

Essa é a primeira obra publicada pela Eduniso – Editora da Universidade de Sorocaba, pela qual o autor sempre lutou. Nada mais justo que fosse uma obra sua a primeira a ser publicada, por sugestão do seu Conselho Editorial. O autor faz reflexões, em 23 ensaios, sobre temas relacionados à Filosofia, liberdade, educação, morte, eutanásia, direitos humanos, sabedoria popular, princípios religiosos do Cristianismo, Islamismo e Budismo, demonstrando uma visão cristã progressista, analisando fatos e relacionando-os com o presente, passado e futuro, num contexto geral, mas bastante preocupado com a realidade brasileira. Sua vivência religiosa, seus estudos sobre grandes filósofos, sua experiência enquanto professor e observador atento da realidade, ficam aparentes nos momentos em que há as contribuições de citações de outros autores, enriquecendo a reflexão, ou ilustrando com fatos do dia a dia. Não deixam de estar presentes as reflexões metafísicas relacionadas a personagens de Guimarães Rosa (Riobaldo) e Clarice Lispector (Macabéa) e o verbo tão caipira e tão nosso: “matutar”. Com uma linguagem culta, se comparada com outras obras do mesmo autor, porém clara e simples, ao mesmo tempo densa, de quem estudou e estuda, que é curioso por e pelo que trata, que se maravilhou e se maravilha, que ouve, observa e age. Aprendemos a cada momento e nos maravilhamos com as obras e autores que Aldo cita, em suas reflexões, provocando-nos a pesquisar mais sobre esses pensadores e assuntos tratados.

Não há como não deixar aqui alguns registros dessa obra:

“Caipira é o homem da roça, o homem do mato, o matuto. Para lhe caracterizar o perfil físico e psicológico, ajeitaram-lhe um verbo esplendidamente feliz – matutar. Picando fumo ou sentado num ônibus, o matuto gosta de pensar na vida, vida nem sempre boa, o mais das vezes malvada. Matutar, no fundo, é tradução bem simples de filosofar. Escarafunchar os fatos, procurar a causa das coisas, fazer, enfim, aquele necessário esforço para superar as aparências. Nem tudo o que aparece é; nem tudo que é aparece.” (p. 13).

“Toda a história da filosofia nada mais é que o itinerário da humanidade na busca do seu autoconhecimento. Das mais antigas civilizações até os filósofos de hoje, a questão fundamental é – Quem sou eu? O que me distingue? O que me diferencia? Por outras palavras, qual o sentido de tudo isso que existe? Qual o sentido da minha própria existência?” (p. 69).

“Quem não desconfia torna-se presa da manifestação, da globalização, dos meios de comunicação. É facilmente manipulável.” (p. 69).

“No reino humano não existe consciência nua, pensamento sem cérebro, inteligência sem massa corpórea. Cada um de nós é uma pessoa imersa em seres impessoais. Viver é todo um processo de personalização, ou seja, de superação, não de exclusão do material.” (p. 69).

“Só existe educação e ética, quando existe orientação de vida. Gente desnorteada, sem norte, não se educa nem educa, precisamente porque está perdida. Nesse clima, não adianta se apavorar nem, muito menos, fingir que está tudo bem. O jeito é assumir a condição de aprendiz: aprender com os outros, aprender com a própria experiência.” (p. 77).

“A liberdade é operária, é criadora, é inconformada, indócil, insubmissa. Ela não se deixa dominar por fatalidades, nem por probabilidades aterradoras. A história da humanidade e a história de cada um de nós se escreve passo a passo, no claro-escuro de cada dia.” (p. 84).

“Viver é estar em trânsito até a última viagem. Pedestres, montados, motorizados, aeronautas, astronautas, internautas, estamos em viagem para o além, até o passamento ‘desta para melhor’. [...] se a morte é a meta, a esperança é a luz na caminhada para ela.” (p. 99 -100).

“A nossa pequenez e a nossa grandeza estão em sermos bons viajantes na terra, viajantes de uma viagem que não escolhemos ao nascer e não sabemos como vai terminar.” (p. 101).

“Ser pessoa é superar a simples categoria do individual. É ser um ‘eu’ que se multiplica no ‘nós’, construindo a História, pela intercomunicação do conhecimento, pela interpelação constante do amor, pelo diálogo, pelo trabalho. O animal e o mineral jamais conjugam um verbo, porque nunca concebem uma ideia.” (p. 155).

“Quem sabe melhor do chão em que nasce e da seiva que absorve é a raiz.” (p. 166).

“ O ser humano ... único ser que pergunta por si mesmo e pelo universo, único ser vivo capaz de espanto e de interrogação, ele, pela sua inteligência, pelo seu anseio metafísico e pela manipulação do mundo, se faz animal cultural, ápice de evolução, como pode também, paradoxalmente, transformar-se no mais perigoso dos seres vivos, capaz de, a qualquer momento, destruir-se a si próprio e o meio em que vive.” (p. 167).

“Nós, os humanos, sentimo-nos felizes e realmente humanos só quando transcendemos a realidade circundante, não pela indiferença ou pelo desprezo, mas pela capacidade de dar sentido ao que nos rodeia, tomando o próprio destino em nossas mãos.” (p. 193).

“Existir é ser amado, é ser objeto de um ato de amor. Existir é ser eu e os outros, necessariamente. Um homem sem laços constitui absurdo ontológico, porque a base do ser é o amor.” (p. 215).

“A fé não constitui apenas a certeza dos valores eternos, mas também a convicção de que a civilização do futuro não será integralmente humana se não possuir aberturas para o mistério.” (p. 216).

VANNUCCHI. Aldo. **A Caminho da UNISO: história: casos e causos.** Sorocaba: Eduniso, 2012.

Nessa obra, o Prof. Aldo nos traz um relato de todo o processo de criação da Universidade de Sorocaba – UNISO, dividindo-a em 3 partes: I. Os primórdios; II. O Projeto UNISO; III. Casos e causos. Na primeira parte ele apresenta um pouco da História de Sorocaba, de suas origens

à atualidade. Apesar de sintético, bem interessante, mesmo para quem já conhece a história da cidade. A seguir, ele comenta sobre 3 padres importantes para Sorocaba e para a criação da Universidade de Sorocaba: D.Aguirre, Padre André Pieroni e Monsenhor Misiara, este último, tendo sido o primeiro diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba. A seguir comenta sobre a FAFI, sobre a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Sorocaba – FACCAS e sobre as Faculdades Integradas Dom Aguirre – FIDA. Essa integração das faculdades já fazia parte dos passos para se transformar em Universidade.

Na segunda parte, falando sobre o Projeto UNISO, comenta que em 1957, já era um sonho uma universidade para Sorocaba, quando já havia 4 faculdades. No final de 1966, o presidente da Fundação Dom Aguirre, Dom José Melhado Campos e o Prefeito Municipal, Armando Pannunzio, retomam o assunto. Em 1987, com 9 cursos de Graduação, coube à Fundação Dom Aguirre, sob a presidência do Bispo Diocesano, Dom José Lambert, tomar essa atitude. Em virtude do término do mandato de Aldo Vannucchi como diretor da Faculdade de Filosofia, o Conselheiro Mauro Vallini sugeriu que Aldo coordenasse as providências para a criação da Universidade. Foi indicada como secretária do coordenador, para o Projeto, a Sra. Ismênia Terezinha Maluche. Foi fundamental a ajuda do Prefeito Municipal da época, Paulo Francisco Mendes, que deu apoio total ao desenvolvimento do Projeto, defensor que era de uma universidade para Sorocaba.

A seguir, comenta sobre a criação do logo da UNISO, a divulgação do Projeto, a Carta-Consulta e sobre a Relatora do Projeto, a Conselheira Margarida Maria do Rêgo Barros Pires Leal (UFM), que logo na primeira reunião (21 de fevereiro de 1990), recebida, dentre outros, pela então diretora da FAFI, Sonia Chébel Mercado Sparti, visitando todos os espaços, conhecendo a cidade, o Prefeito Municipal e a seriedade do trabalho e necessidade da região, demonstrou uma atenção especial pelo Projeto.

Tenho a salientar que, em muitos momentos, ouvimos do Prof. Aldo a gratidão que ele sempre sentiu pela forma carinhosa que a Profa. Margarida assumiu trabalhar junto ao Projeto, orientando a todos com muita firmeza, exigência, profissionalismo e em nenhum momento deixando de lado o objetivo que era almejado.

A seguir, Aldo conta como foi a primeira visita da Comissão de Acompanhamento na Fundação Dom Aguirre, em dois dias (31/10 e

01/11/1990), demonstrando as grandes exigências e seriedade do trabalho envolvendo funcionários, corpo docente e discente, qualificação do corpo docente, pesquisa, documentos a serem criados ou aperfeiçoados etc. Aldo cita os membros presentes na reunião da Comissão local e da Comissão de Acompanhamento que além da Conselheira Margarida, eram os seguintes: Paulo Nathanael Pereira de Sousa (ex-presidente do Conselho Federal de Educação), Anna Bernardes da Silveira Rocha (Universidade Federal do Espírito Santo - UFES), Stela Cecília Duarte Segenreich (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUCRJ). Foram 17 visitas durante os três anos de acompanhamento, pois a 17ª. visita foi nos dias 07 e 08 de outubro de 1993. Dessas visitas ficaram 7 pareceres, sempre demonstrando a seriedade do trabalho e o que fazer para a reunião seguinte.

Aldo agradece à Comissão interna, equipe dedicada e competente, que fazia a interlocução com a Comissão do Conselho Federal de Educação e depois fazia reuniões internas. Realizaram 99 reuniões, durante 4 anos. Aldo cita o conteúdo dos pareceres e os nomes dos membros dessas comissões que tanto trabalharam para o sucesso do Projeto UNISO. Cita também as grandes dificuldades enfrentadas, principalmente nos dois últimos anos, quando houve movimento de alunos contra as mensalidades, apoiados por alguns professores da casa e de alguns vereadores da cidade que não eram favoráveis à transformação das faculdades em universidade. Dentre outros fatos contra a criação da UNISO, que vieram dificultar o desenvolvimento das ações, uniram-se representantes do Partido dos Trabalhadores, principalmente um vereador e uma vereadora, bastante conhecidos (que ele cita os nomes), assim como o presidente do Sindicato dos Professores e o presidente do Diretório Central dos Estudantes das Fida. Um desses dois vereadores, acreditem se quiserem, chegou até a ir a Brasília na última sessão, tentar novas manobras contra a aprovação do Projeto UNISO. Mesmo parecendo inacreditável, essas coisas aconteceram, mas deve sempre vencer a verdade e o bem, e foi o que aconteceu. Nessa última sessão, no dia 07 de junho de 1994, o Conselho Federal de Educação aprovou, por unanimidade, o parecer da Conselheira Margarida Maria, favorável à criação da UNISO.

Em 28 de outubro de 1994, ocorreu a sessão solene de instalação da UNISO, no Teatro Municipal de Sorocaba, com o Hino Nacional, , abertura com o presidente da FDA, Dom José Lambert, palavras do primeiro

reitor, Aldo Vannucchi, da Conselheira Margarida Maria e brilhantada artisticamente com dois professores do Colégio Dom Aguirre: Fernanda Maia apresentando uma peça musical ao piano e em seguida o Prof. Ademir Feliziani apresentando ‘Estatutos do Homem’, de Thiago de Mello.

A seguir, Aldo transcreve seu discurso, que considero um primor de texto sintetizando a história anterior e toda a luta para que aquele momento acontecesse, não deixando de demonstrar sua alegria, sua emoção e sua gratidão para que aquilo estivesse acontecendo. Em seguida, transcreve também o texto da Conselheira Margarida e o texto publicado por ele no Diário de Sorocaba, comunicando sobre a primeira universidade de Sorocaba. Se o governo estadual e federal não deu uma universidade pública para a cidade, a FDA, com seus anos de experiência na educação, possibilitava à cidade uma universidade comunitária. E termina assim, o seu texto: “O salto qualitativo que as Universidades provocaram, décadas atrás, nas maiores cidades do interior paulista, acontecerá agora em Sorocaba. Essa a certeza e a recompensa de todos os que lutaram, anos a fio, pela nossa UNISO, pensando no bem maior de uma população trabalhadora e sofrida, que nunca endossou as críticas e as sabotagens de um grupelho oposicionista, de espírito, certamente, muito pouco sorocabano.” (p. 97).

Em seguida, apresenta narrativas sobre situações diversas ligadas à instituição, contando histórias sobre alguns dos professores que ministraram aulas na FAFI, como a Profa. Ruth Correia Leite Cardoso, brilhante professora, esposa daquele que seria o futuro Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso; Prof. Sérgio Buarque de Hollanda, que já era autor do livro “Raízes do Brasil”, pai do Chico Buarque de Hollanda; palestra do Cardeal Paulo Evaristo Arns; palestras do Paulo Freire; da Lygia Fagundes Telles, Florestan Fernandes, Dom Bertrand de Orleans e Bragança (tetraneto de D. Pedro I), de Fernanda Montenegro (que eu tive o prazer de ser mediador da palestra a convite da Profa. Sonia Chébel) e conta sobre a criação da FDA, da creche, do Colégio Dom Aguirre e sobre várias situações envolvendo professores e diretores, dentre eles, o ‘Mural do Desabafo’, criado pela diretora Profa. Sonia Chébel M. Sparti; Semana Cultural, Semana de Letras, Suspensão do Centro Acadêmico e por aí afora, demonstrando o quanto sempre presenciou e viveu efetivamente o contexto institucional.

Sessão Solene de Instalação da UNISO no Teatro Municipal Teotônio Vilela. Paulo Mendes; Dom José Lambert; Aldo Vannucchi; Margarida Maria do Rêgo; Pe.Mauro Vallini (28.10.1994)



Acervo Assecoms

VANNUCCHI, Aldo. **Dom Aguirre**: vida e obra. Sorocaba: Eduniso, 2013.

Dom José Carlos de Aguirre foi o primeiro bispo de Sorocaba. Nasceu onde hoje é a cidade de Itirapina, Estado de São Paulo. Foi eleito Bispo de Sorocaba, a 4 de julho de 1924, tomando posse em 01 de janeiro de 1925. Aqui fez muitas amizades, trabalhou muito pois a diocese, na época, era muito grande, chegando até perto do Paraná. Com sua maneira de ser, conquistava a todos que com ele tomavam contato. Desenvolveu um belíssimo e significativo trabalho. Após quase 50 anos de episcopado, morreu em 8 de janeiro de 1973, com 93 anos de idade. Homem de muitas virtudes, bondoso, firme nas decisões, religioso apaixonado pelo que fazia, culto, carinhoso, era muito respeitado pelo povo sorocabano que lhe deve muitas coisas boas pelas quais atuou com muito amor e fé: comunidades paroquiais, templos, casas religiosas, asilos, orfanatos, hospitais, escolas e, sobretudo, o Seminário Diocesano São Carlos Borromeu, espaço tão especial para ele e para Sorocaba, pelo qual lutou, trabalhou, solicitou

ajuda à comunidade e conseguiu construir, onde tinha presença constante e onde morou durante certo tempo. Foi fundamental seu apoio à criação da Fundação que acabou recebendo o seu nome: Fundação Dom Aguirre. Quando ficou sabendo do nome da Fundação não aceitou, de início. Após a insistência de várias pessoas, sobretudo Prof. Aldo, considerando que o nome dele “abria portas”, acabou cedendo.

Ele acabou sendo também o primeiro presidente da FDA. Essa Fundação foi criada para manter a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras que, na época, corria o risco de fechar. É exatamente essa a Fundação que passou a manter, posteriormente, o Colégio Dom Aguirre e a Universidade de Sorocaba.

Desde quando Aldo estava cursando o Seminário, já nasceu um grande carinho e respeito por parte dele, ainda menino, em relação a Dom Aguirre e ele sentia também uma atenção especial e carinho de pai para filho, por parte daquele que era uma figura hierárquica superior, mas que, em verdade, sempre próxima e auxiliando-o em tudo que era possível. Aldo tem cartas nas quais D. Aguirre o chama de “Caríssimo filho no Senhor”.

D. Aguirre sempre confiou no trabalho sério, competente e cristão, do jovem religioso que se sobressaía em relação a muitos e lhe dava encargos cada vez maiores.

“Dentre os encargos que me passou, destaco, primeiro, as provisões de professor, ministro de disciplina e diretor espiritual do Seminário Menor São Carlos Borromeu e, depois, a nomeação como Diretor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba, instituição que ele, corajosamente, no seu nascedouro assumiu e, por todo o tempo, carinhosamente manteve sob seus cuidados.” (p. 12).

Sua presença amiga e orientadora, perto do Aldo, foi uma constante, possibilitando-lhe bolsa de estudos para estudar em Roma; mesmo nos momentos mais difíceis, quando Aldo foi preso e ficou recluso no Seminário, D. Aguirre foi até lá, dar-lhe apoio; enfim era um amigo presente que Aldo admirava e tinha como um dos principais exemplos de caráter. Como o próprio Aldo diz nessa obra: “Calha perfeitamente enfocar Dom Aguirre como cidadão exemplar. E a pedra de toque de sua cidadania, vivida com simplicidade e coerência, é a sentença lapidar que dele ouvi várias vezes: ‘A minha política é a política do Pai Nosso’. E ele explicava: é preciso fazer

tudo pelo ‘Venha a nós o vosso reino’, mas sem nunca esquecer ‘o pão nosso de cada dia’. (p. 328).

Considerando-o grande educador, Aldo diz que dentre outras palavras incisivas, norteadoras, estimulando os tímidos e os ousados, estava a frase: ‘O bem faz pouco barulho e o barulho faz pouco bem.’ Isso e a maneira de ser dele potencializava forças interiores como o ideal, o amor, dedicação e fé. E a Fé era o traço mais forte da personalidade de Dom Aguirre. Homem de fé, assim declarou ele, no seu testamento: ‘Em defesa da fé, ofereço a minha vida, pois prometeu Nosso Senhor: -Aquele que perder a vida, por amor a mim, achá-la-á.’

Aldo diz que Dom Aguirre, na sua autodoação sem limites, que é a vida e é a morte, que é morte e ressurreição, ele sintetizou no seu lema episcopal: ‘Por Cristo, com Cristo e em Cristo.’

Foi um grande pastor na imensa diocese de Sorocaba que ele tão bem conhecia, atendendo e ouvindo a todos com paciência e mansidão para decisão com firmeza para o sim e para o não.

Quando ele estava morando no Seminário, que ele ajudou a construir, e sua saúde foi precisando de mais cuidados, decidiram levá-lo para morar no Mosteiro São Bento, onde havia um espaço próprio para ele, era local mais silencioso e havia um atendimento mais apropriado. Acabou sendo levado a um hospital, em São Paulo, onde faleceu. Foi sepultado em um singelo jazigo à esquerda de quem entra na Igreja Catedral de Sorocaba. Todos os anos, no dia 28 de abril, aniversário natalício de Dom Aguirre, ali são depositadas flores. Quanto a isso, vejamos o que Aldo escreve em seu livro:

“Flores logo murcham. Gestos e vozes desfazem-se no próprio contexto em que se exteriorizam. O que permanece e guarda perfume e eloquência de eternidade é a decisão íntima dos que sabem transformar essa homenagem a Dom Aguirre numa reafirmação de fidelidade pessoal às obras e exemplos que ele nos legou.” (p. 331).

Conhecendo-o muito bem, tendo esse carinho e admiração, Aldo considerou que não poderia deixar de registrar algumas informações fundamentais sobre a vida e obra de Dom Aguirre. É isso que ele faz nessa obra, apresentando a infância de Dom Aguirre e os principais aspectos sobre sua formação como seminarista, o padre, o bispo; o semeador das

Faculdades de Medicina, de Filosofia e de Direito, em Sorocaba; o escritor, o homem comum simples, humilde e amado.

Dentre os relatos que aparecem no livro, vale a pena citar a passagem da segunda e última visita de Dom Aguirre à Europa, em 1950. Era o Ano Santo. É comum, de tempo em tempo, a presença dos bispos, em Roma, para cada qual prestar conta do trabalho de sua diocese e reuniões específicas. D. Aguirre, para não pesar nas finanças da diocese, acabava enviando outros representantes em seu lugar, mas dessa vez, 21 anos depois, como era Ano Santo, ele resolveu ir. Sobre essa viagem, ele escreveu o **Diário de um peregrino** onde justifica sua viagem: ‘Precisávamos desse contato com o Santo Padre, para nós e para nosso rebanho’. (p. 11).

Nesse ano, Aldo estava estudando e morando no Colégio Pio Brasileiro. Quando Dom Aguirre chegou em Roma, é lá que ele ficou alojado durante 40 dias. Nesse período, Aldo e outros alunos, após as aulas, acompanhavam Dom Aguirre em muitas visitas na cidade e arredores. Dom Aguirre conseguiu uma audiência com o Papa Pio XII no último dia de estada em Roma, algo difícil de acontecer. Após reunir-se com o Papa, em seguida, entraram os três seminaristas sorocabanos acompanhados do Monsenhor Pires, para conversarem também com o Papa: Aldo Vannucchi, Jaime Rodrigues e Izaías Branco. D. Aguirre citou essa passagem no seu Diário e Aldo também cita em sua obra.

Aldo, com linguagem simples e com a leveza de um narrador sensível, atento e participante, demonstra o carinho, respeito e gratidão a Dom Aguirre por aquilo que um foi para o outro, a importância de Dom Aguirre para Sorocaba e região, narra belos fatos que aconteceram com D. Aguirre junto ao povo simples, a gentileza, respeito e valorização que ele recebia quando precisava viajar pela Estrada de Ferro Sorocabana, e nos traz importantíssimos referenciais históricos, com uma singeleza que em muitos momentos nos enleva, nos faz valorizar ainda mais determinados personagens que ajudaram a construir a cidade de Sorocaba, a fazê-la melhor para todos que nela habitam e dentre eles, em especial, a figura de Dom Aguirre, a quem tanto devemos. Vale a pena ler e aprender com sua história.

Aldo Vannucchi e Dom Aguirre - no Seminário São Carlos Borromeu (1952)



Acervo da família

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofando com A Hora da Estrela**. São Paulo: Loyola, 2014.

Segundo o próprio autor, a proposta de se dar essa obra de Clarice para leitura pelos alunos, seria uma pista para o trabalho docente na área de Filosofia, principalmente no Ensino Médio e sugere também o mesmo no Ensino Superior. Após a leitura da obra pelos estudantes, seria possível despertá-los para uma releitura, num processo de reflexão filosófica ajustado aos seus questionamentos existenciais. Afinal, segundo o próprio Aldo, “Em filosofia, ninguém é iniciado se não se inicia.” (p. 15).

“A viagem intelectual com Clarice e Macabéa, proposta nesse ensaio, pode inspirar uma densa interrogação sobre temas essenciais como o Ser e a pessoa, o eu e o outro, a linguagem, o mundo, a realidade social, a busca,

em suma, do âmago do Ser e de todos os seres, tocando, assim, o núcleo do ato de filosofar.” (p. 14).

“Sem ser filósofa, Clarice nos convida a problematizar nosso próprio pensamento, nosso contexto de vida e até mesmo nosso modo de ser, tudo à luz da precária finitude humana, porque a verdade se esconde em muitas entrelinhas e, sobretudo, no que não é escrito nem dito.” (p. 155).

E de uma forma, posso dizer, inteligentemente saborosa, Aldo faz uma análise não só da escritura de Clarice Lispector e dessa obra, mas analisa a personagem Macabéa e a própria Clarice, fazendo reflexões filosóficas, inter-relacionando vários grandes filósofos e seus conceitos aplicados nessa “história verdadeira embora inventada”, como diz a própria Clarice, levando-nos ao interesse de mais releituras da história de Macabéa, vendo nela as muitas Macabéas que existem não só no Brasil, mas numa transposição de realidades, em muitos outros lugares. Essa mulher, esse ser humano que busca, essa Clarice que busca e procura explicar e explicar-se, e esse Aldo que busca analisar, mostra conhecimento a respeito, e com respeito, consciência, cuidado, procura nos auxiliar na compreensão do ser humano que é o outro e que somos nós. E assim, ele procura desatar alguns nós criados por Macabéa e por Clarice e, como bom professor e bom escritor que é, deixa-nos perplexos e com mais alguns nós.

Após leitura realizada pelos alunos do curso, Aldo esteve presente, a nosso convite, em uma das Semanas do Curso de Letras, da UNISO, apresentando palestra sobre essas reflexões a respeito dessa obra de Clarice, propiciando significativo debate.

VANNUCCHI, Aldo. **Alexandre Vannucchi Leme**: jovem, estudante, morto pela ditadura. São Paulo: Contexto, 2014.

A dor de cada um, só sabe aquele que vive essa dor. Portanto, o padre que amava intensamente seu sobrinho, quase como um filho que não tinha, que vira o sobrinho crescer pois morava no Seminário Diocesano São Carlos Borromeu, em Sorocaba, e Alexandre morava em uma rua próxima, distante apenas uns 200 metros, o que facilitava a convivência no dia a dia. Aldo almejava para ele um futuro promissor e procurava colaborar para seu crescimento cultural e espiritual. Quando entrou na adolescência,

sempre que possível, acompanhava o tio em vários eventos. Isso fez com que a ligação do padre aumentasse o afeto em relação ao filho que não tinha. O sobrinho, inteligente e sensível, já leitor perspicaz, observava o trabalho do tio padre trabalhando pelo bem da comunidade e também seu trabalho como professor e diretor da Faculdade de Filosofia de Sorocaba. A troca afetiva e de conhecimentos era uma constante. Quando o tio Aldo foi preso, considerado pela polícia como ‘padre comunista’, em 1964, ele tinha apenas 14 anos. Portanto, com essa idade, já vivenciou uma forma de violência para o contexto familiar. Leitor de muitos livros e de mundo, portanto observador atento da realidade brasileira, tinha convicções bem formadas e uma grande preocupação com as causas do povo, sonhando com um Brasil que todos pudessem ter acesso aos direitos básicos de moradia, alimentação, saúde e educação.

Cursou, o ginásio e o colegial na Instituto de Educação Júlio Prestes de Albuquerque, escola pública, também próxima ao Seminário e à casa onde morava, considerada a melhor escola de Sorocaba, na época. À noite, concomitantemente, cursou na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas, vizinha à escola anterior, o Curso de Formação de Professores Primários, escola também considerada das melhores de Sorocaba.

Foi com esse pensamento, aliado à excelente formação recebida pela família e seus esforços estudando muito, que Alexandre ingressou na Universidade de São Paulo, em primeiro lugar no Vestibular para o Curso de Geologia, grande mérito, pois era aluno pobre do interior do Estado. Para se manter em São Paulo, dava aulas particulares.

Aluno excelente, sensível, dedicado, afável, bom e correto, logo conquistou os professores e os colegas de turma. Pela sua maneira de ser e seu envolvimento nos vários níveis da vida universitária, logo passou a fazer parte do Centro Acadêmico de Geologia, que ajudou a criar e, em 1971, já fazia parte de sua diretoria e também foi eleito para representar o corpo discente na Congregação do Instituto de Geociências e logo estava na linha de frente para constituir o Diretório Central dos Estudantes.

Queria trabalhar pelo desenvolvimento livre e democrático da nação. Preocupava-se com a situação dos indígenas, com a exploração das nossas riquezas minerais, não concordava com a forma como estava sendo proposta a construção da Rodovia Transamazônica, considerando que deveria ser assumida por uma equipe com geólogos, biólogos, engenheiros

e ecólogos, e não simplesmente com gente derrubando matas. Para isso tudo, acabava escrevendo alguns artigos internos, organizava e participava de pequenas peças teatrais sobre problemas nacionais que procuravam apresentar tanto na universidade como em alguns bairros da cidade, procurando conscientizar essas comunidades.

Participava de excursões com objetivo de aprendizado sobre o curso, como na Floresta Nacional de Ipanema, perto de Sorocaba, outras em Minas Gerais, Rio de Janeiro, quando procurava selecionar algumas pedras, para sua coleção e pesquisa, e observava a natureza que amava e queria defender.

Porém, entenda-se que nesse período de 1969-1973, governo do presidente Médici, “era subversão organizar passeatas, produzir e distribuir material de crítica à situação interna ou externa à escola e usar suas dependências para algum ato de oposição ao regime. E aos professores, alunos e funcionários infratores dessas regras se aplicavam punições drásticas, como a aposentadoria de centenas de professores universitários em todo o país, a demissão sumária de docentes e funcionários e a inapelável expulsão de alunos, com a ‘proibição de se matricular em qualquer outro estabelecimento de ensino no prazo de três anos.’ (p. 21).

Aldo cita que o Prof. Alfredo Bosi, eminente professor da USP, em uma palestra, conta que ‘Alexandre traduzia artigos de filosofia, de política e economia para chegar a uma compreensão ao mesmo tempo extensa e articulada do mundo em que vivia.’ [...] Alexandre redigiu, em setembro de 1970, um Boletim Especial do Centro Acadêmico de Geologia, em que fez o levantamento das jazidas de vários minérios e o elenco de governantes e empresas que os exploravam’. (p. 27).

Portanto, Alexandre, com sua maneira de ser e suas atividades, acabava incomodando o regime da ditadura que estava à caça, especialmente de universitários filiados à aguerrida organização de resistência ao regime, a Ação Libertadora Nacional, em que ele se integrara, não na luta armada, mas como base de apoio.

Sendo assim, logo depois de passar por uma cirurgia de apendicite e ter repousado poucos dias, ainda em recuperação, em Sorocaba, no dia 26 de janeiro de 1973, sua mãe despede-se dele no portão e o vê desaparecer,

com mochila nas costas, na primeira esquina, a caminho do ônibus. Nunca mais tornou a vê-lo.

No dia 15 de março de 1973, quinta-feira, ano que seria de sua formatura, Alexandre, aluno assíduo, assistiu às aulas.

No domingo, sua família esperou-o e ele não chegou para o almoço em família. Sua família, apreensiva. Assim passou o domingo, a segunda-feira, até que na terça-feira, dia 20, perto de 11h, seu irmão de 12 anos, José Augusto, atendeu ao telefone e escutou apenas este aviso de uma voz de homem: ‘Alexandre está preso aqui no DOPS, venham buscá-lo!’

Seu pai, desesperado, saiu no encalço do filho desaparecido. Foi no DOPS, no Departamento Estadual de Investigações Criminais, no Instituto Médico Legal, na Operação Bandeirantes, nos dias 20 e 21 e nenhuma informação. No dia 22 voltou a São Paulo e não conseguiu nada. No dia 23 estava subindo no ônibus, quando leu na Folha de S. Paulo a informação que seu filho, acusado de terrorista, tinha sido morto por atropelamento, ao tentar fugir da polícia. Foi ao DOPS, onde o delegado Sérgio Fleury disse que não tinha nada a ver com a morte de Alexandre e que ele fora morto atropelado por um caminhão, ao tentar fugir. Na mesma noite, em contato com o Diretor do DOPS, ouviu história diferente: que não tinha sido atropelamento, Alexandre tinha se suicidado com uma lâmina de barbear, na cela. Daí se desencadeiam outras mentiras e o pai não conseguiu encontrar o corpo do filho considerado morto.

Na primeira oportunidade que teve, Aldo decidiu procurar pelo sobrinho desaparecido e morto. Procurou ajuda da Igreja, procurou ajuda de outros e seguiu, com muita dificuldade e dor, descobrindo, aos poucos, que Alexandre havia sido torturado e morto pelos órgãos censores da ditadura. Dor após dor, com muita dificuldade, os fatos vão revelando aos familiares e amigos, com o passar do tempo, a verdade.

A verdade vai aparecendo com relatos dos próprios amigos que estiveram por perto; alguns que também estiveram presos e fizeram depoimentos não só sobre Alexandre, mas sobre outros que também foram torturados e mortos.

Aldo acabou escrevendo o livro, 40 anos depois, sentindo que era necessário deixar para a história o relato, para ele tão dolorido, registrando dados fundamentais e verdadeiros sobre uma história real e que muitos

consideravam (ou até podem considerar) ficção, mas que é verdade muito bem sentida e vivenciada, uma história que marcou e marca uma dor profunda que não se apaga para ele, para seus familiares e muitos amigos próximos de Alexandre.

Como o próprio Aldo cita logo na Introdução: “Não sou historiador, nem jornalista, mas o que me proponho a apresentar são fatos históricos que a mídia nacional e internacional registrou, vazados aqui em linguagem franca, repassada com a natural afetuosidade de um coração ferido pelo assassinato do jovem Alexandre Vannucchi Leme, mas sem recalque nem desforra. O que se aponta aqui não é revanchismo, mas reparação histórica, em nome da justiça e da verdade. Como tio do Alexandre, revivê-lo nestas páginas, quarenta anos depois de seu martírio, será um exercício de respeito e de dor, para encadear, com fidelidade, os laços preciosos de uma inapagável lembrança com os traços objetivos de uma história de páginas chocantes, que ainda não foram e nunca serão totalmente assimiladas. [...] Para que nunca mais aconteça o que nunca deveria ter acontecido.” (p. 8).

A seguir, acrescenta as palavras de Egle Maria Vannucchi Leme, mãe de Alexandre, e sua irmã:

‘É preciso denunciar do que é capaz uma ditadura militar e que são eles os verdadeiros terroristas. É preciso acabar com o silêncio e a acomodação que sepulta no esquecimento e exclui da memória nacional toda a bárbara tortura por que todos nós passamos. A Nação deve ter inteira consciência do que foi essa ditadura que espalhou o terror entre todos os brasileiros.’

Aldo conta, então, sobre a formação de Alexandre, sua prisão, a tortura, a morte, a localização do corpo, muito tempo depois, em vala comum, no Cemitério de Perus, em São Paulo, com inúmeros outros corpos de pessoas que foram torturadas e mortas pela ditadura, fala sobre seus torturadores, sobre os empresários da ditadura, a luta para conseguir a declaração oficial de sua condição de preso político, desmentindo a injuriosa denominação de terrorista e a retificação do seu atestado de óbito, com causa de tortura e não da mentira de que teria sido atropelamento. Fala também sobre a ‘mea culpa’ do Exército Nacional, com muitos altos integrantes reconhecendo os excessos cometidos; sobre a repercussão nacional e internacional; sobre as inúmeras homenagens a Alexandre.

Retomamos nossa fala: A dor de cada um, só sabe aquele que vive essa dor.

Convivendo com Aldo, entrevistando-o, conversando com ele, lendo o livro, tendo algum contato rápido com a mãe de Alexandre, conhecendo e trabalhando durante muitos anos com Maria Regina Vannucchi Leme, irmã de Alexandre, na Universidade de Sorocaba, presenciando alguns eventos relacionados ao Alexandre, na própria Universidade, percebemos o quanto tudo isso foi e continua dolorido.

Mesmo com a dor profunda de perda, Aldo escreveu o livro baseado em fontes objetivas, não em impressões subjetivas e memórias pessoais. Seu livro, novamente com linguagem simples e fluida, apesar de bastante dolorida, é muito importante para se conhecer um pouco mais sobre Sorocaba, sobre o Brasil, sobre a ditadura que Aldo chama de ‘ditadura civil-militar’, porque empresários, religiosos e políticos também ajudaram essa ditadura, como ele diz: “em nenhum momento adjectivei a nossa ditadura como militar. Estou convencido de que ela não se abateria sobre nós nem se prolongaria tanto se lhe faltasse o pleno apoio de personalidades notáveis da sociedade civil, desde o seu início. Seria impossível alinhar aqui os nomes de empresários, religiosos e políticos que ajudaram e comemoraram a quebra da democracia, em 1964, e seguiram cortejando os usurpadores do poder. (cita alguns nomes, exemplificando) [...]. Menciono apenas ditadura, pois aqueles 21 anos de autocracia não se sustentariam sem o dinheiro, o assentimento e o aplauso civil da primeira hora e de todas as horas ao golpe de 31 de março. Foram milhões os civis que se beneficiaram dele, apelando também, muitas vezes a atitudes indignas e desumanas. Não se esqueça que os mais violentos torturadores eram gente sem farda, como o delegado torturador Sérgio Paranhos Fleury. A verdade histórica exigiria que se falasse, no mínimo, em ditadura civil-militar.” (p. 171-172).

Vale muito ler o livro, grande contribuição para a memória histórica desse doloroso período, para conscientizar-se um pouco sobre a ditadura.

E Aldo cita a voz de sua irmã, Egle, quando, 10 anos depois da morte, recebeu os restos mortais do filho, Alexandre:

[...] ‘é imperioso não ficarem sepultados no esquecimento, banidos da memória, como deseja o Poder, os crimes por ele mesmo praticados, ao longo desses nefastos 19 anos. A verdade não pode ficar soterrada. Nossa

verdadeira história, nós, o povo, a fazemos, a escrevemos e a transmitimos. E se a força desagregadora do Poder quis obscurecê-la com gritos de torturados e amortizou-a de luto, nós, Povo, temos como exemplo todos aqueles que seguiram adiante, ofertando o dom maior de suas vidas. São luzes a nos indicarem o rumo; forças na caminhada e sementes brotando esperança.

Passados 10 anos de sua morte, Alexandre está presente. Vivo para sempre.

Mata-se um homem, mas não suas ideias nem sua mensagem.

E Aldo complementa: “Alexandre foi morto por lesões provocadas pela tortura, na dependência do II Exército, e não como vítima de atropelamento em via pública.

Ninguém mata a verdade.” (p. 161-162).

Praça Alexandre Vannucchi Leme. “Mártir Sorocabano das lutas pela liberdade”. Em Sorocaba, no final da Rua Amazonas.



Foto Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

VANNUCCHI, Aldo. **Autobiografia poética**. Itu, SP: Ottoni, 2015.

Como o próprio nome sugere, os poemas demonstram, praticamente em ordem cronológica e em linguagem poética, alguns aspectos da vida do autor. Aldo diz que não é sua intenção contar a vida dele com poemas, mas mostrar alguns momentos de sua vida. Portanto, conforme comenta alguns momentos vivenciados, logo em seguida, acaba ilustrando-os com poemas escritos nessas épocas. Aldo diz que não se considera poeta, porém, sua habilidade com a palavra, as leituras, conhecimento, seu exercício com a palavra, sua ação, fazem dele, sim, um poeta que apresenta, constantemente, um conteúdo significativo relacionado às suas experiências de vida, sendo que já nos primeiros poemas predomina a temática lírico-religiosa. Percebe-se a preocupação formal, com a versificação, rima, ritmo, havendo o predomínio de versos com 10, 11 ou 12 sílabas poéticas. Isso ocorre durante quase toda a obra, mas não é essa a preocupação maior do autor. Para ele o importante é passar o conteúdo com uma linguagem poética sim, porém sem a rigidez formal que às vezes pode sacrificar a beleza do conteúdo, de uma história de vida, da sensação e emoção de um momento que se transpõe para palavras sentidas e vividas. Isso não impede, porém, que apareçam poemas com todos os versos com o mesmo número de sílabas métricas. Esse domínio vem desde o tempo em que estava no Seminário Menor, ao estudar e ler sobre autores que tinham essa preocupação formal. Aos poucos foi pegando gosto pelo exercício com a escolha de palavras, metrificação, rima, ritmo e isso passou a ser algo que o acompanhou durante não só o período de formação escolar, como nos momentos posteriores de transposição de indagações existenciais, momentos de alegria, tristeza, de descobertas, de exaltação de pessoas ou contextos que sempre o acompanharam. Dentre os poemas também estão presentes alguns Hinos com letra de sua autoria.

Vejamos o que ele mesmo apresenta no início do livro:

“Não sou poeta, mas versejei bastante e pela poesia pude contar e cantar o caminho de meus dias, com seus picos e desvãos. Acredito que poesia e vida real têm tudo a ver. Nada mais sincero para quem narra sua história do que pontilhar de verdade e de paixão seus episódios marcantes, pelo exercício poético, livre e libertador. Quem sabe, verso sobre verso,

não terei eu escrito a substância do meu existir, o que realmente fui, o que sou e o que queria ser, o que não fui”.

[...] Aqui só enfoco etapas e situações marcantes, especialmente depois dos meus trinta anos e salpicando todos esses passos com alguma poesia. Navegando agora as últimas jornadas da vida, só pretendo, com estes dados biográficos envolvidos com versos esporádicos, afirmar-me não como prosador e muito menos como poeta, mas como alguém que se sente feliz por ter vivido uma existência plena de caminhos diferentes e desafiantes, com coragem, com fé e muito amor”. (p. 6).

Ainda com linguagem poética, continua:

“Andei pelo conhecido e pelo desconhecido, tive encontros desejados e indesejados, sofri noites de espera e de solidão, permaneci ao lado de agonizantes e de mortos e convivi também com vivos amortecidos pela opressão e pelo desamor. Tudo isso se tornou meu olhar e meu sangue. Tudo isso, quem sabe, justifica meus versos, minha voz e meus silêncios.” (p. 6).

Aldo conta sobre sua infância e adolescência, considerando que só passou a escrever um pouco melhor quando estava no Seminário Maior. Mostra alguns poemas escritos durante o período do Seminário, poemas sobre Itanhaém, poema sobre sua mãe, Hino do 2º. Congresso Eucarístico de Sorocaba, poemas principalmente religiosos no período em que esteve em Roma, alguns poemas lírico-amorosos, comenta sobre a leitura de muitos autores nacionais e também de Fernando Pessoa.

Aldo escreveu poemas sobre muitos momentos ou fatos de vida. Como ele foi paraninfo muitas vezes e presidiu centenas de refeições de grau, sempre valorizando esse momento da vida do aluno e da família, escreveu poema exaltando a formatura: “Vencestes!”; participou da Revista de Poesia e Crítica Hispano-Brasileira; escreveu poema sobre um dos alunos do seminário que faleceu com 12 anos de idade; participou de um concurso escrevendo 11 sonetos relacionados ao poeta Guilherme de Almeida; escreveu vários hinos de caráter religioso; em 1962, visitando suas três irmãs religiosas no Rio de Janeiro, escreveu o poema “Morro de Santa Teresa”; hospedado em Campos do Jordão, em casa destinada ao clero, envolvido pela beleza do lugar, escreveu “No vale encantado”.

Em 1964, Aldo foi preso como “padre comunista”. Quando saiu e voltou às atividades como diretor e professor na FaFi de Sorocaba e nas missas, percebeu que estava sendo perseguido o tempo todo. Em 1968, decidiu ir para Roma e lá visitou o poeta brasileiro Murilo Mendes, que morava perto do Vaticano. Pediu que o auxiliasse, orientando-o para cursar Mestrado na Universidade de Roma, no que foi gentilmente atendido. De 1968-1970, além do Mestrado, fez outros cursos e viajou bastante pela Europa, procurando conhecer melhor, principalmente a Itália. Durante esse período, escreveu vários poemas, alguns metafísicos. Dentre eles, gostaria de deixar aqui, um que me parece bastante revelador de quem é este autor sobre quem estamos procurando desvendar algo por sua obra:

EU- VERBO IRREGULAR

Eu sou um homem,
Eu sou verbo irregular.

Conheço todas as regras
Sei que existem paradigmas,
Mas faço o meu caminho,
Assumo formas
A meu bel-prazer.

Eu sou homem,
Eu sou verbo irregular.

Conjugo-me por mim mesmo,
Nem ar nem er nem ir nem por.
Começo por onde quero,
Termino assim como posso.

Eu sou homem,
Eu sou verbo irregular.

Sei que existem três pessoas,
Mas ponho as outras duas na primeira,
Porque eu sou homem,
Porque eu sou eu.

Eu sou homem,
Eu sou verbo irregular.

No passado, no presente e no futuro,
Predomina em mim uma só forma:
Aquela que revelar
Minha raiz e minha desinência,
O meu bem e o meu mal.
Eu sou homem,
Eu sou verbo irregular.
Por todos os modos,
Quando indico ou condiciono,
No subjuntivo e no imperativo,
Eu faço da regra exceção
E erijo a exceção em lei.

Porque eu sou homem
Eu sou verbo irregular.

Porque eu sigo uma gramática
Por mim mesmo estruturada,
Contínua reedição
Com os mesmos erros de sempre
E a mesma sem-explicação. (p. 91 a 93)

Em 1969, morando perto de Paris, escreveu mais poemas, assim como em 1970, residindo perto de Genebra, quando, em momentos de solidão, longe da família, das pessoas amadas e do País, escreveu vários poemas, assim como quando já estava de volta a Roma, aproveitando os momentos de folga para escrever.

Em 1970, de volta ao Brasil, com a Ditadura, mas envolvido com bastante trabalho, não tinha muito tempo para a poesia, mas fez uma adaptação da música “Arca de Noé”, de Sérgio Endrigo, a pedido dos alunos de Pedagogia.

Em 1971, assumiu a paróquia de Votorantim, mas em 1973 ocorreu a tortura e morte do sobrinho amado, Alexandre. Aldo já estava em uma crise existencial, política e eclesial. A morte do Alexandre foi mais um baque; seguido e perseguido pela Ditadura, a dificuldade para conseguir descobrir onde estava o corpo do sobrinho, as mentiras, tudo isso fez com que decidisse voltar novamente à Europa, para repensar sua vida.

Trabalhando em Genebra, passou a se corresponder com Rosália Cortez, uma ex-aluna de Pedagogia, uma das únicas pessoas que o procuraram dando-lhe apoio, quando ainda estava em Votorantim. Pensando nela, trocando ideias, aproximando-se mais e mais, surgiram novos poemas e, aos poucos, ambos vão percebendo que se gostavam verdadeiramente, pois haviam sentido um desabrochar de afeto muito forte e especial antes de ele partir.

As correspondências continuaram, belos poemas surgiram. Aldo decidiu deixar o celibato. Comunicou à família e escreveu ao bispo comunicando-o e solicitando-lhe o pedido de dispensa do celibato por parte do Vaticano. Conseguiu a dispensa. Nessa época, sozinho na Suíça, Aldo leu, dentre outros, “Cem Anos de Solidão”, de Gabriel García Márquez, e “Todo el Amor”, de Pablo Neruda. Novos poemas lírico-amorosos fluíram. Aldo tinha, então, mais liberdade para soltar-se, para deixar o coração falar do amor que sentia pela amada que estava do outro lado do oceano. Revelaram-se cada vez mais e certos desse amor decidiram casar-se. Rose foi para Genebra e o casamento aconteceu na Igreja de Sacré-Coeur, em Genebra.

A vontade é de transcrever aqui vários desses poemas, mas o leitor deve ir à **Autobiografia Poética** para certificar-se melhor desses textos, principalmente “Expectativa” (belo poema, demonstrando a ansiedade pela espera da chegada da amada) ; “Por tudo isso”; “Saudade Total”; “Amor Perfeito”; “Tempos”, dentre outros. Mas só para constar mais um detalhe: em 1973, Rose enviou-lhe uma foto tirada durante a formatura dela, em Pedagogia, de rosto inteiro. Ele colocou a foto na carteira dele e lá está até hoje, na mesma carteira e no coração dele. Dentre os poemas desses momentos está este, bastante significativo em relação à história deles:

ONTEM-HOJE-AMANHÃ

Ontem, eu vivia na esperança
De descobrir você.
Hoje, em qualquer
estrada do mundo,
caminhamos sempre juntos,
no mesmo passo-certeza,
no mesmo ritmo-amor.
Só falta céus e terras se unirem
E mês e dias e horas morrerem.
E seremos um para o outro,
Um único amanhã. (p. 119).

Mesmo com a dor terrível da perda do sobrinho, Aldo, em Genebra, dentre outros poemas, conseguiu escrever o forte texto, “Oração pelos Carcascos” que termina assim: “E aos que prendem. / Nos torturam/ E nos matam,/ Dai-lhes, Senhor,/ Que um dia descubram/ Que, após a triste Sexta-Feira Santa,/ Nasce o domingo da Libertação!” (p. 127).

Voltaram a Sorocaba em 1975. Aldo passou a trabalhar bastante, como professor, depois como diretor da Faculdade de Filosofia, a seguir surgiu o Projeto UNISO, Reitoria, ABRUC, CNE e muitas outras ações, fazendo com que a poesia ficasse um pouco de lado. Ainda assim surgiram outras e também a Cantiga à FDA, Hino da UNISO (musicada pelo maestro Cadmo Fausto), e sugeriu uma nova letra para o Hino de Sorocaba, considerando que o hino existente tem letra muito difícil e as pessoas não conseguem decorá-lo.

Para concluir, Aldo comenta sobre o carinho especial que teve em suas aulas, com o Hino Nacional Brasileiro, principalmente o verso decassílabo: “Verás que um filho teu não foge à luta.” Considera que, além de ser sonoro, seu significado mexe com a nossa alma e não há como cantá-lo e não sentir sua carga de desafio e compromisso, coisa que sempre marcou sua vida.

“Lutar pelo Brasil é lutar por Sorocaba, pela minha cidade, pelo meu bairro, pela minha rua. É dar apoio direto e indireto a tudo o que ajuda a população, a tudo o que resguarda os direitos humanos, a tudo o que leva a criar beleza e amor.” (p. 138).

VANNUCCHI, Aldo. **Minhas crônicas**. Sorocaba: Eduniso, 2015.

Como diz o próprio Aldo, na apresentação do livro, “Os tempos estão bicudos, nunca é demais pensar”. Dentre os conceitos sobre crônica encontramos que são textos rápidos, normalmente relacionados ao cotidiano e publicados em jornais, às vezes uma reflexão sobre um fato do dia a dia; mas Aldo vai além disso, parece realmente estar conversando com o leitor, trocando ideias e até questiona o leitor, como se esperasse uma resposta sobre a pergunta, sugerindo quase sempre que faça uma reflexão sobre o assunto.

Linguagem simples e densa, textos muito bem elaborados, curtos, enxutos, às vezes produzem um estranhamento ao deixar o leitor parado, pensando. Outras vezes, faz com que o leitor pense: como um texto tão curto conseguiu fazê-lo pensar daquela forma? O texto laça o leitor, faz não só com que ele pense no que leu, mas que se sinta responsável também para tomar uma atitude, desenvolver uma ação, seja lá qual for. Percebe-se que o autor tem bastante conhecimento e experiência sobre o assunto que está tratando, portanto, convence mais facilmente. Traz conhecimento e leva o leitor também a sair atrás do conhecimento, o leitor quer ir além, pesquisar, saber mais. A presença do escritor-filósofo, ou vice-versa, está aparente em muitos momentos, assim como o padre casado, o professor de Filosofia, o educador, aquele que trata de assuntos relacionados à sua história, às suas experiências de vida. Às vezes dá para perceber que o texto se liga às homilias, de forma breve, presente no púlpito. É o semeador que continua semeando em outros espaços, característica do Aldo em tudo que faz.

As crônicas do livro foram publicadas anteriormente nos jornais de Sorocaba, e apresentam assuntos diversos: Trata de uma simples caminhada, no dia a dia, fazendo refletir; trata de Carnaval, do trabalho, do homem do campo e do homem da cidade, do direito à preguiça, da alimentação, da saúde física e mental, de música, da arte, futebol, família, do meio ambiente, etimologia, política e sexo, dentre outros assuntos. Saliente-se, porém, a forma como o cronista nos apresenta muitos dos grandes filósofos da humanidade, mostrando-os como seres comuns que, apesar de deixarem-nos a herança de conhecimentos importantíssimos sobre a existência, também tiveram fragilidades. E isso tudo, Aldo nos mostra também com a pintura de que é possível falar sério, brincando, com suas investidas várias vezes

irônicas e outras com humor certo, fazendo-nos rir de nossas desgraças, às vezes talvez até com gargalhadas.

A vontade é dizer muito mais, porém deixo aqui apenas alguns pequenos trechos de algumas das crônicas, talvez para que o leitor sinta a vontade de ir até a obra, porque o prazer está na leitura dos textos por inteiro:

“O mundo sempre muda um pouquinho, quando eu faço algo de bom.” (p. 10).

“Filosofar é isso: procurar ver a realidade como ela é, mas sem se deixar aprisionar por ela, dobrado pela ignorância, pelo comodismo ou pela indiferença. É saber entrar na luta, livre de preconceitos e de preferências.” (p. 12).

“Nada, porém, me tira a caminhada diária.” (p. 15).

“Caminhada não é propriamente passeio. Passeio é, literalmente, passo a passo, com o simples compromisso do descanso, do lazer, do passar horas, enquanto a caminhada segue um tempo controlado, tem um propósito maior, de exercício físico e mental, de preservar a saúde e de valorizar o dom da vida.” (p. 17).

“Só se identifica, enquanto sujeito único e inconfundível no meio do mundo, quem busca tomar consciência de sua existência diferenciada, não só visualmente, mas também pelas suas relações, pelos seus conhecimentos, pelas suas crenças, pelas suas atitudes e opções. É assim, existencialmente, que o ser humano se define e se identifica, assumindo a consciência clara e persistente da própria personalidade.” (p.28)

“A travessia existencial exige pouso e repouso, senão viramos máquinas, sem a dignidade de pessoa.” (p. 32).

“Uma simples dor de cabeça paralisa até um filósofo.” (p. 37).

“Palavras são como roupa. Vestem nossos pensamentos. Quem pensa bem, se expressa bem, apresenta-se bem.” (p. 47).

“Se com os tempos críticos da Ditadura, aprendemos a sonhar e lutar pela democracia, hoje tantas decepções políticas estão por aí para nos mostrar que resta ainda comprida estrada na edificação de um país justo e digno.” (p. 49).

“A dignidade da minha essência humana só aparece e cresce pelo meu fazer e pelo meu agir conscientes e responsáveis, ou seja, quando eu cumpro bem, no sentido prático e no sentido moral, o trabalho de cada dia.” (p. 53).

“Hoje, o que o Brasil precisa é de uma luta de todas as classes sociais pela melhoria total das nossas classes escolares, da creche à universidade. Sem educação não há saúde nem desenvolvimento. Com os níveis educacionais de hoje, o País, tão rico de recursos naturais e de brilhantes talentos em tantas áreas, não alcançará os padrões de dignidade e saber com que todos sonhamos. E continuaremos uma nação técnica e culturalmente subalterna.” (p. 65).

“A vida ensina a gente a trabalhar sempre com a razão, é claro, mas sem excluir o coração, porque uma das suas razões que a razão desconhece é a degustação da beleza, a chamada experiência estética. Trata-se de uma experiência única, de ordem espiritual, diferente da satisfação intelectual de uma boa piada, do prazer corporal de um bom prato e do gozo sexual de uma relação.” (p. 68).

“Fruto, sem dúvida, da alta tecnologia, o celular não existiria se não gôzâssemos da razão. Mas, como acessório material, não vale mais que a nossa inteligência. É irracional fazê-lo senhor de todos os nossos passos.” (p. 81).

“Está na hora de nós, brasileiros, podermos discutir e legitimar ou não decisões de caráter estratégico levantadas em Brasília, em São Paulo ou em nosso município, sejam elas definidas ou apenas preparatórias de certas reformas necessárias e desejáveis. Diria mais: está na hora de irmos às ruas, de sol a sol, para manifestar nossa indignação, para dizer basta de corrupção e de cinismo, de grandes e pequenos, de tubarões e de lambaris. Não é hora nem de relaxar nem de agredir, mas, simplesmente, de agir.” (p. 85).

“Viver pode ser mero destino biológico, mais ou menos autônomo, enquanto existir é exercício de liberdade, decisão, compromisso.” (p. 88).

“Por que a nossa Semana do Tropeiro não faz a cidade vibrar? É velharia? Seria mal organizada? O que vocês sugerem?”

Falando sobre a sala de aula: “Só se respiram bons ares em ambientes inspiradores, onde existe o gosto de aprender e o entusiasmo para ensinar, onde se sentem afeto e solidariedade, onde se tem contato com o novo e com o belo, com aquilo cuja percepção causa prazer.” (p. 112).

“Vida sem paixão, só no caixão.” (p. 113).

“Quem lê amplia seus horizontes, enxerga melhor o ordinário e o extraordinário do contexto social e se capacita melhor para o exercício da cidadania.” (p. 125).

“O machismo dos intelectuais sempre tentou circunscrever a mulher aos limites do espaço privado, mas a partir do século passado estão recuperando crescente visibilidade filósofas notáveis, de ontem e de hoje.” (p. 144).

“Não estou na natureza, a natureza é que está em mim. Sou um composto natural, tanto quanto uma estrela, um animal ou uma árvore, mas com o privilégio da razão, posso e devo relacionar-me, inteligentemente, com o mundo. Sou ente e agente ambiental.” (p. 176).

“Um pedreiro tem cultura tanto quanto um professor. Os dois diferem, mas os dois são cultos e indispensáveis.” (p. 196).

“Pela Filosofia, podemos compreender melhor nosso mundo interior, nossas tendências e conflitos, nossas perplexidades e nossos ideais e, assim, com mais sensibilidade e mais lucidez, compreender e julgar o mundo exterior em que vivemos, suas verdades e suas mentiras, o que nele se encontra de permanente e de passageiro, seus problemas e seus valores.” (p. 200).

“Filosofia não é para viver nas nuvens, mas no mundo real e para torná-lo melhor.” (p. 201).

“Filosofar não é privilégio de superdotados. Toda pessoa um dia empaca em temas como vida, amor, destino, morte, liberdade, o bem e o mal, temas geradores de uma série de ideias e sentimentos, que redundam no conselho fundamental de Sócrates: conhece-te a ti mesmo.” (p. 208).

Palestra e lançamento do livro *Minhas crônicas* na XXX Semana de Letras da UNISO
(17.10.2016)



Foto: Karol Póss

VANNUCCHI, Aldo. **Um padre diferente**. Sorocaba: Eduniso, 2017.

Em certa ocasião, Aldo leu, no Jornal Cruzeiro do Sul, de Sorocaba, que havia a necessidade de se publicar uma biografia do Padre André Pieroni. Como Aldo tinha sido aluno do Padre Pieroni, no Seminário, havia sido seu coroinha, tinha por ele carinho, respeito e admiração, tornara-se seu amigo e o acompanhara em muitas de suas ações, isso fez com que Aldo, mesmo não se considerando historiador, mas conhecedor do sacerdote, se motivasse a escrever a biografia.

Lembro-me que, quando eu era criança, morando em Sorocaba, ouvia falar do Padre Pieroni como um padre diferente dos outros, muito popular, que parava na rua e conversava alegremente com as pessoas, andava de moto e fumava. Depois soube que estava construindo, com suas próprias mãos, uma casa de pedras parecida com um castelinho, em Araçoiaba da Serra-SP. Quando o vi, pela primeira vez, realmente chamou-me atenção o porte alto, de batina preta, simpático, falas e atitudes rápidas de quem sabia o que estava fazendo ou querendo.

Quando vi o nome do livro que o Prof. Aldo estava lançando, “Um padre diferente”, e fiquei sabendo que era sobre o Padre André Pieroni, considerei que o nome era apropriado. Lendo-o, reforçou a minha simpatia e o sentimento de gratidão que o povo sorocabano deve ao padre André.

Aldo novamente faz sua narrativa fluir naturalmente e essa naturalidade tem razão de ser pois é sobre alguém que conheceu de perto, que sempre admirou e a quem sempre teve gratidão. Conhecedor dos fatos, é como se estivéssemos sentados juntos e ele estivesse nos contando a história, com um sorriso nos lábios e rindo em vários momentos, pela forma com que o Padre André decidia fazer as coisas, demonstrando sua personalidade.

Aldo nos conta que André Pieroni “foi um padre diferente. Precursor dos grupos da Ação Católica na cidade, implantou o primeiro núcleo local do movimento internacional de promoção do operariado, centralizado em Bruxelas, conhecido como Juventude Operária Católica – JOC. Muito criticado em vida por pessoas de espírito tacanho que o queriam apenas em missas e sacristias, sempre procurando servir a todos, conseguindo atendimento hospitalar para indigentes, dando aulas particulares

sem cobrança e até consertando, na rua, a moto de alguém perplexo por algum inesperado problema mecânico. [...] Acusavam-no de político, mas foi sua ousadia política que o levou várias vezes à capital do País, para, literalmente, arrancar de lá a documentação criadora de várias faculdades. Discriminavam-no como sacerdote estranho às normas canônicas, mas ele, pobre, desprendido de qualquer honraria, sempre de batina, pensava mais no povo de Deus do que nas estruturas eclesiásticas e manteve sempre a obediência própria de um filho da Igreja.” (p. 14-15).

Foi nomeado, em 1938, assistente da Juventude Operária Católica – JOC; em 1940, passou a ser professor e Ministro de Disciplina no Seminário São Carlos Borromeu, onde também dava atividades esportivas para os seminaristas, incluindo futebol, dentre os quais estava o Aldo que nos conta do dia em que ele passou o seguinte aviso: no dia seguinte todos deveriam tomar banho, vestir-se com a batina e aguardarem na porta de entrada, em fila de dois, pois receberiam uma visita importante. Todos cumpriram a orientação e aguardaram ansiosos, até que chegou o Padre André conduzindo uma vaca holandesa para dentro do Seminário: estava garantido o leite puro para todos, sem peso orçamentário.

Não se preocupava com sua roupa quando era necessário pegar em uma enxada ou uma colher de pedreiro para trabalhar, como fez no próprio Seminário e no Ginásio de Esportes, quando estavam sendo construídos.

Aldo conta sobre a origem italiana familiar, formação, traços biográficos do Padre André e seu envolvimento político, principalmente perto do prefeito Gualberto Moreira. Era tão atuante na cidade que o colocaram para disputar como vice-prefeito, mas seu respeito por Dom Aguirre, que não concordava com a atuação política tão direta, dos sacerdotes, fez com que ele declinasse desse convite.

Em 1949, decidiu tomar uma atitude para conseguir uma faculdade para Sorocaba, pois não havia nenhuma. Pretendia instalar uma Faculdade de Filosofia e foi conversar com o prefeito Gualberto Moreira, que concordou, mas que primeiro deveria ser uma Faculdade de Medicina, depois a de Filosofia. Saíram atrás e depois de muita luta, foram criadas e passaram a funcionar a de Medicina em 1950 e a de Filosofia, Ciências e Letras, em 1954, quando Gualberto era Deputado Estadual.

Dentre suas artimanhas, Aldo nos conta de sua habilidade em resolver situações, como quando Dom Aguirre estava voltando de Roma para o Brasil e era esperado para realizar a ordenação sacerdotal do Padre Mauro Vallini, em Porto Feliz. Houve greve dos marinheiros, na partida do navio, e certamente o navio estava atrasado. Se fosse esperar a chegada de Dom Aguirre, em Santos, como estava prevista, não haveria tempo para a ordenação. Padre André, com sua habilidade e forma de ser, conseguiu fazer malabarismos para ir ao Rio de Janeiro e entrar no navio, para pegar Dom Aguirre e em seguida colocá-lo em um avião e fazer com que chegasse em tempo, em Porto Feliz. Algo quase inacreditável, para a época. Essa era a maneira de ser do Padre André, sempre pronto a vencer barreiras para ajudar alguém.

Aldo vai demonstrando a importância do Padre André para Sorocaba e quanto o povo deve de gratidão pelo seu trabalho, pois foi sua luta que nos trouxe a Faculdade de Medicina, que hoje é da PUC-SP, a Faculdade de Filosofia, que hoje é a UNISO, e foi o principal auxiliar de Dom Aguirre para construir o prédio do Seminário Diocesano. Construiu o Galpão de Recreio dos Seminaristas. Não foi o responsável, mas contribuiu para o funcionamento da Faculdade de Direito de Sorocaba. Junto de pessoas influentes da cidade, fundou a Faculdade de Direito de Itu - FADITU. Graças ao seu trabalho, Sorocaba conseguiu sua 4ª. Escola de Ensino Superior, a Faculdade de Educação Física. Convidado a dar aulas de Matemática no Curso de Agrimensura, acabou criando o Curso Ginásial do Liceu Pedro II, passando a ser seu diretor. Foi também um dos principais auxiliares para a construção do Ginásio Municipal dos Esportes de Sorocaba.

A forma como Aldo nos conta a história do Padre André, faz com que, no final da leitura fiquemos imaginando o quanto Sorocaba e região deve realmente a esse padre simples, humilde, que sofreu tantos ataques, tanta censura pela sua maneira de ser, mesmo dentro do próprio clero, mas que não desistiu, porque queria possibilitar à comunidade condições melhores e conseguiu. É o tipo de vida e de história que possibilita a transformação da linguagem literária para a linguagem cinematográfica, certamente merece.

Painel no saguão de entrada do Câmpus Trujillo. Homenagem ao cônego André Pieroni.
"Pai das Faculdades Sorocabanas"



Nota: Esse painel fez parte de um desfile da Escola Matheus Maylasky-Sorocaba.
Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

Placa do Edifício Central do Câmpus Trujillo com o nome do Cônego André Pieroni
(07.03.1989)



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

VANNUCCHI, Aldo. **Universidade de Sorocaba, 25 anos**. Sorocaba: Eduniso, 2019.

Aldo Vannucchi, em uma das entrevistas que fizemos com ele, nos disse que sua ‘obra prima’, no sentido de trabalho, objetivo de vida profissional, é a concretização da UNISO, seu grande sonho. Portanto, depois de 25 anos da instalação da UNISO e vivendo o dia a dia de seus acontecimentos, ninguém melhor do que o próprio Aldo, ‘pai da criança’, para falar do nascimento, infância, adolescência e início de juventude do filho que cresce aos olhos vistos, com muita saúde, muitas realizações, muita sabedoria e muito conhecimento, colaborando para o desenvolvimento de toda a região, e cumprindo com a sua missão: “Ser uma Universidade Comunitária que, por meio da integração de ensino, pesquisa e extensão, produza conhecimentos e forme profissionais, em Sorocaba e região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos.”

Nesse livro, nas suas 346 páginas, que ele considera ‘uma coletânea de informações interessantes para os leitores de amanhã e para a recordação afetuosa dos que viveram esse jubileu de prata’, ele cita e às vezes comenta os principais acontecimentos da UNISO, ano a ano, de 1994 a 2019, seu ano de Jubileu de Prata. É apenas uma síntese, pois jamais caberia nele a citação de todos os eventos que aconteceram, aliás, muitos não aparecem nem nos Relatórios Anuais da UNISO, pois acabam escapando deles. E isso tem a parte boa: a Universidade desenvolve tantas ações, há tal ebulição de atividades que às vezes os responsáveis consideram mais interessante citar somente os que envolvem maior número de pessoas, ou aqueles que ficam mais aparentes, mesmo sabendo que são importantes.

Portanto, nesse sentido cronológico dos fatos, citaremos alguns deles. Por exemplo, logo no início Aldo comenta que quando a UNISO foi criada, ela apresentava 97 funcionários, 121 professores, 4.500 alunos em 9 cursos de graduação. Em 2019 já havia 340 funcionários, 423 professores e cerca de 10.000 alunos de graduação, pós-graduação e extensão em 64 cursos de graduação, 13 de especialização, 4 mestrados e 4 doutorados. Considere-se que, antes de se transformar em Universidade, a Instituição já havia formado 15.707 licenciados e bacharéis de mais de 60 municípios. Com certeza, uma trajetória de sucesso, pela qual o Prof. Aldo muito comemora e comenta em sua introdução: “Num tempo que se caracteri-

za pela mania do imediatismo e pela fuga da reflexão, esta obra poderá, quem sabe, estimular os leitores a pinçar dentro dela coisas e casos que os façam ponderar quanto vale acreditar num projeto considerado quase impossível, tempos atrás, e hoje homologado e vitorioso, a UNISO, a nossa Universidade de Sorocaba.” Aliás, é dele que eu ouvi várias vezes: ‘A única Universidade verdadeiramente de Sorocaba, até o momento’.

Inicialmente, Aldo cita os membros da primeira Reitoria, as primeiras providências e reuniões e o acervo da Biblioteca (na época, com 31.783 títulos, 47.470 volumes e 1.446 periódicos)

Se fizermos uma comparação com o presente, em 04/06/2020 a Biblioteca já estava com 81.911 títulos de livros e 173.371 volumes; periódicos em geral 2.181, volumes 59.246, eletrônicos 2.195; bibliotecas digitais (livros) 17.973. Total do acervo: 235.541 volumes.

Em seguida, Aldo cita os primeiros setores e convênios. O sucesso do primeiro vestibular com 5.736 candidatos para 13 cursos; o novo câmpus do Seminário, onde, além de cursos, núcleos e Universidade da Terceira Idade, também se instala a Reitoria. A UNISO é uma das primeiras universidades do Brasil e se integra na Avaliação Institucional. Começam os debates do Projeto Institucional e Pedagógico, crescem os projetos de pesquisa, é instalado o laboratório de línguas, começa o intercâmbio internacional tanto de alunos como de professores, inicialmente com a Espanha. Cresce a Extensão, dentre os projetos, o da coleta seletiva de lixo, valorização da cultura afro-brasileira, o apoio à criação da Bacia Hidrográfica do Sorocaba e Médio Tietê, reuniões com prefeitos da região procurando integração da universidade com as necessidades da região; aquisição da área para a Cidade Universitária (aqui Aldo faz um belo levantamento da história da Granja Julieta, que ficava nas terras onde foi construída a Cidade Universitária, apanhado que se relaciona à história de Sorocaba). Primeiro mestrado, novos cursos, novos laboratórios, pesquisa, prática desportiva, projeto da Cidade Universitária, Sorocaba 100 Analfabetos, Núcleo de Prática Jurídica, Pedra Fundamental da Cidade Universitária, convênios, metas atingidas, professores e alunos que se projetam em âmbito nacional e internacional, Mestrado em Educação, Inauguração da Cidade Universitária, Pesquisa Of Mind; Programas Vitoriosos, como o Curso de Direito da UNISO colocando-se no terceiro lugar nos exames da OAB, atrás apenas da USP e da PUCSP em 2000; UNISO premiada “Empresa que Educa”;

Projeto Catares; inauguração dos prédios: Administrativo, o dos Laboratórios de Farmácia e o dos Laboratórios de Hotelaria e Turismo, na Cidade Universitária; entrega do título de Doutor Honoris Causa a várias personalidades; inauguração do Bloco D, do Núcleo de Terapia Ocupacional, do Laboratório de Física, da Academia de Ginástica, Festa Junina, UNISO Aberta recebendo alunos visitantes da região; clone da paineira histórica da Árvore Grande, pelo NEAS e plantio de uma muda na Cidade Universitária e outra no local da antiga árvore que dava nome ao bairro; Farmácia Comunitária; Câmpus Tietê; Laboratório de Nutrição; Revista do Mestrado em Educação; Empresa Júnior; Comissão de Concursos; vitórias judiciais; Reitor eleito presidente da ABRUC; Grupo de Teatro Universitário Katharsis e suas apresentações e prêmios nacionais e internacionais; implantação de informatização do sistema acadêmico e financeiro; Fundação Dom Aguirre e UNISO; Grife UNISO; Arte na UNISO; Centro de Estudos de Antibióticos; bolsas PIBIC; estudos para a futura Região Metropolitana; Mestrado em Comunicação e Cultura; Reitor como Conselheiro no CNE; Prêmios; Congresso Internacional de Iniciação Científica na Cidade Universitária; Avaliação Docente; EDUNISO; Integração Mantida-Mantenedora; Mestrado em Ciências Farmacêuticas; Congressos, Fóruns e Seminários nacionais e internacionais na Cidade Universitária; Revista de Estudos Universitários; UNISO no Parque Tecnológico; Assessoria de Relações Nacionais e Internacionais - ARNI; Pesquisa Social; Restauração de Matas Ciliares; Doutorado em Educação; UNISO no Ministério da Saúde; Revista Eletrônica; Cápsula do Tempo/Trujillo – (que deverá ser reaberta em 15/09/2024); Eleição do novo reitor: Prof. Fernando de Sá Del Fiol; Educação a Distância da UNISO; Centro de Estética e Cosmética; Criação da Ouvidoria com nomeação do Prof. Aldo Vannucchi como Ouvidor; pesquisa patenteada; inauguração do Bloco E; Laboratório de Práticas Clínicas; Curso de Equinocultura; Programa de Aperfeiçoamento Docente; Programa Nacional de Formação de Professores; Exemplos de Superação de Alunos com deficiência visual; Comissão de Ética; UNISO na Globo; Mestrado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais; Aluno Top; Reeleição do Reitor Prof. Fernando de Sá Del Fiol; Laboratório de Pesquisa Toxicológica; Brinquedoteca; Maratona Computacional; Núcleo de Saúde; Reconhecimento da UNISO como Comunitária; Assessoria de Comunicação Social; Internacionalização; Encontro de Pesquisadores

e de Iniciação Científica-EPIC; Encontro de Extensão - ENEX; Produção Científica; Laboratório de Design; Plano de Desenvolvimento Institucional; Programa de Aperfeiçoamento Técnico-administrativo; Informática; Programa UNISAÚDE; Núcleo de Cultura Afro-brasileira; Doutorado em Ciências Farmacêuticas; Programa Cesta Básica; Programa Univer-Cidade; E-books de Revistas da UNISO; Projeto Cordel da Moda; Blog da 3ª Idade; UNISO no Exterior; Relembrando Vandrê; Projeto Fios de Alegria; Reciclagem de Resíduos de Cigarro; Semana de Biotecnologia, Agricultura e Meio Ambiente; UNISO e Grupo Campari; Prêmios internacionais; Biblioteca dos Sonhos; Iniciação Científica Júnior; Núcleo de Saúde; Universidade vai à Escola; Projeto Administração; Teatro da 3ª Idade; Hospital Veterinário; Curso Vestibular Gratuito; Curso de Odontologia; Congresso Internacional de Educação; Vídeos para Ongs; UNISO e Esporte; Projetos na Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo - FAPESP; Crédito Educacional da UNISO - CREDUNISO; Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos – PROEJA; Revista Tríade – do Mestrado de Comunicação e Cultura; Campeonato de Videogames; Eventos em Arquitetura; Congresso de Urgência e Enfermagem; Documentário UNISO e Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR; Laboratório de Veterinária; Colóquio Paulo Freire; A fauna da UNISO; Eleição do novo Reitor: Prof. Rogério Augusto Profeta; Programa UNISO ‘Amiga do Empreendedor’; Repouso na Biblioteca; UNISO Summit; UNISO Nota Máxima: nota 5 do MEC; Oportunidades Profissionais para alunos; Engenharia ajuda família carente; Cursos Unidos por uma Entidade; Curso de Jogos Digitais; Arquitetura e Design finalistas em Concurso; Matemática 50 anos; UNISO na Coleta de Alimentos; Sinalização de Entidades; jornal UNISO Ciência com jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba; Programa Uniso Hands On; Curso de Fonoaudiologia; Clínica Odontológica (prédio de Odontologia com 2.800 m2, com 63 consultórios, 5 laboratórios e 8 áreas de radiografia digital e tomografia computadorizada); 4º doutorado: Doutorado Profissional em Processos Tecnológicos e Ambientais; Internacionalização: workshops em Língua Inglesa; Sthema Lab – Laboratório Interdisciplinar de Inovação; Agência de Inovação; Laboratório de Games; Inauguração de Praças projetadas por alunos de Arquitetura e Urbanismo.

Estes são, portanto, alguns dos assuntos tratados nesse livro. Saliente-se que, no Relatório das atividades de cada ano aparece o depoimento

de algum funcionário ou de algum professor que se destaca no tempo em que está na instituição ou em ações que desenvolve, apresentando sua visão sobre a instituição, enriquecendo muito a participação da comunidade que ali trabalha.

Transcreverei somente pequenos trechos das falas dos reitores, em algum momento desses anos ou quando assumiram ou deixaram seus cargos, e de uma funcionária, para demonstrar um pouco sobre a importância da Instituição em suas vidas e da participação do Prof. Aldo, no contexto relacionado a eles.

Sessão solene do 3º aniversário – 1997 –: “A Universidade em construção, lance por lance, etapa por etapa... Estamos em plena travessia, embalados sempre pelos mesmos sonhos, movidos sempre pelos mesmos ideais, mas calibrados, no dia a dia, pelas urgências do que fazer, como Universidade Comunitária, embora não estatal, empenhada num processo de qualidade no ensino, na pesquisa, na extensão e na sua própria administração, sempre à luz dos princípios cristãos.” - Aldo Vannucchi” (p.48)

Sessão solene do lançamento do livro “Fundação Dom Aguirre: 35 anos de história” de autoria do Prof. José Carlos de Araújo Neves: “Quem senão o Cristo Mestre para incentivar uma Fundação, pelo seu Colégio e pela sua Universidade, a devotar-se inteiramente à causa da Educação? Quem senão o Cristo Mestre para se constituir na inspiração maior da nossa Universidade, cuja missão é produzir conhecimentos e formar profissionais à luz dos princípios cristãos? Quem senão o Cristo Mestre para dizer muito obrigado às três respeitáveis entidades hoje agraciadas com a Medalha Cultural Dom Aguirre, por tudo o que já realizaram por Sorocaba, por tudo o que vêm fazendo pela comunidade e por tudo o que ainda semearão de benemerência e amor?” - Aldo Vannucchi (p. 60).

Inauguração da Cidade Universitária, com a presença do governador Mário Covas, de Dom José Lambert, do Prefeito Renato Amary e vários prefeitos e autoridades: “Se bem interpreto a alma desta comunidade em festas, duas palavras perpassam e sintetizam os sentimentos nossos nesta solenidade: gratidão e compromisso. [...] Gratos, sinceramente gratos estamos todos, enfim, aos trabalhadores de todos os níveis, diplomados ou não, que aqui deixaram marcas indeléveis de sua competência e do seu suor, desentranhando da terra e da rocha a imponência acolhedora deste conjunto arquitetônico e paisagístico. [...] |Por fim, nosso terceiro e não

menos compromisso é o que eu chamaria de compromisso com a esperança. Um câmpus maravilhoso como este, cuja área construída ultrapassará os 150.000 metros quadrados, provoca, sem dúvida, um forte apelo de esperança para uma universidade que está prestes a completar apenas cinco anos de vida.” (p. 67 - 69).

“O que se vê e o que se vive é uma obra em efervescência. Ali ferve o trabalho em comunidade, ali ferve a vida. É o que se viveu na UNISO, um verdadeiro e feliz fervet opus de alunos, de funcionários, professores e dirigentes, sem alegar impossibilidades e cansaços, envolvidos em pesquisas, eventos científicos, projetos de extensão e inúmeras outras atividades do dia a dia. Essa população intensa de uma Universidade dinâmica comprometida com a melhor formação possível dos seus alunos e com o desenvolvimento integral da sociedade em que está inserida.” (p. 75- 76).

Inauguração do Prédio Administrativo e do Prédio de Apoio 2, em 2000: “Se os áugures da Roma Antiga diziam prever o amanhã seguro perscrutando o voo e a voz das aves e de pássaros, hoje o que desejamos, sinceramente, é proclamar que esta ‘inauguratio’ representa para nós a confirmação do compromisso de continuar construindo, com humildade e obstinação, uma Universidade autêntica, onde se reproduza o sonho de todos os que sonham com um Brasil mais justo e onde repercute a voz de todos os que lutam por uma Sorocaba melhor.” (p. 81).

“Para mim, a UNISO traz formação e transformação na vida daqueles que passam por ela e que permitem essa complementação em suas vidas hoje e sempre. Universidade de Sorocaba, sempre lhe serei grata.”- Eliégine Miranda Silva – funcionária e ex-aluna) (p. 88).

Como estive presente na sessão de posse do novo reitor Prof. Fernando de Sá Del Fiol, assim como depois de 8 anos, na sessão de posse do reitor Prof. Rogério Augusto Profeta, considero que foram momentos muito especiais pela forma carinhosa como o Prof. Aldo passou a responsabilidade ao Prof. Fernando e como este passou também de forma carinhosa a responsabilidade ao Prof. Profeta. Três profissionais de grandeza, que muito admiro e respeito, que amam o que fazem e sempre demonstraram isso com a paixão que exercem e exerceram seus cargos. Portanto, ao lermos sobre essas sessões solenes, no livro, novamente nos causam comoção. É como o pai deixando seu filho querido aos cuidados do amigo presente, com muita confiança (palavra usada aqui, pelo Prof. Profeta).

Mas escuto sempre, do Prof. Aldo, a admiração, a segurança e gratidão que sempre sentiu com as novas reitorias. São profissionais e amigos que se gostam e se respeitam. Não há competição, há troca, partilha, contribuição mútua. Essa a razão que fizeram que muitas das dificuldades, inclusive financeiras, fossem vencidas.

Prof. Aldo: Sessão Solene de Posse do novo Reitor Prof. Fernando Del Fiol – “[...] Senhoras e senhores. Com total convicção, vejo, hoje, a UNISO como um dos tesouros mais valiosos da nossa sociedade e, por isso mesmo, merece e exige essa atenção dobrada, respeitosa e permanente. Quem a ama, tem o dever moral de lhe prezar o passado. Quem trabalha nela e por ela trabalha há de cuidar do seu presente, com critério e dedicação. Quem a conhece e nela integra seu projeto de vida constrói, dia a dia, o seu amanhã, a sua missão e os seus objetivos institucionais, concretizados tanto no tripé Ensino – Pesquisa – Extensão, como no seu perfil comunitário, sempre à luz dos princípios cristãos, os mesmos princípios daquele que sempre me inspirou, como pai e mestre, Dom José Carlos de Aguirre, o nosso insigne patrono institucional. [...] Tenho muito que agradecer. E, com o coração transbordando de verdade, quero aqui agradecer o apoio generoso, em todos esses anos, da minha esposa e dos meus filhos, de todos os pró-reitores com quem trabalhei, da chefe de gabinete e das secretárias de ontem e de hoje, dos coordenadores, dos professores, dos funcionários e da entidade mantenedora, a Fundação Dom Aguirre, na pessoa de Dom Eduardo, seu presidente, em boa hora enviado até nós pela Providência Divina.

Por fim, não quero e não devo concluir, sem mergulhar também no silêncio fecundo da oração. Projetem seus sonhos e decantem suas vitórias os prometeus da academia, fundados, exclusivamente, nas próprias forças. Quanto a mim, nos seis anos de Projeto UNISO, de 1988 a 1994, e nos 15 de reitor, de 1994 a 2010, preferi sempre escorar-me num poder maior: ‘tudo posso naquele que me fortalece’. E é nesse espírito que desejo esteja a pulsar, nesta noite histórica, toda a nossa comunidade acadêmica, unida em oração de súplica pela Universidade, agora entregue ao governo do novo reitor, o competente e ponderado Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol. Tenho fundamentadas razões para acreditar que ele será o homem prudente capaz de continuar a edificar e a desenvolver a UNISO sobre a rocha firme.

Amigo Reitor, Prof. Fernando, surgirão à sua frente inúmeras dificuldades, soprarão, por vezes, insidiosos ventos de oposição e correrão, aqui e ali, rios poluídos de não poucas incompreensões, mas a UNISO permanecerá inabalável e soberana. E, graças à sua atenta direção, continuará crescendo com progressiva qualidade, sempre voltada a formar alunos capazes de transformar o seu ambiente de vida, sempre comprometida com o aprimoramento da educação nacional. Assim, com tranquilidade e alegria, em clima de contemplação, de reflexão, de gratidão e de oração, é que lhe vou passar, Prof. Fernando, as insígnias de Reitor. São marcas exteriores não de grandeza, mas de responsabilidade. Enobrecem, mas não cegam. E, assumidas, agora, por você, estarão dizendo a todos os alunos, funcionários e professores, que a UNISO mudou de reitor, mas não de rumo. Será sempre a Universidade genuinamente comunitária. Será sempre a única Universidade verdadeiramente de Sorocaba.” (p. 179 - 182).

Prof. Fernando Del Fiol: “Neste dia de grande importância pessoal e institucional, gostaria de dirigir minhas primeiras palavras àquele que construiu esta Universidade, fruto de um sonho, fruto de seu desprendimento, fruto do seu trabalho, bendito fruto de sua incondicional dedicação. Prof. Aldo Vannucchi, seu legado não se encerra nas paredes e nos livros de nossa casa, mas nos recobre em exemplos de sabedoria, paciência e dedicação; rogo a Deus que me abençoe com a clareza e a serenidade de suas decisões, para que possa, nunca de maneira igual, mas com a mesma seriedade e respeito, conduzir, com ajuda de todos vocês, esse imenso trabalho que hoje me é entregue. Prof. Aldo, nos últimos três anos, quando tive o prazer de trabalhar ao seu lado, procurei olhar e entender cada gesto seu, cada passo, tirando deles exemplos e ensinamentos. Querido Professor, tenha certeza, prestei muita atenção em cada uma de suas decisões e, ao meu modo, comprometo-me com os mesmos princípios que regeram seu grande trabalho na nossa Universidade: respeito, dedicação, verdade e muito trabalho. Prof. Aldo, entendo que todo o sentimento que a Universidade tem pelo senhor nunca poderá ser expresso em uma fala, ele deverá ficar marcado na história de cada um que por aqui passou. Ao senhor, o nosso eterno reconhecimento e admiração pelo seu exemplo.” (Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol – ao assumir a Reitoria) (p. 182-183).

Prof. Aldo: “Lembro-me do primeiro contato com este espaço, quando era apenas cogitada sua aquisição. Não foi uma visita entusiasmante. Tudo começava por uma porteira mambembe, que abria para um cenário agreste, apenas mato, touceiras e matacões. Um pasto a se perder de vista com mais de um milhão e trezentos mil metros quadrados, cercado de muita mata. Mas as boas condições de compra e, sem dúvida, uma excelente visão de futuro, pesaram favoravelmente. Foi fechado o negócio e as obras começaram, corajosa e aceleradamente, e assim, em 31 de julho de 1999, a UNISO, com apenas cinco anos de idade, inaugurou aqui sua Cidade Universitária. [...] Hoje aqui se encontra, sem sombra de dúvida, um dos pontos mais nobres e mais dignos da riqueza cultural do nosso município. E, para os que trabalham ou estudam nesta Cidade Universitária, as horas aqui vividas propiciam um ambiente onde o ‘ora et labora’ se casa muito bem com o rumor do vento e o vozerio dos estudantes, tudo emoldurado pelo verde de duzentas espécies vegetais, tudo coroado pela tranquilidade de um lago e pontilhado de preciosas nascentes, tudo colorido por muitos pássaros e aves, com destaque dos nossos tucanos ariscos e das nossas folgadas seriemas. Com a UNISO completando 19 anos, maior de idade, portanto, aqui estou eu ainda, numa feliz e plena terceira idade, gozando do favor divino de vivenciar esta Cidade Universitária, vendo-a tão florente e pujante, com mais um bloco previsto em seu plano diretor. Que sabor de vitória para os que a dirigem e que sensação de missão cumprida para quem a sonhou um dia! [...] Agradeço de coração a inesperada homenagem, mas jogo para o Conselho Superior da Fundação e para o Conselho Universitário da UNISO toda a responsabilidade dessa ousadia. Senhoras e Senhores, faço questão de declarar minha inocência nessa decisão temerária. [...] Agradeço sim, esta delicadíssima homenagem, mas que ressoe bem forte, no presente e no futuro, a sábia e perene advertência do inspirado salmista: ‘Se não é o Senhor que constrói a casa, pouco adianta o trabalho dos pedreiros. Se não é o Senhor que protege a cidade, é inútil a vigilância dos seus guardas. (Salmo 126,1).

Sem culpa minha, esta Cidade Universitária vai ser, doravante, marcada com meu nome, mas que fique lavrado, ad perpetuum rei memoriam, que o que mais me felicita, neste momento, é, de um lado, a convicção de que fui um dos seus pedreiros, e, de outro lado, a confiança de que os seus dirigentes, professores, funcionários e alunos serão sempre guardas

amorosos de sua história e seu destino. Assim o Senhor nos ouça. Assim o Senhor nos conceda.” – Prof. Aldo Vannucchi – Na sessão de inauguração do Bloco F - (13/09/2013) e no mesmo dia em que o Prof. Aldo foi homenageado com seu nome passando a identificar a Cidade Universitária. (p. 219- 223).

Prof. Fernando Del Fiol: “Ao deixar a Reitoria hoje, eu tenho a mesma sensação daquele que volta para casa após um dia intenso de trabalho. Aquele que volta cansado, com o corpo pesado, mas com a alma leve, com a sensação de que fez tudo o que acreditava, da melhor forma que soube fazer. Para me despedir de meus oito anos de Reitoria, eu não tenho mais nada a fazer a não ser agradecer. Só agradecer. [...] Ter dirigido a UNISO não é referência acadêmica, mas é marca para uma vida toda. Espero ter feito a Ela tão bem quanto Ela me fez. UNISO, muito obrigado.” (Prof. Dr. Fernando de Sá Del Fiol – ao deixar a Reitoria após seu segundo mandato) – (p. 300 - 301).

Prof. Rogério Profeta: “Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus pela oportunidade de permanecer por mais de 30 anos nesta Fundação. Uma instituição que se preocupa, por meio das suas mantidas, UNISO e Colégio Dom Aguirre, em levar os princípios cristãos a todos os seus alunos, preparando-os para o pleno exercício da cidadania ao serviço desta nação. [...] Por que eu? Por que agora? Eu serei competente nesta nova função? Eu serei mais útil à Instituição, mais do que na função anterior? Aliás, estes dilemas me provocaram um ‘dèjà vu’ pois também ocorreram em outros momentos na minha carreira nesta Universidade: como na indicação para a Coordenação de Cursos de Administração em 1994, as seguidas reconduções pelo Colegiado de Curso de Administração, Logística e Gestão da Produção Industrial, entre 96 e 2007, a indicação à Pró-Reitoria Administrativa em 2007, pelo então Reitor Prof. Aldo, a indicação à Secretaria Executiva da Fundação Dom Aguirre em 2008, por Dom Eduardo e a indicação para a continuidade na Pró-Reitoria Administrativa em 2010, pelo colega Reitor Prof. Fernando Del Fiol. [...] Isso me lembra uma fala do nosso Caríssimo Mestre e Mentor Prof. Aldo Vannucchi, aliás, o idealizador da Fundação Dom Aguirre, da UNISO e suas diversas fases antecessoras e do Colégio Dom Aguirre. Na nossa última reunião de encerramento

do semestre, na ocasião do lançamento de um dos seus muitos livros, ele se referiu a si mesmo como ‘o passado’ e ao meu amigo Prof. Fernando Del Fiol como o ‘presente’ e a mim como o ‘futuro’. O ontem, o hoje e o amanhã desta instituição. Prof. Aldo, me permita um reparo: quem constrói uma história tão preciosa como esta, nunca será ‘passado’. Suas atitudes e conquistas são eternas. Enfim, tal menção me deixou profundamente comovido, gratificado pelo reconhecimento e por fazer parte desta história, e com responsabilidade redobrada, pela pública manifestação de confiança.

Tanta motivação só me ocorreu, até hoje, em momentos muito significativos da minha vida. E, refletindo, eu descobri vários porquês de a motivação estar presente, também, neste momento:

Porque o trabalho na Educação é um dos mais dignos que eu conheço. Aqui ajudamos as pessoas a serem profissionais melhores, cidadãos melhores e, conseqüentemente, colaboramos para termos uma sociedade melhor;

Porque estou numa instituição que reúne muitas das mentes mais brilhantes da comunidade. Logo, todos os dias eu aprendo alguma coisa com alguém e, no cômputo geral, um dia só vale a pena se você aprende alguma coisa nova;

Porque conto com um pequeno exército de quase 900 pessoas. Dessas, muitas são éticas, responsáveis, leais e fiéis e – por que não dizer? – idealistas. Ainda que em alguns momentos um gestor se sinta só, são algumas dessas pessoas que nos lembram que não estamos sós;

Porque sou ex-aluno desta casa. Formado aqui quando ela ainda era a pequena FACCAS. Logo, ela é parte de quem eu sou. E essa motivação, seguida é claro pela responsabilidade, só fez aumentar quando o meu nome foi aprovado por 87% das pessoas que participaram da consulta eleitoral. [...]

E, finalmente, a motivação aumentou ainda mais, depois que o Conselho Superior referendou meu nome. Aproveito o ensejo para, agora publicamente, agradecer pela confiança.

Eu gostaria de frisar bem esta palavra: confiança. É um conceito que sempre foi um norteador em minha vida. Confiança é uma coisa que não pode ser perdida, porque a sua recuperação pode jamais se dar de forma completa. E a confiança se constrói a cada gesto, que deve ser pautado sempre pela lealdade, respeito, honestidade e atenção à missão institucional. [...]

Sem dúvida, o dia de hoje é muito importante na minha vida profissional. Entretanto, faço uma reverência à Universidade de Sorocaba e me coloco, apenas, como mais uma pessoa que deve trabalhar arduamente para que a grandeza dos propósitos e a importância desta Instituição se perpetuem. [...] Obrigado a todos e que Deus ilumine o nosso caminho dando-nos sabedoria para lidar com as adversidades.” Prof. Dr. Rogério Augusto Profeta. – ao assumir a Reitoria para o quadriênio 2018-2022 – (p. 302 - 309).

Quando terminamos de ler o livro sobre os 25 anos de UNISO percebemos que, realmente, o grande sonho do Prof. Aldo se realizou e foi além do que se poderia imaginar, afora aquilo que ainda virá. Houve muita luta sim. Muito trabalho, muita paciência. Lembro-me que logo no início dos trabalhos do Projeto UNISO, alguns professores, na Sala dos Professores, no Trujillo, faziam resistência, dizendo que o salário iria cair, que não seria interessante e insistiam para não aceitarmos. Era difícil convencê-los. Uma visão retrógrada. Mas o importante é que a maioria acreditava e apoiava. Muitos viam no sonho do Prof. Aldo, parte do seu sonho, e queriam se envolver, queriam colaborar. Depois, quando estava sendo verificado o melhor local para compra de terreno e instalação da Cidade Universitária, acabei indo sozinho até a Granja Julieta, queria conhecer o lugar. Entrei, não havia ninguém. Comecei a caminhar pelo local. Muito mato alto. Repentinamente ouvi um latido e surgiu um dos maiores cães que já vi em minha vida. Fiquei parado e comecei a conversar com o cachorro até que devagar ele começou a cheirar-me e andar em minha volta até deixar-me caminhar novamente. Fiquei maravilhado com o local e torcendo para dar certo. Depois eu descobri que o cachorro era de um senhor que cuidava do terreno e que morava em uma das casas. Sua filha foi uma de nossas alunas e tornou-se uma das nossas funcionárias mais brilhantes e trabalha até hoje junto à Reitoria.

Portanto, esse livro é só uma pequena parte daquilo que se pode perceber dos inúmeros outros sonhos que surgiram a partir do sonho realizado pelo Prof. Aldo Vannucchi. Impossível conseguir numerar a multiplicação de ações e fatos que se sucederam e o número de pessoas atingidas. Permanece aqui a beleza do indizível, daquilo que as palavras nunca conseguirão explicitar. Que bom que assim seja.

Câmpus Trujillo/UNISO.2021



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

Entrada Câmpus Trujillo e Colégio Dom Aguirre



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

Igreja São Carlos Borromeu/Seminário



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

13 A história de Aldo Vannucchi por ele mesmo

Abaixo, apresento a transcrição das entrevistas que fiz com Aldo para meu blog *Narrativas Compartilhadas*, no período de 17/09 a 26/11/2019, no Estúdio de TV - Laboratório de Comunicação da UNISO.

Vale a pena ler as entrevistas pela riqueza de detalhes e pela linguagem desenvolvida por Aldo, de forma simples, natural, lembrando belos momentos de sua vida e, também, doloridos momentos, mas que ilustram valores de um ser humano que sempre procurou ver o lado bom das coisas e, a partir dele, construir suas propostas. Considero mais prazeroso ainda, vê-lo e ouvi-lo nas entrevistas cujos endereços virtuais estão abaixo.

Portanto, a intenção de manter, na maioria desta obra, a linguagem do Prof. Aldo, como diríamos, a linguagem aldiana, tivemos a intenção de manter a sensação de que estaríamos ouvindo-o falar. Isso faz com que o sabor da narrativa aldiana seja mantida. Às vezes poderão acontecer algumas repetições de algo já visto, mas é importante entender que isso ocorrerá em outra linguagem e deve ser considerado como um reforço, um enriquecimento de detalhes. Vale observar que estou escrevendo esta narrativa um ano e meio após a realização da entrevista.

Entrevista com o Prof. Aldo Vannucchi, Assessor Especial da Reitoria e Ouvidor da UNISO - realizada no Laboratório de Comunicação da UNISO – Universidade de Sorocaba, pelo Prof. Roberto Samuel Sanches, em 12 blocos de aproximadamente 15 minutos cada bloco, nos dias: 17/09/2019; 01/10/2019; 22/10/2019; 26/11/2019.

(bloco 1) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannucchi – blog Narrativas Compartilhadas (entrevista realizada em 17/09/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo fala sobre o seu nascimento em São João da Boa vista; a família; a infância e as brincadeiras de infância nas ruas centrais da cidade de Sorocaba; os primeiros estudos, os professores e a entrada no Seminário;

os colegas e professores do Seminário Diocesano de Sorocaba e a transferência para o Seminário Maior de São Paulo.

R.: *-Narrativas compartilhadas* tem o prazer de ouvir o Professor e Educador Aldo Vannucchi. O Prof. Aldo é nosso eterno mestre. Entrou nesta Universidade em 1958, quando se chamava Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba. A Faculdade teve seu início em 1954, portanto esta instituição tem 65 anos e o professor está aqui conosco há 62 anos. É muita história bonita para contar. Mas antes vamos dar uma passada rápida no seu currículo e que o professor Aldo se sinta à vontade para corrigir aquilo que eu vou apresentar aqui. O Prof. Aldo tem Graduação em Pedagogia e Mestrado em Teologia e Filosofia pela Universidade Gregoriana de Roma. Quando a Faculdade de Filosofia corria o risco de fechar, foi ele quem sugeriu e participou da criação da Fundação Dom Aguirre e que passou a ser a mantenedora da Faculdade. Também o Colégio Dom Aguirre foi sugestão dele. Foi professor e diretor espiritual do Seminário Diocesano de Sorocaba, funcionário do Conselho Mundial de Igrejas na Suíça. Foi professor de Língua e Literatura Latina, professor de Filosofia, Iniciação Teológica, Cultura Brasileira, dentre outras disciplinas da Faculdade de Filosofia. Foi diretor do Instituto de Educação Ciências e Letras, trabalhou na Folha Popular, colaborador voluntário na Rádio Cacique de Sorocaba durante vários anos, Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, membro do Conselho Nacional de Educação, Presidente da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC, Reitor da UNISO durante 15 anos, Assessor Especial da Reitoria e também Ouvidor da UNISO. Foi dele a ideia de transformar a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras em Universidade e o principal responsável pela organização e execução do Projeto UNISO, desta Universidade que já está comemorando 25 anos. Publicou mais de 200 artigos em revistas e jornais e como colaborador do Jornal Cruzeiro do Sul de Sorocaba. Escreveu 19 livros, desenvolveu mais de 80 pareceres para o Conselho Nacional de Educação, sempre foi chamado para inúmeras palestras com temáticas variadas principalmente com o olhar da Educação. Amigo de Paulo Freire, que ele trouxe para nossa Faculdade para dar várias palestras. Tem muita coisa boa para contar e o tempo vai ser pequeno para ouvir o Prof. Aldo. Mesmo com um relato sintético, poderemos perceber a beleza desta história de vida.

Prof. Aldo é um prazer enorme recebê-lo. Estou trabalhando aqui há 33 anos e se for somar o tempo de aluno de Letras, Pedagogia e Especialização, somam aproximadamente 38 anos. Durante todo esse tempo a sua figura sempre foi um grande exemplo para mim e foi um prazer enorme ter trabalhado durante muitos anos como Coordenador de Curso, Diretor de Centro e Pró-reitor de Graduação a seu lado, a seu convite. Uma honra enorme tendo-o como um mentor e amigo verdadeiro, ensinando-me principalmente o exemplo de simplicidade e serenidade. Portanto é com gratidão que queremos ouvi-lo contando aqui um pouco da sua história, desde sua infância, onde nasceu, como foi sua infância, família, ida para o Seminário e daí por diante, passando por experiências significativas de aprendizado escolar, estudos, profissão, facilidades e dificuldades e aspectos mais significativos que fizeram com que chegasse até aqui. Eu vou procurar não fazer muitas perguntas porque a história é sua, a beleza de vida é sua, então sinta-se à vontade para dizer tudo aquilo que for significativo. Obrigado, desde já, pela presença.

A.: Muito obrigado Roberto. Obrigado pelas palavras suas, muito obrigado pelo convite para esta conversa. Uma conversa que interessa para a história da Instituição, mas é interessante também, por que não? para minha própria pessoa, para que, nesta tão longa vida, eu tenha também a satisfação de olhar sementes lançadas durante todo esse enorme trajeto. Não é fácil para quem está chegando aos 91 anos de idade, não é fácil lembrar, recompor, reconstruir tanta coisa vivida entusiasticamente, muitas outras dolorosamente sofridas, mas todas vitoriosamente vividas. Eu estou à disposição para suas perguntas.

R.: Eu gostaria de interferir o mínimo possível. Gostaria que contasse desde o seu nascimento, onde, família... e viesse contando a sua história para nós. Eu prefiro não fazer perguntas em demasia. É um texto seu, fluido, solto, o que for mais significativo, contando num desenvolvimento cronológico. Seria interessante contar onde nasceu, a entrada na escola...

A.: Nasci em São João da Boa Vista. Meu pai tinha lá uma loja. Parece que era a principal loja de tecidos da cidade, bem no centro. Mas a gente teve que sair de São João rapidamente por causa de uma realidade anormal externa, a quebra da Bolsa de Nova York, em 1929, que repercutiu no Brasil com a queda do preço do café. A região de São João da Boa Vista tinha muitos cafeicultores que eram fregueses principais da loja do papai.

Com a quebra do café, chegavam a queimar café, porque tinha perdido o valor no mercado internacional. Com isso, os grandes clientes do papai não pagavam. Aí foi resolvido sair de São João da Boa Vista. Também porque mamãe tinha um problema pulmonar e o médico receitou que viesse para uma cidade mais quente.

Como tínhamos um irmão da mamãe morando por aqui, viemos para Sorocaba, em 1932, eu com 4 anos de idade. De 1932 para 2019, faça a conta, sou sorocabano. E sorocabano de uma família de 11 irmãos. Eu morei sempre no centro de Sorocaba, na Rua Padre Luiz, ali pertinho da Rua da Penha. Interessante lembrar que morei, por exemplo, onde hoje é a Livraria Pedagógica, também morei na Penha, onde hoje é a OSE. Esses dois pontos ligados à educação, parece que tem algum sinal profético. E naquele tempo, o que era a educação formal no Brasil? Jardim de Infância, Primário, Secundário, depois Faculdade e rarissimamente Universidade.

Jardim de Infância não tive, ou se quiser falar em jardim de infância, foi com os outros irmãos em casa, na frente da casa brincando na rua ou no quintal de casa, brincadeiras inocentes da época. Eu levantava uma peneira apoiada em um pauzinho e punha arroz, alguma coisinha ali embaixo da peneira e algum pardal vinha e eu puxava da janela e o coitadinho ficava preso. Depois, eu levantava e ele voava. Eu me lembro, também, que uma vez ali na Rua Padre Luiz, eu vi, não sei se era briga ou encontro de gato e cachorro, não lembro bem, mas não havia asfalto. Peguei uma pedrinha e joguei para mexer com os bichinhos. Ela repercutiu no chão e atingiu a vitrine de uma lojinha. Resultado: o dono da loja me trouxe pela orelha até minha casa. Essa a minha infância. Mas ela também foi marcada por eu ter morado atrás da catedral. Fui coroinha, então, com 8, 9 anos de idade.

Interessante também que, com família tão numerosa, todo mundo precisava ajudar. Eu não era o caçula, mas estava mais ou menos no meio. Com 10 anos comecei a trabalhar, no período da tarde, na Farmácia Italiana. Ficava ali onde hoje é uma loja na esquina da Penha com a Padre Luís. Trabalhava ali para lavar vidro e entregar remédio. Outro dado profético: uma tarde, me mandaram entregar remédio sabe onde? Na Chácara Trujillo. Naquele tempo havia uma porteira mambembe com sininho. Eu cheguei e toquei e quem me atendeu primeiro foi um cachorrinho que me arranhou a canela. Ao mesmo tempo, com 10 anos de idade, eu estava no Grupo Escolar

Antônio Padilha. Grande escola da qual tenho muita saudade, especialmente das professoras Elvira Grilo, Ester Piedade e Jordina Amaral.

Só que eu não acabei o primário, porque no meio do quarto ano, uma irmã mais velha, que era professora, me falou: “Você pode fazer o preparatório aqui comigo.” Naquele tempo havia um preparatório para entrar no ginásio. Então, no segundo semestre, eu fiz o preparatório em casa. E não tenho diploma do Primário.

Aí, chegamos no final de 1944... o Seminário Menor São Carlos Borromeu, na Avenida Eugênio Salerno, foi inaugurado no dia 4 de novembro de 1939. Um dia, essa mesma irmã perguntou: “Você é coroinha, você gosta tanto, vai à missa, comunga, você não quer entrar no Seminário?” Eu estava com a toalha para tomar banho e falei: “Depois do banho eu respondo.” E de fato, depois eu respondi: “Eu topo.” O Seminário começou a funcionar em 1º de fevereiro de 1940. Entrei no dia 13. Depois do enxovalzinho pronto, me lembro que fui comprar quatro coisinhas pedidas por um prospecto. Fui comprar na Casa Pepino: tesourinha de cortar unha; em uma farmácia: um sabonete Eucalol, uma pasta e a escova de dentes.

Naquela época, o Seminário era apenas aquela parte de baixo do que a UNISO usa hoje, como Campus Seminário. O reitor era o Padre Luiz Castanho de Almeida, nosso historiador Aluísio de Almeida. Muito doentio, mas ele conseguia superar suas debilidades e as limitações físicas. Havia um padre também que era o ecônomo e ao mesmo tempo professor de música, Padre José Zanola. Porém, a alma da casa era o padre novo, André Pieroni, um padre especial, acima da sua época. Até escrevi há pouco tempo a biografia dele: **Um padre diferente**. Eu precisaria de mais duas horas para falar só sobre ele. Era quem estava conosco no dia a dia, que controlava, que animava. Dava Matemática e nos levava para passear também. Eu me lembro de um passeio interessantíssimo, olhando hoje. Ele nos levou, um dia, ao Mangal, que hoje é um bairro movimentado, naquele tempo era só terra, árvores e mangueiras.

Foi lá a primeira vez que eu vi, no chão, jogado. um troço diferente. Um colega mais velho me explicou: é uma camisa de Vênus (a camisinha de hoje). Como se vê, a coisa era mais poética. Outro passeio fizemos a pé até onde hoje é o Jardim Ipiranga. Às vezes, íamos para fora. Uma vez fomos a Piedade, conhecer uma rocha, um matacão, que parece um elefante. Deve estar lá até hoje.

Outra vez fomos a São Roque. Lá foi interessante, visitamos alguns pontos da cidade e, depois do almoço, o padre falou: - Agora cada grupinho visita o que quiser. Nosso grupinho resolveu visitar o cemitério. Olha que ideia! Crianças de 11, 12 anos querendo ver o cemitério. Acho que porque era a coisa mais longe. “E onde que é?” A gente começou a andar com essa pergunta na cabeça e de repente vimos quatro homens levando um caixão. Fomos atrás. Outro passeio foi a Bom Jesus de Pirapora. Interessante também. De lá me lembro que depois de visitar o Santuário, na hora do almoço, um colega aprontou e levou um pito solene. O que foi que ele aprontou? Na hora que alguém falou “Vamos sentar todo mundo”, ele puxou a cadeira de um coleguinha e o tal caiu no chão. Isso é para dizer que o Seminário foi uma formação muito interessante, era um internato, muita coisa discutível, mas muita coisa boa também. E eu aproveitei.

Posso até dizer, e acho que eu nunca contei isso para ninguém: quando acabou o primeiro ano, no fim do ano, o Padre André, junto com o reitor Padre Castanho, reuniu três alunos: José Wilson Santos, Anésio Tonon e eu. Ele disse: “Vocês vão passar para o 3º ano”. Do primeiro para o terceiro. Não precisamos cursar o segundo. E chegamos até o sexto ano. Tive muitos professores, alguns muito bons, outros sofríveis, professores novinhos, inexperientes. Lembro um de Trigonometria, que foi até a página 50 do manual. Depois acho que ele não sabia mais nada. Eu me lembro apenas de seno, cosseno e tangente.

Os melhores professores foram: o de Português, Padre Armando Guerrazzi, que dava aulas também no Estadão (Instituto de Educação Júlio Prestes de Albuquerque), excelente professor; ele usava um lápis grande, uma ponta era azul e a outra, vermelha. Corrigia a gente, chamando cada um à mesa dele e corrigia na frente do aluno: azul, vermelho, azul, vermelho... e dava dicas que eu uso até hoje. Insistia: “Por que tanto ‘que’?”, “Por que tanto ‘então’?” E ele ficava gozando: “Então, então, capitão, então, quentão!” ficava gozando. Detestava cacófatos e inventava um, por exemplo: “meus amores por ti são”.

Outro grande professor, o de Latim e de Grego, Dom Aloísio Kilgus, alemão, era do Mosteiro. Um homem interessantíssimo, de uma boa idade, mas que começava as aulas, muitas vezes, insistindo com a gente, no valor da ginástica. Ele próprio fazia lá suas flexões e punha a ponta dos dedos na ponta dos pés. E nos deixava apaixonados pelo Latim, por Vir-

gílio e por Horácio. E até hoje eu me lembro da maravilha das Bucólicas e da Eneida de Virgílio, os mais belos trechos, e do grego também. A gente não chegou à Odisseia, mas pelo menos à Gramática, aos Fundamentos da Língua e da Literatura Grega. Isso foi o nosso ginásial-colegial. A seguir, tivemos o Seminário Maior. Sorocaba era o Seminário Menor. O Maior fiz em São Paulo, no Ipiranga, depois do Museu.

(bloco 2) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannucchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 17/09/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO - LabCom)

Aldo fala sobre os estudos no Seminário Maior de São Paulo; seu envolvimento na campanha missionária saindo às ruas de São Paulo para levantar fundos; a escolha, dentre os colegas, para ele estudar na Universidade Gregoriana, em Roma; sua vivência na Itália e viagens pela Europa; a volta para o Brasil.

A.: Contando agora sobre o Seminário Maior: a passagem para São Paulo representava um passo significativo, do interior para São Paulo. Um tipo de internato mais severo, pois a gente só saía nas férias, outro regime mais adulto. Mas lá no Ipiranga a vida também foi prazerosa. Era um seminário bem organizado, com dois cursos fortes: o de Filosofia, em 3 anos e o de Teologia, em 4 anos. O corpo docente era especial. Basta dizer que era formado por padres “episcopáveis”, ou seja, dali a 2, 3, 5 anos já seriam bispos. Eram pessoas de uma formação respeitável, embora nem todos correspondessem, na minha opinião.

Francoamente falando, a gente tinha algumas reservas. Eu me lembro de um que, em círculo bem íntimo, com um ou outro colega, a gente até brincava, porque era um padre muito devoto de São Francisco de Sales, santo que eu também reverenciava e me influenciou muito, pela sua exemplar prática da mansidão e da prudência. Uma frase dele, Dom Aguirre citava muito e também cito e procuro viver: “O bem faz pouco barulho e o barulho faz pouco bem”. Pois aquele professor, às vezes, trocava as palavras. Ele dava História da Igreja. Uma vez, ele se confundiu: em vez de falar do Concílio de Basileia e Milão, falou, ou nós inventamos que falou:

“O Concílio de Basilão e Mileia”. Daí a gente inventava mais troca de palavras: “ Não deixe de ler um grande livro sobre São Francisco de Sales”, o título era “Pensamentos Consoladores de São Francisco de Sales”. A gente invertia: “Os Pensadores Consolamentos de São Fransales de Cisco”.

O que se estudava lá no Ipiranga, no curso de Filosofia? Lógica, Cosmologia, Ética, Teodiceia, História da Arte..., tudo dentro da visão de Santo Tomás de Aquino.

Isso era bom? Eu acho que sim, no sentido de a gente arrumar a cabeça, digamos assim. Ganhamos uma estrutura mental. Mas deveria haver abertura para outros enfoques. Por isso muitos de nós acabamos operando uma transição, por conta própria, para outras escolas filosóficas. Eu transitei do tomismo para o personalismo. O personalismo no sentido filosófico, não no sentido antipático do egocentrismo, mas no sentido de valorização do sujeito, da pessoa, de qualquer ser humano, o que varre a rua como o doutor famoso. Todos, como sujeito e não objeto. Essa transição minha foi aos poucos, através de leituras, através de análises, de reflexão permanente como aluno e, mais tarde, como professor de Filosofia.

Nessa fase, devo ressaltar também um momento interessante: quando estava no terceiro ano da Filosofia, havia a tradição de nós fazermos a Campanha Missionária. Naquele tempo a Igreja Católica no Brasil se preocupava bastante com as missões estrangeiras, da África, sobretudo. Atualmente, a gente está muito mais preocupado com missão interna. O Papa Francisco está insistindo tanto para sair da sacristia e ir às periferias. A gente também está preocupado com a Amazônia, com os indígenas de todo o País. Então nossa Campanha Missionária era para conseguir dinheiro para mandar para lá. Acontecia o mesmo entre os alunos da Teologia. Eu fui nomeado chefe da Campanha. Uma luta, viu? Tínhamos que sair às quintas-feiras, para pedir dinheiro na rua, ou vender terços fabricados por nós, ou vender santinhos de papel vegetal. Havia colega que tinha habilidade até para pintar um pouquinho.

Resultado: vencemos os teólogos, mas o resultado pessoal foi, hoje se fala stress, naqueles anos, era esgotamento. Aí o reitor me chamou e determinou: “ Você vai para casa e vai passar lá no mínimo uma semana para descansar. Depois você volta”. Naquela época, ir para casa assim era assustador. Teria sido um jeito de me despachar? Mas fui tranquilo, precisava mesmo. Em casa, após os abraços com a família, fui abrir um armário

onde mamãe guardava alguns livros. Ela representava, olha que heroína, representava a Editora Ave-Maria, em Sorocaba. Quando abri, o que aconteceu? Pulou dali de dentro um gato, na minha cara. Que choque! Não sei como ele entrou, só sei como saiu. (Eu tenho fobia por gato).

Voltando ao Ipiranga, o curso de Teologia era de 4 anos: Sagrada Escritura, Dogmas, Pastoral, Hebraico... e continuava a visão tomista. Ótimos professores. Entre eles, dois se destacavam para nós. Dizíamos que um era uma enciclopédia viva, entendia de tudo, mas era, às vezes, ininteligível. O outro, o índice da enciclopédia, também falava de tudo, mas sem profundidade alguma. Primeiro e segundo anos vencidos, no terceiro ano tive uma agradabilíssima surpresa: fui chamado de novo pelo reitor que me comunicou: “Você foi escolhido, vai acabar o curso em Roma”. Era a melhor informação que eu poderia receber. Um prêmio! Sem falar que sou de família italiana: papai é italiano, nasceu não muito longe de Assis e mamãe, filha de italianos da região de Veneza cuja família veio, no final do século 19, para o Brasil e se estabeleceu em Dourado, perto de São Carlos.

Meu pai abriu um pequeno armazém, era calmo, o próprio equilíbrio, mas não religioso. Quando se casou com minha mãe, católica fervorosa, deu-se algo inesquecível. Ela exigiu que o casamento fosse na igreja. Ele aceitou; na primeira noite, porém, ele já estava no quarto, mamãe entra, e ele aponta para um crucifixo pendurado ali, ameaçando: “Olha, isso aí eu não autorizei colocar não”. Resposta da mamãe: “Ou ele, ou eu...”. E a primeira noite aconteceu com o crucifixo, que, aliás, está comigo até hoje. Posteriormente, com o exemplo da mamãe e pelas lições da vida, ele se tornou católico praticante, um exemplo.

Em Sorocaba, ele teve, por muito tempo, uma padaria no centro da cidade. Ele não colocou nome na padaria, era no local onde hoje é a OSE. A padaria era na frente e morávamos no fundo. Forno a lenha. Acordava às 4h. Seu último negócio foi dentro do Mercado Municipal, um simplíssimo box, entre o Armazém da Paca e uma barbearia, que existem até hoje. Vendia queijo que vinha de Conchas, linguiça que a mamãe fazia em casa e aos sábados, havia ravioli feito em casa, levado ao Mercado. O que eventualmente sobrasse, garantiria um sábado gostoso pra gente: almoço com ravioli.

Contei tudo isso para dizer que, filho de italiano, fui viver em Roma, a partir de setembro de 1949, para estudar na Universidade Gregoriana.

Uma grande Universidade fundada no século XVI, internacional. As aulas eram todas em Latim, num anfiteatro, alunos e professores do mundo todo. Claro que também havia cursos especiais com aulas em outras línguas.

Esse meu tempo lá foi super importante para mim, porque na realidade não era graduação em Teologia, mas mestrado em Teologia. Minha dissertação final versou sobre o Sermão do Semeador, do Padre Antônio Vieira: “Saiu o semeador a semear...” Belíssimo sermão. Foi uma análise teológica. Além da vida universitária, é claro que em feriados e nas férias, a gente viajava. Procurei conhecer tudo o que pude em Roma, Itália e até em outros países.

Eu tinha 3 tias, irmãs do papai, em Roma, em Milão e em Bolsena.

Posso dizer que eu conheci muito bem a Itália, o povo italiano, andando de ônibus, andando nas ruas. Uma coisa que gostava imensamente de fazer era, em qualquer folga, indo ao centro de Roma, entrar na Basílica de São Pedro para, logo à direita, me ajoelhar frente à Pietà, obra máxima de Michelangelo. Para mim, aquilo não é só escultura, não é só arte, aquilo é transcendência, é espiritualidade absoluta, é a maternidade transcendente, é o Cristo presente no jogo de velas e no nosso alcance.

É essencial frisar que eu estava em Roma para me ordenar padre e lá recebi as chamadas ordens menores, depois o subdiaconato e o diaconato. Como diácono, pude celebrar o batismo do filhinho de um primo meu. Falta só a ordenação de presbítero, que meus colegas almejavam fosse oficiada por algum cardeal ou, quem sabe, pelo próprio papa. Não era o meu caso. Para espanto deles, eu deixava claro: “Eu não! Eu vou me ordenar em Sorocaba, pelo bispo que me deu bolsa de estudos desde o primeiro ano, aos 11 anos de idade, Dom Aguirre!”. Eles não entendiam e, de fato, voltei ao Brasil diácono, viajando de trem, subindo por Florença, Milão, Gênova, a caminho de Paris, Lourdes, Lisboa, Fátima e peguei o navio em Lisboa, para voltar.

Cheguei aqui nos primeiros dias de agosto de 1952, para ser ordenado no dia 15, no Seminário. Nessa altura o Seminário já estava todo completo, inclusive a igreja. A primeira missa solene foi na Catedral, no domingo seguinte. Passados alguns dias, Dom Aguirre me designa como auxiliar do vigário de Tietê.

(bloco 3) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannucchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 17/09/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo fala sobre o trabalho, como padre, em Tietê-SP; seu programa na Rádio Cacique de Sorocaba; trabalho no Diário de Sorocaba; a criação do Jornal Folha Popular; os problemas por causa do programa de rádio e por causa dos textos no Jornal; o trabalho com os operários e a Juventude Operária Católica; com a Paróquia da Vila Progresso; como vigário de Votorantim; seu trabalho como professor no Seminário e na Faculdade de Filosofia de Sorocaba; seu trabalho como vice-diretor e as eleições que o tornam diretor da FAFI; sua prisão na Cadeia da Av. Gal. Carneiro; exalta a figura da aluna Sonia Chébel como presidente do Centro Acadêmico; a volta para Roma, cursando o Mestrado; a publicação do primeiro livro: **Cultura Brasileira**.

R.: Agora, continuaremos ouvindo o Professor Aldo falando sobre a vida dele, em Sorocaba, como padre.

A.: Fiquei pouco tempo lá em Tietê, alguns meses apenas, mas faço questão de lembrar dois pontos. Padre novinho, inexperiente, mas cheio de ideais, procurei agir da melhor maneira, a serviço do pároco, Monseñor Antônio Simon Sola e, naturalmente, da população católica da cidade. Notei logo, na praça da matriz, vários meninos sempre presentes, eram engraxates. Pensei neles e nas suas famílias certamente bem pobres e resolvi fazer algo para lhes melhorar o Natal. Criei alguns versinhos e coleí na caixa de engraxate deles: “Natal do Engraxate”. A iniciativa não teve o menor apoio do meu chefe. Uma outra vez, fui atender um doente e quando voltei levei um pito: “Padre não anda de charrete!” Ouvi, engoli, mas é claro, discordei totalmente. Foi a condução que aquela família me pôde oferecer. Esses dois fatos mostram um pouco do meu tipo. Como padre, procurei sempre trabalhar de um jeito sério, devotado, privilegiando os mais necessitados. (veja meus versinhos na **Autobiografia**).

Após o Natal, Dom Aguirre me surpreendeu com nova ordem: que eu trocasse Tietê pelo Seminário Menor São Carlos Borromeu, onde seria professor. A partir daí, sempre em Sorocaba, foram 22 anos de vida dentro

do clero. Sempre com essa visão de respeito ao outro, fosse quem fosse, e topando diferentes ministérios.

Assumi programa na Rádio Cacique toda tarde, às 18 horas, 5 minutos de reflexão evangélica. Trabalhei como um dos diretores e articulistas da Folha Popular, o jornal da Igreja daquele tempo. Éramos três padres e dois leigos. Para criar o jornal cada um teve que entrar com algum dinheiro. Eu entrei com o quê? Dinheiro nenhum. Simplesmente, doe a minha máquina de escrever para a redação.

Por causa das minhas manifestações nesse diário e na Rádio Cacique, um dia alguém pôs o revólver no meu peito, ali na Rua Padre Luiz, me encostou na parede ameaçando: “Se o senhor continuar falando e escrevendo essas coisas...” e não terminou a frase. Eu só disse: “Olha, eu acho que estou agindo de acordo com a minha vocação.” Por que aquela bronca? Eu comentava a vida operária explorada terrivelmente nas fábricas de tecidos da cidade, e falava também de certo internato da cidade onde havia até problemas de abuso sexual e as minhas denúncias não agradavam a certas pessoas. Outro ponto que marcou muito esses meus anos de vida no clero foi o trabalho com os operários, com a JOC - Juventude Operária Católica. Era uma organização mundial que começou na Bélgica, criada pelo Padre José Cardin. Lembro-me que eu estava ainda na Filosofia, no Seminário Central do Ipiranga, ele veio ao Brasil e fez uma palestra no Mosteiro de São Bento. Foi uma palestra aberta. Fiz questão de ir. Ele falava francês. Acompanhei com o máximo de atenção e fiquei empolgado. Ele era entusiasta. Não sei por que, associei a figura dele a um gato. Ele pulava no palco, com uma agressividade impressionante. E o que ele propunha? Justamente isso: que o operário é fundamental na construção do mundo e na construção da Igreja. Seu pai trabalhava em mina de carvão lá na Bélgica. E operário tem que ter salário justo, tem que ter possibilidade de construir a sua casa, construir a sua família. Então eu me dediquei muito à JOC. Além de professor no Seminário e professor na Faculdade de Filosofia, fui também vigário na Vila Progresso. Fui o criador da Paróquia da Vila Progresso, em 1966.

Um dia, eu propus a Dom José Melhado de Campos, que viera auxiliar Dom Aguirre: “Dom Melhado, há um lado da Vila Santana, a Vila Progresso, que não é paróquia. Não dá para criar uma paróquia? Muitos colegas meus dizem: - Você fala bonito, eu quero ver você numa paróquia!”

Peguei-o então, no meu fusquinha. Ele era um homem grande, mas coube. E fomos lá. No dia seguinte ele criou a paróquia.

Mais tarde, em 1971, também fui nomeado vigário em Votorantim. Os padres da paróquia de lá eram da Congregação da Consolata, grande Congregação de origem italiana. Como eles resolveram não continuar mais lá, a Diocese de Sorocaba estava com um problema a mais. Quem vai assumir? Eu me ofereci e fui nomeado por Dom Melhado. Lá, tinha um certo grupo da elite da cidade que desgostou do meu jeito de trabalhar. Qual era o jeito? Privilegiar as periferias. Fico muito feliz de ver hoje o Papa Francisco batendo nesse ponto. Mas não era coisa que só viria com o Papa Francisco, isso já estava claro nas normas do Concílio Vaticano II, de 1961 a 1965, Concílio que eu segui atentamente, que procurei cumprir em Votorantim. Isso não agradou a todo mundo, não dava para agradar nunca mesmo, porque eu priorizava os bairros, sem esquecer o núcleo central, é claro. Inclusive, a igreja nova, maravilhosa, estava em fase de finalização. A igreja antiga, pequena, mas bonitinha, estava funcionando também ali perto da fábrica de tecidos, mas aquele grupinho parece que se mancomunou com o próprio Delegado de polícia da cidade, que me denunciou ao Delegado Geral de São Paulo: eu estaria me reunindo com pequenos grupos, suspeitos de células comunistas. Eu vi isso depois, bem depois, em ofício dele para São Paulo, dizendo que eu estava trabalhando com pequenos grupos e tudo indicava que era uma célula comunista aqui e ali.

Para tornar trágica a situação, em março de 1973, aconteceu aquilo que foi o maior trauma da minha vida: o meu sobrinho querido, o filho que eu não tinha, Alexandre Vannucchi Leme, que crescera ao meu lado, ele, morando ali do lado no Seminário onde eu lecionava. Quantas vezes ele fez estripulias no próprio Seminário, conseguindo chegar até a torre da igreja. Ele era então, em 1973, formando em Geologia, na USP, último ano. Estava com 23 anos. Foi preso, torturado, morto e não nos entregaram o seu cadáver.

Aquilo transtornou totalmente a minha vida. Eu explodi. Melhor dizendo, implodi. Aquilo vinha se somar a uma dramática situação íntima, que me corroía por dentro, há algum tempo. Uma crise tríplice: a crise política, todos os meus passos seguidos e perseguidos. Crise eclesial porque a Igreja que eu sonhava era aquela que o Concílio Vaticano II tinha desenhado e eu não a via sendo implementada. Pelo contrário, havia uma força

conservadora tradicionalista segurando tudo. E a crise pessoal, interior, psíquica, de questionamento do próprio celibato, que eu respeitava com toda a seriedade e via totalmente camuflado por colegas.

Eu me lembro de um que dizia alto e bom som: “Celibato diz que é proibido casar, mas não diz que é proibido namorar”. Um cinismo dolorido e aquela igualdade de tratamento, o padre sério, trabalhador, apostólico, que procurava fazer tudo da melhor forma possível era nivelado ao outro que fazia de conta.

Essa crise interior, psíquica, política e eclesial, me fez voltar de novo ao senhor bispo e dizer: “Dom Melhado, eu preciso ir embora. Eu não aguento mais essa vida assim de tanta repressão. Eu nunca fui alguém em caminho de depressão, mas viver em repressão é realmente algo que não é digno da pessoa humana. Eu seria mentiroso para mim mesmo se eu continuasse fazendo de conta que não havia nenhum problema político, nenhum problema eclesial, nenhum problema íntimo. Eu preciso sair um pouco, para pensar na minha vida”. Ele me entendeu e me autorizou a voltar para a Europa.

Mas, voltando um pouco, qual era o meu trabalho com a juventude operária católica? Era com pequenos grupos: rapazes e moças que a gente reunia nos bairros, uma vez por semana, à noite, para reflexões a partir de um folheto que vinha da JOC Central Brasileira, para debates sobre a dignidade da pessoa humana, o valor do batismo, o valor da cidadania, conceitos básicos que não tinha nada de marxismo, nada de comunismo.

Mas daí veio a minha prisão, em 1964, 5 dias depois do golpe, porque eu continuava, na rádio, no jornal, nas aulas e sermões manifestando-me pela defesa da democracia; e também pela acusação de que o meu nome fora visto em atas do Partido Comunista de Sorocaba. Era tempo do papa João XXIII. Ele era elogiado e estimado até pelos comunistas, por causa de sua visão mais aberta da Igreja, que ele apresentou como mãe e mestra da humanidade, numa notável encíclica. Em outra, a *Pacem in Terris* (a Paz na Terra) insistiu no respeito e na defesa dos direitos fundamentais humanos.

Então, ele era muito citado e, por isso, falei ao Delegado, lá na Av. General Carneiro: “Garanto que se o senhor ler as atas do Partido, uma vez ou outra vai aparecer o nome do Papa , que não é comunista”. Ele retru-

cou: “ Não! eu recebi ordem de São Paulo. Então o senhor vai ser preso. O senhor escolhe: pode ser lá no quartel, por exemplo”.

Preferi ficar onde já estavam recolhidos os outros dois que foram chamados comigo, o vereador Santana Guimarães, socialista, agnóstico, e o médico Agrário Antunes, católico que muitas vezes me ajudou na missa em latim. Assim passamos a primeira noite, na mesma cela, colchões no chão. Mas logo no dia seguinte, Dom José Thurler, Bispo Auxiliar de Dom Aguirre, conseguiu mexer-se bastante, foi a São Paulo e conseguiu não a minha libertação, mas a minha mudança da cadeia para o Seminário, onde eu era professor. Me comove até hoje lembrar que Dom Aguirre fez questão de ir ao Seminário para me receber. A gente se abraçou longamente e eu chorei.

Então, lá dentro, eu continuei dando aulas, mas sem poder sair do Seminário. Foram 10 dias de detenção ali, sem poder ir à Faculdade de Filosofia onde era professor e diretor. Quando voltei, o Centro Acadêmico, corajosamente, fez uma sessão de apoio a mim.

Eu entrei na Faculdade de Filosofia em 1958, para dar História das Religiões, depois peguei outras disciplinas, mas também fui nomeado, em 1963, segundo vice-diretor, porque o diretor morava em São Paulo, Padre Antonio Godinho, e o vice-diretor, Padre João Dias, também. Sendo da cidade, eu estava muito mais presente do que eles. Até que um dia uma bomba estourou na minha mão. Foi um momento problemático, inesperado. Aconteceu que o presidente do Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino - CASTA, Jaime Pinsky, de origem judaica, hoje aposentado da Unicamp e diretor da Editora Contexto, uma figura de nome nacional, resolveu doar à Faculdade uma obra de um historiador italiano, Cesare Cantù, vários volumes, e foi entregá-la ao Pe. João Dias, que não teve, digamos, a elegância de, mesmo achando que aquela obra fosse superada, simplesmente disse que não aceitava, que aquilo não tinha valor nenhum. Foi uma agressão, eu diria uma punhalada racista e nada cristã. A conversa virou discussão e a briga aparentemente terminou, mas o vice-diretor resolveu transformar aquele momento como o de despedida da FAFi; dele e do diretor. Por isso, no final da tarde, jogou as chaves da casa na mesa, passando-me a direção. Imediatamente, fui informar Dom Aguirre sobre a situação e ele, com aquela calma, aquela paternidade de sempre, pediu que eu assumisse a direção e promovesse o quanto antes uma eleição. Em eleição feita um

mês depois, fui eleito e nomeado Diretor da Faculdade de Filosofia. Eram dias de Ditadura, mas a vida, na Faculdade, continuava tranquila, apesar do clima de censura e de muitos cuidados.

Mas os alunos, lá dentro, nunca foram totalmente passivos, sempre houve um grupinho que trabalhava com muita inteligência, com muita coragem no subterrâneo da vida universitária. Dentro desse grupinho eu posso destacar a Sonia Chébel, que foi depois presidente do Centro Acadêmico.

Eu fui eleito diretor até o final de 1969, mas em junho de 68 resolvi deixar a direção, pelo bem da própria Faculdade. Nós estávamos cobertos por um excelente convênio com a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que financiava a nossa folha de pagamento e os alunos tinham ensino gratuito. Só que no governo de Ademar de Barros a verba mensal demorava 2, 3 meses para chegar, porque o diretor era eu – “padreco comunista!” - dizia o Governador. Nessa situação, garanti a Dom Melhado que o vice-diretor era muito competente e de extrema confiança para assumir a diretoria, o Prof. Dr. Augusto Titarelli.

Autorizado então, renunciei e decidi voltar a Roma, para fazer o mestrado em Filosofia na Universidade Gregoriana. Fiz esse caminho de volta a Roma e valeu como oportuna reciclagem dos meus conhecimentos. Essa temporada nova em Roma foi espetacular para mim. Imagine alguém que esteve lá com 18 anos de idade e agora com 30 e pouco, uma diferença enorme, já ordenado padre, com bastante experiência de vida, fazendo o mestrado, quer dizer, completando a minha formação filosófica.

Tive ótimos mestres. Um que me marcou foi Johannes Lotz, ex-aluno de Heidegger. Minha dissertação de Mestrado em Filosofia teve orientação do professor Peter Henrichi, sobre o livro **A Ação**, de Maurice Blondel. Em agosto de 1970, estava de volta às aulas na Faculdade. Assumi duas matérias novas na casa: Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas e Cultura Brasileira. Esta última disciplina me exigiu uma preparação muito forte, porque conta com vasta e complexa bibliografia.

O resultado das minhas aulas nessa disciplina apareceu, anos depois, no livro que publiquei - **Cultura Brasileira**, atualmente na quinta edição. Meu objetivo maior era expor o verdadeiro conceito de cultura. Esse é um termo importantíssimo, fundamental para qualquer cidadão brasileiro. Imagine para um universitário. Cultura é simplesmente aquilo

que o ser humano faz na, com e pela natureza. Quem fabrica um tijolo tem cultura, quem consegue transformar aquele grão de feijão em comida, alimento, tem cultura. Tudo é cultura. Não é só quem constrói um prédio, não é só quem escreve um livro. A gente precisa tomar muito cuidado nisso. Isso é o pilar democrático de um país melhor. Se não houver essa noção autêntica de cultura, nós continuaremos com luta de classes, queira ou não queira. Tem gente que detesta e tem medo até dessa expressão. mas existe luta de classe. Não é só para o marxista.

Existe sim luta de classes, não tenha dúvida nenhuma. Por que a empregada doméstica não come com a família que a emprega? Ah, mas nós somos totalmente respeitosos dela, nós damos salário-mínimo, ela é registrada, nós queremos que ela se sente à nossa mesa, ela é que não quer. Isso acontece, realmente é assim, ela, em geral, não quer. Por quê? Porque ela percebe a diferença. Existe diferença, queira ou não queira. Existe a diferença. Isso vai acabar um dia? Não sei, mas pelo menos que não haja luta travada, que não haja luta querida. Que haja pelo menos a luta sofrida, sofrida pela patroa, pelos patrões que não querem essa luta. E sofrida pelo empregado que também não quer evidentemente essa luta.

Veja. Isso é fundamental e era isso que permeava a minha vida no clero, a minha vida no púlpito, a minha vida no microfone, a minha vida na sala de aula. Evidentemente isso não agradava e não agrada a muita gente. Fazer o quê? Eu acho que a gente tem que procurar fazer um pouquinho do que Jesus fazia e do que Jesus quer que a gente faça. Ele fala tão claramente. Qual é o pastor que não deixa 99 ovelhas no aprisco e vai atrás da ovelha perdida?

A função do padre não se resume à sacristia, à missa. Se ele para no sacramento, se ele para na missa, é para ficar mais embebido de Jesus Cristo e sair na vida, mostrar na vida que ele respeita o pobre. Que ele cumprimenta qualquer pessoa, que ele trata bem todo mundo, que ele, no caixa do supermercado, não apenas trata do dinheiro, do cartão, mas pelo menos olha no rosto do atendente. É justamente isso que o Papa Francisco está dizendo hoje, meu Deus. É isso. E não está agradando a muito padre, não está agradando a certos bispos, não está agradando a uma meia dúzia de cardeais. Que tristeza!

Mas o Papa toca em frente. Jesus morreu na cruz, não tem outro caminho, não é? E a cruz não é sadismo, não é masoquismo, a cruz é a

transição para a glória, para a ressurreição, para a vitória. O grande pastor batista Martin Luther King insistia nisso. Para ele a Teologia autêntica é a Teologia da Cruz, que acabou com a morte dele, não é? Assassinado, mas que redundou na vitória sobre o apartheid.

Em Genebra, quando trabalhei no Conselho Mundial das Igrejas, travaram-se boas batalhas contra o racismo na África, evidenciado, por exemplo, em painéis e tabuletas: “cachorros e negros proibido”. Naquela sala não podia entrar negro nem cachorro. Que coisa horrível.

(bloco 4) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannuchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 01/10/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo fala sobre um casamento que realizou no Salão Nobre da FAFI, sua volta à Europa, a busca de emprego, seu trabalho no Conselho Mundial de Igrejas.

A.: Os passos de Deus são passos maravilhosos. Ir para a Europa, onde? Me decidi por Genebra e explico o porquê. Quando era diretor da Faculdade de Filosofia, em 1964, uma vez uma aluna formada em Pedagogia veio me dizer: “Padre Aldo, eu quero me casar e quero casar na igreja, mas meu noivo é comunista, é líder comunista e ele falou que na igreja ele não casa. Então eu estou pensando o seguinte... o senhor faria o meu casamento em algum lugar assim, que não fosse uma igreja? Por exemplo aqui no Salão Nobre da Faculdade?”. Era no Trujillo, no salão hoje chamado de Salão Vermelho. Eu falei que ia perguntar a Dom Aguirre. Conversei com ele e ele autorizou. E o casamento foi feito lá no Salão Nobre. Ele, ela, a família dos dois apenas. E esse casal foi logo para Genebra, porque ele era comunista. Com o golpe, ele imediatamente precisou sair do Brasil, como líder comunista que era e com muitas ligações com a Central Comunista da Europa, em Roma, Praga, Paris, Moscou, Genebra.

Assim, decidido a voltar para a Europa, escrevi a eles que me dissessem: “Venha! o nosso apartamento está à sua disposição!”. Eu realmente fiquei lá uma semana, ao mesmo tempo que procurava emprego.

Procurei emprego na representação do Vaticano em Genebra. Não deu. Procurei emprego diretamente em uma paróquia no centro de Genebra. Também não deu. Aí, esse meu anfitrião, meu amigo, dono do apartamento, se dispôs a me ajudar na descoberta de um emprego por lá. Nós fomos em 2 ou 3 organizações mundiais, como a OIT - Organização Internacional do Trabalho, mas também não conseguimos. Aí veio uma porta aberta maravilhosa: esse meu amigo era também ligado a um líder do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra. Esse Conselho é uma espécie de Vaticano das igrejas protestantes do mundo. Naquele tempo abrangia mais de 250 igrejas do mundo todo. Metodistas, luteranas, batistas, presbiterianas e por aí vai. Esse meu amigo me apresentou lá e fui aceito. A Igreja católica não é membro do Conselho Mundial de Igrejas, mas tem representação lá dentro. Não tem voto, mas tem voz e muitos de funcionários lá são católicos também.

Eu entrei no Conselho Mundial de Igrejas com um pequeno salário, que dava para sobreviver, trabalhando inicialmente do setor de Relações Internacionais. Foi maravilhoso. Eu me lembro de uma reunião em Viena, duas ou três em Paris, uma na Unesco. Foi uma temporada muito boa.

(bloco 5) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannucchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 01/10/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo conta sobre a vida dele em Genebra, sua atuação no Conselho Mundial de Igrejas; a amizade e trabalho próximo a Paulo Freire; suas celebrações de missa para a colônia espanhola; sua decisão e pedido a Dom Melhado de desligamento do clero; a declaração de amor a Rose, o casamento em Genebra e os primeiros anos de casados, reclusos na Suíça.

A.: Retomando sobre o Conselho Mundial de Igrejas, meu primeiro encargo foi no Setor de Relações Internacionais. Mas logo depois fui convidado, para a minha grande surpresa e alegria, a entrar no Setor de Educação e trabalhar com alguém, nada mais, nada menos, que Paulo Freire. Ajudar Paulo Freire, naquela altura, para mim algo tão inesperado, foi muito bom porque era brasileiro com brasileiro. Esse o primeiro aspecto

e o segundo com um brasileiro que eu já admirava há muitos anos. Desde que ele se tornou conhecido no Brasil como líder de uma metodologia típica de alfabetização.

Trabalhar com o Paulo Freire era algo muito interessante, porque era trabalhar com algum amigo ausente. Como assim? É que ele era muito requisitado pelo mundo. Viajava muito, para todos os países da Europa, da Ásia, da Oceania.

Eu me lembro de uma vez que ele me disse: “ Aldo, amanhã eu não posso estar aqui. Eu vou para as Ilhas Fiji”. Nunca tinha ouvido falar desse país! Então ele me pediu o seguinte: “Como eu sou muito requisitado, eu tenho que sair muito, eu tenho um compromisso com a colônia espanhola aqui em Genebra e preciso de você”. Genebra era e hoje continua sendo uma Meca de muitos estrangeiros. Turcos, romenos, árabes, portugueses, espanhóis. E a colônia espanhola, naquela altura, era muito forte, eu acho que era a mais presente lá dentro. Essa colônia tinha também um conjunto de 5 ou 6 padres espanhóis que trabalhavam com os espanhóis trabalhadores em Genebra. E esses padres tinham tido contato com Paulo Freire, interessados na Teologia da Libertação. Paulo Freire não era o representante disso, mas conhecia essa Teologia. Mas eles estavam interessados também na Filosofia prática, política, do Paulo Freire, de tratamento com as classes oprimidas, com as periferias do mundo. Ele topou trabalhar com eles. Com a presença minha, inesperada para ele, e a necessidade dele de sair muito de Genebra, ele pediu que eu assumisse esse trabalho.

Estar com essa colônia espanhola e com esses padres que trabalhavam com ela para mim foi muito bom, muito interessante. Passei a celebrar missa para essa colônia todo domingo. Ao mesmo tempo, tinha reuniões com aqueles padres espanhóis, discutindo a problemática que eles viviam.

Depois de um certo tempo de vida celibatária em Genebra, resolvi e escrevi para uma ex-aluna, Rosália Cortez, ex-aluna de Pedagogia, aluna de primeira fila, super atenta, muito questionadora, sempre com perguntas a fazer.

Escrevi a ela. Antes de ir para a Europa, eu lhe tinha dito que tinha interesse nela. Foi uma surpresa, eu acho, até hoje, que foi uma coisa divina. Eu nunca tinha dito nada a ela, ela nunca tinha dito nada a mim. Ela não era de igreja, o pai era contra padre, a mãe era religiosa tradicional, ela

própria não frequentava missas, mas quando eu disse que tinha interesse nela, ela disse:

“E você é o único homem que me interessou até hoje”.

Então, lá de Genebra, entrei em contato com ela, me comprometendo. Logo depois escrevi a Dom Melhado, explicando para ele a minha decisão, pedindo para que ele fizesse o processo de minha liberação, pelo Vaticano, do celibato.

Dom Melhado me respondeu pedindo que eu pensasse mais. Eu voltei a confirmar. Daí ele fez o processo. Isso deve ter sido em outubro de 1973. E esse processo costumava ser demorado, tive colegas que esperavam anos e anos. Acho que eu não interessava mais à Igreja... E no final de abril de 1974 veio a minha dispensa. No finzinho de abril, chegou essa carta oficial me liberando do celibato. Daí eu fiz questão de celebrar a última missa no Dia das Mães, logo no primeiro domingo de maio. Dia das Mães. Depois disso não celebrei mais e comecei a pensar no casamento.

E o casamento aconteceu em 20 de julho de 1974. Em Genebra, na Igreja de Sacré-Coeur, no centro da cidade. Os padrinhos foram dois irmãos meus (Afra e João) e uma irmã da Rose (Teresa Cortes de Barros e seu marido José Prestes de Barros). No civil, foram padrinhos, aquele casal amigo que me recebeu em Genebra, (Carlos De Angeli e Edna Holtz) e o amigo que me recebeu, lá no Conselho Mundial, e sua esposa. Foi casamento no civil e no religioso.

O Paulo Freire, alguns dias antes, veio conversar comigo pedindo desculpas: ele tinha um compromisso no exterior. Mas me convidou para irmos à cidade, pois ele queria comprar um presente. Fomos a dois shoppings. Eu, inexperiente da vida comercial, ele também não muito forte nisso, porque na vida familiar do Paulo Freire ele tinha um trunfo importantíssimo: Dona Elza, esposa dele, mulher admirável, professora primária, como se falava naquele tempo, espetacular dona de casa, mãe, esposa, alguém que lia o que o Paulo Freire escrevia, antes de ele publicar, alguém pé no chão. Paulo era meio romântico: “Sentimental eu sou, eu sou demais...” ele cantarolava de vez em quando. Outra música que ele cantarolava era: “It’s impossible...”.

Ele não pôde ir, mas me deu um radiozinho de presente. E daí eu voltei para casa, antes do casamento, com o radiozinho que iria enfeitar o nosso lar.

Nós nos casamos. A lua de mel foi na Riviera, perto de Cannes, perto de Nice. Alguém vai dizer:

“Pôxa, você estava rico!” Mas era tudo oferta de amigos. A viagem de avião, a estada em uma praia desconhecida que tinha um chalé que um amigo colocou à nossa disposição. Valeu mais do que a praia, na lua de mel, uma viagem de ônibus até Mônaco. Viagem de ida e volta, mas que valeu a pena pois Mônaco é realmente algo que vale a pena conhecer.

Voltamos. Tínhamos alugado o térreo de um prediozinho de dois andares, lá eles chamavam de “studio”, um apartamentozinho, uma sala, a copa/cozinha, o banheiro. Coisa super simples, suficiente para nós dois. Aluguei televisão, telefone e a Rose ficava em casa e eu tinha que trabalhar manhã e tarde.

O Conselho Mundial ficava mais ou menos um quilômetro e meio dali. Dava para eu ir e voltar a pé. Muitas vezes eu almoçava com ela, outras vezes, no próprio Conselho, porque lá dentro tinha tudo.

E terminado o trabalho, a gente se aventurava por Genebra. Eram horas maravilhosas. De ônibus, a pé, tomando sopa na estação, ou às vezes parando num barzinho, andando, às vezes desrespeitando as normas rígidas do trânsito. Tudo na Suíça é regulamentado. É impressionante. Eu já conhecia a Suíça, porque no Mestrado em Filosofia, eu consegui uma bolsa de estudos num vilarejo perto de Genebra, Bossey, onde havia um curso de ecumenismo. Um curso interno de vários meses, um curso bem bolado, bem estruturado. Não apenas porque trazia teólogos luteranos, metodistas, batistas, mas também católicos. Um teólogo que eu ouvi lá, que foi lá para falar conosco, você não imagina, foi o padre Ratzinger, futuro Papa. Ele era simplesmente um padre naquela época, mas bastante adiantado para a época, bem envolvido com o Concílio Vaticano II. Depois foi bispo, cardeal, papa. Parece que foi maneirando, maneirando e se tornou Bento XVI.

Eu me lembro que no primeiro, segundo dia desse curso, a “fraulein”, a senhorinha responsável pela organização nos reuniu para pedir desculpas: “Olha, ontem eu dei a vocês um caderno com todos os horários, de todos esses meses, das palestras, das horas livres que vocês vão ter e dos locais onde tudo vai acontecer, mas houve uma falha minha, no dia tal, tal conferência não vai acontecer nesse local mas em tal local”. Isso é Suíça,

tudo certinho. O trânsito na Suíça também, tudo certinho. Voltando então, minha vida em Genebra, casado, foram meses muito interessantes.

Claro, que foram meses também de eu aprender a ser casado. De a gente se conhecer. Os dois totalmente inexperientes nesse aspecto. Mas crescendo, descobrindo juntos. É uma história belíssima que não é qualquer casal que tem. O jovem de hoje de 18, 20, 30 anos, quando casa já passou por tudo. Não era o nosso caso. E eu só tenho a agradecer a Deus, e a ela também, porque isso tudo foi nos conformando. Ou seja, a gente foi se formando junto. E a conformação é uma palavra muito rica. Não é entrar numa fôrma, mas é pegar forma. E não é pegar forma individual. Porque cada um de nós... eu já tinha mais de 40 anos e ela 36, nós já éramos pessoas formadas, já éramos adultos. Então essa conformação pela vida conjugal foi realmente uma caminhada com alguns problemas, algumas dificuldades, evidentemente, sem nenhuma vontade de mentir, de colorir demais, mas uma conformação maravilhosa que deu no que deu hoje.

Hoje nós somos um casal super feliz, com 45 anos de vida matrimonial. Com dois filhos maravilhosos: Ana Maria Cortez Vannucchi, médica psiquiátrica, professora universitária em São Paulo e com consultório de psiquiatria em São Paulo também; ele, João Estêvão Cortez Vannucchi, advogado, em Sorocaba, com escritório no centro da cidade. Ele com um casal de gêmeos e ela com um filho. Nós, então, com 3 netinhos, ficamos avós em 2017. Com esta idade, nossa vida matrimonial está culminando com as maiores alegrias, na maior felicidade.

Lá em Genebra, a gente foi aprendendo a ser casal, foi aprendendo a ser esposo, esposa, foi usufruindo de tudo o que era possível. Eu trabalhando no Conselho Mundial de Igrejas, ela com uma capacidade enorme de uma certa solidão, horas e horas. Ela procurava apagar um pouco essa solidão visitando algumas mostras. Genebra tem muitos museus, mostras de pintura especialmente. Ela sempre pintou muito bem. Ela também cultivando algumas amizades, especialmente com a Dona Elza, mulher de Paulo Freire, participando de algumas coisas e a gente, à noite, procurando algum filme interessante.

Mas isso foi por pouco tempo. Por quê? Porque pela correspondência que ela mantinha, sua mãe já com muita idade, não estava bem de saúde. Daí resolvemos voltar para o Brasil. Era uma volta problemática. Por quê? Porque quando eu falava de voltar ao Brasil, na minha correspondência, e

quando ela contava essa possibilidade, o que vinha do Brasil era: “Cuidado! Não tenham pressa. Aqui a coisa não está bem. Continua muito perigoso você voltar”.

(bloco 6) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannuchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 01/10/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo faz uma retomada de algumas situações anteriores, mostrando mais alguns detalhes, por exemplo: a morte do sobrinho Alexandre e a busca pelo corpo, tornando-o ainda mais visado pela polícia; a volta da Suíça, o aborto de Rose e, para amenizar, a viagem com Rose para Campos do Jordão; fala sobre o apoio que recebeu do Alexandre Beldi, quando precisou sair rapidamente do Brasil para a Suíça, assim como auxiliando-o a arranjar um emprego quando voltou para o Brasil. O nascimento dos dois filhos.

A.: Realmente, em 1973, com a morte e tortura do meu sobrinho Alexandre, eu fiquei muito mais visado. Por quê? Porque quando eu recebi a notícia de que ele estava preso, foi um telefonema anônimo de um colega dele que ligou para minha irmã, mãe do Alexandre e quem atendeu foi o irmão mais novo do Alexandre, na altura com 10, 12 anos de idade: “O Alexandre foi preso. Venham vê-lo”. Era simplesmente assim o telefonema.

Isso fez com que o pai dele, meu cunhado, e eu, imediatamente fôsemos a São Paulo, para descobrir onde, como, e por quê? Eu me lembro que fui procurá-lo no Hospital Militar, no Cambuci, porque eu sabia que o Hospital Militar lá era dirigido por freiras. Eu pensei, lá é ambiente militar, não é ambiente bom para mim, mas eu vou procurar de cara a irmã superiora e pedir informações.

Fui. Lá não estava ninguém. Por que no hospital? Porque naquela altura quem era preso imediatamente era torturado e mandado para um hospital, se conseguisse ir. Meu cunhado foi para outros lugares. Eu tinha compromissos e não pude fazer tanta romaria, triste romaria.

Nem ele, nem eu, ninguém conseguiu descobrir nada. Ele voltou vários dias para conversar com delegados, um delegado aqui, outro lá, desconversavam ou se contradiziam. Resultado: deu no que deu. Ele foi

torturado ali no DOI-CODI, na Rua Tutoia, em São Paulo, foi morto ali. Tudo isso, posteriormente, ficou público. Sobreviventes contam como ele foi torturado. Terrível. História terrível. O meu sobrinho foi preso sob a alegação de que era comunista, agitador comunista, e diziam que tinha participado de assaltos a mão armada. Ele nunca pegou arma na vida dele. Era inclusive pequeno. O apelido dele era Minhoca, por dois motivos: um grande apelativo. Por quê? Porque de baixa estatura e porque adorava terra. Era geólogo, minhoca vive na terra. Um apelido dado com muita precisão. Mas aquela acusação era falsa. O que ele realmente era, e isso perturbava a situação política, era um líder intelectual. Ou seja, ele fazia teatrinho na favela perto da USP. Escrevia e com outros trabalhava um teatrinho de reflexão, que não agradava as Forças Armadas. Líder entre os colegas dele. Por essa razão é que ele foi preso. E todo o meu esforço, meu e da família, para conseguir informações, tudo isso me fez ficar muito visado

Eu fiquei, então, no ponto máximo de uma crise interior, daí a minha decisão de querer sair do Brasil. Antes de partir, porém, fui me despedir de um amigo, Alexandre Beldi, um amigo meu de muitos anos, que me financiou meu primeiro fusquinha, porque ele tinha a Cobel. Por que Cobel? Por ser de dois sócios: Co de Cossermelli e Bel de Beldi.

O Beldi também me ajudou quando eu fui nomeado vigário da Vila Progresso. Não só porque me doou o telefone imediatamente (ele era o dono da CRTS), mas também porque, naquele tempo, um casal da paróquia conversou comigo desesperado. Eles estavam devendo vários meses a mensalidade da casa própria na Caixa e naquele mês, se não pagassem, iriam perder a casa. Eu contei isso ao Alexandre e ele pagou as mensalidades atrasadas.

Que saudade que eu tenho dele! Morreu há alguns anos. Grande amigo, fazia tudo isso sem publicidade.

Pois quando contei ao Alexandre Beldi que eu ia embora, ele falou: “Não é tão fácil assim, você sair do País, não”. Ele pensou na minha segurança. Eu poderia ser preso no aeroporto. E como ele tinha ótimas relações em Brasília, devido aos seus interesses empresariais, ele me disse: “Antes de ir, fale comigo”. Foi assim que ele destacou seu sobrinho, Luiz Beldi Castanho, para me levar de casa até o aeroporto, lá no Rio de Janeiro. E lá, ele conseguiu pôr um alto oficial do Exército que garantiu o meu

embarque. De fato, no aeroporto fiz o “check-in”, e embarquei sem problema nenhum. Lembrar esse gesto dele é coisa que me arrepia até hoje.

Mas, como eu lhe contava antes, para voltar ao Brasil o problema da minha segurança preocupava. Não poderia ser preso, quando descesse do navio, em Santos? Apesar disso, arriscamos e aqui chegamos em 3 de janeiro de 1975, sem problema algum, iniciando nossa vida de casados, num sobrado da Rua Santa Maria, no Além-Ponte. Foi moradia, por uns 5 anos, sem pagamento de aluguel, por generosidade de seu proprietário, parente da Rose.

Uma das primeiras visitas que fiz foi ao amigo Alexandre Beldi, para lhe pedir “Alexandre, estou voltando. Tenho só 4 aulas por semana, na Faculdade de Filosofia. A minha mulher, a Rose, é professora do SESI, mas eu gostaria de conseguir algum emprego para melhorar a nossa situação”.

Ele imediatamente acionou de novo o Luiz, seu sobrinho, que era um dos proprietários do Instituto Ciências e Letras. Ouvindo os outros dois sócios daquela escola, Oscar Fonseca e Samuel Tabacow, fui nomeado então vice-diretor do “Ciências e Letras”, assumindo, alguns meses depois, a diretoria.

Foi outra boa experiência e um excelente aprendizado para mim, porque, mais tarde, como diretor novamente da FAFi, me inspirou a ideia de criar lá o Colégio Dom Aguirre. Na direção do “Ciências e Letras”, sempre tive apoio dos proprietários, mas a visão policial de que eu era uma pessoa perigosa continuava. Diretor do “Ciências”, perigoso; professor da Faculdade perigoso; casado perigoso. Tão perigoso que eu descobri, um dia, um ofício, lá em São Paulo, do DOPS contra mim. Ofício interessantíssimo. (Às vezes, o que faz chorar faz rir também). O ofício, assinado por um delegado de Sorocaba, informava ao delegado geral lá de São Paulo, que “o ex-padre Aldo Vannucchi foi visto, esta noite, com sua esposa, ao sair da Pizza na Pedra”. Impressionante. Como se comer pizza fosse crime; como se fosse um gesto, mais um gesto de um agitador. Mas era essa a situação.

E nesse clima é que, certa vez, tive que fazer boas e más artes para defender um professor: Miguel Trujillo, professor de História, ex-aluno da Faculdade de Filosofia, que era comunista e fazia pregação subliminar comunista. Mas era muito bom professor. Uma noite a polícia veio pegá-lo.

Precisamos escondê-lo no sótão do prédio, para que ele não fosse pego. Infelizmente, dias depois pegaram-no na rua. Acabou preso e torturado.

Eu, diretor do “Ciências” e professor da Faculdade, e a Rose com aulas no Sesi. Nossa vida de casados rolava tranquila, mas um problema nos preocupava: aquela vontade imensa de ter um filho. E aí, de novo, a graça de Deus nos presenteou com a figura amiga e ultracompetente, de um grande médico pediatra e obstetra, o Dr. Luiz Sampaio Ferraz. Acompanhando a Rose na gravidez, o primeiro parto tão desejado não vingou. Ela teve um aborto no fim de novembro de 1976. É uma tristeza imensa, não é? Para tentar minimizar um pouco aquele sofrimento, a gente resolveu ir a Campos de Jordão, logo depois do Natal.

Campos de Jordão era minha meta de descanso quando eu estava no clero, porque lá havia um edifício exclusivo para as férias para padres. Naquela época, com o meu fusca, zanzei muito por aquela charmosa cidade. Conhecia bem tudo aquilo. Hoje eu fico lembrando: um padre, em um fusquinha, sozinho naquelas alturas. Natureza, tudo falando de vida, tudo verde, tudo maravilhoso, a agitação turística, um padre, celibatário, sério, sozinho no fusquinha, rodando, procurando o quê? Parava às vezes, ligava o rádio para ouvir o Roberto Carlos, “Detalhes”, “A nossa canção..” Eu sabia de cor todas aquelas músicas e cantarolava com ele. O tempo passou. Agora, ali estávamos Rose e eu, felizes, em hotel modesto e num local bem situado, para reviver Campos do Jordão.

Em um dos passeios, aconteceu-nos o inesperado. Topamos, na entrada de um prédio, com alguém vendendo produtos artesanais, coisinhas para bebês recém-nascidos. Tudo o que a gente imaginava para o nenê que não nos chegou. Aquilo foi um choro só. Mas, à noite, já estávamos bem à vontade, ouvindo o Roberto na televisão. Voltando a Sorocaba, alguns meses depois, reencontramos, seguidamente, o doutor Luiz Sampaio, muito amigo sempre. Ele fez o parto da nossa Ana Maria e, dois anos depois, do nosso João Estevão. E fez questão de não cobrar nenhum dos dois partos. Por quê? Não sei. Até hoje eu não sei. A gente todo ano procurava dar algum presente a ele, no Natal, mas o grande presente ele é que nos dera, os dois filhos nascidos perfeitos. No fundo, tudo isso é graça de Deus.

Eu sei que falando assim, alguém posteriormente me ouvindo, alguém que não acredita em Deus, alguém que não tem prática religiosa pode estranhar. Eu respeito, não discuto, mas simplesmente digo que é

preciso explicar algumas coisas que acontecem na vida que eu chamo de graça divina. Não sei como você chama, diga lá o que você quiser, pense lá o que você pensar, mas existe o sagrado, existe o absoluto, existe o supramundo de tudo o que é felicidade e que não tem explicação matemática, física, química, tecnológica. Essa é uma observação, um parêntese que eu deixo no ar.

Mas a minha vida continua, vida de casado, vida de professor, tendo depois, em 1980, um outro grande momento que foi a minha eleição para Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras.

(bloco 7) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannuchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 22/10/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo fala sobre sua experiência de crescimento pessoal e profissional durante os 8 anos em que foi professor e diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, sobre a reforma de parte do prédio do Trujillo, comenta sobre vários professores da época, o pagamento de mensalidades dos alunos judicialmente e conta sobre a ideia e trabalho dele, ajudado por José Carlos de Araújo Neves, para a criação da Fundação Dom Aguirre.

A.: Em 1980, houve a eleição para a Diretoria da Faculdade. Fui eleito e nomeado e comecei a trabalhar. A Faculdade tinha crescido bastante, graças à administração de Lauro Sanchez e Edson Segamarchi. O meu trabalho teve, inicialmente, um problema estrutural: o prédio, aquela parte baixa, mais antiga do Trujillo, tinha vários setores deteriorados. Havia um banheiro feminino semifechado e uma sala com o assoalho mais ou menos afundado. Em resumo, precisava entrar pedreiro, carpinteiro, para renovar o prédio que é uma joia. As salas, tudo ao redor daquele pátio, daquele jardim sempre muito acolhedores. Autorizado pelo bispo Dom José Lambert, foi feita a empreitada, foi feito o trabalho. Eu até hoje fico pensando, não sei com que dinheiro, mas a obra aconteceu, realmente. Tudo o que estava mais ou menos proibido no seu acesso voltou a ser plenamente usado.

Outro aspecto interessante foi o maior contato meu com o corpo docente. Esse contato foi progressivo, evidentemente. Havia professores que eu já conhecia, professores de larga experiência, pessoas renomadas, alguns que vinham de São Paulo e outros recém-contratados e outros eu fui contratando, pouco a pouco.

Hoje eu relembro, por exemplo, uma contratação que eu não vi contestada por ninguém abertamente na minha frente, mas que certamente deve ter causado estupor em algum professor. Eu me refiro ao professor Maurício Tragtenberg, marxista declarado, inteligentíssimo, muito respeitoso. Ele trabalhou conosco, não foi por muito tempo, acredito que 2 anos, mas se mostrou excelente professor nos cursos de Filosofia e de História.

Outro notável professor, sempre memorável, contratado por mim também, apesar de não apresentar ou não podendo apresentar nenhuma documentação pertinente, porque era, praticamente, um refugiado no Brasil, foi o Bohdan Vjitenko, ucraniano, perseguido por Stalin. Formou-se na Ucrânia e na Alemanha, e na Inglaterra fez seu doutorado. No Brasil, chegou até Sorocaba, à procura de emprego. Foi-lhe recomendada a Faculdade, eu o recebi, conversei e de pronto percebi que era uma pessoa com um lastro cultural invejável. Falava 7, 8, 10 línguas, inclusive o sânscrito. Foi contratado para lecionar Filosofia Antiga e História Antiga, no curso de Filosofia e no Curso de História, respectivamente. Ficou apenas dois anos, mas foram anos marcantes, porque ele também tinha um trabalho particular, fora da Faculdade, que era ensinar a prática da meditação. Uma prática com base na Filosofia Hinduísta, mas sem nenhum caráter religioso, sectário. Quero ressaltar que tudo aquilo que ele ensinava sobre meditação hoje é continuado por alguns discípulos seus em Sorocaba e até em uma ou outra Escola Municipal Infantil. Crianças aprendendo a meditação.

O mandato meu, na Faculdade de Filosofia também teve seus percalços, um problema comum em qualquer instituição particular, no caso de cobrança das mensalidades. O Centro Acadêmico agitava o alunado sempre contra o pagamento das mensalidades, julgando-as abusivas e deu-se, então, o movimento legal, mas extremamente pernicioso para a Faculdade, de eles pagarem a Faculdade só em juízo, ou seja, o dinheiro não entrava imediatamente, para se poder pagar funcionários e professores. Houve

momentos em que havia mais de 1000 alunos pagando em juízo. Isso redundava em grandes problemas internos.

Além disso, os alunos por duas vezes promoveram passeata até o centro da cidade, em protesto contra as mensalidades. Mas a Faculdade conseguiu superar essa tormenta. É algo que a gente lembra como sacrifício necessário para a convivência do alunado e direção num país que até hoje não resolveu dignamente o problema do acesso dos mais pobres ao Ensino Superior. Ainda existem certas reservas, um certo preconceito, eu diria, achando que pobre que fique no máximo no Ensino Técnico. O que é um erro terrível, porque se de um lado o Brasil precisa muito de técnicos e de escolas técnicas, como o SENAI, como as ETECs paulistas, por outro lado, qualquer jovem, venha ele da família mais degradada possível, ninguém pode negar a ele que sonhe com uma Faculdade.

Meu mandato foi de 8 anos, ou seja, 4 e 4, reeleito em 1984 até 1988. Eu diria que foram 8 anos muito importantes para o meu aprendizado, por vários aspectos. Vou destacar dois. O primeiro é que, apesar de diretor, sempre frequentei, com entusiasmo, a nossa Biblioteca, mais do que a maioria dos professores. As matérias que eu assumia me provocavam a estudar, a aprender, a perguntar, a ler, a frequentar a biblioteca, a retirar livros para levar para casa, a preparar as apostilas das minhas aulas.

Aqueles 8 anos me deram outra oportunidade: aprendi um pouco de Administração. A minha formação em Filosofia, Pedagogia e Teologia não tinha praticamente nada nessa área e um sujeito colocado como Diretor de uma Faculdade assim, sem prática administrativa. Eu trazia da minha vida no clero toda uma herança cultural diferente, com muitas experiências boas, válidas, mas era praticamente zero na parte administrativa. Eu tive que aprender muito nesse aspecto, pelo diálogo com o tesoureiro da Faculdade, com o contador da Faculdade, com a mantenedora da Faculdade, a Fundação Dom Aguirre.

E falando na Fundação, aí entra outro dado interessantíssimo. Eu nunca vi filho gerando mãe. E comigo aconteceu: a Faculdade de Filosofia gerou a Fundação Dom Aguirre. Como foi possível esse milagre ontogênico, digamos assim? Foi possível porque em 1962 saiu um decreto federal exigindo que toda instituição de Ensino Superior fosse assumida por uma personalidade jurídica. Poderia ser uma sociedade anônima, uma empresa particular de algum capitalista ou de algum educador poderoso e poderia

ser também uma Fundação. Examinando as hipóteses abertas, oferecidas para o nosso caso, eu julguei a Fundação como a melhor entidade jurídica. Aí a Fundação Dom Aguirre foi fundada por um trabalho meu e do Secretário da Faculdade, o sempre lembrado e meritoriamente lembrado, Prof. José Carlos de Araújo Neves, que tinha um grande conhecimento técnico da legislação pertinente, como Secretário da FAFI que ele era, há muitos anos. Então preparamos a documentação exigida e apresentamos a proposta, a necessidade da medida a Dom Aguirre e a Fundação foi criada, em outubro de 1963, Fundação com o nome dele, embora contra a sua vontade. Homenagem merecida a quem estava na origem da própria Faculdade. O surgir da Fundação foi importantíssimo para a nossa história. A partir daí, a própria direção da Faculdade e hoje a direção da Reitoria, têm esse amparo, essa possibilidade de dar passos juridicamente certos, responsáveis e imunes de qualquer contestação.

A Prefeitura, muito tempo antes, abriu mão e vendo que Dom Aguirre aceitou o encargo de administrar a Faculdade, a Prefeitura se distanciou, ficando apenas o Prefeito como membro nato da Fundação e, também, o Presidente da Câmara Municipal.

O Conselho Superior da Fundação Dom Aguirre ficou constituído assim: Bispo, por razão histórica, não por razão religiosa, Prefeito Municipal, um representante da Câmara e algumas outras personalidades da sociedade civil. Isso cria uma ideia bem clara, bem concreta, de que nós não éramos uma Faculdade de propriedade privada, nem hoje somos uma Universidade particular, mas Universidade Comunitária, com o caráter de respeito a todas as exigências públicas. Até a gente pode falar em universidade pública não-oficial.

Daqueles 8 anos acho que há muita coisa para lembrar, mas quero valorizar, especialmente, o aprendizado também pessoal, pois hoje um Diretor de Faculdade, um Reitor, são pessoas com uma responsabilidade enorme, em todos os aspectos. E por outro lado, são pessoas que têm sua esposa, têm seu marido, têm seus filhos, sua casa, têm toda sua questão familiar e isso não pode ser separado da vida dentro da instituição. Por isso, , eu repetia sempre: Ninguém se casa com a Fundação, ninguém se casa com a Faculdade, com a Universidade. A gente procura dar tudo de si para a instituição em que a gente trabalha, mas a ligação íntima, familiar, marital, materna, paterna, filial, tudo isso é uma exigência intransponível,

inescapável, necessária. E é preciso que a pessoa que esteja num cargo como professor da Faculdade, como coordenador, como Diretor, como Reitor, tenha essa capacidade de se orientar de uma forma séria, de doação integral, mas sempre se lembrando de seus compromissos familiares. A gente é pessoa. E a pessoa humana não é aleatoriamente constituída de corpo, espírito, inteligência, sexualidade, aspecto físico, aspecto moral. Não existe essa mistura solta. Existe a pessoa, que é única, irrepetível, singular, e precisa aprender a dançar no meio, digamos assim, de um baile, uma hora tranquilo, outra hora frenético, sem perder a própria personalidade.

Isso que eu acho maravilhoso e eu sempre insistia nisso nas conversas, nas práticas, até com os alunos. Uma coisa é a pessoa. Para isso basta nascer, você já é um projeto de pessoa. Com 18 anos, você já é uma pessoa responsável. Agora, outra coisa é personalidade. Personalidade é pessoa não só madura fisicamente e intelectualmente, mas uma pessoa capaz de manter a unidade interior. Isso é maravilhoso, é o ideal que eu procuro viver pessoalmente sempre, em casa, mas também na minha convivência universitária. O Brasil precisa de mais personalidades. Tem mais de 200 milhões de pessoas, mas quantas chegam a ser personalidades?

(bloco 8) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannuchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 22/10/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo, durante a gestão da Profa. Sonia Chébel como diretora da FAFI, em uma reunião da FDA, propõe a criação da UNISO. O Presidente da FDA, aprova. O Prefeito Municipal, Paulo Mendes, apoia a ideia. Aldo assume a liderança do Projeto, em 1988, e prepara a Carta Consulta. Elogia a secretária Ismênia Maluche. Surgem algumas pessoas trabalhando contra o Projeto da Universidade, alguns professores e integrantes do PT. Quando a Carta Consulta estava pronta, o presidente José Sarney fechou o Protocolo e só reabriu em 1992.

A.: Quando terminei o meu mandato de Diretor, em 15 de março de 1988, houve eleições para a nova Diretoria e quem assumiu foi a Profa.

Sonia Chébel. Nesse mesmo dia, na reunião da Fundação da qual eu participei, eu propus a criação da Universidade de Sorocaba, a partir das duas Faculdades que a Fundação mantinha, juridicamente: Filosofia e Administração: FAFI e FACCAS. Eu fiquei até surpreso, pois imaginava alguma dificuldade nessa aprovação, mas ela foi unânime. Uma ou outra questão foi levantada, mas a aprovação foi unânime.

Faço questão de lembrar que, além do presidente do Conselho, Dom José Lambert, que foi totalmente favorável, também opinou a favor o vice-presidente, grande amigo meu, Monsenhor Mauro Vallini, colega do clero cujo único defeito era ser palmeirense, porque eu sou são-paulino roxo, às vezes sofrido, às vezes sumamente vitorioso.

Aprovada a ideia ali, procurei o apoio também da Prefeitura Municipal. O prefeito era Paulo Mendes. Foi aluno da FACCAS. Pessoa muito ligada a mim, desde menino. Paulo recebeu a ideia com muito entusiasmo e logo me nomeou funcionário da Prefeitura, remunerado.

É justo lembrar que o prefeito subsequente, Antônio Carlos Pannunzio, entusiasmado também pelo projeto, confirmou essa nomeação. Então, juntando o salariozinho da Fundação e o da Prefeitura, dava para eu viver razoavelmente, durante todo o processo do Projeto UNISO, que durou 6 anos, de 15 de março de 1988 a setembro de 1994. Um processo de 6 anos é longo demais. Em Brasília, que passei a frequentar uma ou duas vezes, todo mês, eu via colegas de outras instituições de São Paulo e do país, que conseguiam as coisas como em passe de mágica, conversando com tal conselheiro, com tal funcionário do MEC, convidando membros do Conselho Federal de Educação para almoçar, oferecendo carro no aeroporto para levar fulano daqui para lá, coisa que eu não tinha condição nenhuma de imitar. E, a bem da verdade, não tinha nem estômago para isso.

Eu pegava ônibus do aeroporto até o MEC. Uma vez consegui um carro do nosso deputado federal, Theodoro Mendes. Eu pedi e ele me concedeu esse favor. Mas realmente eu não via com bons olhos aquela sistemática de envolvimento de pessoas-chave para apressar o processo. Vivi muito chá de banco. Mas tudo foi muito válido. E, graças a Deus, tive muita força para enfrentar tudo isso.

Eu me lembro até de coisas muito interessantes. Como fui professor de Português por muitos anos, às vezes eu entrava no Ministério da Edu-

cação e via um ou outro cartaz ou aviso com o português errado e não me segurava. Uma vez, vi um no próprio elevador que levava ao gabinete do Ministro e imediatamente peguei a minha bic e corrigi. Devia ser o tal do “a partir” com crase, ou coisa semelhante. Havia outros momentos interessantes, como o contato direto, no Conselho Federal de Educação, com um ou outro Conselheiro da época, mais afável, mais acessível, ou assistir às reuniões do Conselho, onde o nosso processo estava rolando. Era interessante ouvir os debates. Mal sabia eu que, alguns anos depois, eu seria chamado também para fazer parte desse Conselho.

Voltando ao Projeto UNISO, comecei, no Trujillo, numa salinha que não chegava a 3 m², mas foi conveniente, porque estava ali a documentação da FAFI e da FACCAS. Naquele espaçozinho nos encaixamos eu e a Ismênia Maluche, pessoa de grande valor, secretária escolhida para me ajudar na preparação de toda a documentação exigida. Tudo na datilografia, pois não dispúnhamos de computador ainda.

Tudo começou pela preparação da chamada Carta Consulta, um volumoso texto básico em que se deveria mostrar o que eram as duas Faculdades e a Fundação Dom Aguirre, qual era o nosso porte, enfim. A lei, na época, exigia, no mínimo, 9 cursos de graduação e era isso mesmo o que nós tínhamos: Pedagogia, Letras, Filosofia, História, Geografia, Ciências, Administração de Empresas, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas. Nesse documento básico deveriam constar muitas informações, como o corpo docente, a estrutura física, o orçamento possível e o necessário apoio da sociedade civil. Aprontamos tudo no tempo devido, mas um decreto do Presidente Sarney fechou o Protocolo. O jeito foi continuar o processo pela preparação interna. Mas aí começou a crescer um movimento estranho, contrário à ideia da transformação em universidade. Muito estranho, muito triste e perturbador, porque começou de dentro, na própria Faculdade de Administração, FACCAS, com alguma penetração na Faculdade de Filosofia.

Por que essa oposição? Alegavam-se várias razões, algumas, inconfessadas na época, mas realmente lamentáveis. Uma era o medo de perder o emprego quem não tivesse pós-graduação. Outra, que não havia estrutura, que era um sonho impossível. E essas ideias negativas infiltraram-se no corpo discente, por obra de alguns grupos trabalhados também pelo Partido dos Trabalhadores de Sorocaba. A alegação básica desse pessoal era de que se tratava de um projeto totalmente inoportuno. Para eles,

Sorocaba precisava era de uma universidade pública, gratuita, de qualidade; e não a que pretendíamos criar.

A luta para arrefecer essa força contrária foi muito dura. Passei a escrever nos jornais, quase que diariamente, explicando o que era universidade, esse era um ponto básico. Sorocaba não sabia o que era universidade. A PUC estava em Sorocaba há muitos anos, mas como uma faculdade isolada e com uma dependência absoluta da direção lá de São Paulo. Então a Faculdade de Medicina de Sorocaba era a Faculdade de Medicina, não era vista como presença de uma universidade em Sorocaba.

A população não tinha ideia do que era uma universidade. No próprio professorado das nossas duas Faculdades o conceito de universidade era muito vago. Para dizer assim rasamente, Sorocaba era muito provinciana.

Eu me lembro, muitos anos atrás, só como exemplo, Plínio Salgado, um líder nacional, grande escritor e orador famoso, independentemente de sua pregação política, veio a Sorocaba. Iria falar no Sorocaba Clube, parece que às sete da noite. Eu era coroinha na Catedral brincando ali na praça, esperando a hora da missa, e vi alguém sair do Sorocaba Clube falando alto, na calçada: “Gente! O Plínio Salgado vai falar daqui a pouco, por favor, apareçam!” Pelo visto, a cidade vivia mesmo muito alheia a qualquer análise das instituições nacionais, a qualquer reflexão crítica sobre o País. Não surpreende, então, a dificuldade que a semente de um projeto de universidade sofreu aqui para se desenvolver.

Mas o processo caminhou. Quando o Protocolo abriu em 01 de janeiro de 1992. Às 8h da manhã, eu já estava na porta. Só não fui o primeiro protocolado porque uma colega de outra instituição, do Rio de Janeiro, chegou depois de mim, mas chegou falante, vistosa, com um jeito de trabalhar muito diferente do meu, e, por delicadeza, lhe dei a prioridade solicitada por ela.

(bloco 9) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannuchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 22/10/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Aldo conta sobre o protocolo do Processo da UNISO, em 1992, no CFE; sobre a escolha da relatora, a Conselheira Maria Margarida. Elogia o trabalho da Profa. Ana Maria Gurgel, que era membro da Comissão, elogia o apoio de Paulo Mendes e Mauro Vallini. Suas viagens para conhecer outras universidades. As oposições. No começo de 1998 a FAFI e a FACCAS se integraram e se transformaram nas FIDA.

A.: A introdução do nosso processo no Conselho Federal de Educação foi importantíssima, porque era a casa aberta para nosso sonho aí, passo a passo, se concretizar. O primeiro momento, após esse protocolo obrigatório, teria que ser, como de fato foi, a escolha de um conselheiro que analisasse e relatasse o nosso projeto no plenário do Conselho. E nós tivemos, creio eu, por ação clara da própria providência divina, como nossa relatora, a Conselheira Margarida Maria. Uma pessoa que aliava duas características: firmeza nas suas afirmações e ternura nos seus contatos. Uma personalidade realmente de respeito, que assumiu não apenas os nossos papéis, assumiu o nosso compromisso.

Um dos seus primeiros movimentos foi visitar a nossa instituição. De novo, quem nos ajudou na recepção a ela foi o Mauro, Padre Mauro, vice-diretor da Fundação Dom Aguirre na época. Ela esteve conosco no Trujillo o dia todo. Visitou os prédios, os vários setores, conversou com professores, com a direção e depois rodou pela cidade, acompanhada pela Ismênia, chegando até a indústria Barbero, que na época estava no auge da produção do linho. Foi lá a pretexto de comprar produtos de cama e mesa. Ela gostou de Sorocaba e da nossa instituição. E nos deixou uma afirmativa clara e positiva, que repetiria outras vezes: “Conheço outras instituições maiores em todos os aspectos, no tamanho físico, estrutural, potencial financeiro, no número de alunos, no número de cursos. Vocês são pequenos, mas sérios, transparentes”. A conselheira Margarida realmente nos assumiu, sempre com muitas exigências, mas com muito carinho também. Visitou-nos 17 vezes e, às vezes, com toda a sua comissão.

Para dialogar com esses representantes do Conselho Federal de Educação, criamos uma Comissão Interna de interlocução, com seis membros da casa. Em cada encontro se analisava um setor essencial, como nossa estrutura física, o corpo docente, a avaliação dos cursos, a biblioteca etc. Estudávamos o que tínhamos e o que deveríamos melhorar. O apoio da cidade era outro ponto que a conselheira Margarida sempre nos recomendava. Lembrava-nos que precisávamos contar com o apoio das lideranças culturais e empresariais, porque via quanto Sorocaba precisava de uma universidade. Nesse sentido, visitamos uma dezena de empresários de destaque, com a companhia do Prefeito Paulo Mendes, para lhes solicitar apoio. Alguns deram apoio até financeiro, imediato. Era uma ajuda significativa, inclusive para minhas viagens a Brasília. Algumas a Prefeitura bancou; outras conseguimos de um empresário entusiasmado com o nosso projeto, o gerente da Motopeças na época, Laelso Rodrigues. E pela ligação dele com o jornal Cruzeiro do Sul, ganhamos também o apoio desse matutino, secundado, aliás, pelo Diário de Sorocaba também.

Esse tempo de 1992 a 1994 foi de muito trabalho, preparando, quase como lição de casa mensal, cada reunião com a conselheira Margarida Maria e a sua comissão. Sempre havia algo a cumprir ou refazer para melhor, não só na documentação, mas na própria realidade. Foi tudo um caminhar passo a passo bem pensado, às vezes penoso, mas com permanente entusiasmo. Outra atividade minha naqueles dois anos foram as viagens pela região e pelo Estado, para contatar Prefeitos e Reitores, pela necessidade de expor nosso propósito e de colher tanto solidariedade como informações pertinentes.

Nesse ínterim, as oposições por aqui pareciam menos exacerbadas. Continuavam, mas o caminho estava bem traçado e irrevogável. Chegou-se, assim, à hora da Integração das duas Faculdades. Seria o primeiro treino pré-Universidade. Trabalhar basicamente num Regimento único. As duas tinham regimentos próprios, diretores próprios, duas cabeças diferentes, mas diretores responsáveis e competentes, um da Filosofia e o outro da FACCAS.

Chegara o momento de estudar e redigir o Regimento Unificado. Que luta, meu Deus, que luta! Um grupinho de professores da FACCAS dificultava e não acreditava na importância e na obrigatoriedade dessa medida. Seria por medo de o salário diminuir? Era como se a gente estivesse lhes

apresentando um terno grande onde um menininho some. Talvez temessem desaparecer ali dentro, sumir, ser despejado.

Mas não aconteceu nada disso. Houve, sim, professor que acabou saindo, mas era gente que recusou se encaixar no novo modelo. Gente que não aceitou a novidade. E era preciso, naquela altura, ter não só coragem, mas também disponibilidade moral para acreditar num passo que não era para o abismo, mas para cima, para superar uma escada que, degrau a degrau, nos presentearia com a UNISO.

Com o Regimento único, criou-se a figura do diretor comum, evidentemente e o Conselho Superior da Fundação me nomeou para isso. Daí surgiu a figura das Faculdades Integradas Dom Aguirre, FIDA. Era como se a gente visse de longe a foto da UNISO aparecendo no horizonte, porque as duas faculdades se uniam, se integravam, mas cientes de que durariam pouquíssimo, como uma imagem que iria se esvanecendo, até se transformar em uma Universidade. Que maravilha!

As FIDA então aconteceram quando? No começo de 1993. E eu me lembro da primeira vez que eu fui, já com poder de diretor geral, até a secretaria da ex-FACCAS. Os funcionários me receberam bem, mas eu percebi que o clima era de lugar desconhecido. Incrível, não é? Era só andar 30, 40m e eu estava na FACCAS, mas era outro mundo, outro mundo.

(bloco 10) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vanucchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 26/11/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Prof. Aldo conta sobre as FIDA e a criação da UNISO - Universidade de Sorocaba, aprovada por unanimidade pelos membros do Conselho Nacional da Câmara do Ensino Superior; do apoio dos prefeitos Paulo Mendes e Antonio Carlos Pannunzzio. Comenta sobre a Sessão Solene de Implantação da UNISO, no Teatro Municipal Teotônio Vilela, quando Fernanda Maia tocou piano. Conta sobre a escolha dos dois primeiros Pró-Reitores da UNISO: Jayme Rodrigues de Almeida Filho e Danilo Abdelnur; sobre a criação de novos cursos e do Câmpus Seminário. Elogia a participação positiva de Sônia Godoy na criação do Curso de Direito.

A.: A criação das FIDA empolgou todos nós que estamos ainda dentro da Universidade e muitos outros que já não estão aqui, ativamente presentes, mas continuam ligados afetuosamente a esta casa. Realmente, as Faculdades Integradas Dom Aguirre recém-nascidas nos encantaram e a própria sigla, tão simples, formada de uma forma muito espontânea, de repente nos sugeria fidelidade, que fôssemos fiéis a todo esse longo fio histórico da nossa Instituição. O tempo das FIDA foi relativamente muito curto, porque no começo de 1993 havíamos cumprido todas as exigências legais do MEC. Restava o quê? A apresentação do relatório final da nossa conselheira Margarida Maria, relatório que ela elaborou com muito cuidado, com muito carinho e ao mesmo tempo com bastante rigor técnico. Apresentou o seu relatório final, no dia 12 de junho de 1994, no plenário do Conselho Federal de Educação, destacando que tínhamos cumprido todos os requisitos legais para sermos Universidade. Seu parecer foi aprovado por todos os membros do Conselho, tanto da Câmara do Ensino Superior como da Câmara do Ensino Básico.

Vivendo, presencialmente, essa aprovação por unanimidade, é claro que transbordei de emoção e alegria. Agora, só faltava a homologação pelo Ministro da Educação, naquela altura o Prof. Murílio Hingel.

Voltei a Sorocaba certo de que, dentro de alguns dias ou de algumas semanas, a caneta do Ministro nos consagraria. Ledo engano! De novo, aquele horizonte sombrio de forças da oposição reapareceu furiosamente, para amargurar a nossa expectativa. Ressuscitaram velhas objeções, alegando: que a universidade não tinha estrutura, que não tinha orçamento fundamentado, que provocaria aumento imediato da mensalidade para os alunos, que haveria demissão em massa de professores não pós-graduados. Esse clima hostil foi crescendo. Houve gente que até voou a Brasília, para impedir a confirmação do Ministro. Sobrevieram daí pedidos do MEC para mais informações de nossa parte e, por consequência, a gente teve que esperar junho, julho, agosto. Finalmente, em setembro, no dia 13, aconteceu a homologação ministerial, publicada, no dia 15, pelo Diário Oficial da União.

A Universidade de Sorocaba estava criada. Que alívio, que festa, alvíssaras! Novidade máxima para Sorocaba. Não apenas para nós, de dentro da Instituição, mas para Sorocaba e região. Uma conquista inaudita, um sonho que começava a ser realidade. Essa alegria durou vários dias.

Primeira iniciativa: preparar a sessão solene de implantação da Universidade, que se realizou no dia 28 de outubro, no Teatro Municipal. Interessante lembrar, é um pormenor íntimo, mas que não posso esquecer: é dia de São Judas Tadeu, santo a quem, assim como Dom Aguirre, minha esposa e eu recorriamos, naqueles 6 anos do Projeto UNISO.

Na sessão solene, além de Dom José Lambert, estiveram presentes a conselheira Margarida Maria, o Prefeito Paulo Mendes e outras autoridades sorocabanas.

A sessão foi coordenada pelo funcionário da Prefeitura, João Dias de Sousa Filho, nosso ex-aluno. Após a sessão solene, a Prefeitura nos distinguiu com a surpreendente gentileza de um coquetel comemorativo, no Clube de Campo.

Após essa noite de festa, começou, no dia seguinte, o trabalho para a UNISO existir de fato, fora do papel. E aí sucederam-se muitas reuniões para criar o Conselho Universitário e o Estatuto da Universidade, nomear os chefes dos principais setores, como biblioteca, secretaria, parte administrativa, até as organizações mais comuns, mas fundamentais, desde a portaria até o serviço de limpeza. Por decisão pessoal, escolhi os pró-reitores: Pró-Reitor Acadêmico, o Prof. Jaime Rodrigues de Almeida Filho, de total dedicação à Instituição; Pró-Reitor Administrativo, outro professor exemplar competentíssimo, Danilo Abdelnur Camargo. Formava-se, assim, o trio para carregar, não diria nas costas, mas na mente e no coração, a Universidade incipiente.

Outra questão a se enfrentar era, com a autonomia de universidade, responder às expectativas da sociedade sorocabana e regional, quanto a novos cursos. Depois de muito estudo, ficaram definidos para 1995 os cursos de Jornalismo, Publicidade, Análises de Sistemas e Direito. Eu destaco especialmente esses dois últimos: Análise de Sistemas (e nós éramos neófitos em informática, tínhamos, na realidade, só um computador na casa); e Direito, de criação muito dificultada pelos órgãos superiores. Felizmente, tivemos uma pessoa, a professora Sônia Godoy, que não mediou esforços para superar todos os obstáculos. Correu, País afora, para que o curso saísse. Sorocaba, São Paulo, Brasília e foi até o Nordeste, atrás de um membro da OAB Nacional cujo voto seria decisivo para a anuência da Ordem. Ressalto que o nosso curso de Direito foi o primeiro curso criado

no Brasil com o apoio da OAB. Era uma exigência recente e fomos os primeiros a cumprir tal requisito.

Com a criação, pouco a pouco, de novos cursos, ficou claríssimo que precisávamos de outro campus. Entendimentos nossos com a Fundação e com a Mitra Diocesana, possibilitaram-nos alugar o Campus Seminário, monumento ímpar arquitetônico de Sorocaba. Nada mais adequado para resguardar a história daquele prédio do que uma casa de ensino de nível universitário. E fomos para lá, a Reitoria, alguns cursos e os diversos setores administrativos, sem abandonar nunca o campus-fonte da Universidade, o Trujillo.

No Seminário, com mais espaço e mais recursos, a gente começou a trabalhar na criação do primeiro Mestrado, uma medida ousada para uma Universidade de apenas 2, 3 anos de existência. Longe de um pensamento ingênuo, era uma fixação. Precisávamos ser Universidade não de nome, mas de fato. E aí se impunham a pós-graduação Lato Sensu, já iniciada no Trujillo, e a pós-graduação no sentido estrito, que é Mestrado e posteriormente, Doutorado. O primeiro Mestrado seria em Educação, porque nossa história começou lá atrás com a preocupação de oferecer a Sorocaba uma formação docente mais alta, por uma Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, que oferecia Pedagogia e Letras e depois licenciaturas, como Filosofia, História, Geografia e Ciências. Como chegar a um Mestrado, porém? Decidimos bater numa porta certa, a Unicamp, próxima a Sorocaba e já com alguma ligação conosco, com alguns professores nossos atuando lá e aqui.

(bloco 11) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannucchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 26/11/2019 – Laboratório de Comunicação da UNISO)

Prof. Aldo conta a respeito do processo de criação do Mestrado em Educação da UNISO e os outros mestrados e doutorados. Explica o que é Universidade Comunitária, comenta sobre o crescimento da UNISO, a quantidade e qualidade de seus laboratórios, sobre o Programa Sorocaba 100 Analfabetos, o PROEJA, e elogia os coordenadores desses Projetos.

A: Nosso contato inicial lá na Unicamp se deu com o Prof. José Luís Sanfelice, que nos apoiou, enviando depois duas professoras de lá para conhecer as nossas condições. Orientados por essa troca de informações básicas, pudemos encaminhar nosso processo à CAPES e, um ano depois, dar início ao Mestrado, no câmpus Seminário. Posteriormente, outros três mestrados foram lançados, ao longo do tempo. Sublinho aqui que criar um Mestrado não é questão apenas de decisão da Reitoria. Tem que haver toda uma massa crítica e a exigência muito rígida na contratação dos docentes, como também a existência de um alunado realmente interessado e com vagas limitadas a 15, 20 pessoas, porque Mestrado e Doutorado não são etapas que satisfazem apenas desejos pessoais. Uma dissertação de Mestrado ou uma tese de Doutorado, penso eu, não constituem apenas um trabalho de 2, 3 anos que acaba em papel, em documentos engavetados depois da aprovação. Tem que haver reverberação social. Tanto estudo, tanto empenho físico e intelectual, tanto dispêndio financeiro da instituição e do candidato têm que ser sucedidos e concretizados pela eficiência social. Essa a visão dos mestrados e doutorados com os quais a UNISO conta hoje em Educação, Ciências Farmacêuticas, Comunicação e Problemas Ambientais e Tecnológicos.

Ao lado dessas grandes realizações dos mestrados e doutorados, quero distinguir também, no meu tempo de Reitoria (que foi de setembro de 1984 a 10 de fevereiro de 2010, 15 anos) outras iniciativas aparentemente menores, mas que reputo importantes para definir o perfil da UNISO. A primeira grande definição da UNISO é que ela é Universidade Comunitária, não universidade particular nem universidade pública, ou seja, não pertence a um empresário, a uma família, a uma associação, nem é do governo municipal, estadual ou federal. Mas esse adjetivo – comunitária – deve ser bem entendido. Por quê? Porque a gente escuta falar também em cozinha comunitária, polícia comunitária... Trata-se de adjetivação simpática e louvável, mas não cabe a uma instituição de ensino, sem mais nem menos, precisamente, porque, sendo da comunidade, de quem está dentro dela e de quem está fora, ela tem que ser dirigida e sustentada por todos, com dirigentes, com regras e até com dinheiro. Daí a existência de um Conselho Universitário, órgão máximo da Instituição, e a necessidade de cobrar mensalidades dos alunos, para remunerar professores e funcionários e garantir a sustentação de todos os setores institucionais. Nesses

termos, a universidade comunitária é Instituição de propriedade da comunidade e gerida pela comunidade, mediante um Conselho Universitário, que é constituído por pessoas de dentro e de fora dela.

Nesse sentido, eu destacaria uma realização exemplar, como o Programa de Alfabetização de Adultos, criado em 1988, com o nome de “Sorocaba 100 Analfabetos”. Hoje, é o nosso PROEJA - Programa de Educação de Jovens e Adultos, programa com uma linda história de sucesso, que atua em Sorocaba e em outros 10 ou mais municípios vizinhos, por meio de núcleos, com professores remunerados pelas Prefeituras e supervisionados por coordenadores especialistas da própria Universidade. Um trabalho bem organizado, com momentos emocionantes, como a formatura, em fim de ano, na própria Cidade Universitária. Muitos deles não só se alfabetizaram como também escreveram poesias, crônicas e contos, editados pela Universidade. Prova de que seus certificados de pessoas alfabetizadas confirmam também que se tornaram sujeitos históricos, dentro da nossa visão política e social do que é uma verdadeira alfabetização.

(bloco 12) – Prof. Roberto Samuel entrevista Prof. Aldo Vannucchi – blog *Narrativas Compartilhadas* (entrevista realizada em 26/11/2019 no Laboratório de Comunicação da UNISO)

Prof. Aldo fala sobre o Projeto da Coleta Seletiva de Lixo - CATARES; sobre o período de 2010 a 2019 dentro da UNISO; mudança de indicação de reitor para eleição democrática; relembra momentos em que esteve no Conselho Nacional de Educação; outros como presidente da ABRUC; elogia muito o trabalho da reitoria do Prof. Fernando de Sá del Fiol e do Prof. Rogério Augusto Profeta, cita ações realizadas durante a gestão do Prof. Fernando e a do Prof. Profeta, a ampliação dos cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado, dos laboratórios, dos novos prédios e do prazer em ver o fervilhar de atividades e continuar vivenciando o dia a dia dentro da Universidade.

A.: Outra atividade na área da extensão foi no campo da coleta seletiva, fundamental para o Brasil de hoje. Como foi esse interesse nosso? Foi procurar alguns catadores da cidade, aqueles de carrocinha, e convidá-los para algumas reuniões. Fizemos várias no Câmpus Trujillo, com pessoas que na realidade não tinham prática nenhuma de reunião e algumas nem documentos possuíam. Foi coisa difícil, trabalho de mais de um ano, para mostrar a eles outro caminho, a criação de uma cooperativa. No modo como trabalhavam, dependiam totalmente do que o dono do ferro-velho resolvia pagar. Mas quem éramos nós para eles? Quem lhes garantiria a verdade do que prometíamos? O fato é que, vencidos não poucos obstáculos, foi criada a CATARES - Coleta Seletiva de Resíduos Recicláveis de Sorocaba, reconhecida e apoiada pela Prefeitura Municipal. Importante deixar claro: a CATARES não é propriedade da UNISO. É, no máximo, sua madrinha.

Passando agora do meu reitorado de 15 anos dos quais eu destaquei alguns pontos, gostaria de lembrar que a UNISO é altamente democrática, mas fui sempre nomeado reitor, eu que sempre lutei pela verdadeira democracia. Nomeado, não eleito. Talvez essa continuidade de mandatos sem eleições se justificasse pela necessidade de consolidar uma universidade recém-nascida. Seria essa, quem sabe, a razão por que o Conselho Superior da Fundação Dom Aguirre me manteve no cargo por 4 gestões. Mas, em 2009, chegou a hora em que a Fundação decidiu, com meu apoio, promover eleição para reitor. Foi um momento especial que empolgou os meses de outubro, novembro e dezembro, com uma campanha eleitoral aberta, clara, transparente, em volta de dois candidatos. Ao fim, foi eleito o Prof. Fernando de Sá Del Fiol, que tinha sido Pró-Reitor Acadêmico; doutor com todas as condições exigidas no pleito. E tomou posse no dia 10 de fevereiro de 2010.

Começa então uma nova Reitoria, bem capacitada, com jeito diferente em alguns aspectos, mas igual nos pontos essenciais, tudo dentro de uma transição serena, muito bem ordenada. Eu não fui descartado de todo, porque a Fundação resolveu que eu deveria continuar na casa como Assessor Especial da Reitoria e depois de um ano, também fui nomeado Ouvidor da Universidade. Na realidade, a minha Assessoria tem-se caracterizado pela informalidade. Exerço-a pelos contatos pessoais, pela simples presença, em conversas de corredor e no cafezinho com a Reitoria.

Com certeza, venho vivendo minha assessoria com toda tranquilidade. Ser reitor não é responsabilidade fácil. Espera-se tudo dele, até o impossível. Explico, assim, aquela primeira portaria minha, em 1994, em que proíbi o uso, internamente, do adjetivo “magnífico” na identificação do reitor. Magnífico é quem ostenta grandeza, poder, soberania. E eu nunca entendi meu cargo assim.

Continuando, só posso elogiar a Reitoria do Prof. Fernando, reeleito em 2014, e agora a do Prof. Rogério Augusto Profeta. Eu não sou profeta, mas tenho como certa a sua reeleição. Um e outro são pessoas ainda jovens, muito capazes, com enorme facilidade de contatos no País e no exterior, coisa essencial nessa situação. Quando era Reitor, pude participar de reuniões no país inteiro, como presidente da Associação Brasileira das Universidades Comunitárias, de 2006 a 2010. Esse cargo me levou a Brasília todo mês e a outras cidades, como: Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, João Pessoa, Criciúma, Santo Ângelo, Salvador.

De 2008 a 2010, fui nomeado pelo Presidente da República membro do Conselho Nacional de Educação, outro compromisso que me tirava muito da cidade, mas também era um aprendizado e repercutia de maneira benéfica, acredito eu, no próprio seio da nossa universidade. Para o exterior, fui uma vez só, para participar de uma reunião em Santiago do Chile, num encontro de universidades da América Latina.

É sabido que essas viagens por convites ou por obrigação são caras, mas a Universidade sempre aprende nesses contatos com outras mais experientes. O que é uma universidade que está comemorando apenas 25 anos comparada com outras que têm quase um século de história?

Outro destaque das novas reitorias eu vejo na parte física, estrutural, da UNISO, com melhorias no Câmpus Seminário que, apesar de diminuído, por causa da crise econômica nacional, foi cuidadosamente mantido; a implantação do ar condicionado em todo o Câmpus Trujillo e o progressivo crescimento da própria Cidade Universitária, com a construção dos Prédios E, F, do Hospital Universitário, da Clínica Odontológica e de 4 praças muito convidativas, projetadas por alunos do curso de Arquitetura e Urbanismo.

Eu distinguiria ainda, nessa dupla Reitoria do Prof. Fernando e do Prof. Profeta, o lançamento de mais mestrados e doutorados, decisão custosa, por causa de todas as exigências de corpo docente e também pelas justas expectativas de mestrandos e doutorandos, quanto ao maior movimento de pesquisas na biblioteca e nos laboratórios. Encaixa-se nessa expansão a entrada da UNISO no Parque Tecnológico de Sorocaba, com professores e alunos atuando num laboratório próprio, especializado em nanotecnologia.

R: Tudo tem um momento para encerrar. Então, conforme nós dois estávamos conversando vindo para cá, há pouco, a respeito desta maravilha que é a Cidade Universitária, dá gosto sentir aqui a vida universitária fervilhando. E nós estamos agora no período da manhã; à noite é impressionante a beleza de quantos carros que vão chegando, ônibus, vans, vindo de Sorocaba e toda a região. E depois indo embora, no final da noite. Então eu gostaria que você falasse um pouquinho da sua sensação sobre tudo isso, porque você é o principal responsável por tudo isso. Fale um pouquinho do que você sente, nesse contexto, vendo tudo isso acontecendo.

A.: Sem dúvida nenhuma, Roberto, quando entro na Cidade Universitária e ali topo uma placa com o meu nome (não esperaram que eu morresse!) e depois vendo os prédios, as rampas, o verde que nos envolve, o lago, o estacionamento cheio, que sensação! E pensar que, anos atrás, quando a gente começou a trabalhar aqui dentro, houve processo no judiciário contra nós, acusando-nos pelo desmatamento desta área da cidade e pondo em perigo nascentes aqui localizadas. Felizmente, o processo não deu em nada, quem processou saiu mal e teve que pagar suas custas, porque realmente não houve desmatamento, pelo contrário, foi valorização deste chão abençoado da zona leste de Sorocaba. Aproveito para dizer que Sorocaba precisa conhecer mais a Cidade Universitária. Trata-se de um campo aberto, não apenas para alunos, professores e funcionários. Aqui entra ônibus urbano, aqui entra gente para a caminhada diária, aqui entra toda e qualquer pessoa que deseje conhecer este espaço singular. Dentro dele, o meu sentimento é sempre de muita empatia e emoção. Como disse o outro, “haja coração!” Eu que sou cardíaco, mas cardíaco bem tutelado, não só por médico, não só por medicamentos, não só pela

minha autocontenção e disciplina de caminhada diária, mas também pelo alto cuidado da minha esposa, realmente sinto no coração uma vibração enorme de alegria e de agradecimento a Deus, Nosso Pai, porque pude colaborar e estar presente na concretização desta grande realidade que é a UNISO. E é bom deixar claro, não é só a Cidade Universitária. O mesmo se diga do Seminário quando era tudo aquilo, com um belo pátio, incluindo o poço, ao redor do qual algum professor gostava de dar aulas. Do Câmpus Trujillo não preciso nem falar. Aquilo também fervilha, à noite, fica praticamente, intransitável, e dentro, os cursos todos e aquele jardim interno, onde muitas atividades aconteceram, onde muito casamento começou também. Durante o dia, não menos importante, temos lá o Colégio Dom Aguirre (lá estão meus netinhos, os gêmeos).

A UNISO é tudo isso, hoje. Tudo isso me empolga. É felicidade superior a qualquer merecimento meu. E eu não digo que quero morrer aqui dentro, não quero não. Mas quero e sei que vou morrer levando dentro de mim a grande alegria de ter feito algum bem através da Universidade e, antes dela, através da Faculdade de Filosofia. Ou seja, de 1958, quando comecei a dar as primeiras aulas na Faculdade, até o dia em que eu disser: “- Ciao, bella!”, como falam os italianos.

R: Prof. Aldo, a gente sabe quanta coisa boa, quantas histórias boas você pode ainda nos contar, quantas histórias boas poderíamos ouvir, da sua maneira de ser, de falar e principalmente de sentir; eu gostaria muito de dizer da minha gratidão; eu estou aqui porque você foi meu grande mediador. Eu me lembro que um dia eu liguei, eu estava dando aulas na Escola Municipal Dr. Getúlio Vargas, liguei para você dizendo que eu estava fazendo o Mestrado e gostaria muito de trabalhar na Faculdade. Então você falou: Comece então dando aulas no Colégio Dom Aguirre. Fale com D. Tita. Pode ligar para ela daqui a pouco pois antes eu vou falar com ela. Começar pelo Colégio é um dos caminhos. Depois eu liguei para D. Tita. Ela me chamou na mesma hora, ela me contratou e depois, automaticamente, eu fui passando a trabalhar na Faculdade, substituindo, na época. Depois eu fui trabalhar ao seu lado, durante muitos anos e a minha gratidão é eterna. Não tem preço tudo que aprendi a seu lado, e tudo que nós aprendemos a seu lado, porque todas as pessoas com as quais eu fui traba-

lhando e que estavam por perto de você, sempre tinham em você o grande exemplo, como você é para nós até hoje.

A minha gratidão, a minha gratidão no contexto familiar também. Esta comunidade, estas pessoas que estão aqui, agora, fazendo a nossa gravação, neste espaço. Fantástico também, eu diria, sobre essas pessoas que estão trabalhando aqui na UNISO, desde a portaria. Por exemplo, hoje, quando eu estava entrando, viram esta flor e perguntaram para quem era. Eu disse que era para uma gravação que eu faria com o Prof. Aldo. Então a moça falou, alegremente: “-Mande um beijo para ele pois ele foi meu professor!”

E assim vai. Em todo espaço que a gente chega, está a sua presença. Então, a presença de toda essa comunidade, todas essas pessoas que trabalham aqui dentro, isto é, aproximadamente 1.000 pessoas.

Como você mesmo falou há pouco, e todos esses alunos e essas famílias todas. O número de pessoas que as ações desta Universidade atingem é muito grande, desde as publicações e esse contexto do dia a dia de aulas, pesquisas, etc. É tudo muito bonito, muito lindo, mas sabemos que tudo foi muito difícil. E foi e é a sua história. Aquilo que você quis fazer e está acontecendo.

E minha gratidão por tudo e a gratidão de todos nós da Universidade, da cidade de Sorocaba, da região de Sorocaba, deste Brasil, porque você esteve atuando no contexto nacional durante muito tempo.

Agora, para fechar, gostaria que você falasse a respeito desse livro que tem em mãos: 25 anos de UNISO.

A.: Este livro foi lançado dias atrás, a história da Universidade, dos seus primeiros 25 anos. Não sou historiador, mas senti um compromisso de deixar escrito tudo aquilo que eu conseguisse lembrar, tudo aquilo que eu conseguisse captar da documentação existente na Universidade, dos três campus, desses 25 anos. E saiu esse livro um tanto gorducho, 345 páginas, mas era necessário compilar, de relance, alguns fatos, alguns feitos, alguns casos, alguns causos que mostrassem o que foi e o que é a UNISO, hoje. Na verdade, seriam necessários 25 volumes, cada ano um volume. Haveria assunto para tanto. O que eu fiz? Cada ano é um capítulo, cada capítulo termina com o depoimento de um professor ou de um funcioná-

rio. A obra está aí entregue à própria UNISO, na biblioteca, e disponível a todo leitor eventualmente interessado. Constitui uma forma concretizada de perenizar o que o tempo levou.

R.: Prof. Aldo, muito obrigado por todos estes momentos maravilhosos, momentos de vida. Que Deus o abençoe.

Aldo Vannucchi e Roberto Samuel – entrevista em 01.10.2019



Foto: André Nunes – Labcom UNISO

14 Depoimentos de pessoas envolvidas nesta história de vida

(Abaixo, apresento depoimentos de algumas pessoas envolvidas no universo da vida do Prof. Aldo. Perdoem-me as inúmeras outras pessoas que, com certeza, deveriam também aqui estar prestando seus depoimentos; sabemos que fariam isso com muito carinho, mas o espaço nos impede de irmos além do que aqui apresentamos. Que fique no coração de cada um(a) a boa energia emanada em oração silenciosa de gratidão).

Rosália Cortez Vannucchi - (esposa de Aldo Vannucchi):

“Eu nasci em Sorocaba, em 21 de janeiro de 1938. Minha vida foi com pais maravilhosos. Papai tinha comércio e quando nós fomos crescendo, éramos 3 irmãs. Nós trabalhávamos com ele. Era comércio variado de ferragens, artigos para presentes, para cozinha. Nós tínhamos uma freguesia muito grande, porque papai era uma pessoa muito carismática, muito inteligente, ele se autoeducou. Lia muito, lia Kant... às vezes a gente não tinha dinheiro, tinha a comida essencial, mas ele não parava de comprar livros. Isso nos deixou também amante de livros. E nós, trabalhando bastante, estudamos, fizemos o Curso Normal. Nós nos formamos professoras, mas nem pensávamos em dar aulas.

Depois, eu e algumas amigas, fizemos concurso para o SESI. Passamos. Como era o início do SESI em Sorocaba, nós é que fomos buscar alunos nas ruas. Daí houve um fato interessante, porque eu fui entrar em uma casa e simplesmente pisei na cabeça de uma cobra. Começamos a dar aulas e depois eu fui fazer o Curso de Complementação Pedagógica na Faculdade de Filosofia de Sorocaba. Foi quando eu conheci o Aldo.

Logo na primeira aula, quando o Aldo começou a falar, ele me deixou desorientada, porque tudo o que ele falava era realmente o que eu pensava, era um pensamento totalmente livre, então eu até pensei: “Eu não sabia que existiam pessoas como essa que está a minha frente”. E a partir daí, o

coração já falou mais alto. Eu tinha namorado somente uma pessoa, mas não deu certo porque, na verdade eu não gostava suficientemente. Daí, em verdade, eu percebi que estava amando o Aldo. Mas ele nem olhava para mim. Certo dia, uma irmã religiosa do Colégio Santa Escolástica falou para mim que a próxima pessoa que seria presa seria o Aldo. Não sei como ela soube. Eu contei para ele. Ele foi para a Suíça e passou a trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas.

Antes de ele ir para a Suíça, nós conversamos e percebemos que nós tínhamos o mesmo sentimento um pelo outro. Daí ele disse que ele era padre e só deixaria os votos se ele se casasse. Foi então que eu disse para ele que eu me casaria, se ele quisesse. Então ele foi para a Suíça, ficamos um ano nos correspondendo e quando ele falou que já havia deixado os votos de padre, eu fui para a Suíça com meu cunhado, José Prestes de Barros e a minha irmã Tereza. Nós nos casamos e a nossa viagem de mel foi na Costa Azul, em Mônaco, tudo oferecido pelos amigos dele ou emprestado por eles, porque não tínhamos condições financeiras. Eu fiquei 6 meses na Suíça, mas eu não gosto do frio, e tinha uma dor de cabeça constante. Eu falei para ele que gostaria de voltar para o Brasil. Ele arrumou tudo e o Conselho Mundial das Igrejas pagou a passagem do navio, de volta.

Quando desembarcamos no porto de Santos, quem estava nos esperando era a minha irmã Tereza, o meu cunhado e meus dois sobrinhos. Ficamos com eles em Mongaguá alguns dias e voltamos a Sorocaba. Ele começou a trabalhar no Colégio Ciências, como diretor.

Anos depois, quando ele disse para mim que Sorocaba precisava de uma universidade e era um sonho dele, mas teria muito trabalho, eu lhe disse que se era sonho dele eu apoiava. Eu já tinha as crianças e foram seis anos de muita luta até a criação da UNISO.

Posso dizer que sempre fomos felizes, combinamos maravilhosamente bem. Meus filhos nunca escutaram um grito dentro de casa. Nossa casa sempre foi de paz, nossos filhos sempre foram maravilhosos, minha filha é médica, meu filho é advogado.

Agora estamos aqui, nossa casa é um oásis, uma calma total e adoramos estar com nossos netos, sempre que eles estão aqui. Nossa casa é aberta. O Aldo continua ajudando as pessoas, sempre que pode. Ele é e sempre foi uma pessoa íntegra. Nós só nos aproximamos de verdade de-

pois que nos casamos. Nossa vida é maravilhosa e ele é minha vida. E ele sabe disso. Eu falei para ele: “- Você tem que se cuidar muito, porque sem você eu não vivo!”

Rosália Cortez Vannucchi e Aldo Vannucchi – durante entrevista na residência (2019)



Foto: Roberto Samuel Sanches

Ana Maria Cortez Vannucchi - (filha de Aldo e Rosália, médica psiquiatra, mestre pela FCMSCSP e professora universitária na área de Psiquiatria e Saúde Mental, Atenção Primária à Saúde e Saúde Coletiva).

“O que dizer sobre meu pai quando tanto já foi dito? Penso que a convivência com ele mostra, nos pequenos detalhes, sua grandeza. Para os que veem de fora não faltam obras que saltam aos olhos. Mas quem compartilha de sua intimidade é testemunha de atitudes que, para mim, têm sido presentes ao longo da vida. Como preciso ser breve, contarei aqui alguns exemplos dos últimos meses, tão difíceis e atípicos, por estarmos vivendo em meio à pandemia do novo coronavírus, COVID-19.

Em um destes últimos dias, ao visitá-lo, ele me disse que, com o isolamento imposto pela pandemia havia redescoberto a casa. Vinha admi-

rando os coqueiros do quintal que não vira crescer. Aprendeu a observar as flores e plantas cultivadas por minha mãe ao longo dos anos, estava tomando banhos de sol diariamente no final da tarde. Tomou para si a tarefa de limpar as grelhas de um bueiro grande que temos num canto do quintal, antes tomadas por mato, grama e sujeiras entranhadas, sabe-se lá há quanto tempo, me mostrou. “Limpas!” Eu falei. E ele: “Não, ainda tem uns matinhos e umas pedrinhas para tirar, todos os dias eu passo ali e tiro um pouquinho”.

As caminhadas que fazia pelo bairro agora acontecem dentro de casa, no quintal, mesmo antes da pandemia. Quando fez essa mudança disse que não queria que as pessoas se preocupassem com ele andando pela rua e que preferia caminhar olhando para a frente. As ruas e calçadas têm muitos buracos. Um exemplo de adaptação em vez de lamentação ou estagnação. O movimento e o olhar para a frente, para que não se deixe limitar pelos buracos.

Quem adora essas caminhadas dentro de casa é meu filho, o Tom, agora com 4 anos. Acorda tão cedo quanto o avô. Quando dormimos lá, meu pai diz, à noite: “Amanhã pode dormir um pouco mais, filha, eu fico com o Tom.” Quando o sol nasce e se ouve o primeiro passarinho cantar, meu filho diz: ‘Mamãe! Cadê o meu tênis? Quero caminhar com o vovô!’ Que felicidade a nossa!”

João Estêvão Cortez Vannucchi - (filho de Aldo e Rosália, advogado na área trabalhista estabelecido em Sorocaba).

“Aldo Vannucchi, um nome e um sobrenome que dizem muito para mim. Obviamente por essa pessoa ser meu amado pai, mas principalmente por tudo que ele representa e me ensinou até hoje. Nunca conheci alguém mais correto, nunca conheci alguém mais justo, mais honesto. Nunca o presenciei perdendo a calma ou o controle da situação. Seus maiores e melhores ensinamentos podem ser absorvidos pelos inúmeros bons exemplos que ele nos passa.

Meu pai é um homem da educação, da religião. Certamente Aldo Vannucchi é um homem de Deus.

As lembranças que tenho dele vêm desde minha infância, quando jogávamos futebol de botão juntos. Botão mesmo, de roupas, grandes e pequenos, que eram escolhidos a dedo em uma lojinha na Rua Coronel Nogueira Padilha, para comporem nossa “squadra”. Lembro-me que nessa época, ainda quando me ensinava a jogar, deixava que eu ganhasse uma partida ou outra para me ver feliz e encorajado. Tempos mais tarde, quando a situação se inverteu e eu já dominava o jogo, ele dizia: “É preciso que a criatura supere o criador” e ríamos juntos.

Lembro-me também de nossas férias na praia, em Mongaguá. Lá, passamos juntos longos e divertidos momentos, sempre regados a muita palavra cruzada e brincadeiras sadias.

Lembro-me também, já em minha fase adulta, que ele sempre me apoiou e me apoia até hoje, em tudo que decido fazer ou faço. Meu pai é um grande amigo, meu pai é um porto seguro, ele sempre está disposto a ajudar, não só a mim, mas também ao próximo. Aldo Vannucchi sempre tem uma palavra positiva, uma palavra animadora para que possamos seguir em frente. Aliás, “Seguir em frente” é um dos lemas de sua vida, sempre em frente!

E assim, seguindo em frente, lembro-me também, recentemente, de presenciar a sua enorme alegria quando teve em seus braços meus filhos gêmeos, seus tão amados e esperados netos.

Meu pai é vida, meu pai é alegria. Obrigado Deus por tê-lo criado e por ter-me feito seu filho!”

Ana Maria Gurgel de Oliveira Gonzalez - (Professora da Instituição desde 1979, foi Chefe do Departamento de Letras, Coordenadora de Pós-Graduação, Membro da Comissão Interlocutora do Projeto UNISO, atualmente é Chefe de Gabinete do Reitor).

“Devo ao Prof. Aldo as funções que desempenhei e que desempenho na Universidade, levando-me a vencer desafios, por acreditar em mim.

Fiz, a seu convite, parte da Comissão Interlocutora do MEC, que acompanhou a criação da UNISO; da mesma forma, fiz e ainda faço parte da Comissão Permanente da Carreira Docente, que enquadra os professores nas classes e referências de seu Plano de Carreira.

Após coordenar o curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Teoria da Literatura, na sequência, criei o setor dessa modalidade, coordenando-o por

cerca de dez anos; também fui, a seu convite, Diretora do Centro de Comunicação, Assessora Pedagógica e depois Assessora Acadêmica, grandes desafios em minha carreira.

O Prof. Aldo, ao criar a Chefia de Gabinete do Reitor, convidou-me para exercer a função de Chefe de Gabinete, que exerço até o momento.

Foram, portanto, desafios que fui vencendo com o apoio e a confiança do Professor, que acreditou nesta professora do curso de Letras.

Assim, só posso agradecer ao nosso grande Mestre que me deu desafios, mas sempre me acompanhando com sua confiança, seu apoio, seu entusiasmo e, principalmente, seu exemplo.“

Beatriz Elaine Picini Magagna - (Na Instituição, desde 1998, como supervisora e depois Coordenadora do Programa “Sorocaba e Região 100 analfabetos”, hoje denominado Proeja-UNISO, de 2000 até o momento, e também professora da UNISO).

“Entrei na UNISO em 1978, no Curso de Letras, depois cursei Pedagogia e Mestrado em Educação. Em 1998 fui convidada pelo Prof. Aldo para participar como supervisora do Programa “Sorocaba 100 Analfabetos”, atual Proeja-UNISO, “Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba”. Assumi a Coordenação do Programa em 2000. Lecionei na UNISO de 2008 a 2017. Anteriormente, fui professora e diretora do Instituto Educacional Matheus Maylasky, de Sorocaba, que na época era da Fepasa – Ferrovia Paulista S.A.

Penso no Prof. Aldo como um imenso jardim que todos os dias nos encanta com sua beleza, pelo colorido e perfume. O sorriso afável, palavras de estímulo sempre e o desejo intrínseco de melhorar o mundo.

O seu guia é o coração, a sua força a certeza de que somos viajantes neste momento, nos completamos pelas nossas boas ações, no legado que deixamos aos nossos irmãos de caminhada.

Em sua alma vislumbramos um ponto de luz, como guia, inspirando a todos que têm o privilégio de cruzar seu caminho. Ele tem o dom de deixar a marca forte de seus passos.

Gratidão pela graça da convivência. Muito me ensinou.”

Dalva Rosa de Paula Oliveira - (ex-aluna, cursou História na FAFI e ingressou como funcionária, em 1994, na Diretoria Acadêmica e atualmente trabalha na Pró-Reitoria Acadêmica, portanto, durante esses anos, trabalhou em contextos próximos do Prof. Aldo).

“Minha convivência profissional com o Prof. Aldo Vannucchi, iniciou em 1994, quando ingressei como funcionária na Fundação Dom Aguirre, lotada na Diretoria Acadêmica das Faculdades Integradas Dom Aguirre - FIDA, em que referido professor, era o Diretor Geral.

Tenho uma grande admiração pelo Prof. Aldo Vannucchi por ele ser um exímio educador, orador e grande conhecedor da Língua Portuguesa e da Filosofia. Ele é uma pessoa que respira educação. Sua trajetória de vida já diz tudo sobre ele. Sua atuação para que a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras – FAFI e a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas de Sorocaba- FACCAS, se unissem, criando as Faculdades Integradas Dom Aguirre que, posteriormente, em setembro de 1994, se transformou na Universidade de Sorocaba – UNISO, foi primordial.”

Dawilson Menna Júnior - (Engenheiro contratado pela FDA como fiscal das obras de Construção da Cidade Universitária, desde 1998, após a inauguração passou a ser o responsável pela sua manutenção e pelas obras posteriores, incluindo os outros câmpus).

“Tive meus primeiros contatos com o Professor Aldo quando ele era Reitor da UNISO, a partir de meados de 1998, recém-formado, quando fui contratado pela Fundação Dom Aguirre para fazer parte da equipe da construção da Cidade Universitária. Na ocasião, eu trabalhava na Cidade Universitária como engenheiro residente fiscal das obras, sendo o elo de comunicação entre a Fundação Dom Aguirre, os engenheiros responsáveis pelos projetos e administração das obras e as construtoras. Naquela época, eu me encontrava com o Professor Aldo em suas visitas às obras, que ele fazia com os demais membros da Reitoria da UNISO e da Administração da Fundação Dom Aguirre. Ele sempre com sua postura muito séria, contudo, com a simpatia e humildade que fazem parte dele. Eu notava que ele ficava encantado com a materialização do sonho da construção do “câmpus Raposo” da UNISO, posteriormente denominado Cidade Universitária da Universidade de Sorocaba, e depois, com seu nome, fruto de muito

trabalho e dedicação dele. Ele se preocupava muito com o bom funcionamento do novo câmpus.

Depois que a Cidade Universitária foi inaugurada, em 1999, passei a ver ainda mais o Prof. Aldo, no câmpus e nas reuniões ou eventos.

Mais tarde, entre 2004 e 2006, fiz parte do Conselho Universitário (Consu), onde o Prof. Aldo, como Reitor, conduzia as reuniões. Era muito gratificante poder fazer parte daquele grupo, onde podíamos presenciar o Prof. Aldo “em ação”, com sua vasta experiência e conhecimento, com seus pontos de vista, sempre lutando com muita garra para defender os interesses da UNISO, e sempre explicando que a UNISO era uma Universidade Comunitária. Entre 2014 e 2016, novamente fazendo parte do Consu, pude conviver com o Prof. Aldo, quando ele era Assessor Especial, participando das reuniões, com sua presença imprescindível, expondo seus pontos de vista sobre os assuntos que envolviam a Universidade, sempre com muito carinho e interesse em garantir a existência da UNISO.

Depois, estive próximo do Prof. Aldo ao prestar-lhe informações para organização da cronologia da construção da Cidade Universitária, assunto de alguns de seus livros.

Como pessoa, o Prof. Aldo é um daqueles seres especiais, que passam por nós como um presente, pois ele é referência para muitos, seja na sabedoria, na humildade, na determinação, na coragem, na generosidade, na praticidade, na sua alegria. Tenho na mente a visão do sorriso dele que ficou marcado das vezes que tive o prazer de cumprimentá-lo.”

Dom Eduardo Benes de Sales Rodrigues – (Foi Arcebispo da Diocese de Sorocaba de 2005 a 2016 e Presidente da Fundação Dom Aguirre)

(Este depoimento é parte do prefácio do TCC (DINIZ, 2014) palavras carinhosamente lembradas e citadas pelo Prof. Aldo, várias vezes, pela gratidão que sente por Dom Eduardo, que muito o ajudou nas ações da UNISO, durante sua gestão)

“O professor Aldo Vannucchi encarna o que há de melhor na recente história da Educação em Sorocaba. Sua história pessoal, marcada também por momentos de conflito, jamais perdeu a direção, porque foi sempre ilu-

minada pela fé recebida de seus pais e amadurecida no seio da Igreja. É o que se pode colher na narrativa da Ana em que descreve a trajetória do professor Aldo Vannucchi, como o artífice maior dessa admirável Instituição que é a UNISO.

Como é bom quando a história de alguém se articula inteira com a história da comunidade da qual faz parte! Falar de Aldo Vannucchi é falar da história da Educação em Sorocaba. Quem ler com atenção essas páginas, além dos aspectos pessoais da narrativa, dos momentos intensos e difíceis vividos pelo personagem, há de perceber a coerência de uma vida marcada pela escolha cristã de se colocar a serviço do próximo. Essa escolha tem origem em sua fé, recebida de seus pais e cultivada no seio da Igreja Católica. Como nos faz bem ouvir do professor Aldo palavras de gratidão pelo Bispo que o ordenou sacerdote e que, paternalmente, acompanhou seus passos: Dom José Carlos de Aguirre. O professor Aldo Vannucchi é um filho da Igreja. Atento aos sinais dos tempos, soube entender os apelos do Concílio Vaticano II e compreendeu que ser Igreja e ser presença no mundo - sal e luz - são as duas faces de uma mesma identidade.

Ao deixar o exercício do ministério sacerdotal, com a devida dispensa da Igreja, não perdeu a consciência da graça recebida e se tornou exemplar esposo e pai, colocando-se também inteiramente a serviço do evangelho no mundo. Reuniu em torno de si homens e mulheres que se tornaram, com ele, os protagonistas de um processo conduzido com inteligência e tenacidade para dar ao povo duas instituições de ensino que honram Sorocaba: a UNISO e o Colégio Dom Aguirre.”

Ana Glória Douetts Diniz - (Advogada e jornalista, graduada em Comunicação Social/Jornalismo, pela UNISO em 2015, com Trabalho de Conclusão de Curso sobre: “Aldo Vannucchi: o legado de um educador”. Posteriormente formou-se em Direito pela Faculdade de Direito de Sorocaba, em 2020.)

“Meu trabalho de conclusão de curso em Jornalismo, foi sobre a vida e ensinamentos do Prof. Aldo Vannucchi. Entrevistei 19 pessoas, incluindo o Prof. Aldo, seus familiares, colegas de trabalho e amigos, no período de 2014 a 2015.

O desejo de escrever sobre a vida do professor Aldo Vannucchi surgiu quando ainda era estagiária nos Laboratórios de Comunicação da UNISO, entre os anos de 2011 e 2013. Durante a produção do programa “UNISO Comunidade”, exibido na TV COM – Emissora Comunitária de Sorocaba e pela rádio católica “Cantate FM, 104,5”, tive a honra de acompanhar de perto a participação do professor, que sempre era entrevistado pelo programa. Assim, em cada produção, aprendi um pouco sobre a vida dele, o que me fez admirá-lo profundamente.

No final do curso, com a realização do Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, propus que fosse – “Aldo Vannucchi: o legado de um Educador”, pensando no quanto me atraíam questões como educação, religião, cultura e política. A única pessoa que eu conhecia que trabalhava com maestria todos esses aspectos era o professor Aldo. Do desejo veio a autorização da orientadora da pesquisa e a anuência do meu biografado para que pudesse escrever sobre ele e contasse um pouco dessa magnífica história de vida.

Para falar do Prof. Aldo, é preciso lembrar de sua importância como sacerdote, educador e filósofo, salientando seu engajamento com questões políticas e culturais, e seu incansável empenho com a educação para todos. Suas conquistas são o resultado do seu jeito de se relacionar, de forma humilde e respeitosa, com qualquer pessoa. Acredita naquilo que diz e executa, sendo extremamente coerente em suas ações, transformando sonhos em realidade. Além disso, criou um grande patrimônio cultural para Sorocaba e luta todos os dias, desde sempre, dando esperança e fé aos seres humanos que acreditam em uma vida mais justa e digna, na qual se possa exercer o mais completo sentido da cidadania.”

Fernando Celso Negrão Duarte - (Professor dos Cursos de Comunicação Social da UNISO desde 1996. Responsável pela montagem dos Laboratórios de Comunicação, foi seu Coordenador durante muitos anos. Atualmente é Coordenador do Curso de Jornalismo)

“Atuo na imprensa sorocabana desde 1983 em Sorocaba onde comecei no Diário de Sorocaba e depois Rádio Clube. O professor Aldo era referência em pautas sobre educação. Tive a oportunidade de entrevistá-lo várias vezes. Em 1988 me mudei para Campinas para cursar a Faculdade

de Jornalismo, que na época não existia em Sorocaba. Nas vindas para a casa dos meus pais ficava sabendo dos fatos da semana. Principalmente do interesse da cidade em ter uma Universidade. Em 1994 fiquei feliz em saber do vestibular da UNISO.

Em junho de 1996 eu era chefe de reportagem do SBT Campinas e fui surpreendido por uma ligação do próprio Prof. Aldo. Ele me convidou para conhecer a Universidade e mais ainda, queria saber se eu tinha interesse em ministrar aulas nos recentes cursos de Comunicação. O professor Aldo sabia que eu tinha sido professor da Faculdade de Jornalismo de Pouso Alegre.

Que alegria aquela ligação. Conheci a UNISO uma semana depois. Eu estava de terno e gravata, já que era o traje do meu dia a dia na emissora. Fui recebido pelo professor Aldo que vestia calça social e camisa de manga curta e de cara me perguntou se eu ia em algum casamento. Risos e gelo quebrado! Obviamente tirei o paletó e a gravata. Conversamos ao sabor de uma xícara de café que ele mesmo serviu. Falou dos cursos de Jornalismo e Publicidade que estavam no meio do segundo ano com o entusiasmo de um calouro. As dificuldades em conseguir professores de Comunicação e a necessidade de montar um laboratório para as aulas práticas. Falei da minha experiência em rádio, jornal e televisão e de docência no ensino superior. Fez uma proposta de trabalho que incluiria aulas e consultoria técnica para implantar os estúdios de rádio, televisão e fotografia. Fizemos um passeio pelo lindo Câmpus Seminário e fomos até o subsolo do prédio, entulhado de coisas inservíveis. Calmamente, ele me fez um desafio: transformar aquele porão em um Laboratório de Comunicação. Meus Deus, que responsabilidade! Ministrar aulas tudo bem, mas implantar os estúdios ali... E eu estava muito bem no SBT com possibilidade de ascensão profissional. Mas eu enxerguei pelo olhar daquele educador o sonho de transformar não só aquele porão, mas em montar o melhor Curso de Comunicação com a mais moderna estrutura do interior do Estado de São Paulo. Não podia dizer um não. Precisava voltar para a minha cidade e agora para a minha Universidade de Sorocaba.

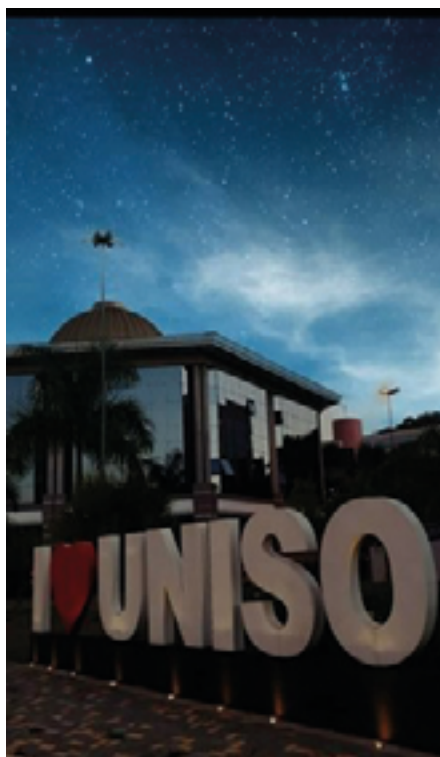
Quantas reuniões tivemos com o Prof. Aldo para justificar os altos investimentos. Ele sempre me apoiando em absolutamente tudo. Exatamente um ano depois inaugurávamos o Laboratório de Comunicação da UNISO que mereceu nota máxima do MEC no processo de reconhecimento dos cursos de Jornalismo e Publicidade.

As aulas foram acontecendo, os estúdios funcionando e minha responsabilidade aumentando. Convidou-me para ser o Mestre de Cerimônias da Universidade nos eventos oficiais da Instituição. A amizade só aumentou. eu fazia questão de comparecer nas festas de seu aniversário e ele sempre aceitou convite para uma pizza. Lembro-me de uma ocasião em que ele cantou uma seleção de músicas italianas para os funcionários, em uma pizzaria no bairro Santa Rosália.

Ouvir o professor Aldo é embebedar-se de conhecimento. Pode ser em um papo rápido pelos corredores ou em solenidades da instituição. Quanta sabedoria, quanta paixão, quanta dedicação e quanta jovialidade!

O Prof. Aldo é um educador cristão que cumpre diariamente a missão de ajudar na formação de alunos, professores e funcionários da UNISO.”

Prédio Administrativo Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi (dia e noite)



Fotos: Fernando Negrão Duarte, 2020

Fernando de Sá Del Fiol - (Professor da área de Farmácia e Saúde da UNISO desde 2001, foi Coordenador do Curso de Farmácia, Pró-Reitor de Extensão e Assuntos Comunitários, Reitor da UNISO por 2 mandatos (8 anos), Atualmente é Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Ciências Farmacêuticas, Secretário Executivo da FDA e Pró-Reitor de Graduação e Assuntos Estudantis da UNISO)

“Meu primeiro contato com o Prof. Aldo ocorreu em agosto de 2001, quando fui contratado como docente para trabalhar na UNISO. Ele recebeu todos os novos professores para uma breve fala sobre a UNISO. Tenho clara lembrança de todos em uma grande roda e o Prof. Aldo transitando pelo meio dessa roda, gesticulando e falando com enorme entusiasmo sobre a UNISO.

Depois, pediu que nos apresentássemos. Ele atentamente ouviu a todos e falou que a UNISO crescia e precisava de gente boa para trabalhar e continuar crescendo.

Logo depois de minha contratação, passei a trabalhar mais próximo do Prof. Aldo e pude conhecê-lo melhor e aprender com ele. Lembro-me que logo que assumi o curso de Farmácia, veio uma nota não muito boa no ENADE. Fui até sua sala para mostrar a ele. Com toda a sua sabedoria me disse: Sabe quem é o responsável por isso? E, ele mesmo respondeu: Sou eu, é você, são nossos professores, nossos funcionários, nossos alunos, enfim tudo o que fazemos aqui é fruto de um trabalho comunitário, na vitória e na derrota. Assim fui conhecendo essa pessoa brilhante (isso mesmo: a qualidade de quem brilha!!!), que é nosso querido Aldo Vannucchi.

Durante muitos anos vivi e tenho vivido com Prof. Aldo e uma das coisas que mais chama a atenção de todos é o dom que ele tem de falar. O dom da oratória. Quero chamar a atenção de algo que passa silente. O dom da “escutatória” que ele tem. Presta atenção como ninguém e quem sabe, por isso, seja um grande orador, eis que é um grande escutador.

Outro fato curioso na minha relação com Prof. Aldo, é que ele celebrou o casamento de meus pais em Tatuí, em dezembro de 1964. Como diretor da Faculdade, ele tinha o costume de celebrar o casamento de seus egressos.”

João José Corrêa Sampaio - (Professor da área de Filosofia, na Instituição de 1984 a 2020. Foi Coordenador do Curso de Filosofia, Diretor do Centro de Ciências Humanas)

“Não persegui a sorte prometida pelas loterias, no entanto fui agraciado com benesses de pessoas desconhecidas que topei pelo caminho e, não sei o porquê, me tomaram pela mão e me mostraram uma terra com mais leite e mel, com paisagens encantadoras e transformaram minha insusceptível visão de mundo.

Entre as pessoas que me olharam com simpatia e acolhimento se encontra o Prof. Pe. Aldo Vannucchi. Em fevereiro de 1958 ingressava eu no Seminário Menor São Carlos Borromeu, de Sorocaba, e lá, entre os superiores estava o Pe. Aldo. Homem compenetrado, de fala mansa, pensativo, poeta, escritor, famoso como pregador, professor de literatura latina e responsável pela Academia São Luiz Gonzaga, um espaço onde aprendíamos como nos relacionar com o público, a utilizar os gestos, treinar a entonação da voz, escrever discursos e recitar poemas.

Antes, o Pe. Aldo já fizera eco em minha vida de adolescente porque meu pai o elogiava por uma pregação que fizera em minha terra por ocasião da Páscoa. Meu saudoso e querido pai, tentando imitá-lo repetia a frase que ele pronunciara de modo vibrante na madrugada dessa festa cristã: “Salve a manhã de Páscoa, aurora da ressurreição!” Ouvi meu pai repetir a frase algumas vezes e com o comentário de admiração: “Nossa, como esse padre fala bem!” Apesar de habitar no mesmo espaço do seminário, minha tacanha adolescência só o via passando e não ousava dirigir-lhe a palavra. Nesse tempo ele já se ocupava da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e, talvez por isso, o jovem padre Aldo nunca foi o meu professor, a não ser em duas aulas de Iniciação Teológica na Faculdade de Filosofia. Foi substituído, para minha decepção, por um professor, um frade franciscano.

Ainda no seminário, lembro-me da ansiedade em querer saber o porquê da prisão do Pe. Aldo, junto do médico, Dr. Agrário Antunes, homem religioso e sério. O que ouvia é que o governo estava prendendo os comunistas, mas não me conformava que isso fosse verdade. A palavra comunista equivalia a pecado mortal, na linguagem religiosa desses tempos! Ouvi o Pe. Aldo pregando, em especial uma vez no campo do Estrada F.C.,

estádio localizado na Rua Aparecida. O gramado estava cheio de gente e aí escutei um discurso inflamado denunciando a exploração de operários e mais pobres. Uma fala corajosa, profética com certeza! Havia um slogan muito repetido na época e que ele reforçava: “A paz é o fruto da justiça!” Era tempo de uma juventude atuante, consciente e vibrante que insistia em criar um mundo mais justo, mais igualitário, mais feliz. Tempo da JOC (Juventude Operária Católica), JUC (Juventude Universitária Católica), JEC (Juventude Estudantil Católica), JAC (Juventude Agrária Católica). Após sua prisão e soltura, lembro-me que em um muro da Faculdade de Filosofia, um muro baixo, na rua entre a Faculdade e os trilhos da então Sorocabana, alguém, à noite, escreveu em letras garrafais: “abaixo a ditadura!”. Temendo represálias ao Pe. Aldo, fomos alguns seminaristas até lá munidos de pincel e cal e apagamos todo aquele letreiro. Tempo complicado era aquele, quando as palavras precisavam ser comedidas e desconfiar das pessoas significava prudência.

Em 1966, por força de significativas transformações na Igreja Católica, os seminaristas passaram a cursar Filosofia na Faculdade, podendo ter um diploma de nível superior. Eu ingressei no curso um ano depois e lá encontrei o Pe. Aldo como responsável pela Instituição. Depois os caminhos nos conduziram para rumos diferentes. Fui para São Paulo onde concluí Filosofia com os padres Jesuítas. Cursei Teologia onde hoje é um câmpus da PUC, tornei-me padre e exerci o ministério por quase oito anos.

Retornei à Sorocaba e consegui aulas em várias escolas quando fui instigado por um amigo a buscar o mestrado em Filosofia da Educação. Logo que comecei o curso, fui convidado a trabalhar na Faculdade de Filosofia. Exatamente no dia primeiro de abril de 1984, por volta das 20 horas, recebi um telefonema do Prof. Aldo fazendo-me o convite. Fiquei tão emocionado que nem sei mais o que lhe respondi. Lembro-me apenas que o questionei sobre a data, pois estávamos no “dia da mentira”. O fato é que no dia 04/04/1984 eu estava com os documentos assinados para iniciar as aulas, aulas que eram ministradas por ele. Matéria: Fundamentos Filosóficos das Ciências Humanas. Confesso que fiquei muito preocupado. De repente sai o Prof. Aldo, inteligente, famoso, com livros escritos e entra um João Ninguém. Que loucura! Ele, todo zombeteiro ainda me disse: “Você tira de letra!” Confesso que estou a tentar até hoje!

Solicitei o meu desligamento da UNISO (junho de 2020) após 36 anos de magistério e, desejando agradecer esse privilégio, descobri a minha pobreza de vocabulário para exprimir com palavras escolhidas, bonitas e significativas o meu sentimento. Espero que o Mestre Aldo perceba que meu coração também transborda emoções de gratidão!

Assim, exponho agradecimentos e homenagens a essa pessoa de coração e mente abertos, diria escancarados, com olhares amplos e sonhos ousados. Um homem que não mediu palavras e esforços em favor dos oprimidos em seu tempo de padre jovem e atuante, que foi preso pelo seu compromisso com a verdade e precisou se exilar para não perecer. A esse homem, o Prof. Pe. Aldo Vannucchi, a minha vida como professor e como gente e a de tantos que trabalharam e trabalham na UNISO, todos nós temos uma impagável dívida de gratidão. Sem a realização de seus arrojados projetos, as criações das faculdades e da universidade em Sorocaba, não saberíamos como seriam as trajetórias de nossas vidas. Há muito mais gente a reverenciar os seus feitos! Felizes os que acreditam como o Prof. Aldo e se põem a caminho. Somos herdeiros de sua ousadia e de sua crença. Se a minha vida, a de meus colegas e amigos tiveram uma história de muitas realizações, devemos a ele nossas vitórias, a ele que não teve medo de dar os primeiros e decisivos passos. A sua obra não conhece limites!

Prof. Pe. Aldo Vannucchi, a Você a minha, a nossa gratidão! Nossa admiração, aplausos, votos de saúde, paz, mais sabedoria e realizações. Na sua ilustre e querida pessoa, concordamos com o salmista que proclamou: “O seu vigor aumenta à medida que avança” Sl. 83,(84), 8. Não foi por acaso que no histórico relógio de sol que se encontra chantado em uma praça da UNISO, uma frase latina foi escolhida para compor o espaço: VITAM IMPEDERE VERO – Consagrar a Vida à Verdade! É a sua Vida!

Obrigado, Prof. Aldo. Esta é a minha louvação, louvando e agradecendo quem bem merece.”

José Martins de Oliveira Júnior - (Professor da UNISO desde 1995 na área de Física. Foi Coordenador do Curso de Licenciatura de Física, Coordenador das Licenciaturas, Pró-Reitor Acadêmico, atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Farmacêuticas e do Programa de Processos Tecnológicos e Ambientais e Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Inovação da UNISO)

“Conheci o Prof. Aldo Vannucchi no ano em que fui contratado pela Universidade de Sorocaba, ou seja, 1995. Pessoa extremamente atenciosa, dinâmica e profundo conhecedor de todos os processos pelos quais passava a Universidade nos seus primeiros anos de vida. Lembro-me do seu entusiasmo quando aprovamos o primeiro projeto de pesquisa para a montagem de um Laboratório de Física Nuclear na UNISO, com verbas oriundas da agência de fomento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

Não poderia deixar de citar os esforços que empreendemos junto à ARAMAR, hoje Centro Experimental da Marinha, em Iperó, para firmar uma parceria com essa instituição, uma vez que, a UNISO enxergava nela um local com grande possibilidade de fazermos pesquisa de ponta, usando as suas instalações e ARAMAR, por sua vez, precisava da Universidade para melhorar sua imagem junto à Comunidade sorocabana.

Enfim, não haveria necessidade de dizer que o Prof. Aldo é um exímio negociador e quando usava o microfone para fazer um discurso, ninguém queria falar depois dele, pois como orador sempre foi imbatível.

Hoje me considero seu amigo e finalizaria este breve relato dizendo que o considero uma das pessoas mais incríveis que conheci e com certeza minha trajetória profissional não teria sido a mesma se não o tivesse conhecido.”

Paulo Francisco Mendes - (ex-aluno da FACCAS/UNISO, Prefeito de Sorocaba em 2 mandatos, Vereador de Sorocaba em 4 mandatos, Chefe de Gabinete e Secretário de Relações Institucionais da PMS. Grande auxiliar do Prof. Aldo no Projeto UNISO, auxiliou-o diretamente, acompanhando-o em muitas ações, inclusive em Brasília)

“Há mais de 50 anos tive o privilégio de conhecer e conviver com o Prof. Aldo Vannucchi e ter com ele uma amizade fraternal. Eu era um jovem universitário e já admirava o talento e dedicação do Prof. Aldo, como

educador idealista que abraçava com coragem e coerência sua luta por Justiça Social.

Nas décadas de 60 e 70, fui testemunha de seu empenho e firmeza na defesa da classe operária, muitas vezes oprimida e desamparada de seus direitos. Ele sofreu incompreensões e represálias, mas nunca esmoreceu.

Ainda quando ele exercia o Ministério Sacerdotal, naquela ocasião, fui muitas vezes a Votorantim para participar das celebrações que o então Cônego Aldo presidia e pregava o Evangelho em homilias memoráveis.

O tempo passou e eu ingressei na vida pública, em Sorocaba, em 1978. Após atuar como Secretário de Governo e Chefe de Gabinete em duas administrações municipais, assumi a chefia do Executivo por 2 anos (1987-1988) como Presidente da Câmara Municipal. Sempre observei a obstinação da luta do Prof. Aldo, visando viabilizar a Universidade de Sorocaba.

Em março de 1988, disse-lhe, em uma reunião na Prefeitura, que tinha resolvido criar a Coordenadoria Municipal do Ensino Superior e o convidei para que ele fosse o Coordenador desse Projeto. A luta foi intensa, mas a descrença que surgia em alguns segmentos, na cidade, sobre o Projeto, nunca abateu nosso ânimo. Buscamos todos os apoios possíveis junto à comunidade sorocabana. Viajamos para conhecer os projetos bem-sucedidos em outras cidades. O Projeto da UNISO, finalmente começou a tramitar no Ministério da Educação, em Brasília.

Em 1992, vencendo a eleição municipal, assumi pela segunda vez, a Prefeitura de Sorocaba. Intensificamos nosso apoio à criação da UNISO e, em setembro de 1994, finalmente conseguimos celebrar essa grande conquista de Sorocaba. Importante ressaltar que a Fundação Dom Aguirre, mantenedora da nova Instituição, teve relevante atuação para viabilizar a tão sonhada Universidade Comunitária.

O espírito pioneiro e obstinado do caríssimo Prof. Aldo Vannucchi foi fundamental para que tivéssemos, em nossa terra, uma Instituição tão abençoada, cujo desempenho reflete sua credibilidade em toda a nossa região.

A luta para chegarmos até aqui foi duríssima. Muitos obstáculos tiveram de ser superados, mas o ideal planejado foi vitorioso.

A UNISO, hoje, como uma Instituição de Ensino Superior genuinamente sorocabana, após 26 anos de sua criação, é um enorme orgulho e patrimônio inestimável de Sorocaba. A cidade sempre se lembrará do Prof. Aldo Van-

nucchi, com enorme gratidão pela crença e perseverança em dedicar grande parte de sua vida para esta conquista que ficará em nossa história.”

Rogério Augusto Profeta - (Professor da UNISO, na área de Administração, desde 1994; foi Coordenador de vários Cursos nessa área, Pró-Reitor de Administração, Secretário Executivo da FDA e é o atual Reitor da UNISO)

“Estudei na UNISO entre março de 1981 e dezembro de 1984, graduando-me em Administração pela antiga FACCAS. Em 1988 iniciei a carreira docente após concluir o lato sensu, também pela UNISO, entre 1986 e 1987. Portanto, cinco anos e meio como aluno.

Em 1994 fui designado à Coordenação do Curso de Administração, pelo Prof. Aldo. Estive também na Coordenação de Gestão da Produção e Gestão de Logística.

Em junho de 2007, a convite do Prof. Aldo, assumi a Pró-Reitoria Administrativa da UNISO e em abril de 2008, também a convite do Prof. Aldo e referendado pelo Arcebispo Metropolitano Dom Eduardo, assumi cumulativamente a Secretaria Executiva da Fundação Dom Aguirre, funções que mantive até fevereiro de 2018, quando fui empossado como Reitor da UNISO. Uma grande honra e a melhor forma de “invadir a reitoria”, como bem disse em meu discurso de posse, em alusão à onda de invasões de Reitoria que ocorreram em 2017, inclusive a da UNISO.

O Prof. Aldo é, para mim, uma pessoa acima de qualquer outra qualificação. Nessa pessoa encontrei um pai de família, um professor, um mestre, um conselheiro, um gestor, um visionário, uma capacidade de relacionamento humano e de empatia, sem precedentes em minha vida profissional. É alguém que jamais presenciei desrespeitar quem quer que fosse. Que faz, com sua eloquência e seu conteúdo, motivo de deleite sempre que lhe é concedida a palavra. Um exemplo de pessoa e de profissional pela capacidade de sonhar e de realizar.”

Sergio Coelho de Oliveira – (Foi seminarista, colega de Aldo Vannucchi no Seminário São Carlos Borromeu. Jornalista, com passagem pelos jornais de Sorocaba, Jornal “O Estado de São Paulo” e Revista Globo Rural. Completou 50 anos de atividade profissional. Autor de 8 livros, atualmente dedica-se à pesquisa histórica na região de Sorocaba.)

“Eu gostaria de registrar a minha grande admiração pelo Aldo Vannucchi, que reputo como uma das mais brilhantes, senão a mais brilhante de Sorocaba, nos tempos atuais. Em seus 90 anos de produtiva existência, ele conseguiu ser, ao mesmo tempo o intelectual brilhante, autor de invejável produção literária e o empreendedor bem-sucedido, em cujas mãos floresceu a nossa Universidade de Sorocaba. Aquilato a importância do seu trabalho pelos resultados alcançados, ora semeando conhecimento, ora escancarando as portas do conhecimento para a imensa clientela da região de Sorocaba.

Conheci o então Padre Aldo lá pelo final da década de 50 - há mais de 60 anos - quando ele foi meu professor, ora de Português, ora de Filosofia. Era também o nosso diretor espiritual. E quando o tempo permitia, ele arregaçava a batina e partia para um “racha” de futebol no velho campo - chão duro, do Seminário Menor de São Carlos Borromeu.

Com o passar do tempo, nós dois deixamos a batina, ele enquanto padre ou cônego, eu como seminarista. Eu fui para o jornal e ele se entregou de corpo e alma na vida universitária. Chegamos até a trabalhar juntos na velha Folha Popular, onde ele publicava artigos, acho que até poesias e quando não, verdadeiras catilinárias contra o governo militar, o que lhe valeu alguns dias de prisão. E nos tempos mais recentes, nestes últimos 20 anos, sempre nos encontramos no desempenho de atividades culturais, ele com suas publicações brilhantes e eu teimando um resgatar dos capítulos da fascinante história de Sorocaba.

Como pessoa, eu usaria uma expressão bem popular: “é gente fina, cristão na acepção verdadeira da palavra.”

Vania Regina Boschetti - (Professora da área de Educação da Instituição há 34 anos, foi Coordenadora dos Cursos de Pedagogia e Filosofia, Vice-Diretora da FAFI, Assessora Pedagógica, Coordenadora da EaD e atualmente é Professora do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UNISO)

“A partir de 1986, como professora acompanhei o movimento pró-universidade. As Faculdades Integradas Dom Aguirre e a criação da Universidade de Sorocaba, demandaram trabalho, argumentação e reorganização da estrutura institucional e acadêmica. Meu trabalho diversificado me colocou diretamente em contato com o Prof. Aldo: Vice-Diretora da FAFI; professora em horário integral; Coordenação dos Cursos de Pedagogia e Filosofia; Integrante do CONSEPE (Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão); membro da Comissão Permanente de Vestibular; da Comissão de Concursos e Cursos Novos; Assessoria Pedagógica da Universidade; Coordenação do Epic; Coordenação de EaD; Comissão para a instalação do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado).

Encaminhada pelo prof. Aldo representei a instituição em vários estados, em reuniões sobre o Provão e ENEM, trazendo para a UNISO, o teor das discussões, dos treinamentos e capacitações emanadas diretamente do ministério, órgãos federais e entidades nacionais. Foram oportunidades de exercitar atividades educativas para além da docência.

Aldo é para mim uma referência construída e consolidada em várias etapas de vida. Nessas etapas diversas da minha vida e da dele, fui conhecendo o homem convicto de ideias e ideais; o orador brilhante e sensível; o cidadão consciente; o ser humano inserido nas questões de seu tempo e do outro. Emerge, dessas adjetivações, para mim, a figura substantiva do homem determinado que não abandona nem princípios nem projetos.”

Vidal Dias da Mota Júnior - (Professor da UNISO desde 2003 na área de Meio Ambiente, foi Coordenador do Curso de Gestão Ambiental, Coordenador de Pós-Graduação Lato-Sensu/EaD, Coordenador do Curso de Pós-Graduação/EaD em Gestão Ambiental)

“Para mim, o Prof. Aldo é um visionário. Alguém que enxergou, como poucos, a necessidade de uma Universidade para o desenvolvimento de Sorocaba e região. Prof. Aldo é um humanista que acredita na emanci-

pação por meio da educação. Sua incansável luta por uma sociedade justa e solidária propiciou que a região de Sorocaba, com mais de 2 milhões de habitantes, tivesse acesso a uma Universidade única, em primeiro lugar por ser comunitária e em segundo lugar por ser uma instituição que tem um vínculo íntimo com toda a sociedade sorocabana. Graças a ela, a formação de pessoas, nos mais diversos campos do saber, em nível de graduação e pós-graduação tem contribuído para que o conhecimento se torne acessível e contextualizado. Tudo isso é a materialização da visão e do pioneirismo do Prof. Aldo. Admirável.”

Vilma Franzoni - (Bibliotecária-Chefe da UNISO, desde 1991 – Presente em inúmeros eventos da história da UNISO)

“Em 1988, eu trabalhava como bibliotecária em uma faculdade de Sorocaba, na qual recebíamos, como doação, a Revista de Estudos Universitários da UNISO. Folheando um exemplar dessa Revista (v. 14, n. 1, dez. 1988), no sumário, chamou-me a atenção um dos textos: “Pensando a Universidade de Sorocaba” p. 7 – 30, com o qual tive o primeiro contato com as ideias da criação de uma Universidade, na cidade de Sorocaba e com o autor do texto, Prof. Aldo Vannucchi. Vale acrescentar que sou de Mococa, SP, onde cursei Biblioteconomia. Assim que me formei, meu primeiro trabalho foi em Sorocaba, por essa razão ainda não conhecia o Prof. Aldo.

Naquele momento, jamais poderia imaginar que um dia, bem próximo, faria parte do quadro de funcionários da Fundação Dom Aguirre, na etapa de transição das faculdades para Universidade.

Iniciei minha jornada em 1991, quando tive meu primeiro contato com o Diretor da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba, que era o Prof. Aldo. Ele estava trabalhando incansavelmente no projeto de criação da universidade e nós, na biblioteca, trabalhando na transformação para biblioteca universitária. Sendo assim, trabalhei, muitas vezes, por perto do Prof. Aldo, que sempre frequentou e frequenta a Biblioteca, apoiando as atividades que nela acontecem e por vezes sugerindo eventos. Também trabalhei com ele fazendo a revisão de normalização de todas as obras que ele publicou pela EdUNISO. Neste ano completo 30 anos de

carreira na instituição e, com muita gratidão, por ter caminhado junto desse ser humano fantástico.”

Para finalizar, incluo também aqui, o discurso de sua filha, Ana Maria Cortez Vannucchi, na noite em que o Prof. Aldo Vannucchi recebeu a Comenda de Ética e Cidadania, em cerimônia realizada na UNISO em 09.08.2019:

“Não é tarefa simples falar de Aldo Vannucchi. Mais de 91 anos de vida vividos. Mais da metade deles eu só sei das histórias. Histórias de superação, lutas e reinvenção de si mesmo. Eu e meu irmão somos dois dos resultados de uma das reinvenções que ele fez em sua vida ao se casar com minha mãe e formar uma família com ela.

Posso falar do que tenho vivido e experienciado como filha, porque sei, principalmente após ter-me tornado mãe, que é o exemplo que ensina e que se entranha em nós, nos tornando quem somos.

Por isso, sou eternamente grata, por cada exemplo e ensinamento, um pouco do que vou falar aqui.

A liberdade de pensamento que nos permite contestar, criar e sonhar, aliada à disciplina necessária para perseguir e realizar os sonhos, como foi um dia o sonho de que Sorocaba tivesse sua Universidade. Persistência e otimismo constantes. Diante das adversidades sua frase preferida parece ser “A luta continua” ou “Vamos em frente”.

Vive de acordo com o tempo em que vive, o que significa que sabe que o tempo não para. Ele também não para. Isso se traduz pela alegria com que conta sobre suas caminhadas pelo bairro, às vezes trazendo nas mãos frutas que encontra pelo caminho, suas leituras, o próximo livro que pretende escrever (sempre tem um próximo), novidades no trabalho e pequenos pedidos: “filha, compra tal livro para mim aí em São Paulo”, ou pedindo fotos novas dos netos para que possa atualizar os porta-retratos que ficam sobre sua mesa de trabalho. Gestos e atitudes que nos mostram: o tempo não para, não parem também.

Consegue como poucos respeitar a liberdade alheia sem julgamentos. Como ele mesmo diz: “Viva e deixe viver”. Fé inabalável em Deus, sem

esperar ou muito menos tentar convencer os que vivem ao seu lado a ter a mesma fé.

Vive sob os princípios da ética e da verdade que permeiam suas atitudes com total coerência e consistência. Ama o próximo mesmo que seja um estranho, dando acolhida em sua própria casa a uma pessoa em situação de rua. Ele espera o melhor das pessoas.

Todas essas qualidades talvez ficassem um pouco ofuscadas se não viessem acompanhadas da humildade que lhe permite transitar por qualquer lugar e aprender com qualquer tipo de gente. Ele está sempre aprendendo e sabe que toda pessoa ou situação tem algo a ensinar.

Estas poucas palavras pretendem apenas aproveitar a oportunidade para serem ditas em voz alta e publicamente descrever, ainda que brevemente, o privilégio, o orgulho e a satisfação que é tê-lo como pai, amigo referência e porto seguro. Que você continue inspirando vidas e caminhos assim como nos inspira. Que possamos desfrutar de sua presença por muito tempo ainda. É raro te perceber cansado E como você também diz: ‘A gente ainda vai longe quando está cansado’.

Parabéns pela homenagem, nós amamos você.”

Links dos blocos das entrevistas realizadas para o blog ***Narrativas Compartilhadas***:

040. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 1: <https://youtu.be/6e732TkiqjQ>

041. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 2: <https://youtu.be/e12UKAHqgD4>

042. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 3: <https://youtu.be/fuYAzoviLZE>

043. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 4: <https://youtu.be/4SwZ5RXtL-M>

044. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 5: <https://youtu.be/kaVknDK6C6Y>

045. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 6: <https://youtu.be/ThouwMqCDIU>

046. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 7: <https://youtu.be/NtWdxly31Y4>
047. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 8: <https://youtu.be/2qubyG9aF-A>
048. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 9: <https://youtu.be/SAOUgcXO-sE>
049. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 10: <https://youtu.be/pvS3aTLFWog>
050. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 11: https://youtu.be/1ET_vbarScI
051. Roberto Samuel entrevista: Prof. Aldo Vannucchi. bloco 12: <https://youtu.be/UUoNmwfhlz8>

Principais Títulos recebidos por Aldo Vannucchi:

2002	Prêmio Instituto Darcy Ribeiro. pela obra literária. 15.05.2002. Salão Verde do câmpus Seminário da UNISO Título de Cidadão Sorocabano. Câmara Municipal de Sorocaba. 27.06.2002
2003	Título de Cidadão Tieteense. Câmara Municipal de Tietê. 02.09.2003
2009	Título de Cidadão Emérito. Câmara Municipal de Sorocaba. 20.10.2009
2019	Comenda de Ética e Cidadania, pela Câmara Municipal de Sorocaba. 09.08.2019

Fotos relacionadas ao contexto da narrativa:

Cidade Universitária. Terraplenagem.



Foto: Marcus Vinicius de Mello

Cidade Universitária. Início da construção



Foto: Marcus Vinicius de Mello

Trabalhadores na construção da Cidade Universitária



Foto: Dawilson Menna Júnior

Cidade Universitária. Construção do reservatório de água



Foto: Marcus Vinicius de Mello

Cidade Universitária. Construção do Prédio Administrativo



Foto: Marcus Vinicius de Mello

Cidade Universitária. UNISO. Em construção



Foto: Dawilson Menna Júnior

Cidade Universitária. Construção dos Blocos das salas de aula.



Foto: Marcus Vinicius de Mello

Cidade Universitária em construção



Foto: Marcus Vinicius de Mello

Lançamento Projeto Arquitetônico da Cidade Universitária (na casa-sede da Chácara Julieta). (03.07.1997)



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação Social da UNISO-Assecoms

Lançamento da Pedra Fundamental da Cidade Universitária (09.05.1998)



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação Social da Uniso-Assecoms

Inauguração da Cidade Universitária (30.07.1999)



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação Social da Uniso-Assecoms

Inauguração da Cidade Universitária (30.07.1999). Com presença de Mário Covas (Gov.do Estado de S.Paulo); prefeito, ex-prefeitos, vereadores e várias autoridades



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação Social da Uniso-Assecoms

Concessão do 1º título de Dr. Honoris Causa UNISO a D. José Lambert (28.10.1999)



Fonte: Acervo da Assessoria de Comunicação Social da Uniso-Assecoms

Armando de Oliveira Lima e Aldo Vannucchi. Prêmio Darcy Ribeiro (15.05.2002)



Acervo da família

Paulo Mendes, Aldo Vannucchi, Rogério A. Profeta, Wanderlei Acca, Sérgio Reze, Fernando Del Fiol – Sessão Solene para entrega da Comenda Ética e Cidadania para o Prof. Aldo Vannucchi e Comenda de Mérito em Educação para o Prof. Fernando de Sá Del Fiol. Evento realizado na UNISO –09.08. 2019



Foto: Paulo Ribeiro

Maria Regina Vannucchi Leme, Aldo Vannucchi, Miriam Vannucchi Leme – Comenda Ética e Cidadania para o Prof. Aldo Vannucchi (2019)



Foto: Paulo Ribeiro

Roberto Samuel, Rosália Cortez Vannucchi, Aldo Vannucchi, Helenice Barros. Comenda Ética e Cidadania para o Prof. Aldo Vannucchi (2019)



Foto: Paulo Ribeiro

Alceu Sparti, Aldo Vannucchi, Sonia Chébel M. Sparti. Comenda Ética e Cidadania para o Prof. Aldo Vannucchi (2019)



Foto: Paulo Ribeiro

Aldo Vannucchi e Rosália Cortez Vannucchi. Comenda Ética e Cidadania para o Prof. Aldo Vannucchi (2019)



Foto: Paulo Ribeiro

Cápsula do Tempo. Jardim frontal do Câmpus Trujillo (15.09.2009). Enterrada para ser aberta em 2024



Acervo Assecoms

Cápsula do Tempo. Câmpus Trujillo



Homenagem na Câmara Municipal pelos 20 anos de UNISO (10.10.2014)



Foto: Paulo Ribeiro

2015- 38ª Assembleia Geral da ABRUC, Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi



Foto: Vivian Marques

2015 – 38ª Assembleia Geral ABRUC, na Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi



Foto: Paulo Ribeiro

Cidade Universitária. Biblioteca “Aluísio de Almeida”



Foto: Roberto Samuel Sanches (jan.2021)

Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi. Prédio Administrativo e Biblioteca



Foto: Roberto Samuel Sanches (jan.2021)

Cidade Universitária Prof.Aldo Vannucchi (salientando-se os blocos de salas de aula, aos fundos a cidade de Sorocaba e o Morro Araçoiaba



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev. 2021)

Exuberância da mata e palmeiras na Cidade Universitária



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev.2021)

Lago do Hospital Veterinário e vista dos blocos de salas de aula e Prédio Administrativo



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev.2021)

Seriema. Obra de arte com material reciclável. Autoria: Samuel da Silva Jr. A seriema é espécie nativa do cerrado brasileiro e ilustre moradora da Cidade Universitária Prof. Aldo Vannucchi reproduzindo-se até mesmo próximo da Biblioteca da UNISO e circulando no meio das pessoas, símbolo do respeito pela diversidade e compartilhamento de espaços.



Foto: Roberto Samuel (fev.2021)

Ao lado esquerdo, primeiro exemplar clonado (pelo Prof.Nobel de Freitas) da paineira tricentenária que deu nome ao bairro da Árvore Grande; plantada pelo Prof. Aldo Vannucchi. Próximo do Laboratório de Gastronomia da Cidade Universitária, em 04.04.2002



Foto: Roberto Samuel Sanches (fev.2021)

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, José Carlos Dom. **Diário de um peregrino**. Sorocaba: Create, 2020.

BABUT, Étienne. **O Deus poderosamente fraco da Bíblia**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 2002.

CHIOZZOTTO, Luiz. **Footing Sorocabano: passado em fotografias**. Sorocaba: Edição do autor, 2007.

DINIZ, Ana Glória Douetts. **Aldo Vannucchi: o legado de um educador**. 2014. (Trabalho de Conclusão do Curso de Comunicação Social) – Curso de Jornalismo, Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2014.

DUARTE, Fernando Celso Negrão. **A gênese da Universidade de Sorocaba**. Um resgate fotográfico. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura) – Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2009. Disponível em: <http://comunicacaoecultura.uniso.br/producao-discente/2009/pdf/fernando-negrao.pdf>

NEVES, José Carlos de Araújo. **Fundação Dom Aguirre: 35 anos de história**. Sorocaba: FDA, 1998.

ROSSI, Roberto. **Introdução à filosofia: história e sistemas**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1996.

UNISO Ciência. **Edição Comemorativa**. Universidade de Sorocaba 25 anos. 2019. Disponível em: https://issuu.com/unisociencia/docs/revista_25_anos

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia e ciências humanas**. São Paulo: Loyola, 1977.

VANNUCCHI, Aldo; ALMEIDA FILHO, Jayme Rodrigues de; NAVARRO, José Mota *et al.* **Fundamentos da Educação Moral e Cívica**. São Paulo: Loyola, 1982.

VANNUCCHI, Aldo. **Liturgia e libertação**. São Paulo: Loyola, 1982.

VANNUCCHI, Aldo (org.). **Paulo Freire ao Vivo**. São Paulo: Loyola, 1983.

VANNUCCHI, Aldo. **Cultura brasileira**. São Paulo: Loyola, 1987.

VANNUCCHI, Aldo. **Caso você case**. São Paulo: Loyola, 1990.

VANNUCCHI, Aldo. **Recônditas lembranças**. Sorocaba: UNISO, 2001.

VANNUCCHI, Aldo. **Meus caríssimos**. Sorocaba: UNISO, 2002.

VANNUCCHI, Aldo. A Morte no Saber Popular. *In*: UNISO. PUC-SP-CCMB (orgs.). **Diálogos interuniversitários**: vida e morte, educação e saúde. Sorocaba: Arte & Ciência, 2002.

VANNUCCHI, Aldo. **A Hora do Angelus**. Sorocaba: UNISO, 2003.

VANNUCCHI, Aldo. **A universidade comunitária**. O que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Deus e o Diabo por trás das palavras**. São Paulo: Nankin Editorial, 2004.

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofia aplicada**. Sorocaba: Eduniso, 2007.

VANNUCCHI, Aldo. **A caminho da UNISO**: história: casos e causos. Sorocaba: Eduniso, 2012.

VANNUCCHI, Aldo. **Dom Aguirre**: vida e obra. Sorocaba: Eduniso, 2013.

VANNUCCHI, Aldo. **Filosofando com A Hora da Estrela**. São Paulo: Loyola, 2014.

VANNUCCHI, Aldo. **Alexandre Vannucchi Leme**: jovem, estudante, morto pela ditadura. São Paulo: Contexto, 2014.

VANNUCCHI, Aldo. **Autobiografia poética**. Itu, SP: Ottoni, 2015.

VANNUCCHI, Aldo. **Minhas crônicas**. Sorocaba: Eduniso, 2015.

VANNUCCHI, Aldo. **Um padre diferente**. Sorocaba: Eduniso, 2017.

VANNUCCHI, Aldo. **Universidade de Sorocaba, 25 anos**. Sorocaba: Eduniso, 2019.

VOLPI, Franco. **O Nihilismo**. Trad. Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1999.

“LUTEI, SONHEI E AMEI NA VIDA.”

(Aldo Vannucchi)

E eu diria ainda: Foi padre, educador, escritor, pai, avô, sonhou, lutou, amou e venceu na vida. É um homem feliz.

Agradecimentos

São muitas as pessoas às quais devo agradecer, porém, terei que citar aqui apenas algumas, então, citarei as que estiveram mais próximas nos últimos acordos desta singela produção:

Minha gratidão ao Aldo, Rosália, Ana Maria, João Estêvão;

Alceu Sparti, Armelinda Zanotti Silva, Ana Glória Douettz Diniz, Ana Maria Gurgel O. Gonzalez, André Nunes, Beatriz E. P. Magagna, Dalva Rosa de P. Oliveira, Daniela V. Zanella, Daniele de Oliveira Garcia, Danilo Abdelnur Camargo, Dawilson Menna Jr., Denise Lemos Gomes, Eliete Jussara Nogueira, Fernando de Sá Del Fiol, Fernando C. Negrão Duarte, Helenice Barros, João J. C. Sampaio, José Dias Sobrinho, José Martins de O. Júnior, Júlia Mendes, Lígia Chiappinni M. Leite, Luiz Fernando Gomes, Luiz Ferreira, Luiz Rodrigues, Maria Lúcia Zoega, Maria Helena Martins, Maria Ogécia Drigo, Marinete Aparecida Martins, Mônica C. R. Gomes, Nilva Aparecida V. Galano, Paulo F. Mendes, Paulo Ribeiro, Pedro L. Goergen, Rafael Ângelo Bunhi Pinto, Regina Célia F. Boaventura, Rogério Augusto Profeta, Sérgio Coelho de Oliveira, Silmara Pereira da Silva Martins, Sonia Chébel M. Sparti, Vanderson Gimenez, Vânia R. Boschetti, Vidal Dias da M. Júnior, Vilma Franzoni; aos colegas, amigos e familiares que sempre me motivaram e funcionários da UNISO/FDA que sempre me abriram portas.



(Filiada à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias – ABRUC)

Missão da Universidade de Sorocaba

“Ser uma Universidade Comunitária que, por meio da integração de ensino, pesquisa e extensão, produza conhecimentos e forme profissionais, em Sorocaba e região, para serem agentes de mudanças sociais, à luz de princípios cristãos”.